





CORPO EDITORIAL

Editor Presidente

01 EDSON ROBERTO OAIGEN Faculdade São Francisco de Assis - FSFA / UEP

Comitê Editorial

02 ANDREIA CASTIGLIA FERNANDES	Faculdade São Francisco de Assis - FSFA
03 ANA PAULA MELCHIORI STAHL SCHMIDT	Faculdade São Francisco de Assis - FSFA
04 DANIELE VASCONCELLOS DE OLIVEIRA	Centro Universitário UNIFEDE
05 JOSÉ LUIZ DOS SANTOS	Faculdade São Francisco de Assis - FSFA
06 CÂNDIDO DOS SANTOS SILVA	Universidad Evangelica del Paraguay - UEP
07 MÁRCIA BIANCHI	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
08 NILSON PERINAZZO MACHADO	Faculdade São Francisco de Assis - FSFA
09 PAULO ROBERTO PINHEIRO	Faculdade São Francisco de Assis - FSFA
10 PAULO SCHMIDT	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Comitê Ad hoc

11 ALEXANDRE ALVES FERNANDES	Faculdade São Francisco de Assis - FSFA
12 ANTONIO BATISTA PEREIRA	Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
13 EDGARD TEODORO DE MOURA FILHO	Universidade Estadual de Roraima - UERR
14 CÂNDIDO DOS SANTOS SILVA	Universidad Evangelica del Paraguay - UEP
15 ELISIANE ALVES FERNANDES	Faculdade São Francisco de Assis - FSFA
16 ESTEBAN GUILLERMO MISSENA DEL	Universidad Evangelica del Paraguay - UEP
17 GERSON CABRAL BENITEZ	Universidad Evangelica del Paraguay - UEP
18 JAIR PUTZKE	Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
19 MEIRE MOURA SOAVE RODRIGUES	Secretaria Estadual de Educação MT - SMED/MT
20 MIRIAM GONZALES	Universidad Evangelica del Paraguay - UEP
21 NICOLLE ALBORNOZ PESOA	Secretaria Municipal de Alvorada SMAM/RS
22 PEDRO CRISÓLOGO CARMONA	Universidad Nacional de Asunción - UNA
23 RICARDO PEDROSO OAIGEN	Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
24 ROSSANO ANDRÉ DAL-FARRA	Universidade Luterana do Brasil - ULBRA
25 TERESINHA SALETE TRAINOTTI	Universidad Evangelica del Paraguay - UEP
26 YSMAIL CARLOS CORTEZ	Instituto Federal de Roraima - IFRR

Comitê das normas

01 JOSIANE FONSECA DA CUNHA Faculdade São Francisco de Assis - FSFA

APRESENTAÇÃO EDITORIAL

A **REVISTA GESTÃO, SUSTENTABILIDADE E NEGÓCIOS - RGSN** é um periódico semestral da Faculdade São Francisco de Assis, com contribuições de autores do Brasil e do Exterior. Publica trabalhos vinculados às áreas de conhecimento: Gestão, Sustentabilidade, Ambiente e Negócios, com enfoque multidisciplinar, na forma de artigos científicos.

A **RGSN** aceita para publicação artigos inéditos resultantes de estudos teóricos, pesquisas e relatos de experiências. Excepcionalmente poderão ser publicados artigos de autores brasileiros ou estrangeiros editados anteriormente em livros e periódicos que tenham circulação restrita no Brasil.

A publicação de artigos está condicionada a pareceres de membros do Comitê Científico ou de Colaboradores *Ad hoc*. A seleção de artigos para publicação toma como critérios básicos sua contribuição às áreas de conhecimento aceitas pela Revista e à linha editorial da Revista, a originalidade do tema ou do tratamento dado ao mesmo, assim como a consistência e o rigor da abordagem teórico-metodológica. Eventuais modificações de estrutura ou de conteúdo, sugeridas pelos pareceristas ou pela Comissão Editorial, só serão incorporadas mediante concordância dos autores.

A RGSN busca colaborar no processo de disseminação da produção científica e tecnológica, mostrando a capacidade dos profissionais-pesquisadores e, também, dos alunos em processo de Iniciação à Educação Científica e Tecnológica em produzir, elaborar e difundir suas produções científicas relevantes para a transformação e melhoramentos em Ciências e Tecnologias na sociedade atual.

Com isso, a RGSN favorecerá a difusão da produção intelectual oriundas de trabalhos concluídos ou em processo investigativos provenientes de diferentes origens dentro do ensino superior.

A RGSN conta com o apoio da comunidade da Faculdade São Francisco de Assis e das demais Instituições de Ensino Superior do Rio Grande do Sul, do Brasil e do exterior. Agradecemos a confiança em nossa iniciativa e desejamos uma ótima leitura!

Faculdade São Francisco de Assis

SUMÁRIO

A psicanálise vai à escola: relato de experiência – Bruna Papke e Mônica Daniela Pacheco de Paula.....	4
Análise da utilização contábil nas PMEs do Grande ABCD – Marcelo Rabelo Henrique, Daniel Malheiros de Mattos e Antônio Saporito.....	19
Gestão de pessoas em tempos de crise: uma análise das percepções dos colaboradores quanto ao trabalho remoto – Evandro Moraes Pinto.....	43
Gestão hospitalar: uma análise do desempenho econômico-financeiro de hospitais referências – Julia Muniz Madaleno, Marco Antônio dos Santos Martins e Everton da Silveira Farias.....	66
ICMS ecológico: um instrumento de desenvolvimento socioeconômico para os municípios baianos – Gabriel Ventura de Araújo Romano e Thiago Rios Sena.....	92
Inovação na educação: aprendizagem por <i>ecopautas</i> e guia <i>prospectus academius</i> – Anthony Costa zabilini.....	108
Metodologias ativas de aprendizagem: uma abordagem sob a perspectiva dos docentes de Ciências Contábeis – Lauren Morlin Bertoglio e Ariel Behr.....	140
Percepção da qualidade da informação transmitida do profissional contábil para os seus clientes: uma proposta para elaboração de relatório gerencial – Patrícia da Silva Ribasqui e Filipe Martins da da Silva.....	166
Planejamento escolar: importância do plano de aula – Paulo Schmidt, José Luiz dos Santos e Ana Lucia Rauber Schmidt.....	192
Sua comunicação foi integrada: as estratégias de marketing utilizadas pela Banda Fresno no lançamento do seu oitavo disco – Patrick Rodeghiero e Andreia Castiglia Fernandes.....	216



A PSICANÁLISE VAI À ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

PSYCHOANALYSIS GOES TO SCHOOL: EXPERIENCE REPORT

Bruna Papke ¹

Mônica Daniela Pacheco de Paula ²

Resumo: Este estudo objetiva apresentar um relato de experiência de estágio curricular obrigatório em psicologia escolar, amparado pela teoria psicanalítica. Dessa forma, o artigo busca realizar uma revisitação teórica a partir de autores que versam sobre a relação entre psicanálise e educação, em especial, no que diz respeito ao conceitual acerca da função do espaço coletivo de educação infantil como agente facilitador dos processos de estruturação psíquica das crianças. As discussões e os achados deste relato de experiência foram baseados na reflexão das autoras. O campo de estágio foi uma Escola de Educação Infantil da rede privada de Porto Alegre/RS. O conteúdo abordado baseia-se em pesquisas bibliográficas e experiências vivenciais. Percebeu-se a importância da reflexão dialógica dos diferentes campos do saber para um entendimento mais amplo sobre as possibilidades de atuação do psicólogo escolar.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Constituição. Psíquico. Criança.

Abstract: This study aims to present an experience report of compulsory curricular internship in school psychology, based on psychoanalytic theory. Thus, the article

¹ Graduada em Psicologia - Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: psicologabrunapapke@gmail.com

² Mestranda em Ensino na Saúde - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA. E-mail: monicadpp@hotmail.com

seeks to perform a theoretical revisitation from authors who deal with the relationship between psychoanalysis and education, especially with regard to the conceptual about the function of the collective space of early childhood education as a facilitating agent of the processes of psychic structuring of children. The discussions and findings of this experience report were based on the authors' reflection. The internship field was a School of Early Childhood Education from the private network of Porto Alegre/RS. The content covered is based on bibliographic research and experiential experiences. The importance of dialogical reflection of the different fields of knowledge was perceived for a broader understanding of the possibilities of the school psychologist's performance.

Keywords: Psychoanalysis. Education. Constitution. Psychic. Child.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que é recente a concepção atual dos espaços coletivos de educação infantil, hoje reconhecidos como uma etapa de ensino da educação básica. E, embora constatadas muitas lacunas sobre a função desses espaços de educação na subjetividade das crianças, um marcador importante dessa mudança de paradigma é o crescente interesse na investigação sobre esses espaços coletivos. Uma vez que essas crianças se encontram no início da constituição psíquica e ocupam estes espaços cada vez mais cedo, torna-se urgente as indagações em torno das possibilidades de intervenções promotoras de saúde mental destinadas às crianças.

Este estudo tem como suposto que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, sustentada enquanto espaço e tempo constituinte dos processos de subjetivação das crianças, propõe condições significativas tanto no que diz respeito à prevenção de riscos no desenvolvimento infantil, quanto de promoção de saúde mental (KUPFER, 2006; FOCHI; BARBOSA, 2013; MURTA, et al., 2015; FARIA; RODRIGUES, 2020).

Nessa perspectiva, frente a importância da escola no desenvolvimento e estruturação psíquica das crianças, percebe-se o quanto é fundamental a presença do profissional de psicologia no cotidiano escolar, atuando de forma direta com toda a comunidade escolar, ou seja, com as crianças, professoras e famílias. Mas, questiona-se: poderia a psicanálise ir à escola?

Destaca-se que, desde Freud (1913), há tentativas de aproximações entre psicanálise e educação, ao propor que a psicanálise poderia auxiliar os educadores a compreender as fases do desenvolvimento infantil, bem como os impulsos próprios da infância. Dessa maneira, sabemos que “a psicanálise abarca uma série de

questões e assuntos que não foram diretamente desenvolvidos pela pedagogia, mas têm em comum, o mesmo fio condutor: o ser humano e todas as suas dimensões que o estruturam” (ALMEIDA; NETO; 2019, p. 265). Produzindo assim, mais aproximações entre os campos, que distanciamentos.

Mas como essa aproximação seria possível? A partir de quais concepções a psicanálise pode se fazer presente no cotidiano escolar? No presente artigo, busca-se responder tais questionamentos, com o objetivo de descrever e elucidar a experiência de uma prática de estágio curricular em uma escola de educação infantil com os paradigmas psicanalíticos.

2 A PSICANÁLISE E A EDUCAÇÃO

Freud (1913) já salientava sobre os laços que a psicanálise poderia realizar com os diferentes campos de conhecimento, um deles o da educação. Consequentemente, importantes psicanalistas dão continuidade nas reflexões acerca da psicanálise e educação, consistindo em relevantes alicerces para a prática na área escolar, como a Pediatra e Psicanalista Françoise Dolto, que presenteou-nos com considerações essenciais sobre a temática (KUPFER, 2006).

Dessa forma, Dolto é considerada uma psicanalista situada no cruzamento entre a pediatria, a psicanálise e a educação, justamente por ser uma profissional que olhava e cuidava das doenças produzidas no corpo libidinal da criança, que poderia surgir ao longo de seu desenvolvimento ou no curso de sua educação. Assim, Dolto desenvolveu um importante trabalho em análise de crianças, no entanto, também ofertava um destaque especial à orientação do trabalho educativo de pais e professores, na tentativa de auxiliar para que os problemas de educação não prejudicassem a tranquilidade das crianças (KUPFER, 2006).

Além disso, ao refletirmos sobre o papel fundamental do psicólogo amparado pela psicanálise quanto à orientação à comunidade escolar, ressalta-se que anteriormente a isso, ao adentrar neste espaço, a função primordial do psicólogo escolar consiste na escuta. Dessa forma, a escuta consiste em um trabalho que produz desacomodação, pois se trata de conceder espaço de escuta aos sujeitos que desejam quebrar os discursos institucionais e fazer a fala circular (KUPFER, 2017).

Nessa perspectiva, recorrendo à concepção Lacaniana de Linguagem³, segundo Santos (2003), seria esse um dos objetivos do psicólogo na escola com paradigmas psicanalíticos, produzir movimentos na rede discursiva que permeia a escola. No entanto, salienta-se que as falas, queixas e demandas devem ser compreendidas como elementos de um discurso que são endereçadas ao saber que o profissional de psicologia representa nesse ambiente. A partir disso, é necessário que o psicólogo escolar orientado pela psicanálise contribua para que novos sentidos se produzam frente às questões trazidas pela comunidade escolar (SANTOS, 2003).

Além disso, é indispensável trazer à tona o fenômeno da transferência⁴, conceito psicanalítico que está presente no contexto de análise, mas que também permeia as relações escolares. A transferência se encontra, segundo Kupfer (1989), presente na relação professor-aluno, principalmente produzido a partir do desejo de saber do aluno quando se liga a pessoa do professor, bem como está presente nas relações entre os diferentes profissionais que permeiam a escola.

Destaca-se ainda, que para além da prática clínica e individual, a psicanálise em seu saber possui um papel ético e político frente à cultura e as demandas de sua época. Assim, é permeada pela valorização das singularidades e o respeito às particularidades que o saber da psicanálise adentra as instituições, como a escola, e depara-se com a emergência do real. Sendo assim, a psicanálise é convocada a pensar e ficar atenta às demandas contemporâneas, como aos efeitos causados nas crianças pela carência de referências, ao estarmos nos constituindo como uma sociedade com falhas na inserção da função paterna (RUBIM; BESSET; 2007).

Portanto, ao questionar a respeito do lugar do psicólogo escolar, com paradigmas psicanalíticos, dentro das escolas, Kupfer (2017) constata que esse lugar é permeado pela escuta e a transferência. No entanto, recorrendo às considerações de Dolto, ressaltadas por Kupfer (2006), bem como com a experiência obtida, inclui-se também neste lugar o papel de orientação à comunidade escolar e a defesa da criança em prol de seu desenvolvimento.

3 Linguagem aqui, se refere às concepções de Lacan, que considera uma primazia da linguagem, onde considera que o sujeito não aprende a falar, mas é instituído como sujeito na linguagem. (ROUDINESCO; PLON; 1998).

4 Transferência é um fenômeno próprio do tratamento psicanalítico e onde o mesmo se desenrola, consistindo em um processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam no enquadre da relação analítica. (LAPLANCHE; PONTALIS; 2001).

3 PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A CONQUISTA DE AUTONOMIA

Ao pensar na atuação da psicanálise na educação infantil, torna-se necessário compreender o papel da escola perante a criança. Assim, recorre-se a Grudzinski (2009), para compreender o papel fundamental que a escola possui quanto um espaço que propicia o desenvolvimento físico e psíquico das crianças assistidas. Pois,

A instituição escola é o segundo lugar de acolhimento das crianças, é lá onde a socialização, a linguagem, os hábitos de vida e a aprendizagem aparecem de forma plena, entendendo que o comportamento do indivíduo mostrará como realmente ele é, onde professores com uma escuta sensível podem detectar possíveis fraturas na estruturação psíquica dos alunos. (GRUDZINSKI, 2009, p. 436).

No entanto, anteriormente a esse papel desempenhado pela escola, reitera-se que o primeiro lugar de acolhimento das crianças é a família. Sendo assim, a família, principalmente através do papel materno e paterno, possui uma função primordial quanto à inserção da criança em um lugar simbólico, que propicie o surgimento do sujeito, esse surgimento será possível através do grande Outro, normalmente representado no início da vida pela função materna, que será aquele que irá inscrever a criança na linguagem e nas leis. A partir disso, percebe-se a necessidade na educação infantil, especialmente através das educadoras, de se investir também nessa relação, de sustentar a criança e serem agentes da constituição psíquica das mesmas, que apenas se ater às práticas pedagógicas (OLIVEIRA; DONELLI; CHARCZUK; 2020).

Dessa forma, segundo Grudzinski (2009), a subjetivação da pequena criança perpassa por questões intra e inter-relacionais, sendo ela promovida pelos pais e encontra-se intimamente ligada à inserção social e educativa dos seus filhos, bem como de seu não aprender. Para elucidar, recorrendo à função materna, salienta-se que ela é a responsável pela estruturação da vida psíquica do bebê, no qual oferece uma relação de prazer, de fusão necessária nos primeiros meses de vida. Posteriormente, há a entrada da função paterna nessa relação, que também possui uma função estruturante, pois irá delimitar uma lei, permeada pelas regras sociais (GRUDZINSKI, 2009).

Diante disso, é essencial que a escola esteja presente no discurso e desejo dos responsáveis, visto que quando os representantes da função paterna e materna nomeiam e subjetivam a escola para a criança, tendem a lançar no imaginário da mesma o desejo de se fazer objeto de desejo do professor, bem como o desejo de aprender. Em outras palavras, facilitará o vínculo entre a criança e o professor, bem como o estabelecimento da transferência, do mesmo modo com a família, ao estabelecer uma relação de confiança, facilitando que a criança desenvolva a motivação em estar na escola, em aprender aquilo que lhe é proposto, constituindo-se enquanto um sujeito autônomo (SOUZA; OLIVEIRA; 2020).

A partir disso, salienta-se a constatação de que “o laço social, onde a escola está inserida, surge a partir do laço parental” (GRUDZINSKI, 2009, p. 438). Assim, é necessário que a autonomia das crianças seja propiciada tanto pela família em seus lares, como pela escola, por intermédio dos professores e a equipe de psicologia, para que de forma conjunta visem à autonomia da criança, com respeito a sua subjetividade (SOUZA; OLIVEIRA; 2020).

No entanto, recorrendo a Dolto, salientado por Kupfer (2006), dirá que a autonomia precisa ser conquistada de forma gradual e regular, propondo assim um espaço intermediário entre a família e o social, um espaço seguro para essa experiência de separação, as chamadas “Maisons Vertes”, no qual as famílias eram acompanhadas por profissionais com formação em psicanálise, que auxiliavam os pais na sustentação das descobertas dos filhos. Todavia, diante da realidade dos espaços escolares, constata-se que realizar atividades e intervenções que propiciem a conquista de autonomia, aliado as entrevistas com as famílias e formações dos professores, tende a contribuir para que esse processo de separação e de autonomia não seja realizado de forma tão sofrida para a criança e sua família.

Da mesma forma, salienta-se que ao pensar na conquista de autonomia das crianças, pensa-se também em uma escola com mobiliário que atenda as necessidades físicas das crianças. Isto é, mesas, cadeiras, armários, sanitários, entre outros, que irão possibilitar a construção da autonomia necessária ao desenvolvimento infantil (SOUZA; OLIVEIRA; 2020).

Diante disso, percebe-se a relevância da escola também sustentar a busca por essa autonomia dos seus alunos. Dessa forma, o espaço escolar pode propiciar a autonomia, por meio dos discursos, dos recursos disponibilizados e principalmente, através do investimento realizado na capacidade das crianças de se

constituírem enquanto sujeitos de desejos, sujeitos autônomos e protagonistas em seu processo de aprendizagem.

Portanto, segundo Maciel (2005), a finalidade da educação é a construção da autonomia humana. Assim, ao associar a psicanálise e educação, ambas podem funcionar como campos de autocriação do sujeito, concebendo a escola como um espaço de encontro intersubjetivo, de transformação.

4 CONTEXTUALIZANDO O RELATO DE EXPERIÊNCIA

A experiência citada neste artigo, foi realizada em uma escola de educação infantil, uma instituição privada, localizada na capital do estado do Rio Grande do Sul. A filosofia da escola é baseada em aspectos epistemológicos da Educação Montessoriana, aliada aos princípios da Aprendizagem Significativa Ausubel.

Neste período, a escola possuía em torno de 100 alunos, no qual estavam distribuídos em oito turmas, sendo uma turma de berçário I, que recebe bebês de quatro meses a onze meses, assim como uma turma de berçário II, que assiste crianças de um ano a um ano e onze meses. Possuía também duas turmas de maternal I, que abrange alunos de dois anos a dois anos e onze meses, bem como duas turmas de maternal II, recebendo crianças de três anos a três anos e onze meses. Da mesma forma, a escola contava com uma turma de Pré-escola I, assistindo alunos de quatro anos a quatro anos e onze meses, assim como uma turma de Pré-escola II, que abrange crianças de cinco a cinco anos e onze meses.

No período de estágio, a equipe da escola era composta por uma coordenadora pedagógica, oito professoras, além de uma equipe de professoras assistentes. A escola conta também com psicóloga, orientadora educacional, estagiários de psicologia, bem como uma profissional de atendimento educacional especializado (AEE), uma nutricionista, duas merendeiras, três auxiliares de serviços gerais, recepcionistas, uma bibliotecária e cinco técnicos administrativos.

Durante a atuação na escola, as atividades realizadas pela discente consistiram em observações ativas, realizando diagnóstico das turmas, com desenvolvimento de projetos de intervenções a partir das demandas analisadas, bem como, escuta e orientações a professores e participação em entrevistas com as famílias, contemplando todas as esferas da comunidade escolar.

A partir de observações ativas, foi possível compreender uma demanda frequente das professoras em abordarem primordialmente sobre os alunos que possuem algum diagnóstico psiquiátrico. Essa percepção, em um primeiro momento, foi propulsora no desejo de pensar em formas possíveis de inserção nesse espaço, as quais não corroboram com práticas de individualização e normatização, sendo necessário despir-se de um olhar clínico, para compreender os fenômenos e dinâmicas que ocorrem dentro da escola como um todo, em seu cotidiano.

Nas observações realizadas diretamente em salas de aula, foi possível detectar a necessidade de abordar a temática das emoções juntamente com as crianças e a equipe. No sentido de oferecer uma vertente polissêmica de saber escutar as crianças, bem como, as próprias crianças conseguirem identificar diferentes formas de se expressarem. Visto que, por exemplo, o choro é uma das formas que a criança tem de manifestar o que está sentindo, sendo necessário instrumentalizá-la para comunicar seus sentimentos também de outras formas, como através da palavra.

Da mesma forma, foi possível observar demandas em relação ao estabelecimento de limites, bem como de maior investimento na capacidade das crianças de realizarem determinadas atividades sozinhas. Assim, na busca por realizar um diagnóstico das turmas, foi possível identificar, juntamente com a supervisora local, tomadas pela noção de que a aprendizagem perpassa pelo corpo, a necessidade de trabalhar sobre a autonomia dos alunos, especialmente após a pandemia do COVID-19, pois muitas crianças retornaram para o ambiente escolar com muita dependência de um adulto, até mesmo para atividades que elas já possuem a capacidade de realizar, como por exemplo, os hábitos de vida diária.

Nessa perspectiva, a partir dos aspectos abordados inicialmente, foi possível pensar na inserção da discente no sentido de trabalhar tais questões juntamente com toda a comunidade escolar. Visto que, o objetivo da escola como um todo, bem como da família, é propiciar o crescimento e o desenvolvimento das crianças. Para isso, é necessário que ambos trabalhem de forma conjunta, visando a integralidade do cuidado com a criança.

Dessa forma, com base nos dados obtidos, pensou-se em dedicar-se a intervenções com as crianças que pudessem fomentar a autonomia e o estabelecimento de limites, pois são elementos fundamentais para a inserção da criança em um ambiente social. Com esse propósito, recorreu-se com as crianças ao

uso de diálogos sobre as emoções e sobre os hábitos de vida diária, contação de história sobre autonomia, produção de uma rotina visual e atividades que favorecessem a construção da imagem corporal. Nessa lógica, também se torna necessário realizar um trabalho conjunto com as professoras e as famílias, a partir da orientação e entrevistas com as mesmas.

4.1 Discussão do Relato de Experiência

Ao adentrar em um novo espaço, especialmente permeado por diferentes esferas, é necessário colocar-se em um primeiro momento no papel de observador e explorador deste novo ambiente, na busca pela compreensão das demandas de atuação apresentadas no local. Como salienta Ulup e Barbosa (2012), é necessário circular e observar, ver e escutar, tomada por uma atitude de entrega e de envolvimento cuidadosa.

Diante disso, lança-se mão da observação participante, no qual se almeja estudar a criança no próprio contexto escolar (COUTINHO; CARNEIRO; 2016). Além disso, nesta observação ativa e participante busca-se compreender as turmas e a instituição com um todo, pois como salienta o CRPRS (2019), a psicologia escolar e educacional tem como referência um novo paradigma social na educação, que não condiz com uma prática individualizante e de normatização.

Dessa forma, é necessário estar presente no cotidiano escolar e participar dele em seu dia a dia, para que se possa conhecê-lo e intervir neste contexto (ULUP; BARBOSA; 2012). Assim, adentrar neste espaço de forma ativa e participativa tornou-se fundamental para pensar em projetos e intervenções que abarcasse as reais necessidades do local.

Primeiramente, detectou-se a necessidade de falar sobre as emoções, visto que pouco se nomeia a criança sobre os seus sentimentos. Dessa forma, foi realizada uma intervenção, onde por meio de uma roda de conversa, abordou-se sobre o reconhecimento e nomeação das emoções juntamente com as turmas de Maternal II e Pré-escola. Salienta-se que essa proposta torna-se uma importante ferramenta de prevenção, visto que, segundo Baseggio (2012), as crianças possuem naturalmente mais dificuldade de lidar com suas próprias emoções, e muitas vezes, isso acontece porque elas ainda não aprenderam a nomear os seus afetos, podendo as emoções expressar-se através do corpo pela ausência de simbolização.

Neste mesmo sentido, pensando na concepção de Françoise Dolto que a aprendizagem passa pelo corpo (KUPFER; 2006), visando à autonomia das crianças e a preparação para o ensino fundamental, foi desenvolvido um projeto com as turmas de Pré-escola, no qual em cada semana um aluno foi convidado a levar para casa uma sacola com materiais de costura e tecidos, bem como uma boneca, para que desenvolva, com auxílio de sua família, uma vestimenta. Além de abordarmos a autonomia, a construção da imagem corporal, também é um interessante momento para as famílias se envolverem na atividade com seus filhos.

Salienta-se que refletir e levar em consideração a construção da imagem corporal, bem como da autonomia das crianças no espaço escolar constitui um importante olhar do psicólogo escolar. Isso se dá, pois a escola de educação infantil acaba por funcionar como um agente da constituição psíquica das crianças ao qual atende, visto que muitas delas são atendidas desde os primeiros meses de vida, ou ainda, passam maior parte do dia no ambiente escolar, sendo fundamental o olhar da instituição quanto o cuidar e o educar (OLIVEIRA; DONELLI; CHARCZUK; 2020).

Além disso, dentre as intervenções, foi instituída nas salas de aulas a utilização de rotinas visuais para as turmas de berçário II, maternal e pré-escola, no qual foram realizadas rodas de conversas com os alunos na presença das educadoras. Neste dispositivo, foi refletido junto com as crianças, a rotina do dia a dia e o momento de cada atividade. O objetivo dessa atividade foi desenvolver uma noção de tempo e ordem das atividades, conseguindo lidar de forma mais efetiva com o momento de cada uma delas, ao realizar a antecipação no início do turno, bem como, a autonomia, visto que a rotina ficará ao alcance dos alunos, permitindo que eles possam visualizar e se organizar em relação a sua rotina escolar diariamente. Da mesma forma, ao utilizarmos fotos da própria turma, permitimos que eles se identifiquem com a proposta.

Além disso, o estabelecimento de uma rotina contribui para o estabelecimento de uma lei, de uma ordem e momento de cada atividade. Pois, “a Escola de Educação Infantil pode ser entendida então como um lugar de inscrição social que vai além do pedagógico, do ensinar as coisas; ela está ligada a cultura, a inserir o sujeito numa ordem, na lei” (FLACH; SORDI; 2007, p. 90).

Ressalta-se ainda, uma atividade muito relevante na prática de estágio: a entrevista com as famílias. Sublinha-se, segundo Rubim e Besset (2007), que as conversas com as famílias dos alunos se configuram como uma forma muito útil para

o recolhimento de informações sobre as crianças, sendo possível através de entrevistas abertas, identificar quais assuntos a família considera importante à escola ter conhecimento, normalmente surgindo características do comportamento da criança, mas também emergem dificuldades dos pais frente o estabelecimento de limites e espaços. Como, por exemplo, dormir junto na cama dos pais, negociação de regras, o não dito em relação a assuntos familiares, entre outros.

Dessa forma, é interessante pensarmos no psicólogo escolar como mediador da relação família-escola, com o objetivo de fortalecer essa relação através de ações que promovam a conscientização da comunidade escolar, bem como promovem o entendimento da família em relação ao seu papel no processo de escolarização de seus filhos (ALBUQUERQUE; AQUINO; 2018).

Por fim, recorrendo ao CRP (2019), em um dos relatos de experiência dispostos em sua cartilha sobre psicologia escolar, observa-se como a entrevista com os responsáveis permite que a criança seja recebida no espaço escolar considerando suas características individuais. Além disso, esse momento possibilita a construção de vínculo entre a família e a instituição. Sendo assim, a psicologia escolar pode proporcionar um importante espaço de conversação entre toda a comunidade escolar, isto é, os educadores, pais e alunos, na busca coletiva por soluções para os impasses encontrados no meio educacional (RUBIM; BESSET; 2007).

Salienta-se que ao adentrar no espaço escolar, o profissional de psicologia precisa também estar com o olhar atento aos processos de trabalho e sua organização no ambiente institucional. Isto é, também oferecer um olhar a equipe de profissionais da educação, bem como contribuir no desenvolvimento de espaços de escuta e reflexão, assim como ajudar na elaboração de estratégias das dificuldades encontradas (CRP, 2019).

Dessa forma, buscou-se nesta experiência, realizar escuta dos professores em relação às demandas institucionais, assim como aos alunos e suas respectivas turmas. Oferecendo por vezes também um trabalho de formação e orientação.

Nesse sentido, constata-se que o psicólogo na escola, segundo Kupfer (2017), possui um lugar permeado pela escuta e a transferência, onde o professor é escutado justamente para ser apoiado, fazendo circular os discursos de ensino e subjetivação. Isto é, traz para discussão uma percepção de que é necessário também transmitir cuidado e sustentação para aquele que cuida, o professor.

Dessa forma, o psicólogo escolar tomado como apoio ao professor, bem como importante agente de instrumentalização do mesmo, torna-se possível destacar a relevância de auxiliar no estabelecimento de uma boa transferência entre educador e educando, bem como a sua influência no processo de aprendizagem e constituição psíquica das crianças. Dado que, a partir da transferência é possível que o educando e o educador produzam uma resignificação do desejo de ensinar e de aprender. Isto é, a partir da concepção de transferência, é possível que o professor consiga desempenhar um papel continente na aprendizagem dos alunos, ao realizar uma escuta qualificada das demandas da criança, ouvindo também o não dito, os conflitos psíquicos e cognitivos que emergem na criança (SOUZA; OLIVEIRA, 2020).

5 CONCLUSÃO

Buscou-se através das atividades propostas, possibilitar que os alunos conquistem maior autonomia e se constituam enquanto sujeitos desejantes em seu processo de aprendizagem. Percebe-se que as atividades produziram efeitos positivos, visto que durante algumas intervenções propiciaram que os alunos comunicassem aspectos que antes não estavam sendo ditos no espaço escolar. Da mesma forma, compreende-se que os efeitos de tais intervenções irão reverberar no cotidiano da escola em longo prazo, pois a conquista da autonomia consiste em um processo gradual, que não ocorre de forma imediata.

No entanto, recomenda-se que as intervenções almejando a conquista de autonomia dos alunos, bem como o estabelecimento de limites, sigam sendo pensadas e colocadas em prática no ambiente escolar, como um trabalho contínuo. Dado que, o processo de desenvolvimento e constituição psíquica das crianças é permeado por desafios, conquistas e renúncias, e o espaço escolar se constitui como o principal palco no qual esses processos irão se desenrolar e encontrar possibilidades de serem elaborados.

Portanto, compreende-se que a psicanálise vai à escola, sustentada por seu aporte teórico, bem como sua postura ética e cuidadosa diante do outro. Especialmente, a psicanálise vai à escola para contribuir na sustentação do processo de estruturação psíquica das crianças, como defensora de seu desenvolvimento, para que as mesmas possam vir-a-ser enquanto sujeitos de desejos e de direitos.

REFERÊNCIAS

- AGRA, Glenda et al. Análise do conceito de Aprendizagem Significativa à luz da Teoria de Ausubel. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/GDNMjLJgvzSJKtWd9fdDs3t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- ALBUQUERQUE, Jéssica Andrade de. AQUINO, Fabíola de Sousa Braz. Psicologia Escolar e Relação Família-Escola: Um Levantamento da Literatura. **Psico-USF**, v. 23, n. 2. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230210>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- ALMEIDA, Alexandre Patricio de. NAFFAH NETO, Alfredo. Psicanálise e educação escolar: ressonâncias de Sándor Ferenczi para uma pedagogia do cuidado. **Estilos da Clínica**, v. 24, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v24n2/a08v24n2.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- BASEGGIO, Denice Bortolin. Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica. **Revista de Psicologia da IMED**, 2012. Disponível em: <http://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/230/194>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola**. 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/09/carta-de-servicos-sobre-estagios-e-servicos-escola12.09-2.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2022.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Psicologia na educação: saberes e fazeres**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://www.crprs.org.br/conteudo/publicacoes/educacao_final.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Psicologia escolar e educacional: cartografia de um fazer**. 2019. Disponível em: https://www.crprs.org.br/conteudo/ebook_educacao.pdf. Acesso em: 27 abr. 2022.
- COUTINHO, Luciana Gageiro. CARNEIRO, Cristiana. Infância, adolescência e mal estar na escolarização: interlocuções entre a psicanálise e a educação. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2910/291052545007.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- DUARTE, Aldenia Pereira Mota. Contribuições de Maria Montessori para as práticas pedagógicas na educação infantil. **Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva**. São Paulo, 2014. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/1J0bXYEScWvt56S_2015-2-3-14-35-16.pdf. Acesso em: 13 abr. 2022.

FLACH, Flavia. SORDI, Regina Orgler. A educação infantil escolar como espaço de subjetivação. **Estilos da Clínica**, v. 7, n. 22. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46019/49644>. Acesso em: 21 abr. 2022. FARIA, Nicole Costa; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Promoção e prevenção em saúde mental na infância: implicações educacionais. **Psicologia da Educação**, n. 51, p. 85-96, 2020.

FOCHI, Paulo; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequena. **IX ANPEDSUL (SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL)**, 2013.

FREUD, Sigmund. O interesse da Psicanálise para as Ciências Não-Psicológicas. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.13

GRUDZINSKI, Morgana Martins. O laço social e a aprendizagem: algumas breves considerações. **Revista Psicopedagogia**. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v26n81/v26n81a11.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação – o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

KUPFER, Maria Cristina Machado. O que toca à/a Psicologia Escolar: desdobramentos do encontro entre Psicanálise e Educação. In: MACHADO, Adriana Marcondes. LERNER, Ana Beatriz Coutinho. FONSECA, Paula Fontana. (orgs.). **Concepções e proposições em psicologia e educação: a trajetória do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580392906/completo.pdf#page=50>. Acesso em: 13 abr. 2022.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Françoise Dolto, uma médica de educação. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 6, n. 2. Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/13.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LAPLANCHE, Jean. PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACIEL, Maria Regina. Sobre a relação entre Educação e Psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.9, p.333-42. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/c997V8tRN3zyHHfdwWqQT6n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2022.

MURTA, S. G. et al. Prevenção e promoção em saúde mental no curso de vida: indicadores para a ação. In: MURTA, S. G.; LEANDRO-GRANÇA, K.; SANTOS B.; POLEJACK, L. **Prevenção e promoção em saúde mental: Fundamentos, planejamento e estratégias de prevenção**, p. 75-92, 2015.

OLIVEIRA, Marcia Aparecida. DONELLI, Tagma Marina Schneider. CHARCZUK, Simone Bicca. **Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/dD9SFJKWFqd9sZVc4pyT7vb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.

POLI, Maria Cristina. SCHNEIDER, Venicius Scott. Sobre a supervisão em psicanálise: relendo Freud a partir de Lacan. **Psic. Clin.**, v. 26, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/xpJ6B6SPFmvLTHCX3JpWpXM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola de Educação Infantil São Chiquinho**, Porto Alegre, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUBIM, Luiza Mendes. BESSET, Vera Lopes. Psicanálise e Educação: desafios e perspectivas. **Estilos da Clínica**, v. 7, n. 23, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282007000200004. Acesso em: 27 abr. 2022.

SANTOS, Leandro Alves Rodrigues dos. **Psicanálise: uma inspiração para a psicologia escolar?** Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2003. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-30112009-161320/publico/leandro>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SILVA NETO Walter Mariano de Faria; LIMA, Cárita Portilho de. Estágio curricular supervisionado em psicologia: Aspectos legais, potencialidades e desafios para a formação do psicólogo. **Laplace em Revista**, Sorocaba, v. 5, n. 1, 2019. Disponível em: <https://laplaceemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/428>. Acesso em: 6 abr. 2022.

SOUZA, Marcos Rogério dos Santos. OLIVEIRA, Carla de. Psicanálise e educação: a transferência na educação infantil. **Rev. C&Trópico**, Recife, v. 44, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1878/1594>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ULUP, Lilian. BARBOSA, Roberta Brasilino. A Formação Profissional e a Ressignificação do Papel do Psicólogo no Cenário Escolar: Uma Proposta de Atuação – de Estagiários a Psicólogos Escolares. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZvGGsY8fNXpfR5ZPMFPptLD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ZASLAVSKY, Jacó; NUNES, Maria Lúcia Tiellet; EIZIRIK, Cláudio Laks. A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/KgbBg73HctTJWTnymS8DLDK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.



ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO CONTÁBIL NAS PMEs DO GRANDE ABCD

ANALYSIS OF ACCOUNTING USAGE IN SME'S OF THE GREAT ABCD

HENRIQUE, Marcelo Rabelo ¹

MATTOS, Daniel Malheiros de ²

SAPORITO, Antônio ³

Resumo: O objetivo deste trabalho consiste em realizar uma avaliação da real utilização da contabilidade nas empresas de pequeno e médio porte e a percepção da importância do setor para o bom desenvolvimento da instituição. Para cumprimento do objetivo foi necessário a idealização de um questionário, que foi enviado via google forms á 50 empresas industriais, todas selecionadas e contatadas através de seus responsáveis pelo setor contábil para validação do aspecto do porte, este baseado na tabela desenvolvida pelo Sebrae. As empresas necessariamente estão localizadas no grande ABCD, grupo de cidades industriais de São Paulo. Constatou-se que a contabilidade é utilizada apenas de forma fiscal e social, com as obrigações definidas em lei. Compreendemos que, grande parte dos empreendedores entendem o auxílio que o setor contábil pode fornecer, mas enfrentam dificuldades em selecionar um responsável para tratar esses dados de forma gerencial. Aparentemente é um paradigma que todos do setor enfrentam,

¹ Doutorando em Controladoria e Finanças pelo Mackenzie; Doutor em Administração de Negócios pela ESEADE; Mestre em Ciências Contábeis pela FECAP; MBA em Gestão pela FGV; Pós Graduado em Avaliações Periciais pela FECAP; Graduação em Ciências Contábeis pela UniBrasil; Professor do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de São Paulo e Strong Business School. E-mail: marcelo@mrhenriqueconsult.com.br

² Graduando em Ciências Contábeis pela Strong Business School. E-mail: dmattos5550@gmail.com

³ Doutor em Contabilidade e Controladoria pela FEA/USP; Mestre em Contabilidade e Controladoria pela FEA USP; Graduação em Administração pela USP; Professor do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: saporito@unifesp.br

fazendo com que a contabilidade seja um dos setores menos visualizados na constituição da empresa e posteriormente também.

Palavras-chave: Trabalho. Contabilidade. Avaliação. Empresas. ABCD.

Abstract: The objective of this work is to carry out an evaluation of the actual use of accounting in small and medium-sized companies and the perception of the importance of the sector for the good development of the institution. In order to fulfill the objective, it was necessary to create a command, which was sent via google forms to 50 industrial companies, all selected and contacted through those responsible for the accounting sector to validate the size aspect, this based on the table developed by Sebrae . Companies are necessarily located in the greater ABCD, a group of industrial cities in São Paulo. It was found that accounting is used only in a fiscal and social way, with the obligations defined by law. We understand that most entrepreneurs understand the help that the tax sector can provide, but face difficulties in selecting a responsible person to handle this data in a managerial manner. it seemed is a paradigm that everyone in the sector faces, making accounting one of the least visualized sectors in the company's constitution and later too.

Keywords: Work. Accounting. Valuation. Companies. ABCD.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Texto introdutório

Sobre contabilidade, Ribeiro e Santos (2017), é uma importante ferramenta de gestão para a tomada de decisão das micro e pequenas empresas. A visão é de que esta ciência é importante para toda e qualquer decisão a ser tomada dentro da organização.

A utilização da contabilidade como ferramenta é um ponto de dificuldade de aplicação entre empreendedores, porém, sobre sua importância para o desenvolvimento é unânime entre estudiosos e pesquisadores. De acordo com Moraes e Junior (2019), uma empresa no mercado atual, extremamente competitiva, desfalcada de ferramentas e estrutura de coleta das suas informações contábeis, torna-se um alvo fácil e vulnerável para o mercado que está em constante competição.

Ressalta-se a grande variedade de análises possíveis com a gestão contábil. Usa-se os demonstrativos contábeis obrigatórios tradicionais e outros com alterações que proporcionam melhor visão interna para seus gestores.

Dentro dessa variedade exposta Ribeiro e Santos (2017) ressalta que, toda demonstração contábil tem sua particularidade e suas variáveis possibilidades de

usos, e esclarece que baseando-se nessas informações pode ser tomada uma decisão mais assertiva em diversas situações.

Essa pesquisa tem como objetivo visualizar a importância de um sistema de gestão contábil em micro e pequenas empresas. No contexto, apresenta alguns aspectos relacionados à contabilidade gerencial que agregam o processo da tomada de decisões que são pertinentes para uma empresa desenvolver-se eficientemente.

A contabilidade, dividida tradicionalmente entre financeira, que contém alguns demonstrativos obrigatórios para a instituição e a forma gerencial, que representa dados aos interesses internos. De acordo com Padoveze (2009), a contabilidade gerencial utiliza-se da informação contábil como ferramenta principal para decisões ou outras medidas úteis para desenvolvimento da organização.

Quando ligamos o assunto ao setor industrial, torna-se mais obscuro as informações já coletadas. Existe um grande número de indústrias de médio e pequeno porte na região do grande ABC, berço que abrigou a grande era industrial do estado de São Paulo.

Por isso, este trabalho busca evidenciar a importância da gestão contábil no processo evolutivo e verificar se as empresas do grande ABC utilizam a contabilidade de forma correta e da melhor forma ou se é apenas por impulso de uma obrigação.

1.2 Problema de pesquisa

A contabilidade dentro das pequenas empresas industriais da região do grande ABCD, está cumprindo o seu principal objetivo, ou apenas gera uma obrigação?

1.3 Objetivos: geral e específicos

1.3.1 Geral

O Objetivo deste trabalho é compreender a atual situação da atividade contábil dentro das pequenas indústrias de um determinado local, sendo a mesma exercida internamente ou por terceiros.

Com a oportunidade de verificar se a mesma é utilizada de forma correta, seguindo os pronunciamentos contábeis e a leis em vigor em nosso país, ou se apenas é realizada dentro dessas instituições por impulso de uma obrigação.

1.3.2 Específicos

- Analisar a quantidade de empresas que praticam a contabilidade internamente ou de forma externa, com auxílio de empresas especializadas;
- Investigar a função empregada ao departamento contábil nessas empresas;
- Mapear as dificuldades encontradas nessas organizações;
- Verificar se o processo atual pode ser melhorado.

1.4 Justificativa

Portanto a gestão contábil vem mostrar que ao empregar a contabilidade gerencial, às micro e pequenas empresas convivem com a base de uma administração segura permitindo uma melhor condução do funcionamento do negócio.

Atualmente no cenário brasileiro sobre a contabilidade, a tecnologia avança e são alçadas novas ferramentas de controle contábil. Essas ferramentas são responsáveis por tornar o processo mais claro e confiável.

Com todas as melhorias nos processos e aperfeiçoamento contínuo, se faz importante o conhecimento da real utilização dos números contábeis absorvidos pelas pequenas indústrias no cenário atual.

A informação é relevante para análise e desenvolvimento de implementos que possam tornar o exercício contábil cada vez mais relevante nas decisões gerenciais das pequenas empresas no Brasil.

No aspecto social, a pesquisa realizada deve contribuir com orientação em aspectos nos quais devem ser aprimorados ou mantidos nas organizações. Identificar pontos que possam ser melhorados no gerenciamento das empresas estudadas e em outras de portes e setores semelhantes.

2 REVISÃO LITERATURA

2.1 A contabilidade nas empresas industriais de pequeno e médio porte

Estudar e compreender movimentos e procedimentos das pequenas e médias empresas são necessários, se tratando do departamento de ciências contábeis te abre um leque de possibilidades de estudos.

A contabilidade nas empresas industriais de pequeno porte é um desafio à organização à medida que consideramos que “É grande o número de empreendedores que, após criar sua empresa, passam a desempenhar um papel gerencial, seja geral ou específico. (S KASSIA,1997).

Desta forma apresenta-se todas as grandes complexidades estabelecidas pela nossa legislação brasileira, que com aspectos como o fiscal e o tributário, que segundo Crepaldi (2015), considera um ramo contábil no qual os profissionais se dedicam aos cálculos de tributos municipais, estaduais e federais.

A partir da constituição da empresa, as normas contábeis já se fazem necessárias, independentemente do tamanho ou estrutura da organização. De fato, esse é o principal motivo da utilização da contabilidade no Brasil. Ou seja, atender o público externo que impõe a necessidade das apresentações destes documentos.

A contabilidade gerencial, quando praticada de forma correta, é um termômetro em números e apresentações que mede diversos resultados da empresa, e claro, auxilia nas decisões futuras. Padoveze (2009), defende a importância da contabilidade gerencial a qualquer entidade, além de definir que o público alvo são os usuários internos de todos os níveis.

Garrison, Noreen e Brewer (2013 p. 2) discorre sobre a contabilidade gerencial “Envolve o fornecimento de informações a gerentes para uso na própria organização” e completa “a parte gerencial enfatiza as decisões que afetam o futuro.”

O grande proveito da contabilidade gerencial é explícito e estudado por diversos pesquisadores ao longo dos últimos séculos. Mas segue sendo um grande tabu para os pequenos e médios empreendedores, e isso não se faz diferente na indústria.

Kassai (1997), reconhece o contador como o grande representante e distribuidor das informações gerenciais as empresas desse porte, mas salienta que “o seu papel desempenhado junto às entidades está geralmente associado a um mal necessário para o cumprimento de suas obrigações legais.”

Todos os aspectos apresentados, representam a grande perda desconhecida por parte do gerenciadores dessas organizações de informações que poderiam auxiliar, alavancar e tornar as decisões mais assertivas em relação aos próximos passos da empresa. Abrindo o espaço para o estudo sobre as contribuições da figura do contador, dentro dessas entidades menores que atuam na indústria brasileira na região do Grande ABC.

2.2 A indústria pequena e média e sua contribuição

As PMEs (indústria de pequeno e médio porte) vem sendo bases de discussão em diversos fórum e o motivo de novos estudos e pesquisas, esse fato se intensificou muito a partir do Século XXI.

A definição sobre elas é um ponto importante e o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) identificou essa importância ao meio contábil, em 2016 foi gerado a resolução NBC TG 1000. Essa norma é correlacionada com o órgão internacional de contabilidade, o International Accounting Standards Board (IASB).

A norma é exclusiva para normatizar as necessidades contábeis no grupo das PMEs. Ou seja, é voltada unicamente para as obrigações dessas empresas aqui no Brasil. Essa NBC trouxe contigo algumas resoluções que ajudaram a padronizar alguns processos dentro dessas empresas.

A NBC 1000 é considerada por especialistas e estudiosos como a atitude que demonstra a importância para com o mercado brasileiro que essas instituições têm. Dados coletados em 2007 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), informam que as microempresas representam 89% do total de empresas no Brasil.

Leone (2012) salienta que as micro, pequenas e médias empresas têm uma importância vital tanto do ponto de vista econômico quanto social. Nessa perspectiva, conseguimos compreender que essas organizações estruturam o mercado de trabalho brasileiro, e dessa forma, emprega milhões de brasileiros.

2.3 Definição quanto ao tamanho da empresa

Quando se trata da definição concreta do que é a pequena e média empresa, Leone (1991) define que através de tentativas e erros, são estabelecidas três formas de definição: quantitativa, qualitativa e a combinação das duas.

Para Stroeher (2005), apesar das formas pré-estabelecidas é notória a superioridade da escolha quantitativa, cita por exemplo a quantidade de funcionários. Atualmente existem outras diversas possibilidades de classificação quantitativas utilizadas, dentre elas o faturamento anual da empresa e a estrutura imobilizada da organização.

Leone (1991), salienta ainda sobre o crescimento da busca acadêmica sobre a PMEs e o interesse por estudiosos a partir da década de 70. Intensificando-se no

Brasil a partir de 1990. Nesse aspecto ressalta-se a notória importância dessas instituições para a economia brasileira.

A indústria de pequeno e médio porte ainda gera muitas dúvidas sobre a definição de qual o tamanho da empresa, a NBC TG 1000 R1 define que são empresas que:

- (a) não têm obrigação pública de prestação de contas; e
- (b) elaboram demonstrações contábeis para fins gerais para usuários externos. Exemplos de usuários externos incluem proprietários que não estão envolvidos na administração do negócio, credores existentes e potenciais, e agências de avaliação de crédito.

O quadro abaixo auxilia na busca para ilustrar as políticas de validação do porte de empresas perante ao SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas):

Quadro 1: Definição de porte das empresas

Definição de porte - Sebrae		
Porte	Comércio e Serviços	Industria
Microempresa (ME)	Até 9 empregados	Até 9 empregados
Empresa de Pequeno Porte (EPP)	De 10 a 49 empregados	De 20 a 99 empregados
Empresa de médio porte	De 50 a 99 empregados	De 100 a 499 empregados
Grandes empresas	100 ou mais empregados	500 ou mais empregados

Fonte: SEBRAE-NA/Dieese

Com o quadro podemos contribuir a visão quantitativa focada no aspectos de quantidades de funcionário. O órgão define quantidade para contribuir com as políticas da organização, inclusive em campanhas visadas a aperfeiçoar auxílios às micro e pequenas empresas no Brasil, sendo necessário a diferenciação de empresas de comércio e indústria.

Mas devido a não padronização desses critérios, existem outros órgãos no Brasil que tem suas particularidades e objetivos com a organização sobre essas empresas. O quadro abaixo são de órgãos e leis que definem essas empresas pelo aspecto financeiro.

Quadro 2: Classificação financeira do porte

Classificação		
Portes	Microempresa	Empresa de pequeno porte
Simples Nacional	Até R\$ 360.000,00	De R\$ 360.000,01 até R\$ 4.800.000,00
Estatuto da microempresa	Até R\$ 360.000,00	De R\$ 360.000,01 até R\$ 4.800.000,01
BNDES		Faturamento anual de até 90 milhões

Fonte: Autores (2022)

O quadro apresenta órgãos e leis brasileiras que propuseram qualificar de forma quantitativa as empresas de pequeno e médio porte. Observa-se que cada órgão ou lei tem seu objetivo escancarado na sua definição.

Stroeher (2005), afirma que os critérios quantitativos econômicos tem por vantagem a facilidade de coleta e avaliação. A autora, dispõem ainda a questão da uniformidade sobre a posição das empresas, identificando o movimento de juntar todos os dados acima para se coletar uma conclusão e, reafirma que ainda não se tem a definição exata sobre a validação desse método.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015 a indústria da transformação era composta por 421.857 empresas. No entanto, não existe trabalho que define o porte dessas indústrias. Dados do Sebrae revelados em 2005 estimavam que mais de 90% das empresas no Brasil eram consideradas micro e pequenas quanto ao porte.

2.4 A informação contábil e sua importância

O cenário do mercado brasileiro é de extrema competição, o livre comércio contribui e muito para que o mesmo produto seja industrializado e comercializado por várias empresas e marcas. Nessa perspectiva, a informação é fundamental para assertividade de decisões de menores e maiores complexidade.

Moreira, Encarnação, Bispo e Angotti (2013) concluíram que a Contabilidade é vista como mera executora das obrigações fiscais e trabalhistas, constatando-se que dentro dos entrevistados, poucos detinham informações contábeis que colaboram com seu gerenciamento nas organizações.

A informação contábil, quando tratada com clareza e traduzindo a realidade dos fatos, tem por validar ou contestar os resultados planejados. Ou seja, o empreendedor pode avaliar através das demonstrações contábeis os seus resultados ao longo do exercício. A demonstração de resultado do exercício (DRE) é recomendada para essa assistência.

Stroeher (2005), contribuem com a lógica da não compreensão da função contábil, onde o contador prepara os documentos em virtude das obrigações legais, deixando de lado o viés de auxiliar a tomada de decisão. A autora afirma que atualmente, a contabilidade é vinculada apenas com a parte fiscal dentro do setor.

São diversos relatórios introduzidos pelas instituições que normatizam a contabilidade no Brasil e no mundo. Dentre eles:

Demonstrativo de resultado do exercício: Segundo a NBC TG 1000 R1, a demonstração do resultado do exercício apresenta todos os itens de receita e despesa reconhecidos no período.

Balanço Patrimonial: Segundo a NBC TG 1000 R1, apresenta os ativos, passivos e patrimônio líquido da entidade em uma data específica – o final do período contábil. O Balanço patrimonial é uma demonstração consolidada e está na lista das obrigações contábeis no Brasil.

Demonstração de fluxo de caixa: De acordo com a NBC TG 1000 R1 A demonstração dos fluxos de caixa fornece informações acerca das alterações no caixa e equivalentes de caixa da entidade para um período contábil, evidenciando separadamente as mudanças nas atividades operacionais, nas atividades de investimento e nas atividades de financiamento.

2.5 A contabilidade e suas atribuições

A contabilidade é uma ciência exata, e seu grande objetivo é contabilizar, controlar e registrar informações e dados.

No ponto de vista de Laurentino, Lestensky, Nogara e Pria (2008 p. 20): “Genericamente, a Contabilidade pode ser conceituada como sendo a ciência que controla e registra (por meio de suas técnicas) atos e fatos ocorridos num determinado período dentro de uma organização, em seu patrimônio.”

No prisma do Conselho federal de Contabilidade, em sua resolução nº 714/94:

A Contabilidade possui objeto próprio – o Patrimônio das Entidades – e consiste em conhecimentos obtidos por metodologia racional, com as condições de generalidade, certeza e busca das causas, em nível qualitativo semelhante às demais ciências sociais. A Resolução alicerça-se na premissa de que a Contabilidade é uma Ciência Social com plena fundamentação epistemológica. Por consequência, todas as demais classificações – método, conjunto de procedimentos, técnica, sistema, arte, para citarmos as mais correntes – referem-se a simples facetas ou aspectos da Contabilidade, usualmente concernentes à sua aplicação prática, na solução de questões concretas.

Foram necessários diversos anos de desenvolvimento para chegar ao ponto atual da visão sobre a necessidade da contabilidade, tamanha importância se representa por todas ramificações que atualmente são tidas como indispensáveis para o bom funcionamento do mercado em geral. Dentre elas:

Quadro 3: Vertentes da contabilidade

Vertentes da contabilidade
Contabilidade gerencial
Contabilidade de custos
Contabilidade financeira
Contabilidade societária
Contabilidade fiscal
Auditoria contábil
Perícia contábil

Fonte: Autores (2022)

Todas as vertentes acima são de grande representação para os momentos atuais e de certa forma evoluíram de modo que são consideradas movimentos contemporâneos e atuais. Suas disparidades de objetivos entre si, engrandecem o quanto rico é a ciência contábil. Motivo que cativa e intriga grandes estudiosos e pesquisadores a evoluírem seus conhecimentos e contribuir de forma representativa com a evolução da contabilidade.

Dentre as funcionalidades da contabilidade atual, para motivo de contextualização com o estudo e pesquisa destaca-se a importância da contabilidade gerencial e financeira. Mesmo estando tão presente no dia a dia das organizações, elas atendem públicos e necessidades diferentes.

O quadro abaixo, traz as diferenças entre essas funcionalidades:

Quadro 4: Diferenças entre nichos

Contabilidade financeira	Contabilidade gerencial
Divulga informações para público externo	Divulga informações para público interno
Enfatiza consequências de decisões	Enfatiza decisões que afetarão
Enfatiza a objetividade e a verificabilidade	Enfatiza a relevância
Enfatiza relatórios obrigatórios	Enfatiza relatórios no nível do segmento
Obrigatória	Não Obrigatória

Fonte: Autores (2022)

Ressalta-se ainda as diferenças abaixo:

Quadro 5: Diferenças evidentes entre os nichos contábeis

	Financeira	Gerencial
Demonstrações padronizadas	X	
Obrigatoriedade de registro	X	
Público	Externo	Interno
Período da necessidade	Pré-definido	Não definido
Regulamentação	Legislativo	Não definido

Fonte: Autores (2022)

2.5.1 Contabilidade gerencial

Garrison, Noreen e Peter (2013), define a contabilidade gerencial como a grande responsável por gerar instrumentos e fornecer informações ao público interno da organização a fim de contribuir com decisões do seu futuro.

Vertente da evolução constante da contabilidade, representando a necessidade do fornecimento de informações úteis para desenvolvimento pleno das empresas. Existem diversas atribuições e análises sobre a difusão da forma gerencial da contabilidade, inclusive a disseminação no século XX, trazendo à tona grandes discussões sobre sua importância no meio empresarial e contábil.

Para Souza, Ribeiro, Cordeiro e Clemente (2007 p. 2), o objetivo da contabilidade gerencial é:

O objetivo da CG parece perfeitamente claro: gerar informações relevantes e úteis para auxiliar os gestores no processo de planejamento, controle e tomada de decisão nas operações cotidianas da atividade empresarial e nas projeções de operações futuras visando cumprir seus objetivos (geração de lucro, superávit e outros).

Para Garrison, Noreen e Peter (2013), dentro das diversas possibilidades que a gerência fornece, a mesma traz e objetiva de forma clara os três pilares: Planejamento, controle e tomada de decisão.

Para Ricardino (2005), o objetivo está explícito em fornecer informações importantes à administração da empresa. O autor conceitua o grande interessado na CG e ainda coloca atribuições dessa administração, dentre elas: Decisões assertivas, avaliação com base em números e planejamento baseado a curto e longo prazo.

É notável a grande mudança com os pensamentos quanto ao departamento contábil, os estudiosos acima trouxeram à tona, que a contabilidade pode sim contribuir no desenvolvimento posterior das organizações.

Algumas grandes empresas nacionais e internacionais no Brasil, já possuem seu departamento gerencial, dentro do setor contábil. É normal e compreensível que as instituições de menor porte tenham maior dificuldade na adesão e entendimento sobre o potencial do setor discutido.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A primeira etapa deste trabalho será um estudo bibliográfico na área da contabilidade gerencial e financeira com estudos apontados pelo professor orientador. Foram consultados livros, trabalhos acadêmicos e artigos para adquirir o recursos técnicos para elaboração deste trabalho.

Em conjunto a revisão bibliográfica foi definido a utilização de uma pesquisa descritiva dos estudos da área e a realização de pesquisas quantitativas com pesquisas em padrões preestabelecidos com questões pertinentes para o estudo de caso.

Será utilizado a plataforma da Google Forms para a elaboração das pesquisas. Através da colheita e avaliação dos dados obtidos será elaborado um relatório com os resultados e os comentários técnicos.

Por fim, para elaborar o relatório final, utilizamos a ferramenta Word com padrões estabelecidos pela Strong Business School e a ABNT.

3.1 Pesquisa

O objeto de estudo é a contabilidade nas pequenas e médias empresas, principalmente situada na região industrial do grande ABCD. A região foi uma das responsáveis pela industrialização do estado de São Paulo e claro pelo desenvolvimento da economia do mesmo a partir da década de 60.

Por diversas décadas o ABCD foi a morada de grandes indústrias nacionais e internacionais. Destaca-se principalmente o setor automobilísticos, que detinha na região, fábricas da empresas Ford Motor Company Brasil Ltda. (SBC), Scania Latin America Ltda. (SBC), General Motors Company (SCS) e outros.

O grupo de cidades conta com a mistura de focos econômicos, que passam principalmente pela indústria, varejo e turismo. A região é composta pelas cidades abaixo:

Quadro 6: Cidades do grande ABCD

Grande ABCD	
Cidade	PIB
Diadema	13,23 Bilhões
Mauá	13,96 Bilhões
Santo André	25,84 Bilhões
São Bernardo do Campo	42,13 Bilhões
São Caetano do Sul	13,84 Bilhões
Ribeirão Pires	3,19 Bilhões
Rio Grande da Serra	578 Milhões

Fonte: IBGE (2019)

A representatividade no PIB das cidades maiores, andam em conjunto com o grau de industrialização da mesma. A líder no ranking é São Bernardo do Campo, não à toa uma grande residência para o setor industrial.

3.1.1 Definição sobre a pesquisa

Com busca por definições quanto a dúvidas sobre a importância da contabilidade gerencial dentro da PMEs, foi definido junto ao orientador, algumas questões importantes que de modo geral ou aplicado, será objeto de avaliação geral para o resultado da pesquisa.

As questões foram baseadas nas dúvidas que o trabalho busca responder e está dispostas conforme abaixo.

3.1.2 Definição da amostra

Seguindo as disposições de problemas e o objeto de estudo, foi elaborada uma lista inicial com 100 empresas escolhidas através do conhecimento e relação do autor na área industrial da região do grande ABCD. Após a escolha, foi necessário a validação via consulta com o responsável da organização sobre o porte da mesma, utilizando-se como padrão a tabela fornecida pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Desta forma, foi apurado a lista final com 50 empresas de setores variados da indústria, abrangendo os setores da transformação, têxtil, química e outros. Todas as empresas foram previamente avaliadas para estarem dentro dos padrões uniformes da PME's.

Foi realizado no primeiro semestre de 2022 a busca por contato com o responsável pelo setor contábil e posteriormente enviado o formulário com as questões, que foram entregues via Google forms e as respostas colhidas pela mesma plataforma.

3.2 Tratamento dos dados

O retorno obtido dos questionários se deu em 35 das 50 empresas que receberam o formulário, ou seja, 70% das empresas responderam. Os dados colhidos pela plataforma utilizada foram encaminhados à planilha eletrônica, onde se fez base aos gráficos e opiniões formadas ao decorrer dos resultados.

4 RESULTADOS

4.1 Caracterização das empresas

4.1.1 Segmentos do mercado industrial da região

O mercado é preenchido por uma gigante diversidade, na área industrial da região do grande ABCD já se esperava um resultado abundante. A indústria da transformação liderou a pesquisa, mas ressalta-se a diversidade de segmentos representado por “Outros”, conforme gráfico abaixo:

Figura 1 Qual o segmento de mercado da empresa?

Qual o seu segmento de mercado da empresa?
34 respostas



Fonte: Autores (2022)

Auxiliado com a abertura para descrever a outra opção, foram informadas outras 9 ramos industriais. O setor metalúrgico automotivo, foi citado em 34% (6 vezes). Compreendendo a importância do ramo industrial na região.

Ressalta-se a importância de saber a segmentação, de forma a compreender, quais os mercados que movem o setor local e, conseqüentemente, conforme o objetivo inicial, apurar a real situação da parte, nos trâmites contábeis.

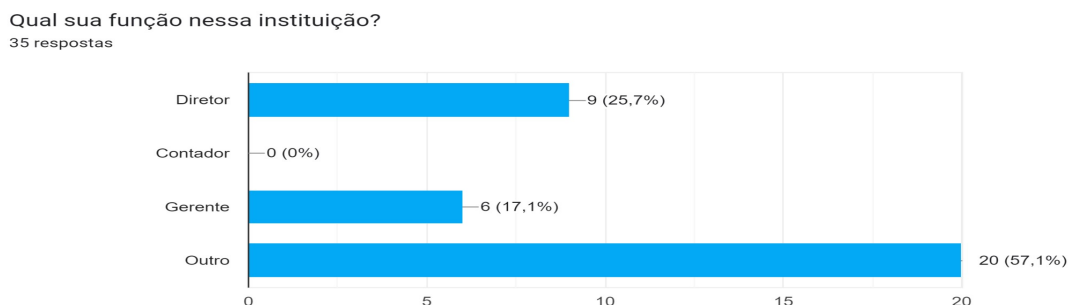
4.1.2 Função dos respondentes

A caracterização do respondente responsável, é também uma ferramenta de mapeamento com grande oportunidade para avaliações. Através dessas informações podemos concluir qual o espaço disponível para o contador nesse segmento.

Hall, Costa e Kreuzberg (2012), afirmam que é elevado o nível de falência das empresas e destaca a importância das informações contábeis e o papel atuante do contador nessas empresas.

Quanto aos resultados da pesquisa, é evidente e alarmante a falta de um responsável técnico presente nessas organizações, veja o gráfico abaixo:

Figura 2 Função dos respondentes



Fonte: Autores (2022)

O gráfico apresenta que a ampla maioria dos responsáveis contábeis estão no cargo de gerente ou diretor, normalmente responsáveis pelo produto e serviço, que idealizam o projeto empresa, ou seja, são extremamente técnicos no setor da empresa.

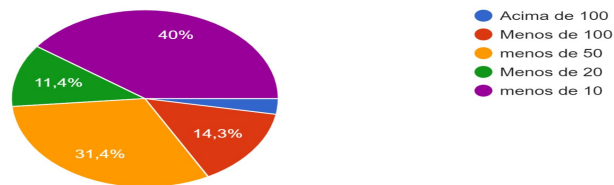
Os cargos com que englobam a opção “Outro”, ficaram no setor administrativo, com cargos auxiliares. Cerca de 12 respondentes (60%) são auxiliares administrativos. Ressalta-se que dentro de todos os dados apenas 1 resposta (2,8%) partiu do setor contábil, com o cargo de assistente contábil.

4.1.3 Número de colaboradores

Caracterizar a empresa por seus colaboradores foi necessário para constatar que todas estabelecem o objetivo inicial agregado à pesquisa, ou seja, pequenas e médias empresas. Devido a avaliação inicial, o resultado inicial foi satisfatório, veja abaixo:

Figura 3 Quantidades de colaboradores

Quanto colaboradores atuam nessa empresa?
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

Com os resultados apresentados, quase metade das empresas são pequenas e contém menos de 10 colaboradores. O que leva a presumir que essas organizações dependem de muitas máquinas no processo produtivo. Isso é uma consequência da evolução industrial e da automatização dos processos no setor.

O departamento industrial de manufaturamento ficou responsável pelas maiores demandas de funcionários. Analisando as atividades do setor, é possível entender que se trata da menor utilização de equipamentos automatizados, e claro, o trabalho técnico e quase artesanal de cada empregado.

4.2 A contabilidade e as empresas pesquisadas

Foram elaborados questionamentos quanto à contabilidade e sua utilização, visando basicamente constituir uma opinião baseada nos resultados obtidos.

4.2.1 Setor contábil e suas disposições

Nas PME's as estruturas das empresas condizem com seus respectivos tamanhos, ou seja, normalmente estão estabelecidas em prédios menores ou com ênfase ao espaço fabril disponível. Fato é que ter a possibilidade de terceirizar a contabilidade é uma situação comum no cenário atual.

Existem atualmente diversas empresas de contabilidade que prestam serviços fiscais e de controle, por vezes voltada ao um setor e outras com nenhum foco específico. Algumas instituições ainda oferecem outros serviços administrativos.

As amostras coletadas corroboram com a hipótese das empresas terceirizarem os serviços do setor, sendo essas prestadoras de serviços responsáveis por 31 empresas (88,60%) conforme o gráfico abaixo:

Figura 4: Setor contábil

O Setor contábil da empresa é:
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

Para efeito de análise, utilizou-se de comparação entre quantidades de funcionários para buscar o melhor enquadramento para as 4 empresas que detêm a contabilidade interna. Mas, não foi encontrada nenhuma correlação, ou seja, indicando que a decisão foi demandada por aspectos e características pessoais do administrador.

Outro ponto que demandou a atenção do estudo foi a existência de um funcionário para controlar as informações que a empresa recebe da sua contabilidade. Importante para avaliarmos todo o percurso e utilização desses dados.

Com a pesquisa ficou definido que pouco mais da metade das instituições detêm de responsáveis internamente para tratamento dessas informações. Foram 51,4% dos respondentes conforme gráfico abaixo:

Figura 5: Responsabilidade interna do setor

Existe um responsável interno para contabilidade?
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

Novamente a ênfase vai para as organizações que não conseguem disponibilizar um funcionários para tratamento das questões. Basicamente, esse é o retrato perigoso que diversos setores vivem, e a contabilidade é necessária para fins fiscais e não para auxiliar a empresa.

4.2.2 A contabilidade gerencial e as empresas

Foram impostas alguns questionamentos quanto a utilização dos dados contábeis para fins gerenciais, de modo que seja claro a importância das possibilidades que esse nicho contábil trás para essas empresas.

Visto que mais da metade informou que utiliza os dados para decisões estratégicas, pode se relacionar com as empresas que assinalaram que detém responsáveis para as informações recolhidas, veja abaixo:

Figura 6: Uso da informação contábil de forma estratégica

A empresa utiliza informações contábeis para decisões estratégicas?
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

Com o crescimento das políticas tecnológicas, a informação é transparente e acessível, o que contribui para a grande expansão do nicho gerencial. O conhecimento desse nicho chegou em 77% dessas empresa, conforme o gráfico a seguir:

Figura 7: Conhecimento do nicho gerencial

A empresa conhece a contabilidade gerencial?
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

O número é expressivo, mas visto como longe do ideal para o setor, que deveria ser com 100% de conhecimento. Acredita-se que esse é um dos pontos que poderiam evitar ou amenizar o encerramento de organizações.

4.2.3 Obrigações fiscais

No contexto inicial da pesquisa e trabalho, referenciamos as obrigações fiscais quanto ao principal motivo da utilização contábil, devido ao simples fato de ser uma obrigatoriedade perante ao governo do Brasil. Quanto a obrigações, 80% responderam que são bem atendidas e 5,7% não são atendidas como precisam, veja abaixo:

Figura 8: A contabilidade supri as necessidades fiscais?

A sua contabilidade supri todas as obrigações fiscais?
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

Dentro dessa mesma analogia, foi necessário compreender a opinião das empresas sobre a colocação inicial em que a contabilidade é apenas uma obrigação fiscal, e cerca de 31% disseram discordar totalmente dessa afirmação, mas 11% concordaram com a mesma. Números expostos abaixo:

Figura 9: A contabilidade é apenas uma obrigação fiscal?

A contabilidade é apenas uma obrigação fiscal
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

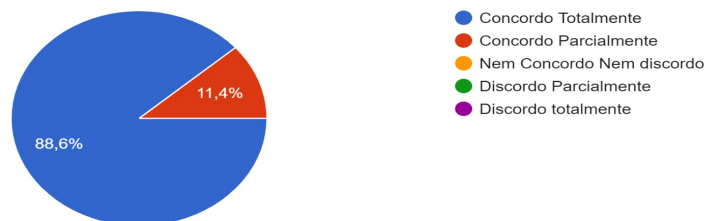
Existe uma grande diversidade nas respostas, atribuímos ao pequeno conhecimento do setor pelos responsáveis. Essa pluralidade pode ser explicada também pela cultura imediatista de resultados existente, que dificulta a análise apurada de dados, e que de forma consequente é levada como dispensável culturalmente nessas organizações.

4.2.4 Contabilidade geral e as empresas

Quanto à funcionalidade da contabilidade em geral e as empresas, os resultados foram positivos e de grande importância, quanto a percepção da essencialidade para o bom funcionamento das empresas, o resultado em concordância foi unanimidade. Apenas foi dividido entre totalmente e parcialmente, conforme gráfico:

Figura 10 A contabilidade é essencial?

A contabilidade é essencial para o bom funcionamento da sua empresa.
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

Os administradores e responsáveis compreenderem a relevância do assunto é sim um grande avanço para as PMEs, tendo os montante de dificuldade enfrentados pelas mesmas nos cenários anteriores e também no atual.

Outro aspecto relevante é o conhecimento do responsável contábil sobre o setor que da indústria, o produto ou serviço e os clientes. As informações técnicas podem auxiliar em pontos decisivos, inclusive na isenção ou diminuição de imposto.

Tem impostos que possuem características importantes para cada área da indústria, e as organizações compreendem a necessidade desse aporte, independente se o setor é interno ou externo. Na avaliação, 65,7% das empresas consideram que a sua contabilidade é técnica. O resultado completo é exposto no gráfico a seguir:

Figura 11: Conhecimento técnico

A sua contabilidade tem conhecimento técnico sobre seu segmento?
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

Fica evidenciado que 34,3% não consideram ter esse apoio ou não conseguem diferenciar o suporte. O número exposto é considerável preocupante, afinal é imprescindível a análise técnica para o melhor fornecimento de qualquer serviço. Fato é que, se não há esse auxílio, pode se considerar que a função contábil está no mínimo incompleta.

4.2.5 Planejamento a médio e longo prazo

Ainda buscando a premissa da forma gerencial, se fez necessário buscar informações sobre o planejamento dessas empresas a médio e longo prazo, e claro, o quanto a contabilidade está envolvida.

Desse modo, o questionamento foi sobre as referências contábeis no planejamento, e se o aporte da mesma é parte do estudo. A esmagadora maioria concordou com a afirmativa, somando em conjunto 91,4% das respostas, divididas entre total e parcial. Os valores colhidos estão conforme gráfico abaixo:

Figura 12: Contabilidade e o planejamento

A informações contábeis são referenciais para decisões em médio e longo prazo
35 respostas



Fonte: Autores (2022)

É de se exaltar o fato de não haver nenhuma discordância total. Porém, se correlacionarmos o fato dos serviços fornecidos pelo setor se considerado não técnico, é possível e plausível dizer que esse planejamento não seja confiável, ou que tenha avarias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou investigar o quanto a contabilidade é importante nas pequenas e médias empresas situadas na região do grande ABCD, enfatizando os diversos aspectos que a mesma pode contribuir para os fins gerenciais. Fez-se necessário elaborar um questionário direto que continham questões importantes para a avaliação da situação do setor contábil, a importância dada ao mesmo e ao contador, a qualificação dos representantes do setor, o tamanho da empresa, qualidade das informações e a utilização ou não da mesma.

Quanto ao setor de contabilidade nessas indústrias, conclui-se que a grande maioria utiliza-se de fornecedores terceirizados, trata-se em grande parte de empresas de contabilidade que absorvem os dados e fornecem informações fiscais e sociais. Internamente, é sempre nomeado um responsável, mas infelizmente constatou-se que em nenhum dos casos é um profissional da área contábil. As informações demonstraram que a maioria das empresas estão satisfeitas com os serviços prestados, mas apenas 65% acreditam que o escritório contratado tem o conhecimento técnico de sua área.

As visões sobre as reais possibilidades desse setor é extremamente diversificada, atribui-se isso a falta de profissionais da área nessas empresas. Os respondentes acreditam que a contabilidade não é apenas uma obrigação e concordam que ela é fundamental para o bom funcionamento da empresa, mas não detêm de funcionários capacitados para trabalharem com esses dados e não enxergam a necessidade no momento atual.

De uma em geral as visões de gerentes e proprietários são de clareza quanto a necessidade de haver um setor contábil íntegro e competente, trabalhando em auxílio com a gestão da empresa e realizando suas funções obrigatórias. Ficou claro também que compreendem que o setor pode ajudar com a análise do passado e consegue fornecer bases para decisões de médio a longo prazo.

Diante dessas conclusões, é alarmante que todos tenham dificuldades em contratar responsáveis que obtenham a técnica necessária para usufruir dessas informações. E que exija que a contabilidade terceirizada forneça pontos importantes para a análise gerencial. Existe uma espécie de cultura da não necessidade de representante contábil nessas PMEs e que o administrador, que muitas vezes é apenas o potencial técnico do serviço ou produto, tem plena condição de lidar com esse setor.

Se fez necessário caracterizar a visão das empresas que a contabilidade não é apenas uma obrigação fiscal e social, mas é explícito que na prática essas organizações estão muito aquém das visões, e basicamente, em sua maioria não aproveitam o poder dos dados contábeis colhidos e desperdiçam a oportunidade de ser a diferença no mercado.

Quanto às limitações da pesquisa, o grande ponto é a abrangência, que inclui apenas uma região industrializada do maior estado econômico do Brasil. Para estudos futuros, salienta-se a importância de identificar a grande causa dessa dificuldade de contratação de responsáveis para o setor e, a verificação se existe alguns movimentos provenientes das faculdades e escolas técnicas de valorização e integração dos alunos na indústria.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Elias Feres de. **Qualidade da informação contábil em ambientes competitivos**. 2020. Tese (Doutorado). - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-29112010-182706/en.php>. Acesso em: 22 maio 2022

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Auditoria fiscal e tributária**. São Paulo: Saraiva, 2015.

GARRISON, Ray; NOREEN, Eric; BREWER, Peter C. **Contabilidade gerencial**. 14.ed. Ohio: AMGH, 2013.

KASSAI, Silvia. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. **Caderno de estudos FIPECAFI**, São Paulo, p. 60-75, 1997.

LAURENTINO, Anderson J.; LESTENSKY, Douglas L.; NOGARA, João G.; PRIA, Thiago D. **A Importância da contabilidade gerencial para as micro e pequenas empresas no Século XXI no Brasil**. São Paulo: [s.n.], 2015.

LEONE, Nilda Maria C. P. Guerra. A dimensão física das pequenas e médias empresas. São Paulo. **Revista de Administração de Empresas**, 1991.

LEONE, Rodrigo José Guerra; LEONE, Nilda Maria C. P. Guerra. Pequenas e médias empresas: contribuições para a discussão sobre por que e como medir o seu tamanho. Natal. **RAUnP - Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar**, 2011

OLIVEIRA, Fernanda Rocha de. **Metodologia de custos em uma empresa automobilística**. 2008. Monografia. – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG. Disponível em: https://www.ufjf.br/ep/files/2014/07/2008_1_Fernanda.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

PADOVEZE, Clovis Luis. **Contabilidade gerencial**: um enfoque em sistema de informação contábil. São Paulo: Atlas, 2007.

RICARDINO, Álvaro. **Contabilidade gerencial e societária**: origens e desenvolvimento. São Paulo: Saraiva, 2005.

SANTOS, Vanderlei dos; RENGEL, Silene; Instrumentos da contabilidade gerencial utilizados em micro e pequenas empresas comerciais e disponibilizados por empresas de serviços contábeis. Blumenau, **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, 2009.

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Boletim estatístico de micro e pequenas empresas**: observatório SEBRAE 2021. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufrs/ma/noticias/brasil-alcanca-recorde-de-novos-negocios-com-quase-4-milhoes-de-mpe>. Acesso em: 22 maio 2022.

STROEHER, Ângela Maria. **Identificação das características das informações contábeis e a sua utilização para tomada de decisão organizacional de pequenas empresas**. Dissertação (Mestrado). – Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.



GESTÃO DE PESSOAS EM TEMPOS DE CRISE: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS COLABORADORES QUANTO AO TRABALHO REMOTO

GESTIÓN DE PERSONAS EN TIEMPOS DE CRISIS: UN ANÁLISIS DE LA PERCEPCIÓN DE LOS EMPLEADOS A RESPECTO DEL TRABAJO REMOTO

PINTO, Evandro Moraes ¹

Resumo: A partir do surgimento da pandemia do Covid-19 o mundo corporativo sofreu mudanças significativas em relação a gestão de pessoas, a saúde, ao bem-estar e aos modelos de trabalho adotados ou até então considerados ideais. Alguns fatores, aspectos e conceitos foram sendo modificados neste período, buscando adaptar-se a este “novo normal”. Isto se fez necessário para que as empresas pudessem seguir trabalhando, gerando resultados e mantendo os seus colaboradores seguros e menos expostos a riscos de saúde, tanto física quanto mental. Este estudo de caso tem por objetivo analisar as percepções dos colaboradores quanto aos pontos positivos e negativos do trabalho remoto, e como esta prática adotada impactou em seus resultados diários. A importância deste estudo é trazer a visão dos colaboradores sobre o trabalho remoto, e através da análise dos resultados obtidos com a pesquisa, poder aperfeiçoar, melhorar e aprimorar esta prática oferecendo melhores condições e ferramentas em relação as utilizadas atualmente com a intenção de obter melhor qualidade de vida aos funcionários e melhores resultados para a empresa. Durante este estudo identificou-se mais pontos positivos que negativos em relação ao trabalho remoto, principalmente no que tange o bem-estar e a qualidade de vida dos funcionários, e somado a isto, os melhores resultados obtidos no seu desempenho ao adotar esta

¹ MBA em Gestão Empresarial e Empreendedorismo - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Feliz. Email: evandro.pinto@hotmail.com

política de trabalho. Como ponto negativo, a convivência com as equipes e a comunicação foram as mais afetadas, segundo os entrevistados.

Palavras-chave: Trabalho Remoto. Gestão de Pessoas. Gestão de Crise. Comunicação.

Resumen: Tras el surgimiento de la pandemia del Covid-19 el mundo corporativo sufrió cambios significativos con relación a la gestión de personas, la salud, al bien estar y sobre los modelos de trabajo adoptados hasta este momento considerados los ideales. Algunos factores, aspectos y conceptos fueron siendo modificados a lo largo de este período, buscando adaptarse a este “nuevo normal”. Esto todo se hizo necesario para que las empresas pudieran seguir operando, generando resultados y para poder mantener sus empleados seguros y menos expuestos a los riesgos con relación a su salud física y mental. Este estudio de campo tiene como objetivo analizar las percepciones de los trabajadores cuanto a los puntos positivos y negativos del trabajo remoto u home office, y como esta practica adoptada impactó en los resultados diarios tanto de la empresa como personales. La importancia de este estudio es traer una visión de los trabajadores a respecto del trabajo remoto, y a través del análisis de los resultados obtenidos a través de la encuesta y entrevistas, poder avanzar y mejorar esta práctica, ofreciendo mejores condiciones y herramientas con relación a las que se utilizan actualmente con la intención de obtener mejor calidad de vida a los trabajadores y mejores resultados para la empresa. Durante este estudio se identificó mas puntos positivos que negativos dentro del trabajo remoto, principalmente en el ámbito del bien estar y calidad de vida de los empleados, y sumado a esto, mejores resultados obtenidos con sus performances al trabajar remotamente. Como punto negativo, la convivencia y la comunicación entre equipos de trabajo fueron los factores apuntados como mas afectados, según los entrevistados.

Palabras clave: Trabajo remoto. Gestión de personas. Gestión de crisis. Comunicación.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19 fez com que as empresas adotassem um novo modelo de gestão e trabalho, até então pouco conhecido na prática, principalmente para as empresas dos setores de transformação, para a maioria do comércio e varejo e até mesmo algumas do setor de serviços. De acordo com Souza, em 2020 em torno de 46% das empresas adotaram o trabalho remoto ou home office, esta nova forma de pensar e trabalhar surgiu para repensar o ambiente interno e espaço de trabalho. Apesar de existir a possibilidade de a produtividade dos funcionários melhorar após adotar esta nova forma de trabalho, existem empresas e gestores que ainda são resistentes a esse novo método, pois não conseguem monitorar de perto suas equipes. O trabalho remoto, na maior parte do tempo, exige maior

disciplina dos trabalhadores e, muitas vezes, alguns por estarem no ambiente familiar acabam trabalhando mais horas do que se estivesse no escritório da empresa.

O presente estudo de caso tem por objetivo analisar as percepções dos colaboradores quanto aos pontos positivos e negativos do trabalho remoto, e como esta prática adotada impacta em seus resultados. Nesse aspecto, torna-se importante considerar também o contexto da evolução da internet, internet das coisas, a globalização, além disso o bem-estar e a produtividade dos envolvidos e até mesmo a evolução do trabalho remoto. Nos últimos dois anos, a vida cotidiana de todos foi afetada de maneira drástica, tanto profissional como pessoal, a saúde física e mental da população em geral foi impactada por perdas familiares, financeiras, entre outras. Os impactos na economia mundial, nos empregos, o desempenho em geral. Apesar disso, criou-se oportunidades de negócios, formas diferentes de trabalho, como o home office e o trabalho híbrido.

Com base neste estudo, como contribuição gerencial, será possível possibilitar que a empresa reveja as formas, as políticas e planos de ações para minimizarem os impactos dentro de uma organização, equipes de trabalho, a fim de atingir os melhores resultados. Devido aos impactos gerados pela pandemia, as novas maneiras de pensar a gestão de pessoas, a entrada das novas gerações no mercado de trabalho, e a maior exigência por qualidade de vida versus trabalho, se faz necessário adotar novas metodologias de gestão para obter maiores e melhores resultados. Neste estudo de caso poderemos compreender estes impactos dentro das organizações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Informação e comunicação no trabalho remoto

Audy e Andrade (2005) destacam que a informação é necessária para que as organizações possam realizar a integração e a administração dos processos de negócio e das funções empresariais, e a tomada de decisões. Ainda, segundo os autores, sistema de informação é disponibilizar para a organização as informações necessárias para que ela atue em um determinado ambiente. A informação e a compilação dos dados resultantes de uma pesquisa são de extrema importância

para uma empresa e mediante os resultados coletados a empresa poderá tomar as melhores decisões. Por isso o valor destas informações, devem ser considerados e aprimorados constantemente.

Sobre o valor da informação para as empresas, Montana e Charnov (2003, p.428) dizem que:

As decisões baseadas em informações são boas na medida exata que das informações nas quais se baseiam. Os computadores conseguem produzir uma quantidade enorme de informações, mas o impacto desta tecnologia não está na quantidade, mas na qualidade das informações produzidas.

A qualidade da informação é atualmente uma preciosa ferramenta para as empresas, pois a geração de informação diária é muito grande e precisa ser filtrada e ser utilizada de forma consciente e objetiva para determinar ações no dia a dia, como também para os planejamentos a médio e longo prazo. Todas as decisões, mesmo que pequenas, são tomadas com base em informações e, quanto mais precisa, melhor será a tomada de decisão e os resultados obtidos. Para Kotler e Armstrong (2003, p.89): “Um sistema de informação é constituído de pessoas, equipamentos e procedimentos para a coleta, classificação, análise, avaliação e distribuição de informações necessárias, precisas e atualizadas para os responsáveis pelas tomadas de decisão.”

Fernández (1999) afirma que no âmbito sócio laboral, a ideia de teletrabalho está vinculada as novas tecnologias da informação sem as quais não seria possível entender home Office, sendo assim podemos definir que o teletrabalho é uma atividade realizada à distância fazendo uso de telecomunicações. A tecnologia da informação, a internet e a compilação de dados é parte fundamental para as empresas e atualmente o trabalho remoto não poderia existir sem estas ferramentas. Koester (2003), considera que as competências digitais geram benefícios importantes, como a interatividade, otimização de processos, e a melhor gestão do tempo. Além disso, a melhor a gestão da informação, ou seja, identificando, armazenando, avaliando, e compartilhando de maneira eficaz.

Os sistemas e ferramentas digitais são de extrema importância para as empresas e isso fará com que elas se destaquem ou não no mercado em que elas estão inseridas. Estas ferramentas, sistemas, softwares, hardwares não estão apenas na área de tecnologia de informação e engenharias, atualmente elas

transitam em todos os departamentos, com clientes internos e externos, com os fornecedores e sócios comerciais de maneira a alcançar uma sinergia e engajamento completo dentro de todos os processos. Para Covey (1991) primeiro devemos compreender para depois ser compreendido. Quando estamos nos comunicando com outros, devemos prestar atenção e estar presentes. Devemos ser empáticos, ver o ponto de vista alheio e se colocar no lugar do outro durante um tempo. O autor complementa que a comunicação é mais fácil quando conta com o apoio da cultura organizacional, ou seja, quando as pessoas podem aclarar suas expectativas.

A comunicação tem papel importante dentro das empresas e deve existir uma determinada liberdade para que todos possam expressar suas opiniões e contribuir de forma positiva e eficaz para a obtenção de melhores resultados. Para Covey (1991) uma organização é um sistema ecológico e os seus sistemas de informação devem abarcar todos os meios para ajudar os executivos a compreender o que está acontecendo. Portanto, se eles não compreendem o que está acontecendo, irão tomar decisões deficientes, distorcidas, incompletas e inadequadas.

De acordo com Kiyosaki (2016), a resposta que obténs é o verdadeiro indicador da comunicação exitosa. Em outras palavras, o importante não é o que dizemos senão a retroalimentação que recebemos da audiência ou de nossos interlocutores, esse é o verdadeiro indicador da comunicação exitosa ou da comunicação deficiente. Gallo (2014) sobre a comunicação explícita que a verdadeira persuasão só ocorre depois de criar uma ligação emocional com os ouvintes e conquistar a confiança deles.

Para Johnson (2013), aqueles que dominam a arte da comunicação têm mais sucesso do que aqueles que não dominam e, mesmo assim, muitos empreendedores ignoram e subestimam esta regra simples. Segundo Johnson (2013), o medo da rejeição faz com que muitos empreendedores não mantenham uma comunicação efetiva e cuidar da comunicação demanda esforços e planejamento em conjunto. A comunicação efetiva requer cuidados específicos e acompanhamento, muitas vezes é exaustivo para conseguir o resultado desejado, mas é preciso ter perseverança, principalmente em um contexto de trabalho remoto.

2.2 Trabalho remoto

De acordo com Fernández (1999), o trabalho remoto é uma forma flexível de organização do trabalho e que consiste na execução de atividades e tarefas

profissionais sem a presença física do funcionário dentro da empresa durante seu horário de trabalho. Para o autor o teletrabalhador é aquela pessoa que usa várias ferramentas ligadas à tecnologia de informação como por exemplo: computador, celular, internet, e-mail, sendo assim um trabalhador que usa apenas uma agenda e uma caneta esferográfica não poderá ser considerado um teletrabalhador. Trope (1999) considera que na organização virtual o conceito de teletrabalho não é o agrupamento físico de indivíduos reunidos em um mesmo local para execução de tarefas. O funcionário será cobrado pelo trabalho realizado e pelos resultados obtidos e não pela presença física no ambiente de trabalho.

Para Loustau (2020), esta nova forma de trabalho faz com que as empresas se inclinem pela formação interna, para que desta forma, os empregados adquiram os conhecimentos e as competências necessárias para se adaptar as estas novas mudanças. Definitivamente a sociedade avança a passos largos em direção a digitalização, e esta transformação digital traz consigo mudanças na produção e nos novos modelos de negócios (LOUSTAU, 2020).

Com o passar dos anos as empresas buscam por profissionais que tragam mais e melhores resultados do que estar muitas horas no escritório, pois estar mais horas no escritório não é sinônimo de eficiência. Souza (2021) diz em seu artigo que a pandemia do Covid-19 fez com quase 50% das empresas adotassem o home office em 2020, com isso, as empresas tiveram que repensar seus modelos de negócios e repensar os espaços de trabalho. Koester (2003), considera que as competências digitais geram benefícios importantes, como a interatividade, otimização de processos, e a melhor gestão do tempo. Além disso, a melhor a gestão da informação, ou seja, identificando, armazenando, avaliando, e compartilhando de maneira eficaz. Galli (2020) em seu artigo menciona que ao conversar com o consultor especializado em gestão, Juan Ferrer, as empresas devem mudar, porque o seu entorno está mudando. Ainda no artigo de Galli (2020) os profissionais devem ser multifuncionais, além disso, autogerir seu próprio trabalho, pois neste contexto não existem chefes e sim, existem papéis.

Uma das maiores motivações para as empresas adotarem o home office é o aumento da produtividade dos funcionários. Algumas experiências confirmam que o teletrabalhador é mais produtivo do que o trabalhador clássico porque ele tem uma melhor qualidade de vida e uma maior autonomia. Outro fator de motivação apontado é a possibilidade de aumento de competitividade de uma organização

virtual como consequência da maior reatividade da empresa. Os meios informatizados permitem que a empresa gerencie e acompanhe em tempo real e de forma interativa as experiências e competências de seus colaboradores (TROPE, 1999).

Conforme Justo (2020) comenta em seu artigo, é que a produtividade melhora e aumenta durante o home office, porque as distrações e interrupções rotineiras que existem no escritório são reduzidas drasticamente. Para o autor, a comodidade de estar em casa, usando roupas mais confortáveis, adaptar o seu desktop a sua maneira, o fato de não precisar se deslocar ao trabalho e o contato com a família faz com que a produtividade aumente significativamente. De acordo a Kulgemass (1996), alguns arranjos simples no trabalho remoto, como o horário flexível podem aumentar a produtividade e qualidade do trabalho e dos resultados. Além disso, as empresas diminuem os custos e retém talentos.

Muitos funcionários preferem o trabalho remoto devido a flexibilidade, e encontram os melhores horários para produzir dentro da sua rotina e isso traz ganhos para empresa e de alguma maneira uma motivação extra aos empregados. A relação trabalho e a gestão do tempo a rotina de trabalho é semelhante e linear entre o home office e o trabalho dentro do escritório, porém, a flexibilidade do trabalho remoto lhes permite terminar antes as atividades laborais sem ter que dar explicações aos superiores e assim poder dar atenção a questões pessoais (ROCHA, 2014).

Segundo Kulgemass (1996) alguns estudos medem apenas a produção pelo tempo trabalhado, deixando de lado pontos importantes como a produtividade, a qualidade do trabalho, a coordenação mais eficiente e o baixo absenteísmo. De acordo com Trope (1996), podemos apontar outras vantagens potenciais para as empresas além de redinamizar a organização, a redução do turnover devido ao menor número de problemas pessoais e maior satisfação dos funcionários. A empresa também pode selecionar colaboradores fora da região de atuação. A adoção do trabalho remoto reduz alguns custos para a empresa, como a rotatividade de pessoal, como também abre a possibilidade de contratar novos talentos fora da sua cidade (TROPE, 1996). Para Kulgemass (1996), umas das razões pelas quais o trabalho flexível melhora a produtividade é que os trabalhadores estão satisfeitos e eleva o moral, pois estão em uma condição que os deixa mais felizes, assim produzem e trabalham mais, porque elas estão no controle de suas vidas. Outro

ponto abordado por Kulgemass (1996) é a segurança do trabalhador, ele estando em casa aumenta a responsabilidade do empregador, no entanto, a experiência indica que os empregados estão mais seguros em casa. Os acidentes de trânsito diminuem e até a mesma a violência dos grandes centros.

De acordo com Mello (1999), a inovadora abordagem do teletrabalho está presente na empresa moderna e é preciso entender que a estrutura organizacional, a estratégia, a cultura, etc. estão exigindo um novo alinhamento, equilíbrio e harmonia. O autor também destaca que a implementação do home office independe do tamanho da empresa, pois o propósito é oferecer melhor resposta às empresas para enfrentar as pressões, e por conseguinte constituir um elemento chave para o desenvolvimento estratégico das organizações. Sobre o conceito de Home Office, Mello (1999, p.20) diz que: “Assim, trabalhar em casa como funcionário, na realidade não significa atividade caseira amadora, pois é necessário disciplina, metas claras, e realizáveis e um bom planejamento de ações e principalmente de vida.” Para o autor, durante o Home Office algumas cautelas devem ser levadas em conta, como evitar isolamento e solidão; não procrastinar decisões e ações; manter contato com sua rede de trabalho, inclusive de encontros informais; manter uma agenda de atividades sociais e realizar trabalhos voluntários.

De acordo com Mello (1999), estas são algumas vantagens que o trabalhador tem: planejamento de visitas a clientes, fornecedores; assuntos burocráticos podem ser resolvidos por computador; adiantamentos de dinheiro podem ser solicitados via computador; programar agenda e contato permanente com a chefia e colegas. O autor sugere em seu livro algumas ações que tornarão o Home Office mais eficaz:

- Ter um lugar reservado com uma entrada independente para obter maior privacidade.
- Trabalhar em apartamento poderá causar desconforto para receber clientes, devido as normas de segurança dos condomínios.
- Se o imóvel for casa, aproveitar melhor os espaços disponíveis, como edícula, garagem ou terraço.
- Preferir local com luminosidade indireta, para evitar reflexos na tela do computador.
- O mobiliário deve ser funcional, confortável e adaptado, ou seja, ergonômico.

- Dispor das ferramentas necessárias para realizar o trabalho, como computador, impressora, celular, internet, etc.

Fernández (1999) prevê que é pouco provável que os fatores que motivam o desenvolvimento do home Office desapareçam no curto ou médio prazo pelo que tudo indica esta forma de trabalho continuará a crescer no futuro. Porém, isso vai depender de como as empresas enxerguem e definam o teletrabalho. Para o autor as grandes empresas são as primeiras a implantar o teletrabalho, muito provavelmente pelos controles e softwares disponibilizados aos seus trabalhadores, porém, a tendência em um futuro próximo que aumente o teletrabalho a outras empresas e até mesmo a regiões mais remotas. Para Fernández (1999) o teletrabalho implica em uma modificação importante do conceito tradicional de jornada e local de trabalho, ou seja, tempo e espaço e isso influenciou de maneira extraordinária tanto no trabalhador como para a empresa. Porém, existem preocupações com relação a segurança de dados da empresa e questões contratuais e legais por parte dos empregados, o autor apresenta algumas das características de personalidade que deve possuir o teletrabalhador:

- Espírito empreendedor;
- Capacidade de assumir riscos e de tomar decisões, capacidade de iniciativa;
- Automotivação, autocontrole e autodisciplina;
- Capacidade de trabalhar por resultados;
- Capacidade de organização;
- Capacidade para trabalhador com contato social reduzido;
- Dotes de comunicador;
- Capacidade de equilibrar o trabalho com as responsabilidades domésticas;
- Não ser um adicto do trabalho, consciência de segurança.

Fernández (1999) afirma que planificar é estabelecer uma ordem de prioridades, é decidir que ações tomar, como e quando e com quais recursos poderá contar, pois essas ações planejadas são importantes para obter os resultados esperados. Dessa forma, as vantagens para a empresa com o teletrabalho são importantes, principalmente com a redução de custos com o aluguel, com os espaços, com os móveis de escritório, com a manutenção, com os subsídios de transporte, custos com alimentação, entre outros. Os custos da empresa reduzem devido ao menor número de funcionários presentes, ou seja, reduz o custo imobiliário entre outras despesas. Estudos americanos apontam que a redução de

custos para uma empresa pode chegar até 30% quando ele passa a trabalhar na sua residência. O trabalho remoto permite ganhos financeiros pois as empresas podem se instalar com maior facilidade em regiões de menor custo (aluguel, impostos), isso inclui a mão de obra, sendo assim terão maior vantagem competitiva (TROPE,1999).

Já para o trabalhador, as vantagens também são atrativas, pois ele reduz tempo de deslocamento com transporte, aumenta a sua flexibilidade de horário e sobretudo no que diz respeito a sua saúde mental (tensão). Fernández (1999) também considera que os ganhos para o meio ambiente são de alguma maneira importantes, pois com a redução de deslocamento por transporte urbano e automóveis diminui os impactos no meio ambiente, como a redução da poluição e o uso de recursos naturais. Além disso, os edifícios e instalações das empresas podem ser menores, resultando assim o menor impacto ao meio ambiente (energia e recursos) (FERNANDEZ, 1999). Trope (1999) afirma que horários flexíveis e maior liberdade de ação pode tornar as pessoas altamente produtivas e por consequência melhor qualidade nas tarefas. O que importa é o resultado e não o horário que os funcionários chegam e estão produzindo, o lema passa a ser “liberdade com responsabilidade”. O autor complementa que outra vantagem proporcionada é a possibilidade de combinar competências do teletrabalhador com as necessidades da empresa em determinadas posições, podendo adequar as tarefas e os funcionários sem depender da sua localização ou estar presente na empresa.

Vilarinho et al. (2020) afirmam que diversos estudos apontam aspectos negativos referente ao teletrabalho, como exemplo podemos mencionar a suporte técnico deficitário, a velocidade da internet, problemas com softwares, a dificuldade de comunicação com demais colegas, isolamento social, a sobrecarga e horas extras, e a regulamentação legal do trabalho remoto. Os autores também abordam a questão de visibilidade do trabalhador frente a seus superiores e a empresa, ou seja, não existe uma avaliação completa do desempenho e acompanhamento por parte dos gestores e a devida avaliação. Segundo Trope (1999), devemos estar atentos a outros aspectos que ocorrem e que poderiam ser rapidamente resolvidos se os trabalhadores estivessem no mesmo local de trabalho, como pequenos problemas e dúvidas a serem resolvidas, pois nesses casos as trocas de e-mail ou fax causariam maior perda de tempo. No livro de Dweck (2019) sobre mindset ela menciona que há pouca exatidão nas estimativas do desempenho e das capacidades, quando falta a

devida orientação para o aprendizado. Isso se dá com parte dos trabalhadores que atuam em home office, falta o devido acompanhamento de tarefas e desempenho.

De acordo com Fernández (1999) os inconvenientes para a empresa com o teletrabalho podem vir do próprio conservadorismo empresarial que pode neutralizar “teletrabalharização”. Outro ponto, é o enquadramento legal do teletrabalho, pois ainda não é claro nem para a empresa, nem para o trabalhador. Para o autor o isolamento é considerado o maior problema para os teletrabalhadores, além disso, eles estão preocupados em ser esquecidos no momento de uma promoção interna dada a sua ausência física na maior parte do tempo. O isolamento social, a falta de comunicação com os colegas, superiores e pares é um dos pontos negativos do trabalho remoto, por isso as empresas devem estar atentas a isto e buscar formas de mitigar estas questões a fim de não afetar psicologicamente os seus colaboradores.

Para Fernández (1999) muitos trabalhadores têm reclamado que com o teletrabalho, acabam trabalhando mais horas do que se estivessem no escritório, gerando inconvenientes como a falta de relação com o companheiro, menos tempo para si mesmo e menos tempo para a família, além da falta de convívio social. Trope (1999) alega que os impactos psicológicos no teletrabalhador merecem cuidado especial, pois existem impactos negativos a serem considerados, como as interações sociais e sentimentos que são altamente afetados com a implantação do trabalho remoto. Trope (1999) sustenta que as trocas de afetividade reduzem, as relações interpessoais formais e informais diminuem e até podem ser eliminadas. Consequentemente nas organizações virtuais, estas questões relativas aos aspectos sociais e psicológicos serão inevitavelmente afetadas. Nas palavras de Trope (1999), durante a implantação do trabalho remoto poderá haver um choque cultural, porque trocar um ambiente conhecido, familiar e onde existe trabalho em grupo por um ambiente isolado, não é uma tarefa fácil, principalmente pelo isolamento social. Atualmente o trabalho remoto já é considerado parte da rotina de muitas empresas, na década de 90 a ideia do trabalho remoto não era muito clara para empregadores e funcionários, até mesmo em relação aos benefícios, como saúde mental, sobre a administração do tempo, etc. Para Loustau (2020), já é percebido alguns benefícios de maneira mais clara, como a otimização de processos e por consequência a redução de gastos, a possibilidade de trabalhar a distância e assim gerenciar melhor o tempo, existe uma maior e melhor comunicação atualmente, comparado a

décadas anteriores. As empresas devem oferecer programas ou ferramentas de interação diferentes ao adotar o home office, pois se fazem necessárias para manter os funcionários integrados e mentalmente saudáveis ao estar alterando a sua rotina. Podem ser programas de integração, de bem-estar e reuniões sociais que podem fazer parte da nova política, e assim, reduzindo o nível de estresse ou desconfiança por parte dos colaboradores.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou o método Estudo de caso, de natureza exploratória descritiva e abordagem qualitativa. Teve início a partir de uma revisão bibliográfica e literária de materiais publicados em livros, artigos e revistas eletrônicas com publicações e conceitos voltados ao teletrabalho, home office, trabalho remoto, e suas respectivas vantagens e desvantagens. Os métodos de coleta utilizados foram: entrevista semiestruturada, questionário e análise documental. Os participantes deste estudo foram 35 funcionários de uma empresa multinacional do segmento automotriz com presença em 31 países, com 184 plantas em todos os continentes, porém, este trabalho esteve focado apenas nestes 35 colaboradores que trabalham em diferentes plantas dentro México, onde existem 17 plantas fabris de distintas divisões (Product Group), ou seja, com produções de produtos diversos. Foram considerados os colaboradores que são elegíveis as práticas do trabalho remoto, de acordo com as funções desempenhadas e onde seus gestores possam outorgar esta forma de trabalho. Este estudo se aplicou em todas as divisões (linha de produtos) e fábricas dentro do México, com produtos e serviços distintos entre as fábricas. O processo de coleta de dados foi realizado por meio de um questionário enviado a estes 35 colaboradores da empresa, dos quais, todos os funcionários responderam a esta pesquisa. Dentre estes colaboradores, foram aplicadas a diferentes departamentos e níveis hierárquicos, de analistas a diretores e que atuam em diferentes plantas dentro do país.

O questionário utilizado neste estudo foi uma adaptação da pesquisa aplicada e validada por Vilarinho et al. em 2020. O questionário foi enviado por meio do Google Forms, uma das ferramentas mais utilizadas pela empresa para obter dados e respostas resultantes de pesquisas internas. Além disso, também foram realizadas duas entrevistas com dois gestores da empresa, o gerente de Recursos Humanos, que chamaremos de Gestor A, e o gerente do departamento de Pós-

Vendas, que chamaremos de Gestor B, estas nomenclaturas foram usadas para manter o sigilo dos nomes dos participantes.

O método utilizado para a análise dos resultados foi a análise de conteúdo, possibilitando a análise das categorias (informação, comunicação, trabalho remoto) elencadas a partir da teoria desenvolvida no referencial teórico do estudo. A pesquisa e desenvolvimento deste trabalho foi realizado com o apoio e suporte do departamento de Recursos Humanos da empresa, aprimorando os métodos de retenção de talento, flexibilidade e comprometimento de ambas as partes envolvidas neste processo. Abordamos também as informações referentes à missão e visão do grupo, as políticas adotadas e propostas com relação ao trabalho remoto em diferentes empresas e segmentos (Business Group e Product Group) e o programa da empresa chamado Bem-estar.

3.1 Empresa

A empresa/grupo tem como sua missão estratégica: Nossos sistemas fazem viagens e transportes seguros, limpos (green) e agradáveis. Sua visão abrange fazer o dia a dia melhor para as pessoas. Dessa forma, um dos objetivos do grupo foi regulamentar o modelo de trabalho remoto dentro da empresa para ser utilizado pelos funcionários elegíveis, a finalidade disso é o exercício das funções profissionais a distância, utilizando as tecnologias remotas da empresa. Os funcionários elegíveis são os que possuam computador (notebook corporativo) e que tenham suas funções compatíveis fora do ambiente da empresa, ou seja, que possam realizar suas atividades de forma igual dentro e fora da empresa.

Este programa prevê que o funcionário possa conciliar sua vida profissional e pessoal, seguindo as políticas da empresa, estar alinhado com o seu gestor e contribuindo também para a mobilidade urbana. O Home Office é de livre escolha do funcionário, com isso a empresa não irá proporcionar internet banda larga ou outro equipamento que possa gerar custos adicionais a empresa e ao funcionário. Também é importante que o funcionário esteja ciente de todas as políticas, direitos e deveres ao realizar a atividade remota, como por exemplo, a ergonomia e segurança do trabalho.

O bem-estar no trabalho significa trabalho seguro, saudável e produtivo, liderada por gestores que apoiam o trabalho e orientam de forma correta. Isto está

relacionado com todos os aspectos da vida no trabalho, a qualidade e segurança do ambiente físico, até a forma como os trabalhadores se sentem em relação ao seu trabalho e ao ambiente.

A empresa acredita que o bem-estar no trabalho é essencial para criar um ambiente de trabalho positivo, sendo o principal fator aumentar o engajamento dos colaboradores e consequentemente, alcançar melhor desempenho. São 5 pilares que norteiam este programa:

1° Ambiente de Trabalho Positivo: A empresa deseja proporcionar um ambiente de trabalho positivo para todos os colaboradores, incluindo segurança e higiene no trabalho, proteção a saúde, ergonomia e prevenção de riscos psicológicos e sociais.

2° Equilíbrio entre o Trabalho e a Vida Pessoal: A carreira de um colaborador não deve superar a capacidade do indivíduo de desfrutar de uma vida pessoal adequada fora do ambiente de trabalho.

3° Realização e Reconhecimento: A necessidade de reconhecimento, a consideração do trabalho feito, a remuneração adequada e equitativa e o desenvolvimento da carreira são essenciais para a empresa, a fim de desenvolver o engajamento e desempenho dos colaboradores.

4° Local de Trabalho Não Discriminatório e Sem Assédio: o grupo afirma o direito de todos os colaboradores a trabalharem em um ambiente livre de assédio e discriminação (Código de Ética).

5° Tomando Decisões de Autonomia e Flexibilidade: A empresa acredita que a autonomia no processo de tomada de decisão é o reconhecimento das competências dos colaboradores ao aumentar o desempenho de equipes e indivíduos.

Este programa visa melhorar o ambiente de trabalho, a satisfação dos colaboradores e engajamento. São realizadas pesquisas de clima e planos de ação para melhorar o ambiente de trabalho. Além disso, são promovidos programas de treinamentos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste estudo, a pesquisa foi realizada por meio do Google Forms com 15 questões aplicadas e adicional a esta foram entrevistados dois gestores do grupo e

de áreas diferentes para observar opiniões e pontos de vista diferentes de cada um dentro de suas respectivas realidades, a estes gestores iremos denominá-los durante a análise de resultados como Gestor A e Gestor B, comparando e detalhando as suas respostas com os demais resultados obtidos com a pesquisa.

Em relação a amostra pesquisada, 36,4% dos entrevistados responderam que tem entre 5 e 10 anos de empresa e 30,3% têm entre 3 a 5 anos de serviços prestados, estes foram os dois maiores percentuais apresentados entre os que responderam ao questionário. Ambos os gestores (A e B) têm mais de 5 anos atuando dentro da companhia e conhecem a cultura da empresa e o segmento em que atuam, isto é importante para que o resultado da entrevista seja avaliado e depurado da melhor forma, podendo contribuir para ações futuras, aprimoramentos e entender melhor as vantagens e desvantagens do trabalho remoto dentro da empresa e grupo.

A maioria, ou seja, 54,5% dos entrevistados estão na faixa etária de 36 a 45 anos. Igualmente os gestores A e B se encontram dentro desta faixa de idade. Quando olhamos para o setor de atuação, temos percentuais parecidos, 24,2% dos respondentes são da área de recursos humanos, 21,2% são da engenharia, 18,2% são da área comercial e pós-vendas, 15,2% são da área de compras e logística e 12,1% do departamento financeiro. No caso dos gestores entrevistados, o gestor A atua na área de Recursos Humanos e o Gestor B no departamento de Pós-Vendas. Quando perguntamos sobre o nível acadêmico, 57,6% têm superior completo e 42,4% com pós-graduação. O Gestor A tem nível acadêmico de pós-graduação, enquanto o Gestor B nível de licenciatura completa.

Quando questionados sobre os recursos fornecidos pela empresa para que possam trabalhar remotamente, ou seja, se a empresa fornece computador, celular, etc, 63,6% dos entrevistados dizem que concordam parcialmente. Neste caso, recursos como internet, mesas e cadeiras não são oferecidos. Ambos os gestores entrevistados concordam parcialmente que a empresa oferece os recursos necessários para executar as atividades em casa, porém, eles comentam que não tem o serviço de internet fornecido pela empresa. Segundo Kim e Mauborgne (2005) uma das barreiras encontradas nas organizações é a limitação de recursos, e quanto maior for a mudança, mais recursos serão necessários para executá-la.

Quando perguntados sobre os recursos disponíveis em suas casas, como velocidade de internet, suporte técnico para poder realizar suas atividades no tempo

determinado, 48,5% concordam totalmente e 45,5% dos entrevistados concordam parcialmente, sendo assim, entendem que os recursos que eles possuem são suficientes para realizar um bom trabalho. Na mesma linha de resposta, os gestores A e B concordam que possuem os recursos como internet, suporte técnico necessário para entregar suas atividades no tempo proposto. Kim e Mauborgne (2005) afirmam que ao aprender a usar os recursos existentes de maneira certa as empresas geralmente concluem que pode desequilibrar e derrubar de vez a Barreira dos recursos, ou seja, mesmo não tendo todos os recursos necessários é possível preencher realizar as atividades

Sobre a interação com os gestores, suas equipes e colegas, os entrevistados foram perguntados se houve uma redução do contato entre eles, para 33,3% dos que responderam o questionário discordam parcialmente, porém, 27,3% dos entrevistados concordam parcialmente. Este contraste se deu devido as diferentes áreas e a forma de atuar de cada área, pois as mais técnicas exigem um maior contato, exemplo produção e engenharia, diferentemente por exemplo da área de RH. O Gestor A discorda que diminuiu a sua comunicação com o seu superior, com a sua equipe e pares ao trabalhar remotamente, porém, o Gestor B sim, diz que o afetou significativamente, corroborando os valores encontrados no resultado da pesquisa. Segundo Chamine (2013), é impossível um relacionamento, seja ele pessoal ou profissional, alcançar seu potencial total sem abraçar e controlar o poder dos conflitos que surgem inevitavelmente.

Para 30,3% dos que responderam à pesquisa, dizem que as distrações ou interrupções em casa não são maiores que no escritório. O Gestor A entende que as distrações ou interrupções em sua casa não são menores que trabalhando no escritório, ou seja, se equivalem, já para o Gestor B sim, sente que existem maiores interferências da família.

Quando perguntados sobre a comunicação e obtenção de respostas por parte de suas equipes e/ou outras áreas, 33,3% discordam parcialmente, pois entendem que não foram afetados, mas para 27,3% (concordam parcialmente) sim teve algum impacto. Novamente aqui vemos que áreas como comercial, engenharia e produção sofrem um maior impacto. Ambos os gestores concordam que a comunicação e a obtenção de respostas são mais lentas estando em suas casas, porém para o Gestor B o impacto é maior devido a estar em uma área mais técnica. Neste mesmo sentido, entendem que seu desempenho, produtividade e qualidade também obteve

uma melhora ao trabalhar remotamente. Como mencionado por Kiyosaki (2016), a comunicação deve ser exitosa e para que isso aconteça está diretamente relacionada com a retroalimentação dos nossos interlocutores.

Referente a melhora do planejamento e a organização do trabalho (prazos e qualidade de entrega) ao adotar o trabalho remoto, 36,4% dos entrevistados dizem não concordar e nem discordar e 30,3% concordam parcialmente. A maioria entende que não houve mudanças na sua rotina de planejamento e organização das atividades, estando em casa ou no escritório. O mesmo foi relatado pelos gestores A e B, pois entendem que a organização e planejamento do seu trabalho e de suas atividades melhoraram. Para Covey (1991), a auto supervisão se converte em um processo prático no qual os indivíduos planificam executam e controlam a sua própria gestão dentro do convênio. O ganhar-ganhar facilita autonomia eficaz na qual os indivíduos têm acesso aos elementos primários do poder: o conhecimento, a técnica, o desejo e a oportunidade.

Quando perguntados sobre a produtividade, 39,4% dos entrevistados dizem concordarem parcialmente com o aumento da sua produtividade, qualidade e eficiência ao adotarem o home office. Na mesma linha de pensamento e respostas, os gestores entrevistados concordam parcialmente que houve melhora na produtividade, qualidade e eficiência. Kim e Mauborgne (2005), afirmam que comprometimento, confiança e cooperação voluntária em criam condições para que as empresas se destaquem na qualidade na velocidade e na consistência de execução da estratégia de modo a implementar mudanças estratégicas com rapidez e baixo custo.

Ao serem perguntados se acreditam que possam ser promovidos mesmo trabalhando remotamente, para 39,4% dos que responderam à pesquisa dizem concordarem totalmente com esta afirmação. Os gestores A e B afirmam que sua opinião é neutra (não concorda e nem discordam) quando perguntados se podem receber uma promoção ao trabalhar remotamente, pois isto não compete apenas a eles e sim a vários fatores e aos seus gestores diretos e indiretos, bem como a abertura de novas oportunidades. Para Dweck (2019), pessoas que estiverem orientadas para o aprendizado terão a necessidade de informações exatas sobre sua capacidade a fim de aprender com eficiência. Em seu livro *Mentes extraordinárias*, Howard Gardner concluiu que os indivíduos extraordinários possuem “um talento especial para identificar seus próprios pontos fortes e fracos.”

Sobre a qualidade de vida, 48,5% dos entrevistados afirmam que sua qualidade de vida melhorou ao adotar o trabalho remoto, a maioria respondeu que concorda totalmente. A qualidade de vida de ambos os gestores, segundo as suas avaliações há tido uma significativa melhora, principalmente por conviver mais com a família, principalmente para o gestor B que tem familiares em outra cidade, fora da região de atuação. Chamine (2013) afirma que o equilíbrio entre trabalho e a vida costuma ser interpretado em termos de quanto tempo é passado no trabalho em comparação ao tempo passado com a família e resolvendo assuntos pessoais. Apesar de ser desejável criar uma alocação de tempo mais equilibrada, você pode instantaneamente melhorar o seu equilíbrio entre trabalho e vida, e isso não se concentra apenas na quantidade de tempo, mas no que é importante, ou seja, na qualidade do tempo que você faz o que é importante para você.

Ao tratarmos de gastos pessoais como combustível, alimentação, estacionamento e tempo, para 51,5% dos colaboradores afirmam e concordam totalmente que seus gastos diminuíram após aderir ao trabalho remoto. Os Gestores A e B também concordam que seus gastos reduziram ao aplicar o home office.

E para finalizar a pesquisa, 33,3% dos respondentes concordam parcialmente que aumentaram as dificuldades para gerir e acompanhar suas equipes a distância. Em relação a opinião dos gestores entrevistados há uma diferença na percepção em relação as dificuldades de gerenciar as suas equipes, o Gestor A da área de recursos humanos disse que não aumentaram as dificuldades para lidar com a sua equipe ao trabalhar home office e concedendo este mesmo benefício aos seus liderados. Porém, o Gestor B da área de pós-vendas menciona que aumentaram as dificuldades para liderar, pois por tratar-se de um trabalho mais técnico e ativo em campo, a falta de contato e interação presencial tem afetado a sua gestão. De acordo com Kim e Mauborgne (2005), quando existe confiança entre as pessoas elas se sentem mais seguras quanto as intenções e ações umas das outras, e quando elas estão comprometidas mostram-se mais dispostas a sacrificar seus interesses próprios em favor dos interesses da empresa.

O quadro 1 a seguir mostra um resumo dos resultados do questionário aplicado aos colaboradores de diferentes unidades fabris no México. A empresa objeto deste estudo é uma multinacional do segmento automotriz, líder mundial em seu segmento e que no México possui dezessete fábricas com diferentes produtos

para atender ao ramo automotivo. Foram aplicadas quinze questões, as quais foram categorizadas por: demográficas, de informação, de comunicação e trabalho remoto.

Neste quadro podemos ver os percentuais e respostas dos entrevistados que são importantes para uma análise mais criteriosa e com o objetivo de melhorar os processos, as políticas e/ou práticas.

Quadro 1: Quadro Resumo da Análise dos resultados

Categoria	Questão	% Representatividade e comentários
Demográfica	Tempo de empresa	36,4% dos entrevistados que responderam que tem entre 5 e 10 anos de empresa. E 30,3% dos participantes tem entre 1 e 5 anos de empresa.
Demográfica	Faixa etária	54,5% dos entrevistados estão na faixa etária de 36 a 45 anos. O segundo maior percentual (21,2%) estão entre 31 e 35 anos.
Demográfica	Setor de atuação	24,2% dos respondentes são da área de recursos humanos, 21,2% são da engenharia, 18,2% são da área comercial e pós-vendas, 15,2% são da área de compras e logística e 12,1% do departamento financeiro.
Demográfica	Nível de estudos	57,6% têm superior completo e 42,4% com pós-graduação.
Informação	Recursos para trabalhar remotamente	63,6% dos entrevistados dizem que concordam parcialmente quando se trata dos recursos fornecidos pela empresa. E 36,4% concordam totalmente.
Informação	Recursos disponíveis em casa	Quando perguntados sobre os recursos disponíveis em suas casas, como velocidade de internet, suporte técnico para poder realizar suas atividades no tempo determinado, 48,5% concordam totalmente e 45,5% dos entrevistados concordam parcialmente. Os gestores A e B concordam que possuem os recursos como internet, suporte técnico necessário para entregar suas atividades no tempo proposto.
Comunicação	Interação com gestores e equipe	Para 33,3% (a maioria) discorda parcialmente, porém, 27,3% dos entrevistados concordam parcialmente que houve uma redução.
Comunicação	Distrações e Interrupções	Para 30,3% dos que responderam à pesquisa, dizem que as distrações ou interrupções em casa não são maiores que no escritório. 24,2% discordam parcialmente, neste caso vemos que a maioria entende que não existe uma diferença entre trabalhar no escritório e em casa. E 21,2% nem concorda e nem discorda.
Comunicação	Comunicação e obtenção de respostas	Quando perguntados sobre a comunicação e obtenção de respostas por parte de suas equipes e/ou outras áreas, 33,3% discordam parcialmente, pois entendem que não foram afetados, mas para 27,3% (concordam parcialmente) sim teve algum impacto.

Trabalho Remoto	Planejamento e organização do trabalho	Ao adotar o trabalho remoto, 36,4% dos entrevistados dizem não concordar e nem discordar e 30,3% concordam parcialmente. A maioria entende que não houve mudanças na sua rotina de planejamento e organização das atividades, estando em casa ou no escritório.
Trabalho Remoto	Produtividade e eficiência	39,4% dos entrevistados dizem concordarem parcialmente com o aumento da sua produtividade, qualidade e eficiência ao adotarem o home office. 33,3% não concordam e nem discordam. E para 21,2% dizem concordar totalmente.
Trabalho Remoto	Promoções	39,4% acreditam que possam ser promovidos. Concordam parcialmente 30,3% dos entrevistados e 27,3% não concordam e nem discordam.
Trabalho Remoto	Qualidade de vida	48,5% dos entrevistados afirmam que sua qualidade de vida melhorou ao adotar o trabalho remoto, a maioria respondeu que concorda totalmente. E seguindo esta lógica, concordam parcialmente 36,4% .
Trabalho Remoto	Redução de gastos	Para 51,5% dos colaboradores afirmam e concordam totalmente que seus gastos diminuíram após aderir ao trabalho remoto. Os Gestores A e B também concordam que seus gastos reduziram ao aplicar o home office. Similar a esta resposta os que concordam parcialmente foram 30,3% .
Trabalho Remoto	Dificuldades para gerir equipes	33,3% dos respondentes concordam parcialmente que aumentaram as dificuldades para gerir e acompanhar suas equipes a distância. Para 24,2% dos que responderam o questionário, não concordam e nem discordam, foram neutros. Em 21,2% estão parcialmente em desacordo. Em relação a opinião dos gestores entrevistados há uma diferença na percepção em relação as dificuldades de gerenciar as suas equipes, o Gestor A da área de recursos humanos disse que não aumentaram as dificuldades para lidar com a sua equipe ao trabalhar home office e concedendo este mesmo benefício aos seus liderados. Porém, o Gestor B da área de pós-vendas menciona que aumentaram as dificuldades para liderar, pois por tratar-se de um trabalho mais técnico e ativo em campo, a falta de contato e interação presencial tem afetado a sua gestão.

Fonte: Desenvolvido pelo Autor

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados encontrados neste estudo de caso, entende-se que a maioria dos colaboradores da empresa analisada em algumas plantas no México percebem o trabalho remoto de maneira positiva, pois traz benefícios em relação a sua qualidade de vida e repercute no seu rendimento profissional de forma positiva.

Eles também percebem um benefício ou vantagem em relação a redução de gastos, como por exemplo tempos de deslocamentos, redução de gastos com combustível e economia de dinheiro com alimentação. Podemos visualizar em algumas das respostas que nas áreas de Recursos Humanos e Finanças é mais prático, mais fácil e aplicável o home office comparado a outras áreas que estão mais ligadas aos processos produtivos, aos produtos, ao mercado e aos clientes, ou seja, onde requer maior presença e interação dos funcionários seja com clientes internos ou externos. Isso é um fator determinante e importante para a tomada de decisão sobre flexibilizar ou não o trabalho.

Com os resultados obtidos durante esta pesquisa e nas entrevistas, podemos observar e identificar pontos de melhoras ao tornar o home office uma política dentro das empresas, por exemplo, o fornecimento de mesa e cadeiras ergonômicas aos funcionários e um subsídio para pagar a internet e energia elétrica. Por outro lado, os funcionários identificaram que tem maior comodidade trabalhando em suas casas, evitando trânsito, acidentes, violência urbana entre outros possíveis impactos na rotina casa-trabalho-casa. Também consideram importante que eles economizam mais, pois reduzem o consumo de combustível, entre outros gastos por estarem fora de casa.

Esta pesquisa poderá ser usada para validar e melhorar aspectos e políticas importantes dentro da empresa, servindo como balizador para aplicar novas ações a fim de proporcionar melhor qualidade de vida aos colaboradores e ao mesmo tempo trazer melhores resultados e desempenho de suas equipes e departamentos. Para futuras pesquisas e estudos sobre o tema abordado sugere-se que sejam realizados estudos de forma mais restrita, individual ou específica dentro de cada departamento das empresas, sem mesclar num primeiro momento, para ser possível perceber por que para alguns departamentos funcionam melhor algumas políticas e práticas do home office do que para outros. Como limitações deste estudo, traz-se a limitação da amostra, uma vez que não foi possível realizar entrevistas com os gestores de todos os setores e do tempo para coleta, não possibilitando aguardar uma quantidade maior de questionários respondidos.

REFERENCIAS

AUDY, Jorge Luis Nicolas; ANDRADE, Gilberto Keller; CIDRAL, Alexandre. **Fundamentos de sistemas de informação**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CHAMINE, Shirzad. **Inteligência positiva**. São Paulo: Schwarcz, 2013.

COVEY, Stephen R. **Principle centered leadership**. New York: Simon & Schuster Consumer Group, 1991.

DWECK, Carol S. MINDSET. **A nova psicologia do sucesso**. São Paulo: Schwarcz, 2019.

FERNÁNDEZ, Antonio Barrero. **El Teletrabajo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

GALLO, Carmine. **TED falar, convencer, emocionar**. São Paulo: Saraiva, 2014.

JOHNSON, Kevin D. **A mente do empreendedor**. Bauru: Astral Cultural, 2013.

KIYOSAKI, Robert T. **8 lecciones de liderazgo militar para emprendedores**. New York: Penguin Random House, 2016.

KIM, Chan W.; MAUBORGNE, Renée. **A estratégia do oceano azul**. 16.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de marketing**. 9.ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2003.

KULGEMASS, Joel. **Teletrabalho**: novas oportunidades para o trabalho flexível. São Paulo: Atlas, 1996.

MELLO, Alvaro. **Teletrabalho (telework)**: o trabalho em qualquer lugar e a qualquer hora. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

MONTANA, Patrick J.; CHARNOV, Bruce H. **Administração**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

TROPE, Alberto. **Organização virtual**: impactos do teletrabalho nas organizações. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

GALLI, Eva. **Reinventando las organizaciones con nuevos modelos organizacionales**. Disponível em: <https://www.equiposytalento.com/talentstreet/noticias/2020/01/15/reinventando-las-organizaciones-con-nuevos-modelos-organizacionales/3856/>. Acesso em: 8 set. 2022.

JUSTO, Andreia. **5 motivos que mostram que trabalhar em Home Office é mais produtivo**. Disponível em: <https://www.euax.com.br/2020/03/home-office-e-mais-produtivo/>. Acesso em: 1 set. 2022.

LOUSTAU, Lorena. **Las cuatro competencias del profesional digital**. Disponível em: https://www.rrhhdigital.com/secciones/tecnologia-e-innovacion/144258/Las-cuatro-competencias-del-profesional-digital?target=_self. Acesso em: 1 set. 2022.

ROCHA, Bruna. **Home office**: o ponto de equilíbrio entre a qualidade de vida e a produtividade. Disponível em: <https://www.sobratt.org.br/site2015/wp-content/uploads/2016/03/BRUNA-SAIBRO-DA-ROCHA-FINALIZADO-PRONTO.pdf>. Acesso em: 1 set. 2022.

SOUZA, Karina. **Em tempos de home office, os coworkings decolam no Brasil**. Disponível em: <https://exame.com/negocios/em-tempos-de-home-office-os-coworkings-decolam-no-brasil/>. Acesso em: 8 set. 2022.

TRÊS fatores que tornam o home office mais produtivo do que trabalhar no escritório: Fundador e CEO da startup Aha! conta porque sua empresa funciona sem escritório. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2020/03/tres-fatores-que-tornam-o-home-office-mais-produtivo-que-trabalhar-no-escritorio.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

VILARINHO, Karina. Teletrabalho na atualidade: quais são os impactos no desempenho profissional, bem-estar e contexto de trabalho?. **Revista do Serviço Público (RSP)**, Brasília, v. 72, n. 1, p. 133-162 jan./mar. 2021.



GESTÃO HOSPITALAR: UMA ANÁLISE DO DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DE HOSPITAIS REFERÊNCIAS

HOSPITAL MANAGEMENT: AN ANALYSIS OF THE ECONOMIC AND FINANCIAL PERFORMANCE OF REFERENCE HOSPITALS

MADALENO, Julia Muniz ¹

MARTINS, Marco Antônio dos Santos ²

FARIAS, Everton da Silveira ³

Resumo: As demonstrações financeiras são geradas a partir de fatos econômicos-financeiros e são compostas de dados que, convertidos em indicadores, tornam-se uma ferramenta de informação importante para análise da empresa e para tomada de decisão. A gestão hospitalar é uma área complexa e a implementação de sistemas de contabilidade e controle de custo é um desafio nessas organizações. Considerando a importância das práticas de controle de gestão nas organizações hospitalares, o objetivo deste estudo é avaliar o desempenho econômico-financeiro de hospitais do sul e sudeste do Brasil no período de 2014 a 2019, a fim de verificar qual a situação econômico-financeira dessas organizações. A pesquisa caracteriza-se como quantitativa, descritiva e documental. A população estudada são hospitais públicos, privados e sem fins lucrativos das regiões sul e sudeste do Brasil. A amostra foi definida de forma não probabilística. A análise dos dados foi realizada por *Cluster* ou conglomerados. Foram coletadas 100 demonstrações financeiras de

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: juliamadalenom@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade - PPGCONT - UFRGS. E-mail: mmartins@ufrgs.br

³ Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade - PPGCONT - UFRGS. E-mail: farias@ufrgs.br

20 hospitais e aplicados 9 indicadores econômico-financeiros baseados no tripé liquidez, endividamento e rentabilidade. Os resultados demonstraram que os hospitais da amostra apresentam dificuldades financeiras refletidas no baixo desempenho dos índices de rentabilidade, altos níveis de endividamento e sucessivos períodos com prejuízo.

Palavras-chave: Análise de desempenho. Indicadores econômico-financeiros. Gestão hospitalar. Hospitais.

Abstract: The accounting statements are generated from economic and financial information and are composed of data that, converted into indicators, become an important information tool for company analysis and decision making. Hospital management is a complex area and the implementation of accounting and cost control systems is a challenge for these companies. Attention to the importance of management control practices in hospital associations, the objective of this study is to evaluate the economic and financial performance of hospitals in the south and southeast of Brazil from 2014 to 2019, in order to verify the economic and financial situation of these companies. The research stands out as quantitative, descriptive and documentary. The studied population are public, private and non-profit hospitals in the south and southeast regions of Brazil. The sample was defined in a non-probabilistic way. Data analysis was performed by Cluster or conglomerates. It were collected 100 accounting statements from 20 hospitals and it was applied 9 economic/financial indicators based on the tripod liquidity, indebtedness and profitability. The results showed that sample hospitals have financial difficulties reflected in the low performance of the profitability indexes, high levels of indebtedness and previous successive losses.

Keywords: Performance analysis. Economic and financial indicators. Hospital administration. Hospitals.

1 INTRODUÇÃO

Hospital é uma organização de estrutura complexa que presta serviços especializados e que apresenta funções diferenciadas. As habilidades e a formação da força de trabalho, a estrutura organizacional e a especificidade dos serviços tornam o gerenciamento e o controle das atividades difíceis nessas instituições (SOUZA *et al.*, 2009a). De acordo com Carpintéro (1999), os sistemas de gestão e financiamento em saúde, tanto em estabelecimentos públicos quanto privados, apresentam uma série de problemas administrativos e técnicos, os quais estão ligados à dificuldade em estabelecer controles e mecanismos adequados de regulação, levando com isso a um círculo vicioso com graves prejuízos para a população: aumento dos custos; ausência de instrumentos de eficiência e gestão;

adoção de limites orçamentários nos gastos; redução na oferta de serviços para a população.

As características das organizações hospitalares envolvem complexidade dos processos operacionais, multiplicidade de arranjos de financiamento, diferentes tipos de propriedade e arranjos organizacionais, fazendo com que a concepção e implementação de sistemas de contabilidade e controle seja um desafio para essas organizações (FREITAS *et al.*, 2018; LA FORGIA; COUTTOLENC, 2009).

La Forgia e Couttolenc (2009) destacam ainda que assegurar o controle dessas complexas entidades envolve amplo e profundo conhecimento sobre os processos hospitalares e suas integrações. Monitorar o desempenho e uso dos recursos requer informações confiáveis e atualizadas, o que pode ser difícil de alcançar nos países em desenvolvimento.

Diante das peculiaridades relacionadas a este tipo de serviço e ao dinamismo operacional do hospital, o principal desafio da gestão hospitalar está na adoção de uma abordagem sistêmica, integrando de forma harmônica, simultânea e eficiente as diversas áreas, de maneira a garantir uma gestão administrativa e assistencial de qualidade (MADALENO, 2015).

Nesse sentido e, considerando um cenário que cada vez mais exige das organizações respostas ágeis e eficazes, a análise das demonstrações financeiras se apresenta como um instrumento fundamental para administração dos negócios (LIMA; LIMA, 2013). A análise das demonstrações contábeis é importante para as organizações e agrega valor às informações, uma vez que possibilita indicar os fatos ocorridos, determinar a situação atual e possibilita uma visão das tendências futuras (OLIVEIRA *et al.*, 2010). Os dados gerados desta análise permitem concluir se a empresa vem sendo bem ou mal administrada, se têm condições de pagar as suas dívidas, se merecem ou não créditos, se são ou não lucrativas, se continuarão operando, dentre outras informações importantes (MATARAZZO, 2010).

Desta forma, a análise econômico-financeira das organizações hospitalares se mostra relevante por constituir uma forma de avaliar a posição atual da empresa, verificar o cumprimento das metas estabelecidas e, ao mesmo tempo, inferir o que pode acontecer no futuro, fornecendo assim subsídio para uma tomada de decisão mais precisa e eficaz.

A partir deste contexto, considerando a relevância do tema, esse estudo busca responder a seguinte questão: **qual a situação econômico-financeira de hospitais referências, sejam públicos, privados e sem fins lucrativos?**

Considerando a importância das práticas de controle de gestão nas organizações hospitalares, este artigo apresenta o desempenho econômico-financeiro de hospitais referências no Brasil. Para isso, foram considerados os principais hospitais das regiões Sul e Sudeste do Brasil, sendo analisadas as demonstrações financeiras destas instituições no período de 2014 a 2019. Neste artigo são apresentados os indicadores econômico-financeiros dos hospitais participantes e analisados o desempenho econômico-financeiro, por meio de indicadores, traçando um comparativo entre hospitais públicos e privados. Ademais são identificadas as variáveis que influenciam o desempenho destas organizações.

Este estudo se justifica, visto que práticas de gestão nos serviços de saúde têm sido estudadas por diversos autores. (GOMES *et al.*, 2016; TANAKA, TAMAKI, 2012; RAIMUNDINI, 2003; LIMA NETO, 2011). As peculiaridades destas organizações ganham especial atenção, pois envolvem alto nível de complexidade, em virtude dos seus processos e estruturas organizacionais, o que torna o gerenciamento e o controle das atividades difíceis nessas instituições (SOUZA *et al.*, 2009a; CARPINTÉRO 1999; FREITAS *et al.*, 2018; LA FORGIA; COUTTOLENC, 2009).

A capacidade de avaliar dados e analisar situações são pontos fundamentais para tomada de decisão. Com isso, cresce a importância da administração financeira nas instituições hospitalares, que demandam de ferramentas gerenciais que possam ser utilizadas na gestão financeira (LIMA NETO, 2011).

A complexidade do ambiente hospitalar, os diferentes tipos de relação existentes entre os diversos agentes envolvidos, o fato da atividade hospitalar ter sido vista por muito tempo dissociada das questões relativas à lucratividade e rentabilidade, deixa os investidores muito cautelosos em relação à entrada nesse setor, os quais tem dúvidas se hospitais são empreendimentos rentáveis (VELOSO, MALIK, 2010).

No contexto apresentado considerou-se relevante analisar o desempenho econômico-financeiro dos hospitais, fazendo análises e comparações de indicadores de performance econômico-financeiras. Desta forma, espera-se compreender a situação econômico-financeira destas organizações, gerando informações que

possam contribuir aos gestores hospitalares e também para as pesquisas acadêmicas, visto que a gestão de resultados é tema recorrente em discussões no segmento da saúde.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A importância da gestão nos serviços de saúde

A demanda por serviços de saúde e as pressões competitivas nesse mercado vêm crescendo nos últimos anos. O cenário exige políticas eficientes que proporcionem retornos financeiros capazes de assegurar a continuidade da prestação de serviços e garantir a qualidade (GOMES *et al.*, 2016).

A gestão nos serviços de saúde tem como finalidade otimizar o funcionamento dessas organizações, de forma a obter o máximo de eficiência (relação entre produtos e recursos empregados), eficiência (alcance dos objetivos estabelecidos), efetividade (resolução dos problemas identificados (TANAKA; TAMAKI, 2012). Nesse sentido, Rotta (2004) coloca que a administração hospitalar é desafiadora, pois requer conhecimentos do ambiente político, social e tecnológico, além de um vasto conhecimento do desenho da organização e de suas estratégias. Canazaro (2007) destaca também que o setor de saúde se distingue de outros segmentos da economia, pois apresenta uma série de diferenças estruturais, como as formas de remuneração pelos serviços, a competitividade e a governança.

Seguindo nessa linha, Alves (1997) salienta que os hospitais são empresas altamente complexas e acrescenta que a utilização de instrumentos econômicos, financeiros e gerenciais na sua administração, é uma forma de melhorar o controle dos gastos e do custo da atenção médico-hospitalar, obtendo ganhos de eficiência e efetividade e melhoria constante na qualidade dos serviços oferecidos. O papel da avaliação no processo de gestão é fundamental, pois fornece elementos que subsidiam a tomada de decisão e que propiciam, melhora na eficiência, eficácia e efetividade das atividades desenvolvidas (TANAKA; TAMAKI, 2012). O controle de gestão nos hospitais, através da avaliação de desempenho, está associado à qualidade dos serviços em saúde e a eficiência dessas organizações (SOUZA *et al.*, 2009a).

2.2 Histórico da gestão nas organizações de saúde

Apesar de muitos estudos reportarem sobre a importância da avaliação no processo de gestão (ALVES, 1997; ROTTA, 2004; SOUZA et al., 2009a; TANAKA; TAMAKI, 2012), uma parcela significativa dos hospitais ainda não dispõe de sistemas de gerenciamento de custos que ofereça as informações necessárias para o controle eficiente de suas atividades e para tomada de decisões administrativas e de investimentos (ABBAS, 2001). Tais dados, confirmam os achados de Souza *et al.* (2009a), que concluem que diversos aspectos que compreendem a gestão contábil-financeira, não são observados pelas organizações hospitalares brasileiras de forma geral.

Muitos estudos relatam sobre o atraso administrativo do sistema de saúde brasileiro (GUIMARÃES; ÉVORA, 2004; FERREIRA; GARCIA; VIEIRA, 2010). Segundo Guimarães e Évora (2004), o sistema de saúde brasileiro apresenta gastos exagerados e ineficiência de recursos, não conseguindo satisfazer nem os prestadores de serviços (médicos, enfermeiros, etc.) e nem os clientes (pacientes, fornecedores, etc). Já Ferreira, Garcia e Vieira (2010), que analisaram o ramo de saúde particular, destacam que o setor ainda possui pouca profissionalização em sua administração, o que acabava dificultando o entendimento e o uso de ferramentas de gestão.

A Associação Nacional de Hospitais Privados (ANAHP) também apresentou resultados que indicam problemas na gestão dos hospitais. Em 2019 a receita líquida por paciente-dia cresceu em 3,16%, enquanto que a despesa por paciente-dia cresceu em 4,99%. Quando descontada a inflação, nota-se uma queda real de 1,10% da receita líquida por paciente-dia e um crescimento de 0,66% das despesas totais por paciente-dia (ANAHP, 2020).

Sobre esse aspecto, Raimundini (2003) ressalta que os hospitais têm enfrentado dificuldades em definir os preços dos serviços, uma vez que não possuem controle adequado dos custos incorridos e dos recursos consumidos na prestação desses.

De acordo com Souza *et al.* (2009a), a dificuldade no gerenciamento e no controle das atividades pode ser explicado pela estrutura organizacional complexa, pela especificidade dos serviços prestados e pelas habilidades e formação profissionais requeridas para suprir essas necessidades. Apesar das dificuldades advindas da

complexidade gerencial inerente aos hospitais, Lima Neto (2011) destaca que a saúde organizacional de um hospital é essencial para que este possa prover serviços de saúde adequados à população.

A respeito administração hospitalar, a adoção de adequadas ferramentas para avaliação de desempenho e estratégias de gestão pode representar significativa racionalização nos processos de prestação de serviços, com economia e melhor aplicação de recursos (SOUZA *et al.*, 2009a). Para um desempenho eficiente é necessário um gerenciamento baseado em controle de custos e análise de indicadores de desempenho, de forma que as informações úteis de diversas áreas e níveis, geradas pelos indicadores de desempenho, auxiliam os gestores no processo decisório (SOUZA *et al.*, 2009a).

Corroborando com esse pensamento, Lima Neto (2011) defende que as instituições hospitalares necessitam de ferramentas gerenciais que possam ser utilizadas na administração financeira dessas organizações, possibilitando a tomada de decisões com base na leitura das situações, dados e informações. A análise financeira, realizada por meio de indicadores econômico-financeiros cuidadosamente selecionados, é de suma importância para as instituições hospitalares (ZELLER, STANKO E CLEVERLEY, 1996).

2.3 Desempenho econômico-financeiro e análise de balanços

As demonstrações financeiras são de grande importância, pois permitem extrair informações financeiras úteis aos *stakeholders* e que podem auxiliá-los na tomada de decisão. Além disso, permitem realizar interpretações sobre operações passadas e presentes, de maneira a prever e prevenir o futuro (SEBASTIÃO, 2014). Para Assaf Neto (2012) a análise de balanços tem o objetivo relatar a posição econômico-financeira atual da empresa, com base nas informações contábeis geradas, verificando as causas que levaram a evolução apresentada e as tendências futuras. Para Matarazzo (2010) a análise permite transformar os dados das demonstrações em informações que possibilitem concluir se a empresa vem sendo bem administrada.

A finalidade da análise das demonstrações financeiras, segundo Lima e Lima (2013), é descobrir quais são os pontos fortes e fracos dentro de um sistema financeiro e operacional e com isso propor alternativas para o futuro. De acordo com

Marion (2012) a situação econômico-financeira de uma organização pode ser conhecida através da análise de três pontos fundamentais, conhecidos como tripé da análise: liquidez (situação financeira), rentabilidade (situação econômica) endividamento (estrutura de capital). A análise desses pontos, segundo o autor, é suficiente para ter uma visão considerável da empresa.

2.4 Indicadores econômicos financeiros

Os índices econômico-financeiros são elementos que representam o conceito de análise das demonstrações financeiras, através da relação entre contas ou grupo de contas das demonstrações.

Lima e Lima (2013) defendem que o cálculo dos índices, obtido por meio da divisão do saldo de um item contábil pelo saldo de outro, não pode ser visto isoladamente. Segundo Lima e Lima (2011) a criação de indicadores deve ser empregada numa análise comparativa, gerando informação contábil de caráter econômico-financeiro. Assaf Neto (2012) complementa que uma característica importante da análise são as comparações dos resultados obtidos, pois oferece um aspecto mais dinâmico e esclarecedor à posição estática das demonstrações.

2.4.1 Índice de liquidez

A liquidez refere-se à situação financeira da empresa e sua capacidade de pagamento, isso é, capacidade da empresa cobrir no vencimento todos os seus compromissos passivos assumidos. Busca medir quão sólida a empresa está e revela ainda seu equilíbrio financeiro e sua capacidade de investimento em capital de giro. Esses indicadores são extraídos do balanço patrimonial e por isso são considerados indicadores estáticos e que devem constantemente ser atualizados para uma análise correta (ASSAF NETO, 2012; MARION, 2012).

2.4.2 Índice de endividamento

Avalia a estrutura de capital, revelando a origem dos recursos da empresa e seu grau de endividamento. Esse índice aponta o volume de recursos dos proprietários (patrimônio líquido) e de terceiros (passivo circulante e exigível a longo

prazo) que a empresa utilizou para financiar o ativo (aplicação de recursos) e gerar lucro. Os índices de endividamento medem a estrutura de financiamento da empresa, sua dependência financeira por dívidas de curto prazo, a natureza de suas exigibilidades e seu risco financeiro (ASSAF NETO, 2012; MARION, 2012).

Marion (2012) ressalta que na análise do endividamento é importante detectar se o endividamento é sadio, ou seja, se a empresa está recorrendo a dívidas como um complemento ao capital próprio para realizar aplicações produtivas em seu ativo, ou se as dívidas estão sendo utilizadas para pagar outras dívidas que estão vencendo por a empresa não ter recursos suficientes para honrar seus compromissos.

2.4.3 Índices de rentabilidade

Demonstram o desempenho econômico da empresa, dimensionando o retorno sobre os investimentos realizados e a lucratividade apresentada (ASSAF NETO, 2012). De acordo com Oliveira *et al.* (2010) os índices de rentabilidade ou retorno indicam o lucro da empresa com relação aos custos e despesas realizados e aos volumes de investimentos necessários e recursos disponíveis. Esses indicadores segundo Souza *et al.* (2014) permitem avaliar o grau de êxito econômico do hospital.

Os índices voltados à lucratividade são encontrados na Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) e tem sua atenção voltada para habilidade de gerar resultados (LIMA; LIMA, 2013). Os indicadores voltados a rentabilidade avaliam a empresa sob a ótica dos ativos, patrimônio líquido ou investimento (CANAZARO, 2007).

2.5 Estudos relacionados

Conforme Assaf Neto (2012), a análise de balanços torna-se bem mais consistente quando interpretada dentro das características do setor de atividade da empresa. Assim, buscou-se fazer um levantamento dos estudos utilizando indicadores econômico-financeiros na área hospitalar. Nesse contexto, cabe mencionar o trabalho de Souza *et al.* (2009b), que através de uma revisão de literatura buscou identificar e descrever os indicadores econômico-financeiros mais

adequados para análise de desempenho de hospitais. Outros estudos exploratórios relacionados ao tema foram encontrados na literatura, os quais estão compilados no Quadro 1.

Quadro 1 - Estudos relacionados

Estudos	Objetivo geral	Período	Amostra
Canazaro (2007)	Verificar se existe diferença de performance econômico-financeira entre hospitais com e sem fins lucrativos.	1995 a 2004 (10 anos)	483 hospitais brasileiros
Veloso e Malik (2010)	Avaliar o desempenho econômico-financeiro de empresas da área de saúde, comparando hospitais, operadoras de saúde e empresas em geral.	2006 (1 ano)	100 maiores hospitais brasileiros (critério definido: tamanho da receita em 2006) incluindo sem fins lucrativos, públicos e com fins lucrativos.
Lima Neto (2011)	Contribuir para análise de práticas de administração financeira em hospitais por meio de alguns indicadores financeiros	2003 a 2008 (6 anos)	31 hospitais da região Metropolitana de São Paulo (sem fins lucrativos, públicos e com fins lucrativos).
Souza <i>et al.</i> (2014)	Desenvolver uma análise financeira de hospitais brasileiros no período.	2006 a 2011 (6anos)	23 hospitais (sem fins lucrativos, públicos e com fins lucrativos).
Gomes <i>et al.</i> (2016)	Fazer a avaliação financeira de hospitais	2009 a 2012 (4 anos)	15 hospitais de natureza pública, privada e filantrópica
Ramos <i>et al.</i> (2018)	Analisar a relação dos indicadores econômicos e financeiros com os índices de qualidade hospitalar	2011 a 2014 (4 anos)	Rede com 14 hospitais na região sul

Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Nos estudos apresentados no Quadro 1, chama a atenção a variabilidade das amostras assim como o período estudado, que variou de um a dez anos. Com relação aos indicadores utilizados nos estudos, os mesmos foram divididos por grupos (liquidez, endividamento e rentabilidade), conforme apresentado no tópico anterior. O quadro 2 demonstra os indicadores utilizados em cada um dos estudos e informa se o indicador faz parte ou não da seleção recomendada por Souza *et al.* (2009b).

Quadro 2: Indicadores econômico-financeiros aplicados nos estudos

Grupo	Indicadores	Estudos	Recomendado
Indicadores de liquidez	Liquidez corrente (LC)	Canazaro (2007) Lima Neto (2011) Souza <i>et al.</i> (2014) Ramos <i>et al.</i> (2018)	SIM
	Liquidez imediata (LI)	Ramos <i>et al.</i> (2018)	NÃO
	Liquidez seca (LS)	Souza <i>et al.</i> (2014) Ramos <i>et al.</i> (2018)	NÃO
	Liquidez geral (LG)	Souza <i>et al.</i> (2014) Ramos <i>et al.</i> (2018)	SIM
Indicadores de endividamento	Composição do endividamento (CE)	Souza <i>et al.</i> (2014)	SIM
	Relação Capital de Terceiros e Próprio (RCTP) ou Participação do Capital de Terceiros (PCT)	Souza <i>et al.</i> (2014) Ramos <i>et al.</i> (2018)	SIM
	Exigível a longo Prazo sobre o Patrimônio Líquido (ELP/PL)	Canazaro (2007) Souza <i>et al.</i> (2014)	NÃO
	Grau de endividamento total ou Índice de endividamento Geral	Canazaro (2007)	SIM
	Imobilização de patrimônio líquido	Ramos <i>et al.</i> (2018)	SIM
Indicadores de lucratividade e rentabilidade	Margem de Lucro Bruto (MLB)	Canazaro (2007)	SIM
	Margem Lucro Operacional (MLO)	Canazaro (2007) Lima Neto (2011) Souza <i>et al.</i> (2014)	SIM
	Margem Lucro Líquida (MLL)	Canazaro (2007) Veloso e Malik (2010) Souza <i>et al.</i> (2014)	SIM
	Margem EBITDA	Veloso e Malik (2010) Souza <i>et al.</i> (2014)	NÃO
	Margem EBIT	Lima Neto (2011) Souza <i>et al.</i> (2014)	NÃO
	Retorno sobre o patrimônio Líquido (ROE)	Canazaro (2007) Veloso e Malik (2010) Souza <i>et al.</i> (2014)	SIM
	Retorno sobre o Investimento (ROI)	Veloso e Malik (2010)	NÃO
	Retorno sobre o Ativo (ROA)	Canazaro (2007) Souza <i>et al.</i> (2014)	SIM

Fonte: elaborado pelos autores (2021)

No Quadro 2 é possível verificar que dos estudos analisados a maioria optou por utilizar indicadores de lucratividade e rentabilidade. Os indicadores mais utilizados pelos cinco estudos foram: Liquidez corrente (LC), Margem Lucro Operacional (MLO), Margem Lucro Líquida (MLL), Retorno sobre o patrimônio Líquido (ROE). Nenhum dos indicadores foi escolhido de forma unânime por todos os estudos analisados. Dentre os indicadores mais utilizados, pode-se observar que os mesmos estão em consonância com os apresentados por Souza *et al.* (2009b).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada neste estudo é classificada como quantitativa quanto à abordagem do problema, pois se utiliza de quantificação tanto na coleta de informações quanto no tratamento dos dados. É uma pesquisa que se preocupa com comportamento geral dos fatos, onde as constatações serão feitas via números extraídos das demonstrações financeiras dos hospitais.

Quanto ao objetivo, a pesquisa se classifica como descritiva, uma vez que busca descrever as características de determinado fenômeno (desempenho dos hospitais) estabelecendo relações entre as variáveis (GIL, 2010). Rampazo (2005) coloca que em estudos desse tipo o pesquisador observa, registra, analisa, e correlaciona fatos e fenômenos sem fazer interferência, buscando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los.

Com relação aos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa caracteriza-se como documental, uma vez que utilizou as demonstrações contábeis dos hospitais da amostra como fonte de dados, informações e evidências. Nesse estudo, os dados que utilizados para o cálculo dos indicadores foram extraídos do Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado do exercício.

A população refere-se aos sujeitos que se constituem objeto de estudo, nesse caso, hospitais públicos, privados e sem fins lucrativos das regiões sul e sudeste do Brasil. Essas duas regiões possuem juntas 3.039 hospitais, o que representa 49% do total de hospitais do Brasil (dados da CNES, 2020). Além disso, a região sul e sudeste destaca-se por ter hospitais de referência e pela qualidade do serviço prestado. Com relação às certificações de qualidade na área da saúde, conhecidas como Acreditação Hospitalar emitidas pela ONA, JCI e Quantum, as regiões sul e sudeste juntas ultrapassam o restante do Brasil, com 76% das certificações ONA,

87% da JCI e 60% da Quantum, conforme consulta realizada na página das empresas em agosto de 2020. Tais fatores foram motivadores para escolha da região a ser pesquisada.

A amostra foi definida de forma não probabilística, intencional. A característica deste tipo de amostragem também conhecida como amostragem por tipicidade ou por julgamento, é que os elementos da população são selecionados intencionalmente. No uso desse método é importante conhecer a população e a seleção da amostra deve ser feita com base nas informações disponíveis e que representem de forma adequada a população. De acordo com Oliveira (2001), geralmente as pesquisas que optam por esse tipo de amostragem escolhem os casos considerados “típicos” da população em estudo ou os “experts” no assunto pesquisado. A amostra contempla hospitais com a finalidade de assistência classificada como geral, isto é, assiste pacientes de várias especialidades, tanto clínicas quanto cirúrgicas, podendo ser limitados a grupos etários. Quanto a natureza, fizeram parte do estudo hospitais públicos e privados, com e sem fins lucrativos, das regiões sul e sudeste do Brasil. Não fazem parte da amostra clínicas, operadoras de saúde, hospitais especializados e hospitais de pequeno porte (até 50 leitos).

3.1 Coleta e tratamento dos dados

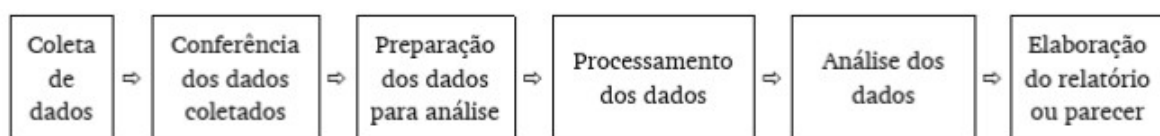
O processo para obtenção das demonstrações financeiras para realização das análises e cálculo dos índices ocorreu por meio de pesquisa em sites próprios na internet (isto é, endereços eletrônicos dos referidos hospitais ou suas mantenedoras), site do Diário Oficial e ferramentas de busca on-line. Foram pesquisadas demonstrações no período de 2015 a 2019. As informações não financeiras, tais como número de leitos, tipo de hospital, tipo de natureza jurídica, número de profissionais, foram coletados por meio do Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde (CNES) ou nos sites das próprias instituições.

A análise dos dados foi realizada por *Cluster* ou conglomerados. A análise de conglomerados é uma técnica de classificação que objetiva agrupar dados de acordo com as similaridades entre eles, agrupando um conjunto de dados heterogêneos, em grupos com homogeneidade, utilizando um critério fixado. Assim, em função da informação existente, agrupam-se os indivíduos de modo que os

indivíduos de um grupo sejam tão semelhantes quanto possível. Essa forma de análise, também conhecida como *cluster analysis* é uma ferramenta que visa a triagem de diferentes objetos em grupos, de modo que o grau de associação entre dois objetos é máximo se eles pertencerem ao mesmo grupo e mínimo caso contrário (BEM, GIACOMINI, WAISMANN, 2015).

Os dados coletados foram analisados e tratados seguindo as etapas propostas por Silva (2007), as quais estão explicitadas na figura a seguir.

Figura 1 – Etapas da análise das demonstrações contábeis



Fonte: SILVA (2007)

A primeira etapa consistiu no levantamento dos principais hospitais da região sul e sudeste e na busca das suas demonstrações contábeis no período que está sendo estudado. Na etapa seguinte, os dados coletados foram avaliados, no intuito de verificar se estavam completos e se atendiam aos requisitos mínimos de qualidade. Nessa etapa, demonstrações financeiras extremamente sintéticas, assim como aquelas que consolidarem dados de atividades hospitalares e planos de saúde foram descartadas. Esse cuidado com a base de dados é fundamentalmente importante para que os dados levantados possam ser comparáveis.

A etapa seguinte foi a preparação dos dados, isto é, como cada instituição tem seu formato de apresentação das demonstrações, as mesmas foram adequadas a um modelo padrão, buscando simplificar a análise e deixá-las mais precisas, adequadas e comparáveis. Nessa etapa foi realizado, quando necessário, o ajuste e a reclassificação de contas, evitando incoerências e vieses nas comparações. Em seguida, realizou-se o processamento dos dados, com os cálculos dos indicadores. A lista dos indicadores que selecionada nesse estudo é apresentada no Quadro 3. A definição dos indicadores considerou as indicações encontradas na literatura e nos estudos da área, buscando com isso traçar um comparativo dos achados.

Com os indicadores calculados, a etapa seguinte consistiu na análise e comparação desses dados buscando traçar correlações. A etapa final foi a descrição e apresentação gráfica desses achados.

3.2 Análise dos dados

Os hospitais elegíveis para o estudo foram separados em *clusters* para análise dos dados. A formação dos *clusters* levou em consideração os dados de registro do CNES com relação a natureza jurídica (público, associação privada, fundação privada, sociedade anônima), o tipo de gestão (estadual, municipal), o porte (relacionado à quantidade de leitos), e a localização (capital, interior). Assim, considerando os critérios elencados, buscaram-se as similaridades entre os hospitais criando os *clusters* conforme apresentado no Quadro 4.

Quadro 3: Indicadores com fórmulas

Indicador	Objetivo	Fórmula
Índice de liquidez corrente (LC)	Medir a capacidade de pagamento da empresa no curto prazo	LC= AC/ PC , onde AC = ativo circulante e PC= passivo circulante
Índice de liquidez geral (LG)	Medir a capacidade de pagamento da empresa no longo prazo, considerando seus ativos (curto e longo prazo) e relacionando com tudo que já assumiu de dívida	LG= (AC + ARLP)/ (PC + ELP) , onde AC= ativo circulante, ARLP= ativo realizável a longo prazo, PC= passivo circulante e ELP= exigível a longo prazo
Índice de endividamento Geral (EG)	Indica o montante de ativos do hospital que são financiados com recursos de terceiros	EG=(PC + ELP) / AT onde PC= passivo circulante, ELP= exigível a longo prazo e AT= ativo total
Composição do endividamento (CE)	Indica o percentual da dívida total que o hospital deve pagar no curto prazo (próximo exercício) em relação ao total das suas dívidas	CE =[PC / (PC + ELP)] x 100 onde PC= passivo circulante e ELP= exigível a longo prazo
Participação do capital de terceiros (CT)	Mostrar o valor da dependência da empresa em relação aos recursos de terceiros, indicando qual é o percentual do capital de terceiro sem relação ao patrimônio líquido	CT=[(PC + ELP) / PL] x 100 onde PC= passivo circulante, ELP= exigível a longo prazo e PL= patrimônio líquido
Margem Lucro Operacional (MLO)	Indica quanto de lucro operacional o hospital gerou para cada R\$ 1,00 de receita operacional líquida	MLO = LO/RL onde LO= Lucro operacional e RL= Receita líquida de serviços

Margem Lucro Líquida (MLL)	Fornece o percentual de lucro que o hospital está obtendo em relação a seu faturamento, indicando o quanto restou da receita gerada pela empresa após a dedução de todos os custos, gastos e despesas incorridos	MLL = LL/RL onde LL= Lucro líquido e RL= Receita líquida de serviços
Retorno sobre o patrimônio Líquido (ROE)	Indica a rentabilidade em R\$ para cada R\$100,00 aplicados pelos proprietários ou acionistas, pois indicando o quanto estarão obtendo de retorno anual em relação aos seus investimentos no hospital	ROE = LL/PL onde LL= Lucro líquido e PL= Patrimônio líquido
Retorno sobre o Ativo (ROA)	Indica o valor em R\$ do lucro líquido no período para cada R\$100,00 investido pelo hospital no ativo total, é, portanto, uma medida do potencial de geração de lucro da parte do hospital	ROA = LL/AT onde LL= Lucro líquido e AT= Ativo Total

Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Quadro 4 - Clusters com características dos hospitais da amostra

Cluster	Natureza Jurídica	Gestão	Nome	Localização	Ensino	Leitos	Atendimento	Profis.	Acreditação
1	Público	Municipal	Hospital de Clínicas	Porto Alegre - RS	Ensino	831	SUS e Convênios	6.096	Joint Comission
			Hospital N. S.da Conceição	Porto Alegre - RS	Ensino	784	SUS	7.532	-
2	Público	Estadual	Hospital Regional de Jundiaí	Jundiaí - SP	Ensino	60	SUS	488	-
3	Público	Estadual	Hospital Estadual de Diadema	Diadema - SP	Sem ensino	266	SUS	1.233	ONA 3, Canadense
			Hospital Geral Pirajussara	Taboão da Serra - SP	Ensino	266	SUS	1.870	Canadense 3
4	Assoc. Privada	Municipal	Hosp.de Caridade São Vicente de Paulo	Jundiaí - SP	Ensino	238	SUS e Convênios	1.843	-
			Hospital Benefic.Portuguesa	Campinas - SP	Sem ensino	138	SUS e Convênios	1.682	ONA Nível 2
			Hospital Santa Casa Batatais	Batatais - SP	Sem ensino	133	SUS e Convênios	362	-
			Santa Casa de Maringá	Maringá - PR	Sem ensino	226	SUS e Convênios	1.524	ONA 1
			Santa Casa de Misericórdia Itapeva	Itapeva - SP	Sem ensino	200	SUS e Convênios	910	-
			Santa Casa São Carlos	São Carlos - SP	Sem ensino	322	SUS e Convênios	1.335	-
5	Assoc. Privada	Municipal	Hospital Israilita Albert Einstein	São Paulo - SP	Ensino	592	SUS e Convênios	11.572	Joint Comission

			Santa Casa de Belo Horizonte	Belo Horizonte - MG	Ensino	988	SUS	5.541	ISSO 9001/2015
6	SA Fechada	Municipal	Hospital Santa Paula	São Paulo - SP	Sem ensino	200	Convênio e Particular	1.100	Joint Comission
7	Assoc. Privada	Estadual	Hospital de Caridade Erechim	Erechim - RS	Sem ensino	102	SUS e Convênios	675	-
			Hospital de Itaquera	São Paulo - SP	Ensino	700	SUS e Convênios	5.367	ONA Nível 1
			Hospital Evangélico Vila Velha	Vila Velha - ES	Sem ensino	375	SUS e Convênios	1.620	ONA Nível 3
8	Fundação privada	Estadual	Hospital Costa Cavalcanti	Foz do Iguaçu - PR	Sem ensino	200	SUS e Convênios	1.131	ONA Nível 3
		Municipal	Santa Casa Porto Alegre	Porto Alegre - RS	Ensino	1223	SUS e Convênios	9.365	ONA Nível 2
			Hospital Santa Lydia	Ribeirão Preto - SP	Sem ensino	102	SUS e Convênios	671	-

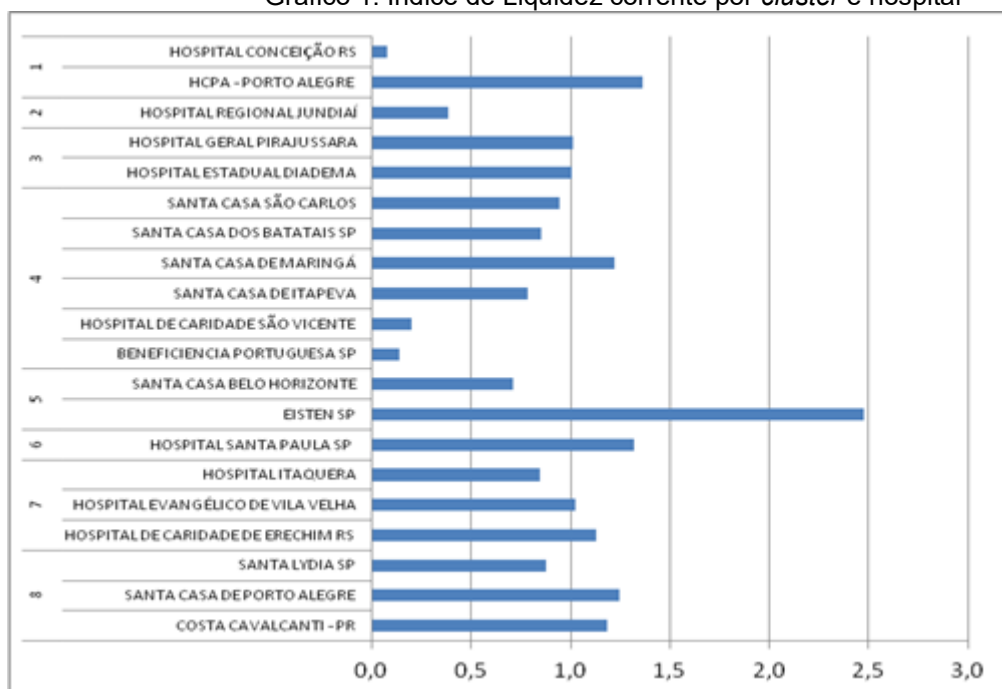
Fonte: elaborado pelos autores (2021)

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A avaliação do desempenho econômico-financeiro dos hospitais do sul e sudeste do Brasil no período de 2014 a 2019 se deu pela avaliação de 20 hospitais, totalizando uma análise de 100 demonstrações contábeis nas quais foram aplicados os 9 indicadores selecionados. Os indicadores consideraram os três pontos fundamentais, conhecidos como tripé da análise: liquidez, endividamento e rentabilidade.

O índice de liquidez corrente está entre os indicadores mais aplicados na avaliação de hospitais e indica quanto o hospital possui de bens e direitos de curto-prazo para arcar com as suas dívidas incidentes no mesmo período. Quanto maior for este índice, melhor será a situação da empresa. Em determinados casos, quando esse índice é menor do que um, pode indicar uma tendência para a situação de insolvência. No caso da amostra estudada, 50% ficou acima de 1,00 sendo o Hospital Albert Einstein o que apresentou melhor índice. O *cluster* 4 foi o que apresentou pior desempenho, visto que dos seis hospitais da amostra cinco ficaram com índice menor do que 1. O gráfico a seguir demonstra o índice segmentado por *cluster* e por hospital.

Gráfico 1: Índice de Liquidez corrente por *cluster* e hospital



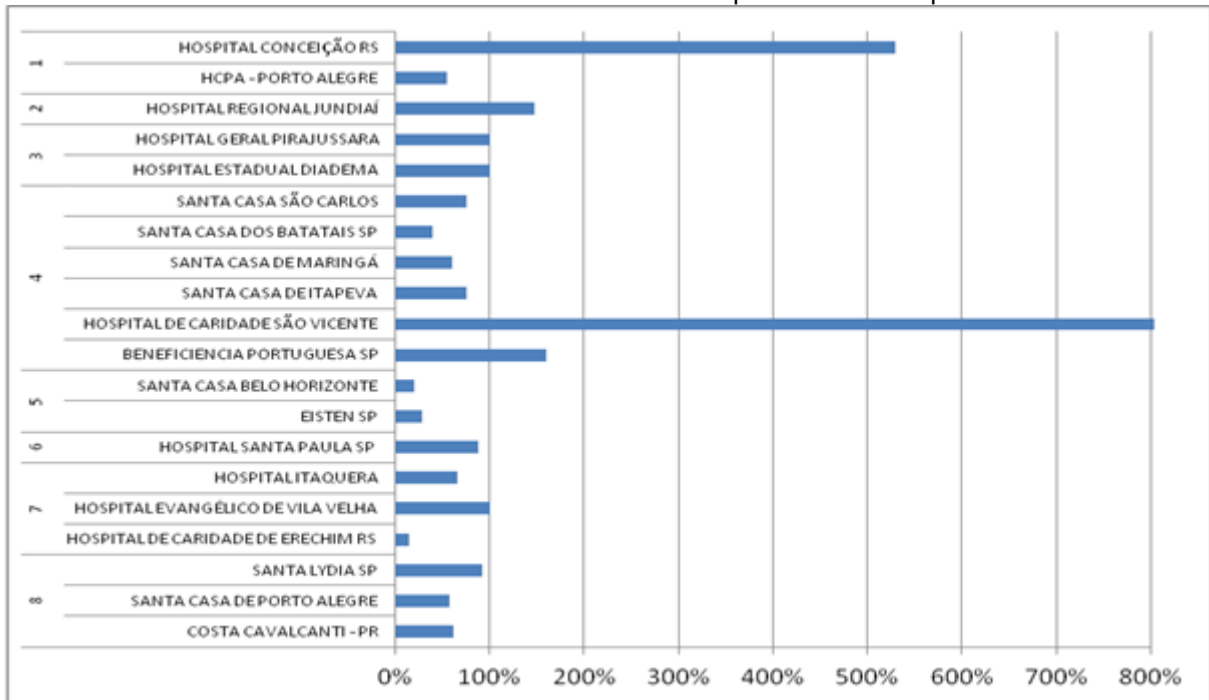
Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Na análise de liquidez foi calculado também o índice de liquidez geral que é mais abrangente, e relaciona os ativos circulantes e não circulantes com todas as dívidas assumidas (curto e longo prazo). No cálculo desse indicador, cuja interpretação segue a mesma lógica do anterior, somente três hospitais (15% da amostra) ficaram acima de 1,00. Tal resultado corrobora com os achados de *Souza et al.* (2014), que observaram em seu trabalho que os hospitais apresentaram bons resultados de liquidez no curto e curtíssimo prazo, mas que em período superior foram desfavoráveis. Gomes (2016) também observou que a maioria dos hospitais da amostra estudada apresentaram indicadores de liquidez geral baixos e que no caso da liquidez corrente as médias foram mais satisfatórias. Baixos índices de liquidez demonstram fraca capacidade dos hospitais em saldar suas dívidas e, quando combinados com outros resultados desfavoráveis, podem aumentar o risco de insolvência.

No tripé da análise, os índices de endividamento medem a estrutura de financiamento da empresa, revelando o montante de recursos de terceiros que estão financiando os ativos do hospital, apresentando, portanto, a dependência do hospital com relação a capitais de terceiros. Dentre os indicadores de endividamento que foram calculados, o índice de endividamento geral retrata muito bem o que foi observado na análise dos balanços. Sob essa perspectiva, os hospitais podem ser separados em três grandes grupos: aqueles com PL zerado e que são 100% financiados por terceiros, aqueles com PL negativo (em geral por acúmulo de prejuízos) e que ficam com passivo a descoberto, e aqueles em que há participação de capital próprio e de capital de terceiros. Na amostra estudada quatro hospitais (20%) apresentaram o PL negativo (dois hospitais públicos e dois hospitais do *cluster 4*), demonstrando uma necessidade de financiamento do ativo pelo capital de terceiros acima de 100%. Os dois hospitais públicos do *cluster 3* e o Hospital Evangélico de Vila Velha apresentaram o PL zero. Nas notas explicativas das demonstrações contábeis dos dois hospitais públicos, a justificativa para o patrimônio líquido e resultado zerado foi a aplicação das resoluções FC 1.409/12 – Item 11 e CFC 1.305/10 – Itens 12 e 15ª no que se refere ao reconhecimento de recursos com restrição, originários de contratos de gestão, convênios públicos e outros tipos de Assistência Governamental. O Hospital de Vila Velha também justifica a apresentação do balanço com PL e resultado zerado em virtude do contrato firmado entre o hospital e a Secretaria de Saúde. Os hospitais do *cluster 5*

assim como o Hospital de Caridade de Erechim foram os que apresentaram menor dependência de financiamento por terceiros. O gráfico a seguir demonstra a relação de endividamento dos hospitais segregados por *cluster*.

Gráfico 2: Índice de Endividamento Geral por *cluster* e hospital



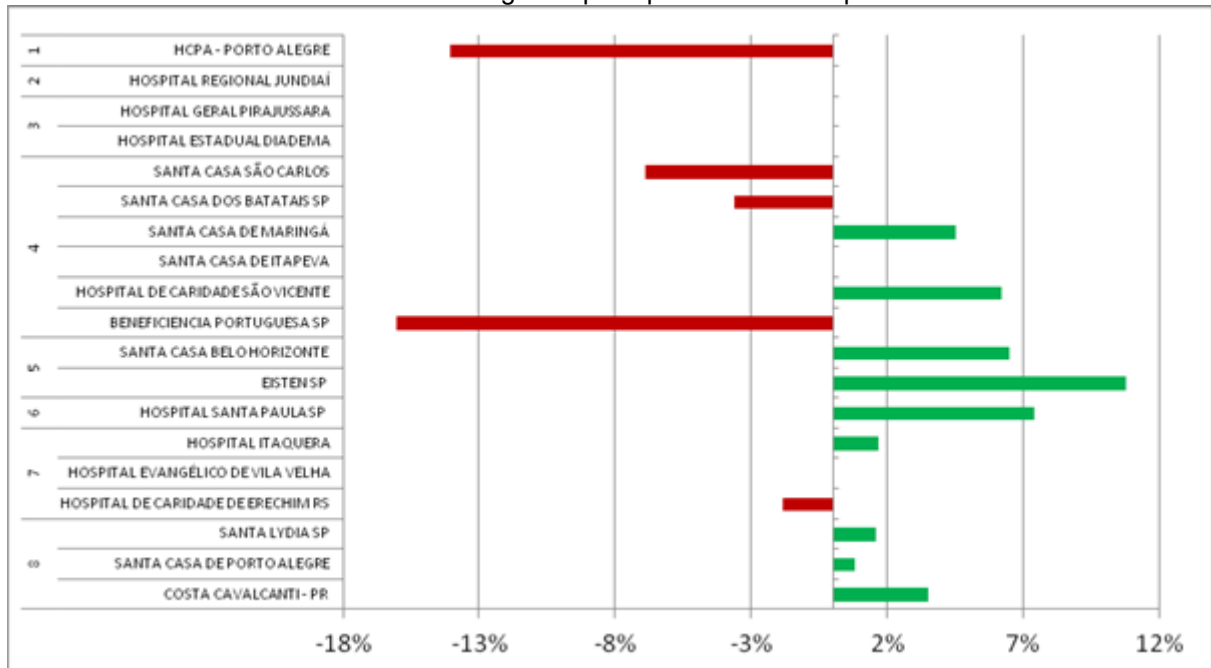
Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Em relação à composição do endividamento, a maior parte da amostra mantém mais de 50% das dívidas no curto prazo, mostrando-se similar aos achados de Souza *et al.* (2014) e Gomes *et al.* (2016). No indicador Participação do Capital de Terceiros (PCT), quatro hospitais apresentaram índice negativo, essa relação negativa ocorreu devido ao valor negativo do patrimônio líquido. Tais observações em relação ao PCT também foram feitas no trabalho de Gomes *et al.* (2016) e Cunha, Souza e Ferreira (2014).

Na análise da lucratividade, os índices foram insatisfatórios. A margem líquida ficou negativa em 25% da amostra e inferior a 1% em 30% da amostra. O Hospital Nossa Senhora da Conceição foi desconsiderado nessa análise por apresentar dados no DRE que não permitiram adequada interpretação. Com relação ao mau desempenho dos hospitais em relação à lucratividade, outros trabalhos como o de Canazaro (2007), Souza *et al.* (2014) e Gomes *et al.* (2016), também identificaram valores negativos para margem líquida e margem operacional, levando a constatar que os hospitais apresentam problemas financeiros e de gestão de recursos. Na

análise da margem líquida, os *clusters* 5, 6 e 8 ficaram positivos. No gráfico a seguir estão demonstrados em verde os hospitais que apresentaram margem líquida positiva e em vermelho aqueles com a margem negativa.

Gráfico 3: Margem líquida por cluster e hospital



Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Os índices de rentabilidade também apresentaram níveis muito baixos, significando que os investimentos realizados nos hospitais não estão gerando um bom retorno. Tanto o ROE quanto o ROA refletiram resultados usualmente negativos no período analisado. Na análise desse indicador cabe destacar algumas particularidades: I) o Hospital Beneficência Portuguesa apresentou ROE positivo, pois o patrimônio líquido e lucro foram negativos, logo, o ROE positivo não indica nesse caso bom desempenho do hospital. II) os hospitais que apresentaram patrimônio líquido ou lucro líquido zerado, naturalmente zeraram os indicadores de ROE e ROA. Resultados similares para esses indicadores foram encontrados nos trabalhos de Souza *et al.* (2014) e Gomes *et al.* (2016).

Na análise dos indicadores conforme os *clusters*, foi observado que, em geral, não há homogeneidade de desempenho entre os hospitais do mesmo *cluster*, levando a constatar que o bom desempenho está mais relacionado com as práticas de gestão próprias da organização do que com o perfil do hospital (natureza jurídica, porte, localização). De qualquer forma, as fundações privadas (*cluster* 8) em geral apresentaram desempenho mais homogêneo e superior aos demais *clusters*, fato

esse que pode ser pesquisado em trabalhos futuros. Hospitais públicos parecem ter pior desempenho, fato esse já observado no trabalho de Souza *et al.* (2014).

Na amostra analisada, foram selecionados os hospitais com bons indicadores de desempenho isso é: índices de lucratividade positivos (margem operacional e margem líquida), índices de rentabilidade positivos (ROA e ROE), índice de endividamento menor que 70% e liquidez corrente maior do que 1,00. Os hospitais que apresentaram esse bom desempenho são: Albert Einstein, Santa Casa de Porto Alegre, Hospital Costa Cavalcanti e Santa Casa de Maringá. Buscando semelhanças entre essas organizações, constatou-se o tempo de operação superior a 40 anos, no caso da Santa Casa de Porto Alegre são 217 anos, e o fato de todas terem Acreditação Hospitalar. Nesse sentido, o trabalho de Ramos *et al.* (2018) concluiu que quanto mais as entidades hospitalares prestarem um serviço de qualidade, maior será o retorno financeiro. Diante disso, fica o questionamento e a sugestão para trabalhos futuros se o tempo de operação e a Acreditação Hospitalar podem influenciar no bom desempenho ou, que outras práticas estão garantindo os bons índices e a sustentabilidade nessas organizações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi analisar a situação econômico-financeira de hospitais referências no Brasil. Optou-se pelos principais hospitais do sul e sudeste do Brasil, regiões que se destacam por terem hospitais de referência e pela qualidade do serviço prestado. Foi escolhida uma amostra heterogênea, a qual foi separada em *cluster*, na intenção de verificar se hospitais que possuíam as mesmas características quanto à natureza jurídica, porte e localização apresentavam resultados econômicos financeiros similares.

Foi observado por meio da aplicação de indicadores de liquidez, endividamento e rentabilidade que, de maneira geral, os hospitais analisados apresentam resultados pouco satisfatórios. Tais observações são compatíveis com achados de outros estudos que analisaram outras instituições hospitalares em diferentes períodos. A estrutura de capital dessas organizações apresenta-se bastante comprometida, pela dependência de capitais de terceiros, a liquidez geral e os índices de rentabilidade são baixos e os índices de lucratividade são positivos em menos da metade da amostra. Não foi possível traçar correlações que permitissem

identificar fatores para melhor ou pior desempenho exceto pelo fato do tempo de fundação e da acreditação hospitalar que foram características semelhantes entre as organizações com melhor desempenho.

A pesquisa teve limitações no que tange ao emprego de uma amostra não-probabilística para desenvolvimento do estudo. Dessa forma, não é possível generalizar os resultados para além da amostra empregada. Por outro lado, se o número de hospitais incluídos na amostra intencional pode limitar algumas constatações, o fato de as organizações terem características distintas, permite uma análise geral do cenário dessas organizações. Estudos futuros poderiam desenvolver pesquisas específicas sobre organizações hospitalares com características mais homogêneas. Analisar se acreditação hospitalar é um fator que promove melhor desempenho dessas organizações e expandir a pesquisa para outras regiões também são sugestões para futuros trabalhos. Outro tema interessante é correlacionar o uso de ferramentas de gestão contábil-financeira pelas organizações e o seu desempenho econômico-financeiro. O tema gestão hospitalar é relevante e ainda tem um vasto campo a ser explorado.

REFERÊNCIAS

- ABBAS, K. **Gestão de custos em organizações hospitalares**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- ALVES, A. **Financiamento e eficiência em dois hospitais privados filantrópicos paulistas**. Tese (Doutorado). – Faculdade de saúde pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- ANAHP. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS HOSPITAIS PRIVADOS. **Revista Observatório**, n. 12, 2020.
- ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços**: um enfoque econômico financeiro. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- CANAZARO, M. P. **Desempenho econômico financeiro de nosocômios brasileiros**: uma análise comparativa de hospitais com e sem fins lucrativos. Dissertação (Mestrado). – UNIVALI, Biguaçu, 2007.
- CARPINTÉRO, J. N. C. Custos na área de saúde: considerações teóricas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 6., São Paulo, 1999. **Anais...** 1999.

CUNHA; F. P.; SOUZA; A. A.; FERREIRA; C. O. **Análise do endividamento de hospitais filantrópicos**. In: SEMEAD, 17., 2014.

FERREIRA, L. C. M.; GARCIA, F. C.; VIEIRA, A. Relações de poder e decisão: conflitos entre médicos e administradores hospitalares. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 6, p. 31-54, nov.-dez. 2010.

FREITAS, A. G. R.; AMARAL, L. B.; MÁRIO, P. C.; GONÇALVES, M. A. Instrumentos da contabilidade gerencial: um estudo de caso em um hospital universitário federal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESEMPENHO DO SETOR PÚBLICO, 2. Florianópolis, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, C. C.; SILVA, O. F.; FERNANDES, J. L.; SOUZA, A. A. Avaliação de hospitais por meio de índices econômico-financeiros e do Modelo Fleuriet. Building Knowledge in Accountig. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTIFICA EM CONTABILIDADE DA USP, 13., 2016

GUIMARÃES, E. M. P.; ÉVORA, Y. D. M. Sistema de informação: instrumento para tomada de decisão no exercício da gerência. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, jan.-abr. 2004.

LA FORGIA, G. M.; COUTTOLENC, B. F. **Desempenho hospitalar no Brasil: em busca da excelência**. São Paulo: Singular, 2009.

LIMA, A. F. A.; LIMA, J. E. C. Índices econômico-financeiros como instrumentos para análise das demonstrações financeiras na tomada de decisão gerencial. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, ano 1, v. 1, n. 3, jun, 2013.

LIMA NETO, L. Análise da situação econômico-financeira de hospitais. **O Mundo da Saúde**. v. 35, n. 3, p. 270-277, 2011.

MADALENO, J. M. **Uma proposta de sistematização de indicadores de desempenho na área hospitalar**. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Gestão). – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

MARION, J.C. **Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **CNES**. Disponível em: http://cnes2.datasus.gov.br/Mod_Ind_Unidade.asp?VEstado=17. Acesso em: 17 maio 2022.

OLIVEIRA, A. A.; SILVA, A. R.; ZUCCARI, S. M. P.; RIOS, R. P. A. Análise das demonstrações contábeis e sua importância para evidenciar a situação econômica e financeira das organizações. **Revista Eletrônica Gestão e Negócios**, v. 1, n. 1, p.1-13, 2010.

OLIVEIRA, A. A.; SILVA, A. R.; ZUCCARI, S. M. P.; RIOS, R. P. A Análise das demonstrações contábeis e sua importância para evidenciar a situação econômica e financeira das organizações. **Revista Eletrônica Gestão e Negócios**, v. 1, n. 1, p.1-13, 2010.

RAIMUNDINI, S. L. **Aplicabilidade do sistema ABC e análise de custos**: estudo de caso em hospitais públicos. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Administração). – Departamento de Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.

RAMOS, F. M.; PARIZOTTO, E. L.; SILVA, A. S.; RAMOS, J. M.; BAMP, G. B. Relação entre indicadores de qualidade e econômicos: um estudo em uma rede de hospitais do terceiro setor do Sul do Brasil. **Cad. Saúde Colet.**, v. 26, n. 4, p. 453-461, 2018.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ROTTA, C.S.G. **Utilização de indicadores de desempenho hospitalar como instrumento gerencial**. Tese (Doutorado). – Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, A. A. **Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis**. São Paulo: Atlas, 2007

SEBASTIÃO, J. **Análise das demonstrações financeiras como fator determinante na tomada de decisão**: estudo de caso de entidades Angolanas. Dissertação (Mestrado). – Escola Superior de Ciências Empresariais. Setúbal, 2014.

SOUZA, A. A.; GUERRA, M.; LARA, C. O.; GOMIDE, P. L. R.; PEREIRA, C. M.; FREITAS, D. A. Controle de gestão em organizações hospitalares. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 15-29, jul-set. 2009a.

SOUZA, A. A.; RODRIGUES, L. T.; LARA, C. O.; GUERRA, M.; PEREIRA, C. M. Indicadores de desempenho econômico-financeiro para hospitais: um estudo teórico. **Rev. Adm. Hop. Inov Saúde**, v. 2, n. 3, p. 44-55, 2009b.

SOUZA, A. A.; AVELAR, E. A.; SILVA, E. A.; TORMIN, B. F.; GERVÁSIO, L. R. Uma análise financeira dos hospitais brasileiros entre os Anos de 2006 a 2011. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set./dez. 2014.

TANAKA, O. Y.; TAMAKI, E. M. O papel da avaliação para tomada de decisão na gestão de serviços de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 17, n. 4, p. 821-828, 2012.

VELOSO, G. G.; MALIK, A. M. Análise do desempenho econômico-financeiro de empresas de saúde. **RAE-eletrônica**, v. 9, n. 1, jan./jun. 2010.

ZELLER, T. L.; STANKO, B. B.; CLEVERLEY, W. O. A revised classification pattern of hospital financial ratios. **Journal of Accounting and Public Policy**, v. 15, n. 2, p.161-182, 1996.



ICMS ECOLÓGICO: UM INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO PARA OS MUNICÍPIOS BAIANOS

ECOLOGICAL ICMS: A SOCIOECONOMIC DEVELOPMENT INSTRUMENT FOR MUNICIPALITIES OF BAHIA

ROMANO, Gabriel Ventura de Araújo ¹

SENA, Thiago Rios ²

Resumo: A importância do ICMS Ecológico como instrumento socioeconômico para os municípios baianos está voltada para melhoria econômica e redução no desmatamento ambiental que atinge grande parte da sua mata atlântica. O objetivo desta pesquisa constou um instrumento de política pública ambiental e socioeconômico, assim como municípios Baianos que se tornaram altamente dependentes da arrecadação do ICMS. A metodologia se baseia em Pesquisa Quantitativa, para analisar dados e valores encontrados nos sítios do Tribunal de Contas da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, e documental no tratamento de análise relacionado a estimativa aplicação do ICMS - E. Constatou-se por meio de pesquisa do site da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, altos índices de arrecadamento do ICMS nas maiores cidades do estado da Bahia, sugerem-se através dos benefícios viáveis do ICMS - E, ações em prol da educação, saúde e proteção ambiental.

Palavras-chave: ICMS Ecológico. Socioeconômico. Desenvolvimento sustentável.

¹ Doutorando em Contabilidade pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: thiagoriossena@gmail.com

² Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Lusófona da Bahia - FLBA. E-mail: gabrielventuraromano@gmail.com

Abstract: The importance of the Ecological ICMS as a socioeconomic instrument for the municipalities of Bahia, is aimed at economic improvement and reduction in environmental deforestation, which affects a large part of its Atlantic forest. The general objective of this research was an instrument of public environmental and socioeconomic policy, as well as northeastern municipalities that became highly dependent on the collection of ICMS. The methodology is based on Quantitative Research, to analyze data and values found on the websites of the Court of Auditors of the Bahia State Finance Department, and documentary in the analysis treatment related to the estimated application of ICMS - E. It was found through research, high ICMS collection rates in the largest cities in the state of Bahia, are suggested through the viable benefits of ICMS - E, actions in favor of education, health and environmental protection.

Keywords: Ecological ICMS. Socioeconomic. Sustainable development.

1 INTRODUÇÃO

Os interesses mundiais em torno dos recursos naturais sempre fizeram do Brasil um grande propósito de desenvolvimento sustentável do sistema das Nações Unidas, por possuir grandes reservas de água potável e preservação florestal, seu meio ambiente é um pilar relevante para o setor político, econômico e social. Segundo Lago (2006) a primeira grande reunião relacionado a temática do Meio Ambiente Humano aconteceu no ano de 1976, realizado pelas Nações Unidas na Conferência de Estocolmo, a qual o foco era a aflição da sociedade referente a poluição, em busca de uma solução para melhoria da qualidade de vida. Mesmo que o Brasil apresentasse uma posição de liderança na questão ambiental, demonstrava um tanto polêmica para países internacionais, por afigurar incapacidade com a preservação de vasta riqueza florestal, que essa responsabilidade seria para os países desenvolvidos a oferecer apoio financeiro e tecnológico.

Dessarte os desmatamentos e queimadas ocorridos na Amazônia em 2020, trouxe uma imagem negativa para o Brasil no âmbito internacional, por ser um país que reconhece seus compromissos a ONU, causou dificuldade em receber apoio social e financeiro dos outros países. Segundo SOS MATA ATLÂNTICA (2020) o estado da Bahia, um território que possui vasta área verde e bases florestais, ainda sofre com desflorestamento, onde se estabeleceu segundo colocado no desmatamento da Mata Atlântica nos anos de 2014 e 2015. Consequente o aumento desse desmatamento e desaparecimento de biomas na mata Atlântica, vem por consequência de expansão urbana e a falta de boa gestão ambiental. De acordo

com o Atlas do SOS MATA ATLÂNTICA (2020), demonstram que os municípios que desmataram neste período foram Baianópolis com 824 (oitocentos e vinte quatro) hectares devastados, fora outros municípios baianos como Brejolândia, Cotegipe e Encruzilhada.

Estados como Pernambuco e Paraná utilizam meios tributários como mecanismo socioeconômico e de política ambiental, que são arrecadados para preservação de recursos naturais, educação, cultura e investimento de saúde para os seus municípios. Segundo Ribeiro (2009) o ICMS - ECOLÓGICO (ICMS-E) foi o principal instrumento tributário para a proteção ambiental de Recife, com iniciativas privadas na eficiência sobre projetos ao meio ambiente. Diante dessa situação o ICMS-E mostra ser um benefício para preservação ambiental e obtenção de receitas, que já vem sendo utilizado na maioria dos estados brasileiros, segundo o estudo da fundação SOS Mata Atlântica publicado no dia 04 de novembro de 2019, porém o estado da Bahia ainda não se encontra incluso, mesmo com grande área florestal.

Conforme o pressuposto, a pesquisa procura responder a seguinte questão problema: **Qual a importância do ICMS ecológico para a economia dos municípios baianos?** Procurando responder o problema da pesquisa, o objetivo geral deste trabalho é **apresentar um instrumento de políticas públicas ambiental e socioeconômica de arrecadação do ICMS que aplicam na melhoria econômica dos municípios Baianos.**

Contrapartida os objetivos específicos desta pesquisa são: a) analisar o desenvolvimento de estados brasileiros que instituíram do ICMS-E; b) demonstrar princípios do direito em relação aos danos no meio ambiente; e c) estimar possíveis arrecadações do ICMS-E pelos municípios baianos. Como exemplo de um desenvolvimento Estadual por meio do ICMS-E é o Município Piraquara localizado no estado do Paraná, como é abordado por Aguirre et al. (2016), apresentou um rendimento socioeconômico adquirido através do meio ambiente, o ICMS-E. Se tornou assim, um incentivo para quem ajuda a preservar o meio ambiente, e que traria empoderamento no desempenho econômico para os municípios baianos.

O presente trabalho, tem como princípio demonstrar o desempenho do ICMS-E na preservação ambiental dos estados brasileiros, que ocorre na repartição de receitas arrecadadas do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias (ICMS), um tributo estadual que incide de consideráveis produtos comercializados, originado no

Paraná regulamentado na Constituição Federal de acordo com a lei complementar em nº 59/1991. Onde essa redistribuição é realizada por meio da Constituição Federal apresentado no artigo 158, inciso IV, onde vinte e cinco por cento é arrecadado do imposto do Estado, diante da comercialização de mercadorias, prestação de serviços de transporte Intermunicipal e comunicação. Esse instrumento é um auxílio que compensa financeiramente municípios de estados brasileiros como foi o caso do Paraná.

Posto que ao identificar princípios do direito ambiental em relação aos problemas ecológicos, traz o princípio do poluidor pagador, que rege proteção e conservação ambiental, tem o intuito de equilibrar o meio ambiente ecologicamente sustentável para gerações presentes e futuras. Assim como no Estado de Pernambuco com o ICMS Socioambiental, obtendo o mesmo mecanismo do ICMS-E do Paraná, utilizado para analisar o retorno que tiveram dos municípios diante do ICMS Socioambiental, onde Júnior e Sobral (2014) trazem um resultado positivo de R\$ 400.000.000,00 (quatrocentos milhões de reais) rendidos aos municípios pernambucanos. E a fim de estimar variáveis qualitativas do ICMS para os municípios baianos, foi utilizado valores consultados da Secretaria Estadual da Fazenda do Estado da Bahia – SEFAZ/BA (2020) referente a arrecadação mensal dos municípios com o ICMS podendo ser aproveitado para infraestruturas e instituições benéficas.

A metodologia do trabalho utilizará para a abordagem do problema a Pesquisa Quantitativa, para analisar dados e valores encontrados nos sítios do Tribunal de Contas da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, e compreender a aplicação do ICMS-E que poderia ser investido nos recursos de seus municípios diante de um tratamento estatístico, por meio de tabelas e gráficos. Com base em Gil (2002) a pesquisa quantitativa é uma abordagem que considera tudo quantificável, significa decifrar números, utilização de técnicas estatísticas para serem analisados (porcentagem, média, coeficientes, desvio padrão e entre outros).

De maneira técnica de metodologia científica o procedimento será o bibliográfico, conforme Gil (2002) a pesquisa bibliográfica consta diante de material já realizado, formado através de artigos científicos e livros. O referencial teórico será feito mediante análise instrumento documental sobre o assunto. Gil (2002) Na pesquisa documental, convém de materiais que não auferem de uma determinada análise ou que possam ser reconstituídos por meio dos itens de pesquisa.

Quanto ao objetivo, o método de pesquisa usado será explicativo, que segundo Gil (2002), vem a ser o prosseguimento de outra descritiva, o reconhecimento de elementos que apontam uma ocorrência, determina que esteja escrito e detalhado. A partir de processos e conceitos do ICMS-E, a pesquisa analisa a importância de sua tributação no Estado da Bahia para melhorar seus recursos sustentáveis.

A justificativa deste artigo se reflete na preocupação de recursos naturais que vem sendo assolado por meio de ações urbanas e desflorestamentos, encontrar soluções através de repartição de tributos que possam ser aplicados em projetos sociais que beneficiaria os municípios e contribuiria para a sociedade e literatura contábil, estímulos na educação ambiental e uma melhor economia sustentável.

Esta pesquisa é separada por cinco seções, na primeira seção consta da introdução, apresentado sua origem e explicação do trabalho, nela está descrita a metodologia usada para atingir o objetivo abordado. A segunda seção está o contexto e a realidade investigada, que foi utilizado para fundamento do estudo na pesquisa. A terceira seção está descrito o diagnóstico da situação problema e oportunidade, onde traz toda situação problema a respeito do tema sugerido. Na quarta seção está a análise da situação e proposta de solução, onde serão encontrados os dados e resultados investigados. E, por fim, na quinta seção estão as conclusões e contribuições do estudo diante de implicações, discussões e sugestões para pesquisas futuras.

2 CONTEXTO E REALIDADE INVESTIGADA

Consoante as informações analisadas do site da Secretaria do Meio Ambiente (SEMA), do Governo do Estado da Bahia, que tem como iniciativa pioneira entre os estados brasileiros, foram desenvolvidos programas para a conservação e proteção ambiental como o Programa de Desenvolvimento Ambiental (PDA Bahia), criado pelo SEMA e pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Porém mesmo com recursos e programas de sustentabilidade, a Bahia ainda se encontra com situações ambientais em seu território: como desmatamento de matas marginais, desaparecimento de fauna, flora e poluição.

Em relação ao desaparecimento de matas marginais, seu envolvimento é de maneira constante em regiões nordestinas, conforme Albuquerque (2020) o desflorestamento na Mata Atlântica cresceu a medida de 27,2% (vinte e sete, dois por cento) durante os períodos de 2018 e 2019. Diante dos fatos relatados foram devastados catorze mil quinhentos e dois hectares, onde a Bahia se encontra em segundo colocado da lista com o desmatamento, seguinte a exibição do Atlas da Mata Atlântica, anunciado pela Fundação SOS Mata Atlântica e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Para Assis (2008), as evidências iniciais apontam que o ICMS tem tido um impacto positivo na efetividade das ações locais que buscam um desenvolvimento sustentável, o que poderia reduzir nesses desmatamentos do mesmo modo que Scaff e Tupiassu (2005) aborda a preservação de um meio ambiente saudável e a manutenção do desenvolvimento sustentável como metas incontestáveis, fundamentos de nossa sobrevivência, que devem ser privilegiadas. Segundo os mesmos autores, desde a aprovação da Lei do ICMS-E, em 1991, as áreas protegidas no Paraná aumentaram 950%. Nos 05 anos efetivos, desenvolvimento do projeto foram conseguidos resultados maiores e melhores do que em 60 anos de políticas públicas em áreas protegidas. Conforme Assis (2008), o custo de oportunidade gerado em função, especialmente, da existência de espaços florestais, traria aumento do número de áreas protegidas em propriedade do Estado, o que garantiria a manutenção dos recursos naturais.

3 DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO PROBLEMA E OPORTUNIDADE

3.1 Princípio do poluidor pagador

Para responsabilizar esses danos que são afetados ao meio ambiente, entraria o princípio do poluidor pagador, onde o infrator seria indenizado e reconstituiria os agravos que foram atingidos nos biomas, prevenindo outros efeitos negativos ao meio ambiente, seja pessoa física ou jurídica o reparo do malefício tornaria obrigatório. Ribeiro (2009) demonstra o processo do poluidor pagador, como uma prudência rigorosa tanto na preservação de biomas quanto no meio tributário, não poderia ser justo a cobrança para quem não prejudica o meio ambiente, meramente para quem causa danos e ameaças ao ecossistema. Desta maneira, o princípio do poluidor pagador é uma ferramenta relevante no direito ambiental com o

objetivo de fazer a quem polui responder aos seus atos, através do prejuízo causado ao meio ambiente, seguindo por meio deste artigo aliado ao princípio do protetor recebedor, aquele agente público ou privado que procura poder proteger a biodiversidade em contrapartida receberá uma contraprestação financeira, desta forma essa foi a principal premissa que os estados buscaram instituir o ICMS Ecológico.

3.2 ICMS e sua definição

O ICMS é um imposto estadual, que é recolhido por meio de venda ou transportes de produtos comercializados ou importados. Considerado o imposto de maior arrecadação e independente, se tornando assim uma das principais fontes de receita dos Estados. Nele estão presentes o ICMS Normal, onde é cobrado junto com os impostos do SIMPLES NACIONAL, o ICMS Substituição Tributária obtido em determinados produtos de operações interestaduais e o ICMS diferencial de alíquota que convém diante da aquisição de um produto de outro estado. Destarte os outros impostos estaduais estão presentes: o IPVA (Imposto sobre a propriedade de motores automotores), ITCMD (Imposto de transmissão causa mortis e doação), os impostos estaduais são para fins de gestão do Governo Estadual, seja para serviços públicos, financeiros do estado e aplicação de faculdades, rodovias e escolas estaduais, tendo 28% do recolhimento das receitas.

3.3 O ICMS ecológico

Originado no estado do Paraná em 1991, por meio da aliança do Poder Público Estadual e dos municípios, mediante a Assembleia Legislativa do Estado, o conceito do ICMS Ecológico define que não é um novo imposto, mas sim uma chave tributária de acesso por direito aos recursos financeiros arrecadados pelos Estados, a estabelecer autonomia e não centralização do poder público. Segundo estabelecido na Constituição Federal que 100% (cem por cento) do ICMS é arrecadado aos Estados. Porém os outros 25% (vinte e cinco por cento) são destinados aos municípios. Deste percentual do montante do ICMS, são relacionados a prestação de serviços, transportes interestaduais e intermunicipais, comunicação e operações na circulação de mercadorias e $\frac{1}{4}$ (um quarto) que constar na Lei Estadual, repassados para os municípios, distribuídos conforme estabelecido na lei Estadual e no artigo 158 da Constituição Federal, Seção VI da

Repartição das Receitas Tributárias. Portanto a ideia do pagamento e remuneração do imposto além de ser um gerador de políticas públicas sociais para a educação, saúde, segurança, produção de alimentos, inclusão de automobilísticos, esportes e cultura, é reparar quem ajuda a conservar ou produzir serviços sustentáveis para a preservação de biomas, demonstrando extrema importância no mercado, como benefícios econômicos do que a destruição ambiental, como é relatado por Loureiro (2002) sobre o incentivo da participação do município para recuperação de danos nas áreas conservadas.

Em vista, essa adição seria um exemplo de lei complementar nº 59/1991 (IAP 1991), do Estado do Paraná, que apresenta 5% arrecadado do ICMS, dividido 2,5% a unidades de conservação ambiental (parques, florestas, terras indígenas e reservas Particulares) e 2,5% a municípios presente de mananciais direcionado sobre proteção do poder público. Aguirre et al. (2016) explicam que para que os municípios se desenvolvam é preciso de avanço na economia para aproveitamento do ICMS, de receitas necessárias de suas atividades, para investimento do ICMS Ecológico, em um crescimento ordenado que não haja prejuízo ambiental.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2007, o ICMS-E é utilizado por uma parte dos estados do Brasil, e estes já possuem legislação. Esses estados apresentam reflorestamentos destinados para o crescimento e desenvolvimento de plantas, o que mostra bom desempenho da funcionalidade do ICMS-E para as florestas dos seus municípios. Foi constatado também que dez estados já efetuaram repasses de recursos financeiros, mas o estado da Bahia ainda não dispôs de legislação do ICMS-E. Estados que possuem legislação do ICMS são: Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amapá, Rio Grande do sul, Tocantins, Acre, Ceará e Rondônia. Conforme Assis (2008), em 1999 o estado da Bahia tinha criado um modelo similar de repartição do ICMS para fins sociais e ambientais, para beneficiar os municípios baianos, denominado ICMS CIDADÃO. Porém, o ICMS Cidadão tinha como procura por boas condições de vida para a população baiana, mas esse projeto permaneceu parado.

A aplicação do ICMS-E no estado do Paraná, de acordo com Aguirre et al. (2016), demonstra que para que funcione como um mecanismo na geração de receitas, é preciso que o município invista em produção de atividades estatais aos municípios, sejam relacionados a áreas de preservação, atividades econômicas, programas de educação ambiental, para que não aconteça degradação ambiental e que se torne um incentivo. Os recursos decorrentes do ICMS abordado pelo mesmo

autor, trouxe um crescimento ao município de Chopinzinho (PR), colaborando no aumento econômico e crescimento de receitas em categorias de Manancial de Abastecimento Público e Reserva Indígena - Mangueirinha, oferecendo melhores qualidades de vida a seus habitantes. No município de Maringá, os rendimentos e recursos vindos do ICMS Ecológico ajuda a cobrir despesas, trazendo estabilidade nos parques e melhoria na alimentação dos animais do parque de Ingá. Porém mesmo que o município de Maringá e Chopinzinho utilizem dos recursos do ICMS-E e leve para áreas do meio ambiente, o restante dos outros municípios do estado do Paraná não utilizam os benefícios do ICMS Ecológico para meios ambientais.

A respeito da legislação ambiental no Brasil, Ribeiro (2009) aborda que mesmo que seja avançada, ela não é tão presente para os municípios em relação a instrumento político de preservação ambiental. E para a utilização desses recursos econômicos é preciso melhorar o custo de produção e prevalecer um bom meio ambiente, necessário decidir entre responsabilidades presentes a um futuro ecológico, a solução desse equilíbrio ambiental está nas políticas municipais e harmonização das legislações.

4 ANÁLISE DA SITUAÇÃO E PROPOSTA DE SOLUÇÃO

4.1 Desenvolvimento humano na Bahia

Conforme o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), é demonstrado na figura 01 um ranking a respeito do Índice de Desenvolvimento Humano com os estados brasileiros:

Figura 1: Ranking no Índice de Desenvolvimento Humano no Brasil.

Ranking IDHM 2010	Unidade da Federação	IDHM 2010	IDHM Renda 2010	IDHM Longevidade 2010	IDHM Educação 2010
1º	Distrito Federal	0,824	0,863	0,873	0,742
2º	São Paulo	0,783	0,789	0,845	0,719
3º	Santa Catarina	0,774	0,773	0,860	0,697
4º	Rio de Janeiro	0,761	0,782	0,835	0,675
5º	Paraná	0,749	0,757	0,830	0,668
6º	Rio Grande do Sul	0,746	0,769	0,840	0,642
7º	Espírito Santo	0,740	0,743	0,835	0,653
8º	Goiás	0,735	0,742	0,827	0,646
9º	Minas Gerais	0,731	0,730	0,838	0,638
10º	Mato Grosso do Sul	0,729	0,740	0,833	0,629
11º	Mato Grosso	0,725	0,732	0,821	0,635
12º	Amapá	0,708	0,694	0,813	0,629
13º	Roraima	0,707	0,695	0,809	0,628
14º	Tocantins	0,699	0,690	0,793	0,624
15º	Rondônia	0,690	0,712	0,800	0,577
16º	Rio Grande do Norte	0,684	0,678	0,792	0,597
17º	Ceará	0,682	0,651	0,793	0,615
18º	Amazonas	0,674	0,677	0,805	0,561
19º	Pernambuco	0,673	0,673	0,789	0,574
20º	Sergipe	0,665	0,672	0,781	0,560
21º	Acre	0,663	0,671	0,777	0,559
22º	Bahia	0,660	0,663	0,783	0,555
23º	Paraíba	0,658	0,656	0,783	0,555
24º	Piauí	0,646	0,635	0,777	0,547
24º	Pará	0,646	0,646	0,789	0,528
26º	Maranhão	0,639	0,612	0,757	0,562
27º	Alagoas	0,631	0,641	0,755	0,520

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013).

À vista que o Brasil, mesmo que esteja em um conjunto considerado de “alto desenvolvimento humano”, em 79º colocado no *ranking* do ano de 2010, com 0,759, a figura 01 explica que os seus estados, inclusive a Bahia, ainda apresentam desigualdades em renda, tanto em longevidade quanto em relação a educação, de acordo com essas diferenças na qualidade de vida de seus municípios, o Estado da Bahia permaneceu em 22ª lugar na sua colocação.

Em concordância com Assis (2008), é necessário o aumento de melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para os municípios baianos, pois percebe-se o ICMS-E como uma ferramenta que tem como ajudar na maior rentabilidade de seus municípios, a realização dessas receitas é um incentivo na

ação da conservação ambiental. A importância do ICMS-E na economia do estado da Bahia traria facilidade de acessos a recursos financeiros para melhor qualidade de vida de seus municípios.

Por isso é preciso o uso de novos mecanismos econômicos para um avanço sustentável, é preciso se adaptar a modernidade que o meio ambiente se passa em meio à sociedade. William Outhwaite diante da Teoria Social (um paradigma ou estrutura de análise que examina ou explora os fenômenos sociais) aborda que a modernidade é orientada ao futuro, se releva para novos desenvolvimentos sociais e de políticas humanas. Ele explica que a modernidade está direcionada para o futuro, no desenvolvimento de novos meios de produção, organização social e políticas públicas fornecidas pela teoria social desde centenas de anos. Por isso a necessidade pela busca de novos recursos, pois para viver em contemporaneidade é preciso encontrar soluções que possam trazer um bom progresso a sociedade.

4.2 Possível estimativa do ICMS-E na Bahia

Segundo as informações do Tribunal de Contas da SEFAZ/Bahia sobre a arrecadação do ICMS no mês de agosto do ano de 2020, de 417 municípios, houve uma arrecadação de R\$ 2.199.853.690,93 com base nesses dados foi realizada uma planilha selecionada com o critério das vinte maiores cidades do estado da Bahia, para uma estimativa de valores arrecadados para o ICMS-E.

Tabela 1: Arrecadação do ICMS no estado da Bahia - agosto 2020

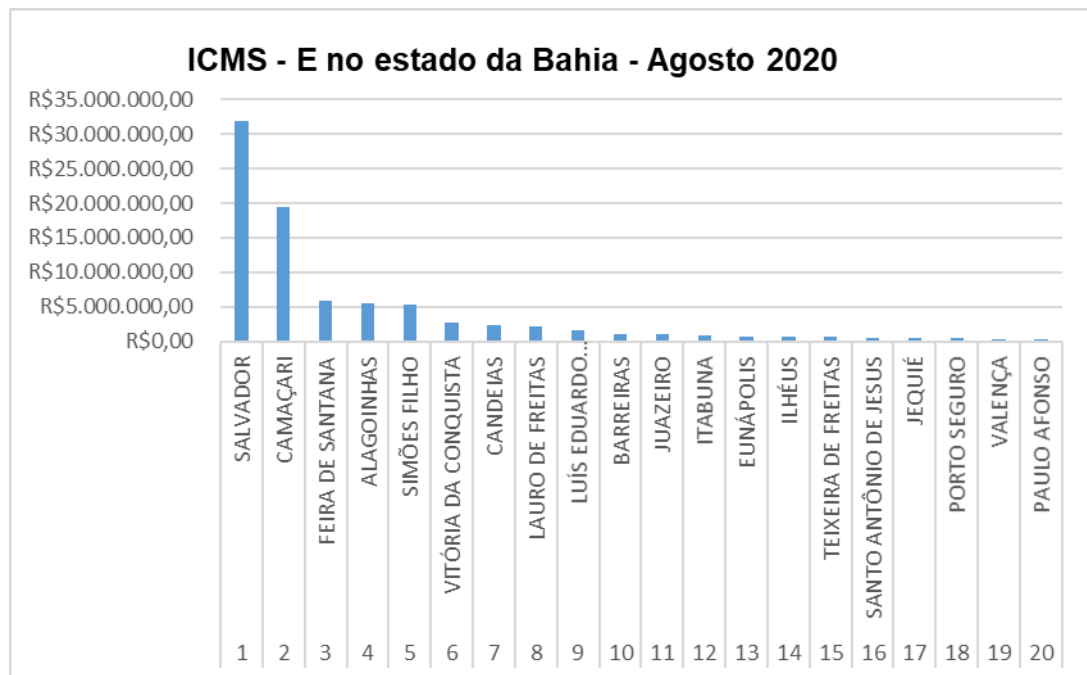
Nº	MUNICÍPIOS	ARRECADADO	25%	ICMS - E (1/4)
1	SALVADOR	R\$ 510.908.175,20	R\$ 127.727.043,80	R\$ 31.931.760,95
2	CAMAÇARI	R\$ 312.517.413,67	R\$ 78.129.353,42	R\$ 19.532.338,35
3	FEIRA DE SANTANA	R\$ 93.504.710,15	R\$ 23.376.177,54	R\$ 5.844.044,38
4	ALAGOINHAS	R\$ 88.530.272,26	R\$ 22.132.568,07	R\$ 5.533.142,02
5	SIMÕES FILHO	R\$ 83.870.117,05	R\$ 20.967.529,26	R\$ 5.241.882,32
6	VITÓRIA DA CONQUISTA	R\$ 42.641.870,64	R\$ 10.660.467,66	R\$ 2.665.116,92
7	CANDEIAS	R\$ 38.145.264,75	R\$ 9.536.316,19	R\$ 2.384.079,05
8	LAURO DE FREITAS	R\$ 35.598.669,25	R\$ 8.899.667,31	R\$ 2.224.916,83
9	LUÍS EDUARDO MAGALHÃES	R\$ 23.937.758,63	R\$ 5.984.439,66	R\$ 1.496.109,91
10	BARREIRAS	R\$ 15.485.447,73	R\$ 3.871.361,93	R\$ 967.840,48
11	JUAZEIRO	R\$ 15.083.131,90	R\$ 3.770.782,98	R\$ 942.695,74
12	ITABUNA	R\$ 13.829.453,27	R\$ 3.457.363,32	R\$ 864.340,83
13	EUNÁPOLIS	R\$ 11.213.837,92	R\$ 2.803.459,48	R\$ 700.864,87
14	ILHÉUS	R\$ 11.180.774,58	R\$ 2.795.193,65	R\$ 698.798,41
15	TEIXEIRA DE FREITAS	R\$ 8.991.206,49	R\$ 2.247.801,62	R\$ 561.950,41
16	SANTO ANTÔNIO DE JESUS	R\$ 8.348.486,50	R\$ 2.087.121,63	R\$ 521.780,41
17	JEQUIÉ	R\$ 6.770.884,68	R\$ 1.692.721,17	R\$ 423.180,29
18	PORTO SEGURO	R\$ 6.054.062,67	R\$ 1.513.515,67	R\$ 378.378,92
19	VALENÇA	R\$ 5.110.677,93	R\$ 1.277.669,48	R\$ 319.417,37
20	PAULO AFONSO	R\$ 4.686.842,10	R\$ 1.171.710,53	R\$ 292.927,63
TOTAL:		R\$ 1.336.409.057,37	R\$ 334.102.264,34	R\$ 83.525.566,09

Fonte: Tribunal de Contas da SEFAZ - BAHIA (2020)

De acordo com a tabela 01 acima, os municípios possuem direito a 25% (vinte e cinco por cento) do ICMS Total recolhido pelo estado, e $\frac{1}{4}$ (um quarto), no máximo, diante do que dispuser na Lei Estadual, para ser utilizado como definir. Nesse exemplo foram previstos um valor total de R\$ 83.525.566,09 (oitenta e três milhões, quinhentos e vinte e cinco mil, quinhentos e sessenta e seis reais e nove centavos). Desses vinte municípios selecionados que seriam da arrecadação do ICMS-E.

A seguir no gráfico 01, é apresentado uma estimativa de qual município obteve maior previsão de arrecadação do ICMS Ecológico:

Gráfico 1: Estimativa de arrecadação do ICMS-E no estado da Bahia.



Fonte: Tribunal de Contas - Sefaz Bahia (2020)

Como visto no gráfico 01, o município que teve maior valor previsto foi Salvador, com o valor de R\$ 31.931.760,95 (trinta e um milhões novecentos e trinta e um mil setecentos e sessenta reais e noventa e cinco centavos). Com esse valor poderia ser investido na implantação de trezentas escolas com uma infraestrutura no valor de R\$ 100.000,00 (cem mil reais), ou 166 (cento e sessenta e seis leitos) de UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) no valor estimado de aproximadamente R\$ 180.000,00 (cento e oitenta mil reais) referente ao site da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). A possibilidade desses valores arrecadados é bem positiva que poderia melhorar problemas ambientais, por meio de investimentos em áreas de proteção ambiental ou em projetos de sustentabilidades contra poluição, tratamento de rios, conservação de áreas indígenas, criação de resíduos sólidos e até recursos agropecuários, sendo que nos cinco primeiros meses do ano de 2018 a região Nordeste cresceu 5,6% (cinco vírgula seis por cento) em reais do ICMS conforme o DEE – Diário Econômico ETENE (Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ICMS-E é um instrumento público ambiental que ajuda na preservação de biomas e que também funciona em outros recursos públicos e sociais, seja na educação, transporte, saúde ou cultura. Isso significa que o arrecadamento do seu montante, pode trazer pontos positivos no mercado econômico como remunerar quem ajuda na preservação ambiental por meio de municípios ecossistêmicos, como foi demonstrado pelo princípio do protetor recebedor e criação de unidades de conservação nos municípios.

Conforme o problema da pesquisa, foi resolvida que o ICMS-E tem como importância na Bahia para a redução de desmatamentos e queimadas que continua sendo constante na Mata Atlântica. No que se refere ao objetivo geral deste trabalho, apresentou-se o ICMS-E como instrumento de política pública e socioambiental, uma solução para produção de recursos financeiros por meio do ICMS, estabelecendo independência e sem centralização do poder público. Visto que por ser uma ferramenta de compatibilidade tributária, o ICMS-E pode ser adotado por qualquer estado que possua de sua legislação.

Em relação aos objetivos específicos atingidos foi analisado a autonomia econômica do estado do Paraná ocorridas de suas receitas com o ICMS-E, onde foi abordado sobre o aumento econômico dos municípios de Chopinzinho e Maringá, que trouxeram avanços para reservas Indígenas, melhoria de parques e cobrimento de despesas, tornando assim uma melhor qualidade de vida dos cidadãos e a respeito da Metodologia do artigo foi suficiente para a realização da pesquisa detalhada, compreensão dos procedimentos estatísticos e estudo de documentos a respeito do ICMS Ecológico.

Diante dos princípios do direito auferidos a respeito dos danos causados ao meio ambiente, foram evidenciados o princípio do poluidor pagador como uma forma de responsabilizar os atos de quem prejudica o meio ambiente, e o princípio do protetor recebedor para recompensar aqueles que preservam o meio ambiente. Foi com esse objetivo que instituiu o ICMS-E. Na estimativa de possível implementação do ICMS-E, foram realizadas estatísticas por meio de dados da arrecadação do ICMS nos maiores municípios da Bahia, onde foram encontrados resultados de valores relevantes que poderiam conceber escolas e leitos de saúde para a população baiana.

Como o estado da Bahia se encontra em segundo colocado de pior cenário de desmatamento florestal, a solução encontrada está na sua maior arrecadação de

ICMS do Nordeste, desenvolvendo receitas que poderiam ser aplicados em prol da proteção ao meio ambiente e a sociedade. Mesmo sem possuir a legislação para o imposto, os resultados estatísticos demonstram capacidade que o ICMS-E pode ajudar no combate ao desmatamento da Mata Atlântica, em seu estado de calamidade e utilizar de seus valores para implantações de novas escolas e leitos de UTI.

Como esse tema está em precariedade de livros e discussões acadêmicos da Bahia que abordam o assunto, sugere-se para pesquisas futuras levantamentos de dados para entender o processo de prolongamento do ICMS-E no estado da Bahia, já que existe em torno de dez anos de Vigência no Brasil e inclusão no restante dos estados contemplados, análise de outros instrumentos de política pública e socioeconômico.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, et al. A aplicabilidade do ICMS ecológico nos municípios paranaenses. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v.20, n. 1, p. 148 -161, jan.-abr., 2016.

ALBUQUERQUE, F. Desmatamento na Mata Atlântica cresce 27,2%, diz relatório. **Agência Brasil**, São Paulo, maio, ano 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/desmatamento-na-mata-atlantica-cresce-272-diz-relatorio>. Acesso em: 13 maio 2020.

ARRECAÇÃO de ICMS cresceu 5,6% no Nordeste em 2018. **DEE – DIÁRIO ECONÔMICO ETENE**, ano 1, nº 111, julho, ano 2018. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/1342439/3629617/Diario+Econ%C3%B4mico+ETENE+-+DEE+-+Ano+I+-+No++111+-+23+07+2018.pdf/6841393b-9498-73f8-9d7a-6732ee6e518d>. Acesso em: 18 out. 2020.

ASSIS, A. P. C. **ICMS - ecológico como indutor da preservação ambiental em municípios de baixo IDH no estado da Bahia**. Distrito Federal, 2008.

BAHIA. **PM localiza área de desmatamento e carvoarias na Chapada Diamantina** Disponível em: <https://bahia.ba/bahia/pm-localiza-area-de-desmatamento-e-carvoarias-na-chapada-diamantina/>. Acesso em: 15 maio 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos estados brasileiros**: IBGE, coordenação de população e indicadores sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

JÚNIOR, L.; SOBRAL, E. **O ICMS socioambiental de Pernambuco**: uma avaliação dos componentes socioeconômicos da política a partir do processo de Markov. Pernambuco, 2014.

LAGO, A. **Estocolmo, Rio, Joanesburgo: o Brasil e as três conferências ambientais das nações unidas**. Brasília, 2006.

LOUREIRO, Wilson. **Contribuição do ICMS ecológico à conservação da biodiversidade no estado do Paraná**. Curitiba, 2002.

OUTHWAITE, W. **Teoria social: um guia para entender a sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

PORTAL TRIBUTÁRIO. **OS tributos no Brasil**: pesquisa sobre os impostos federais, municipais e estaduais. Disponível em: <http://www.portaltributario.com.br/tributos.html>. Acesso em: 30 set. 2020.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD-BRASIL. **Ranking IDHM Unidades da Federação 2010**. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-uf-2010.html>. Acesso em: 31 maio 2020.

RIBEIRO, L. **Instrumentos de política tributária municipal com vistas à proteção ambiental**. Recife, 2009.

SCAFF, F. F.; TUPIASSU, L. V. C. Tributação e políticas públicas: o ICMS ecológico. In: TÔRRES, H. T. (org.). **Direito tributário ambiental**. São Paulo, 2005.

SEFAZ - SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO DA BAHIA. **Arrecadação mensal dos municípios**. Disponível em: https://www.sefaz.ba.gov.br/administracao/contas/arrecadacao/menu_arrecadacao.htm. Acesso em: 04 out. 2020.

SEMA - SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Programa de desenvolvimento ambiental / Banco Interamericano de Desenvolvimento**. Disponível em: <http://www.meioambiente.ba.gov.br/2015/07/10520/PDA-BID.html>. Acesso em: 14 maio 2020.

SINDUSCON-BA. **Bahia não adota ICMS Ecológico, apesar de ter grande área reflorestada**. Disponível em: <https://www.sinduscon-ba.com.br/noticias/bahia-nao-adota-icms-ecologico-apesar-de-ter-grande-area-reflorestada/index.html>. Acesso em: 12 maio 2020.

SOS MATA ATLÂNTICA. **Sobre o atlas**. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/iniciativa/atlas-da-mata-atlantica/>. Acesso em: 31 maio 2020.

SOS MATA ATLÂNTICA. **Portal proteja divulga legislações estaduais sobre ICMS Ecológico**. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/noticias/portal-proteja-divulga-legislacoes-estaduais-sobre-icms-ecologico>. Acesso em: 01 set. 2020.

UNICAMP. **Quanto custa?** Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/coronavirus/quanto-custa>. Acesso em: 04 out.2020.



INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO: APRENDIZAGEM POR ECOPAUTAS E GUIA PROSPECTUS ACADEMICUS

INNOVACIÓN EN EDUCACIÓN: APRENDIZAJE DE LA GUÍA ECOPAUTAS Y PROSPECTUS ACADEMICUS

INNOVATION IN EDUCATION: LEARNING BY ECOPAUTAS AND PROSPECTUS ACADEMICUS GUIDE

ZABILINI, Anthony Costta¹⁴¹

Resumo: o artigo Inovação na Educação: aprendizagem por *Ecopautas* e guia *Prospectus Academicus*, tem por objetivo: Comparar resultados entre ações didático pedagógicas multidisciplinares e transdisciplinares, mediante pesquisa experimental por *Ecopautas* e guia *Prospectus Academicus*, possibilitando evidências para novas contribuições no campo educacional, tendo como problema o questionamento: “As práticas educativas vigentes envolvendo estratégias, metodologias e avaliações nos anos iniciais do Ensino Fundamental, relacionam-se com a proposta de Aprendizagem por *Ecopautas* e guia *Prospectus Academicus*?”. Os tipos de pesquisas: Quanto à abordagem fora definida como qualitativa, quanto aos procedimentos: estudo de casos múltiplos e experimental. Os métodos utilizados foram: empírico e comparativo, e a técnica: análises conteúdo. A partir das análises

¹ Anthony Costta Zabilini é *Nome Social* de Antonio Rodrigues da Costa, utilizado em publicações autorais. Além de escritor e poeta é professor da rede pública de ensino do Estado de Roraima, doutorando em Ciências da Educação pela Universidade Evangélica do Paraguai - UEP. Autor da pedagogia ativa “Aprendizagem por *Ecopautas* e guia *Prospectus Academicus*”. E-mail: anthonycosttazabilini@gmail.com.

da pesquisa; experimento da “Aprendizagem por *Ecopautas* e guia *Prospectus Academicus*”, pareceres técnicos pedagógicos e relatos descritivos, percebeu-se que os resultados apontaram vantagens para aprendizagem transdisciplinar sobre as concepções multidisciplinares. Espera-se que esta contribuição à educação brasileira e países interessados possa elevar a educação a práticas de aprendizagens significativas e que realmente o protagonismo estudantil aconteça.

Palavras-chave: Aprendizagem ativa. Princípio transdisciplinar. Protagonismo estudantil.

Resumen: el artículo Innovación en Educación: Aprendizaje de la guía *Ecopautas* y *Prospectus Academicus*, tiene como objetivo: Comparar resultados entre acciones didácticas pedagógicas multidisciplinares y transdisciplinares, a través de la investigación experimental de la guía *Ecopautas* y *Prospectus Academicus*, aportando evidencias para nuevos aportes en el campo educativo, teniendo como problema, la pregunta: “¿Las prácticas educativas actuales que involucran estrategias, metodologías y evaluaciones en los primeros años de la Enseñanza Básica están relacionadas con la propuesta de Guía de Aprendizaje de *Ecopautas* y *Prospectus Academicus*?”. Tipos de investigación: En cuanto al enfoque se definió como cuali-cuantitativo, en cuanto a los procedimientos: estudio de caso múltiple y experimental. Los métodos utilizados fueron: empírico y comparativo, y la técnica: análisis de contenido. Con base en los análisis de investigación; experimento de “Aprendizaje por guía *Ecopautas* y *Prospectus Academicus*”, dictámenes técnicos pedagógicos e informes descriptivos, se percibió que los resultados apuntaron ventajas para el aprendizaje transdisciplinario sobre las concepciones multidisciplinares. Se espera que esta contribución a la educación brasileña y de los países interesados pueda elevar la educación a prácticas de aprendizaje significativas y que el protagonismo de los estudiantes realmente suceda.

Palabras clave: Aprendizaje activo. Principio transdisciplinario. Protagonismo estudiantil.

Abstract: the article Innovation in Education: Learning by *Ecopautas* and *Prospectus Academicus* guide, aims to: Compare results between multidisciplinary and transdisciplinary pedagogical didactic actions, through experimental research by *Ecopautas* and *Prospectus Academicus* guide, providing evidence for new contributions in the educational field, having as a problem, the question: “Are the current educational practices involving strategies, methodologies and assessments in the early years of Elementary School related to the proposal of Learning by *Ecopautas* and *Prospectus Academicus* guide?”. Types of research: As for the approach, it was defined as quali-quantitative, as for the procedures: multiple and experimental case studies. The methods used were: empirical and comparative, and the technique: content analysis. Based on the research analyses; experiment of “Learning by *Ecopautas* and *Prospectus Academicus* guide”, pedagogical technical opinions and descriptive reports, it was noticed that the results pointed to advantages for transdisciplinary learning over multidisciplinary conceptions. It is hoped that this contribution to Brazilian education and interested countries can elevate education to meaningful learning practices and that student protagonism really happens.

Keywords: Active learning. Transdisciplinary principle. Student protagonism.

1 INTRODUÇÃO

A partir de distintas inquietações no campo educacional vividas no interior de instituições de ensino, que se destinara por meio de pesquisas analisar práticas e estratégias educacionais, realizar experimento e apresentar à Educação a proposta pedagógica “Aprendizagem ativa por *Ecopautas* e Guia *Prospectus Academicus*,” estrutura criada pelo pesquisador para alicerçar, flexibilizar e dinamizar o caminho estudantil para uma aprendizagem verdadeiramente significativa, mais próxima dos interesses e realidade dos estudantes.

Fora nesta perspectiva que se encaminhara o problema desta pesquisa: As práticas educativas vigentes envolvendo estratégias, metodologias e avaliações nos anos iniciais do Ensino Fundamental, relacionam-se com a proposta de Aprendizagem por *Ecopautas* e Guia *Prospectus Academicus*? Logo, para tanto, só havia um caminho para uma sondagem criteriosa, o experimental, vez que a Aprendizagem por *Ecopautas* se tratava de uma inovação e precisava ser testada.

O presente estudo fora desenvolvimento em uma escola pública na sede do Município de Rorainópolis, Roraima, Amazônia, Brasil, para o qual definira-se como objetivo geral “Analisar o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio de estudo de casos múltiplos, conhecendo-se estratégias, práticas metodológicas e avaliativas, relacionando-as com Aprendizagem por *Ecopautas* e Guia *Prospectus Academicus*.”

A pesquisa desenvolvida para tese de doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Evangélica do Paraguai (UEP), ancorara-se no estudo epistêmico de autores imprescindíveis para o processo de aprendizagem significativa como: AUSUBEL (1980) Psicologia educacional; MORIN (2011) Os sete saberes necessários à educação do futuro; MUNHOZ (2019) Aprendizagem Baseada em Problemas; FREIRE (2022) Pedagogia do Oprimido, entre outros autores e/ou obras igualmente importantes.

A Aprendizagem por *Ecopautas* fora apresentada na perspectiva de uma abordagem transdisciplinar em detrimento de práticas didático pedagógicas multidisciplinares vigentes nos sistemas de ensino do Brasil. Assim, se se observar a historicidade educacional brasileira, se perceberá que o analfabetismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental é centenário, logo, portanto, vem se perpetuando na

linha do tempo, e se não tiver nada capaz de detê-lo, continuará avançando pelo futuro determinantemente.

E é, pois, para além de se fazer enfrentamento no combate ao analfabetismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que se propôs a pedagogia ativa “Aprendizagem por *Ecopautas* e Guia *Prospectus Academicus*”, para uma aprendizagem centrada na complexidade univérsica envolta da vida de cada participante ativo que tenha na educação a missão de aprender, neste sentido, a prática de aprendizagem aqui evidenciada tem potencial de replicação em todos os níveis de ensino, vez que sua estrutura é elasticamente flexível, dinâmica e prospectiva.

Assim, portanto, e para que a aprendizagem significativamente ativa aconteça na esfera educacional, mas fora do arcabouço curricular tradicional, a Aprendizagem por *Ecopautas* tem guia epistêmico próprio, desenvolvido em dez seções de aprendizagem, possibilitando, sobretudo, convivências no processo de ensino e aprendizagem mais prazerosas, autônomas, proativas, problematizadoras e com espaço aberto para tornar verdadeiramente professores e estudantes protagonistas em suas intervenções.

2 DESENVOLVIMENTO

Apresenta-se neste Capítulo uma proposta pedagógica transdisciplinar e epistemicamente univérsica envolta do estudante e do professor, a qual concebida pelo autor como “Aprendizagem por *Ecopautas* e Guia *Prospectuas Academicus*”, desenvolvida experimentalmente numa turma de 22 (vinte e dois) alunos de 3º ano do Ensino Fundamental da escola “Joselma Lima de Souza”, sediada no Bairro Novo Brasil, Município de Rorainópolis, Roraima, Amazônia, Brasil.

Procurara-se no corpo deste Capítulo explicitar com clareza acerca desta proposta pedagógica, não obstante, havendo dúvidas em detrimento das ideias aqui compartilhadas e, portanto, não é o que se objetiva, mas por se tratar de algo estrutural que não se faz presente na rotina de trabalho educacional, teve-se preocupação de detalhá-lo cuidadosamente a fim de que os objetivos aqui fossem clarivamente alcançados.

A transdisciplinaridade engloba e transcende as disciplinas, sem anulá-las, mantendo a complexidade do real, em que: a) “nunca há pontos de partida absolutamente certo, sem problemas definitivamente resolvidos”; b) o pensamento nunca avança em linha reta, pois toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais” ; e c) “a marcha do conhecimento aparece como uma perpétua oscilação entre as partes e o todo, que se devem esclarecer mutuamente” GOLDMANN, 1979, p. 6).

Aprendizagem por *Ecopautas*, neste sentido, “representa uma ruptura com o modelo linear de ler o mundo, uma forma de articulação dos saberes.” GADOTTI (2000, p. 39), logo, por sua natureza concepcional, não se adequa aos moldes convencionais de ensino, asfixiar-se-ia. Seu autor, que vivera os dois lados do processo educacional, um como aluno enfileirado em salas de aulas em estado de passividade e outro como professor em estado de múltiplas impotências, angustias e decepções, passara a defender mudanças por novas abordagens educativas.

É em contrário a uma lógica fechada para universos abertos, que a Aprendizagem por *Ecopautas* se manifestara para oferecer ânimos novos em geografias sociais e ambientes educacionais dentro e fora de instituições de ensino, assim contribuir na formação cidadã para corresponder aos desafios do novo milênio e como cidadã/cidadão local/global **sentir-se ser do presente vigente** e jamais com **sentimento de formação** para aqui viver como sujeito correspondente do século passado, diante de complexidades vitais, nada poder fazer pelo futuro.

2.1 Introdução às Pautas de Aprendizagem por *Ecopautas*

Para que se possa ter compreensão da organização da Aprendizagem por *Ecopautas*, imprimira-se que ela possui uma estrutura complexamente articulável, flexível e dinâmica para conduzir colaborativamente no *Camminus epistêmicos*² processos problematizadores em que se dão constantes diálogos entre professores e estudantes, tanto em planos off line quanto on line.

Inicia-se aqui por uma das mais significativas atitudes na criação desta proposta pedagógica, que no momento da fase experimental percebera-se um grau

² No ensino convencional o que se organiza, define e/ou se dá distinto e solitariamente por estruturas disciplinares em atendimento ao propósito educativo, na concepção pedagógica Aprendizagem por *Ecopautas* o *Camminus epistêmicos* ao tempo que se tem como caminho do conhecimento é organismo de corpo temático complexo constituído das áreas do conhecimento libertadas das caixas que as aprisionam, assim destinar-se a um saber integral e integrizador.

de autoestima entre as crianças acima do comum, fala-se aqui do *aluno*, como secularmente é chamado na educação básica, e que a partir de agora “aluno” passa a ser “prodígio”, “prodígio aprendiz”. Prodígio porque entende-se que toda criança possui habilidades incríveis, que muitas vezes não são levadas em consideração e experiências contextuais sequer são previstas em planejamentos.

Nesta proposta pedagógica, professor e professora continuarão sendo chamados de professor e professora, ambo reflexivos, dinâmicos e problematizadores acerca das pautas de aprendizagem e para aprendizagem dos prodígios. Apenas para no texto citá-los ao mesmo tempo, utilizar-se-á aqui a abreviação **profs** para se referir ao professor e a professora.

A Aprendizagem por *Ecopautas* possui um guia criado e nominado pelo autor de *Prospectus Academicus* - **organismo** estrutural do *Camminus epistêmicos* —, o qual formado por dez Seções, onde cada Seção é subdividida em *Proações*, que são momentos onde o estudo e aprendizagem acontece participativa e colaborativamente, ou seja, trata-se de um currículo de aprendizagem estudantil aprimorado para as urgentes exigências educacionais de hoje e futuro.

Ao longo desta concepção, em especial no momento em que se dava a fase experimental da pesquisa, houveram alguns questionamentos, entre eles: e por quê *Eco*? Por quê *Pauta*? Logo, buscara-se explicitar: o *Eco* nesta pedagogia tem sentido — ao tempo que complexo pode ser dinamicamente inteligível — de criar, ofertar e receber boas novas, e aqui, esse criar, ofertar e receber não acontece por uma única via, mas por vozes ativas multidimensionais, não só para o que liga ao social, ao ambiental, econômico ou cultural, por exemplo, mas em todos os aspectos.

Um grito dado, por exemplo, pode ser ouvido por muitos em seu elástico percurso, assim, portanto, em todos os sentidos, tanto no plano horizontal, diagonal ou vertical, dependendo da direção, pode ter um alcance ainda maior, assim, para além das páginas de livros didáticos, paredes de sala de aula e alunos enfileirados, acontece uma nova dinâmica para uma aprendizagem realmente ativa e mais significativa para os prodígios aprendizes.

A *Pauta* é o caminho de estudo com distintos significados, não de significado de faz de conta, de pôr no papel porque é do momento, mas *significado significativo*. A *Pauta* é um universo, um universo de conhecimentos complexos que pertence a todos, é onde o meu saber e meu fazer tem importância, da mesma forma o saber e fazer do outro igualmente.

Pauta e *Eco* interagem reciprocamente via *Camminus epistêmicos* para o fazer aprender, produzir, publicar, contar histórias, promover e viver, agora esses fazeres vão para além das páginas de componentes curriculares, que por suas naturezas não foram concebidos para articularem-se mutuamente nas práxis docentes, assim, até hoje se dão separadamente em atendimento específico ao interesse disciplinar e por determinação sistêmica curricular.

Na concepção prospectiva do *Camminus epistêmicos*, no que diz respeito ao processo de aprendizagem ativa por *Ecopautas*, as áreas do conhecimento interagentemente se complementam em função das Pautas de Aprendizagem, tornando essa simbologia *Pauta* e *Eco* e *Eco* e *Pauta* indissociáveis para a missão de universalizar o conhecimento na problematização com oportunidades ao protagonismo tanto por *profs* quanto por prodígios aprendizes.

Um *Eco* de *Pauta* aqui - por sua elasticidade -, também é conceituado, por exemplo, como conexões de ideias, de fatos históricos e atuais, de temáticas, matérias, artigos, filmes e documentários correlatos aos assuntos em desenvolvimento. Por suas diversificadas estruturas, as conexões, quando se relacionam com a Pauta de Aprendizagem, são imprescindíveis para qualificar mais ainda o estudo, quer por fortalecer a discussão acerca do assunto em pauta ou por complementar com novos elementos por distintas fontes.

Esse universo de possibilidades reais para conexões com as pautas de aprendizagem existe e prodígios aprendizes impressionantemente tem contato em seu dia a dia por várias plataformas de informações impressas, digitais, off-line e on-line. A supressão destes saberes articulados com meios tecnológicos, a exemplo de aparelhos como celular e aplicações como *chat gpt*,³ analogicamente é fazer da sala de aula vagões de locomotivas movida a carvão.

O que não se pode - mesmo em tempos remotos à tecnologia — é afirmar que crianças não sabem disso ou daquilo, como ao pesquisador foi dito por uma professora dos anos iniciais Fundamental: "[...] como vão participar dessa inovação se esses alunos não têm conhecimentos para protagonizar? Muitos nem ler sabem!", FREIRE (2021) diz "Ninguém é autônomo primeiro [...], a autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas."

³ *Chat GPT* é uma ferramenta de inteligência artificial utilizada para gerar diálogos virtuais. Ela utiliza algoritmos que realizam processamento de linguagem e que possibilita interação humana via celular, por exemplo.

Neste sentido, é imprescindível se enfatizar aqui que na Aprendizagem por *Ecopautas*, prodígios aprendizes em hipótese alguma serão tidos como incapazes, por conseguinte, impedidos de participarem da busca de conhecimentos quer sejam eles inteligíveis, sensíveis e/ou complexos em detrimento de julgamentos e/ou ingenuidades alheias, nesta proposta pedagógica a aprendizagem se dá sem descarte da complexidade univérsica envolta de cada um envolvido no contexto do experienciar sua própria forma de aprender consigo e com os outros.

No planejamento *Ecopautas* cabe as inexperiências dos prodígios, suas curiosidades, seus fazeres empíricos, seus diálogos, seus questionamentos, cabe as problematizações cotidianas, suas angustias, suas visões, seus pensamentos, seus sonhos, enfim, não é porque prodígios aprendizes não sabem remar, nadar, pescar que não possam aprender — aprendem.

Os *Ecos*, não ecos no sentido de repetição, mas *Vozes Ativas* que encontram guarida ao ajudar tecer sua própria *Pauta de Aprendizagem*, e nunca ao contrário, como recebê-la pronta e sem espaços previstos e/ou reservado anteriormente, tampouco em tempo real para receber novidades do dia a dia local, regional, nacional, internacional ou mesmo universal de interesse da humanidade como ocorre no *Camminus epistêmicos*, receptível, criativo e dinâmico para uma *formação* realmente *integral* e *integradora* ao devir tanto pessoal quanto educacional.

Assim, portanto, e num sentido mais amplo e mais explicitado, *Eco* e *Pauta*, pautam o Eu voz, o Eu ser, o Eu matéria, o Eu espírito, o Eu vida, o Eu aprendiz, o Eu professor, o Eu social, o Eu cultural, o Eu político, o Eu global, o Eu planetário, enfim, o Eu de cá, o Eu de lá, o Eu eu, o Eu outro, o Eu coletivo, o Eu natureza, o Eu univérsico.

Numa emergência de afogamento, tem que se pular nas águas do Rio para salvar a criança, só por fortes intuições, impulsos pelo agir espiritual e céleres atitudes da matéria física humana salva-se àquela vida. A exemplificação do pesquisador é para dizer que se precisa de fortes intuições, de impulso espiritual e de céleres atitudes para salvar a Educação de atrasos seculares, consequentemente salvar a *Casa planetária* de catástrofes cientificamente anunciadas.

Assim, a escrita de Francisco Gutiérrez (2013, p. 32) se situa nesta reflexão quando diz “Abandonar o paradigma que presidiu nosso agir até o momento significa, por isso, apoderar-se de espaços inéditos que requerem novas respostas em todos os âmbitos” que se inclui o “educativo e outros”, portanto, continuar no

“modus opedandi” da educação convencional pode significar retardos ao processo evolutivo para solução de problemas complexos no futuro.

Finalmente chegou-se ao século XXI, mas quase tudo da educação ficou no século passado, no planejamento convencional por exemplo, se tem conteúdos programáticos anuais previamente definidos e estabelecimento de horários fechados, geralmente se delimita um espaço de tempo hora/aula que não permite estudo com mais aprofundamento, o qual tem como base referencial o livro didático, que majoritariamente imprime assuntos muito restritos, forte indutor a *profs* de práticas tradicionais — não pesquisadores — a trabalharem pela simples oferta.

Em se tratando dos conteúdos disciplinares, atualmente as escolas, por meio do corpo docente, elegem pelo voto o livro didático ou coleção que mais acreditam atender ao Plano Anual de Ensino. Até a primeira década deste milênio, os livros eram selecionados por equipes da Secretaria de Educação e destinados como oficiais a serem utilizados nas escolas, o que gerava muita reclamação, vez que havia coleções que não atendiam as definições do Plano de Ensino Anual, levando — via lógica tradicional — *profs* a uma série de adequações.

Neste sentido, no sentido de se receber livros didáticos e trabalhar por componentes curriculares, onde cada disciplina comporta conteúdos específicos à sua área do conhecimento, *profs* por planejamentos igualmente disciplinares e pelo modelo assim constituído, trabalham isoladamente em ambientes fechados os assuntos planejados, estes rotineiramente, salvas exceções, não fazem relações contextuais. Edgar Morin (2011, p. 34), diz que “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente.” E explicita que é preciso:

[...] situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. Desse modo, a palavra “amor” muda de sentido no contexto religioso e no contexto profano, e uma declaração de amor não tem o mesmo sentido de verdade se é enunciada por um sedutor ou por um seduzido.

Considerando-se também aspectos paradigmáticos como parte da engrenagem sistêmica da educação, tradicionalmente segue-se um cronograma de atividades temporalmente distribuído entre as disciplinas, a exemplo da escola pesquisada em seu horário de aula, controle rígido e supervisionado que se observa em todas unidades de ensino do município da escola pesquisada.

Quadro1 – Modelo de horário de aula padronizado por turma

Templo/disciplina	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
1º tempo	MAT	PORT	PORT	MAT	MAT
2º tempo	E.F	PORT	ARTE	MAT	MAT
3º tempo	PORT	HIST	CIÊN	GEO	E.F
4º tempo.	PORT	HIST	CIÊN	GEO	E.R

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2022).

Aprendizagem por *Ecopautas* não objetiva ampliar mais ainda a carga de trabalho do professor/a, mas otimizar para melhor qualificar a práxis docente, sobretudo, a aprendizagem dos prodígios, que terão oportunidades, pela natureza pedagógica, de participarem ativamente das Pautas de Aprendizagem, e aqui, mais uma inovação, os prodígios contribuem com suas ideias na constituição das *Ecopautas*, com o planejamento, podendo, inclusive, na Seção problematização, optarem pela *Ecopauta* que mais lhes motivem ao estudo e nunca ao contrário.

No estudo por *Ecopautas*, há pautas universais e indissociáveis subpautas, as quais definidas como Pautas de Aprendizagem, a primeira é robusta por essência, é vasta e rica em elementos de aprendizagem; a segunda se diversifica por epistêmicos conhecimentos, são conexões contínuas que partem da pauta univérsica e, que serão definidas coletivamente por aqueles/as que se debruçarão sobre elegidas temáticas para tomada de conhecimentos.

Durante a concepção embrionária desta proposta pedagógica, muitos perguntaram ao autor se se tratava de uma Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), e fora dito que problemas fazem parte da proposta, que ela se constitui mais como aprendizagem problematizadora do que baseada em problemas. Na proposta de Aprendizagem ativa por *Ecopautas*, os prodígios aprendizes problematizam colaborativamente, muitas vezes a partir de seus conhecimentos prévios, de suas experiências e nunca a partir de planejamentos constituídos unilateralmente.

Na perspectiva da educação tradicional, Petraglia (2021, p. 79), no livro Educação e a complexidade do ser e do saber, de Edgar Morin, diz que o currículo:

[...] escolar é mínimo e fragmentado. Na maioria das vezes, deixa a desejar tanto quantitativamente quanto qualitativamente. Não oferece, através de suas disciplinas, a visão do todo, do curso e do conhecimento uno, nem favorece a comunicação e o diálogo entre saberes; dito de outra forma, as disciplinas com seus programas e conteúdos não se integram ou complementam, dificultando a perspectiva de conjunto, que favorece a aprendizagem.

Na contemporaneidade deste milênio, mas que em qualquer época o devir curricular é temática mundialmente discutida, assim, no complexo devir educacional, professores, gestores e pesquisadores deverão se perguntar (GADOTTI, 2013, p. 46) “o que valerá no futuro currículo do estudante? Valerá um histórico escolar coerente, sem sobressaltos, sem anos interrompidos, sem uma sequência de notas altas e baixas [...] valerão os estágios feitos, o capital de relações sociais”. O autor reitera: “[...] Ser aluno brilhante, sobretudo numa escola “lecionadora”, não garante nada.”

O assunto requer ações proativas. No *Camminus epistêmicos profs* pautar-se-ão pela linha dos questionamentos, buscando sempre, em primeiro plano, que os prodígios construam soluções, num segundo plano, *profs* proporcionarão reflexões acerca da *Pauta*, para que todos possam pensar, discutir e compartilhar pensamentos, assim, depois de os prodígios terem explorado bem o que se trata, *profs*, por suas vezes, complementam, fazendo devidos esclarecimentos, pontuando dúvidas persistentes, e nunca ao contrário, como explanar tudo e prodígios simplesmente passivando.

Na Aprendizagem por *Ecopautas* prodígios não assumem papéis de coordenador ou secretário como na PBL, por outro lado *profs* tutores, mas *profs* críticos, reflexivos, dinâmicos e problematizadores, neste sentido, prodígios e *profs* assumirão responsabilidades individuais e coletivas, onde todos agirão ao tempo que atendendo ações individuais seguirão proativamente colaborando com suas equipes e/ou com a turma como um todo.

A problematização na perspectiva da Aprendizagem por *Ecopautas* se afirma curricularmente via *Camminus epistêmicos*, onde os problemas partem da cosmovivência⁴ intrínseca de membros colegiados — prodígios, *profs*, gestores pedagógicos e familiares — participantes, que por suas vezes os apresentarão para incorporação ou não a um banco de dados institucionalmente criado para serem pautados quando assim for de interesse coletivo.

Para que não apenas se caminhe sobre o tecido teórico, apresentando ideias e discorrendo acerca delas, a título de exemplificação, para que se possa ter visíveis compreensões ao que se trata, apresenta-se a seguir o Guia *Prospectus Academicus* — organismo do *Camminus epistêmicos* —, estrutura em que se dá o processo de aprendizagem pela pesquisa.

⁴ Na Aprendizagem por *Ecopautas cosmovivências* está estreitamente associado ao contexto social, cultural, ambiental, econômico e educacional por exemplo.

Figura 1 – Guia *Prospectus Academicus*

No ensino convencional o professor primeiramente era tido como centro do processo de ensino e aprendizagem, este centro deslocara-se e hoje o aluno é definido como centro.

Na Aprendizagem por *Ecopautas* o centro da aprendizagem é o que é, ou seja, o que sempre foi, mas ao longo da história da educação criara-se a ideia de que *la enseñanza* necessitava de um centro, por conseguinte, materializara-se o conceito que ora se aplica pelo sistema educacional.

A Aprendizagem por *Ecopautas* ao contrário da perspectiva educocêntrica⁵ de ensino e aprendizagem convencional, tem como centro epistêmico a complexidade univérsica a partir da geografia singular, social e cultural de *profs* e prodígios num *contínuo proativo colaborativo*, que se dá reciprocamente entre o local e o global entrelaçados universicamente.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2020)

A partir da imagem do Guia *Prospectus Academicus* com paleta de cores, tudo ficara mais fácil para compreensão do *Camminus epistêmicos* via Aprendizagem por *Ecopautas*, cada cor contida na paleta representa uma Seção de Aprendizagem, assim estruturada: (a) Seção I: Problematização; (b) Seção II: Protesto; (c) Seção III: Problema; (d) Seção IV: Prospecção de Parcerias; (e) Seção V: Proativação; (f) Seção VI: Procura ativa; (g) Seção VII: Produção ativa; (h) Seção VIII: Proposição de soluções; (i) Seção IX: Proferição; (j) Seção X: Promoção.

Para que as Seções pudessem ser desenvolvidas por *profs*, prodígios e/ou colaboradores a partir de planejamentos e malhas avaliativas, criara-se organogramas, tabelas, matrizes avaliativas, as quais o pesquisador continua aperfeiçoando, não obstante, estas estruturas não se fazem presentes no corpo do artigo, tão logo seja publicado o livro Aprendizagem por *Ecopautas*, disponibilizar-se-á estruturas correlatas para livre apreciação e/ou utilização.

2.2 Pautas de aprendizagem epistêmicas

A Aprendizagem por *Ecopautas*, como já se viu, organiza-se numa sequência de dez Seções, segue por caminhos ao tempo que complexos reflexivos para atuações colaborativas e autônomas, possibilitando vivências para competências,

⁵ A Aprendizagem por *Ecopautas* - em sua pedagogia - rompe com o *paradigma educocêntrico* por entender que assim como a Terra e Sol não são o centro do Universo, o professor e aluno também não o são. Nesta perspectiva, o centro do Universo é o que é, ou seja, o que sempre foi, e o que deixara de ser por cegueira humana ingenuamente doutrinado nunca se saberia se não fosse pelo avanço tecnológico e comprovações científicas.

habilidades e virtudes, confluências cognitivas e socioemocionais por meio de uma aprendizagem dinâmica, criativa e problematizadora, onde se dão ações individuais e/ou coletivas protagonizadas por atores engajados na missão de socializar ideias criativas, investigar e aprender.

Quer-se com o *Camminus epistêmicos* possibilitar que o processo de aprendizagem seja ao tempo que problematizador, flexível, dinâmico e prazeroso para partilha e aquisição de novos conhecimentos, não só para os anos iniciais do Ensino Fundamental, mas que possa abrir caminhos para todos os segmentos da Educação Básica e Superior que dele queira fazer uso.

No circuito epistêmico guiado pelo *Prospectus Academicus*, haverá distintos momentos chamados de *tempos de prosas*, as socializações poderão ocorrer entre prodígios da mesma escola, escolas locais ou ainda de outras regiões; *tempos de prosas* com familiares; *tempos de prosas* presenciais ou on line, com participação, inclusive de personalidades locais, regionais, nacional e internacional se for o caso, o que nem sempre será necessária a participação direta de *profs*, possibilitando-se aos prodígios autonomia na busca do conhecimento.

O estudo de uma *Ecopauta* - diferente das aulas convencionais - não será ofertado por disciplinas fechadas para tomada de conhecimentos isolados em si, cronometrada por hora aula anunciadas por sirenes, tampouco haverá enfileiramento em sala de aula, essa não é característica do circuito *Camminus epistêmicos*, assim, *profs* e prodígios proativamente poderão sempre que necessário, optar por outros ambientes do espaço escolar ou externo a ele.

Penséss (Apud Morin, 2011, p.35) tecera críticas ao estudo isolado das partes do objeto de conhecimento, e permitirá reflexões sobre o integral conhecimento do mesmo objeto, logo:

[...] sendo todas as coisas causadas e causadoras, ajudadas ou ajudantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por um elo natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes.

Considerando-se déficits de aprendizagem históricos na trajetória educacional brasileira apontadas por indicadores de pesquisas a exemplo do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), não se pode esperar por um colapso devastador ou catástrofe planetária para se entender que o procrastino no

devir da educação é um erro gravíssimo, portanto, deve ser preciosamente cuidada, valorizada e entendida como salvaguarda da humanidade.

Assim, enquanto sujeitos interagentes das práticas educativas, não se pode deixar-se privar por restrições ao saber entre cegas paredes, mas buscar o conhecimento que encontra-se - em sua complexidade - descompartmentalizado, integral, aberto e acessível a quem dele queira fazer parte, quer cognitiva ou socioemocionalmente, quer empírica ou cientificamente.

Enfatiza-se ainda, que o estudo de uma Pauta de Aprendizagem tem percursos contínuos e nunca se finda ou se conclui em duas ou quatro horas. Pela trajetória estudantil do pesquisador e observacional em campo escolar, entende-se que muitas vezes se pratica ensino para memorização e/ou fixação de conteúdos para obtenção de notas, que se dão por cronometragem hora/aulas e que pela correria conteudista, muitos assuntos importantes são tratados e concluídos em duas horas, práticas educativas que contrastam a aprendizagem problematizadora por *Ecopautas*.

A Aprendizagem por *Ecopautas* — por sua natureza — requer *profs* e prodígios pesquisadores, críticos, reflexivos, criativos, participantes integralizados na construção e aquisição proativa de conhecimentos interagentes com a realidade univérsica colegiada em seu intrínseco devir, quer ora em proatividades pessoais ou ora em rica diversidade sociocultural humana.

Assim, o circuito articulado por organismos vinculados ao *Camminus epistemicos*, que concepção a aprendizagem problematizadora, que tem curso vivo na problematização, que valoriza, e, portanto, relaciona-se, contextualiza-se e interage-se com distintas cosmovivências, é estrutura que possibilita prodígios tornarem-se mais autônomos na busca de aprendizagem com significados para suas vidas.

Para se possibilitar aprendizagem significativa, o processo letivo segue para além dos conteúdos listados em livros didáticos, do quadro de giz, caderno de anotações, cadeiras enfileiradas, fala expositiva de professores e escuta passivizada de alunos, estes pautados na perspectiva de ensino convencionais de natureza legítima, manter-se-ão distantes de práticas de aprendizagem ativas focadas nas exigências deste milênio se se mantiver paradigmaticamente inalterado currículos e leis focados no século passado, enfim, na prática tudo é muito diferente.

Observa-se que não é necessário nenhum expert em educação para perceber que a orgânica sistemática tradicional puxa e impede o País de assumir posições educacionais importantes interna e externamente. Tony Buzan (2019, p. 107.) diz que “O pensamento criativo não é prerrogativa dos gênios”, neste sentido, a partir de simples estratégias como a dos mapas mentais, por exemplo, tem-se a oportunidade de se melhorar a aprendizagem, imagina-se se se fizer uso do conjunto de práticas ativas na forma interdisciplinar ou transdisciplinar.

No circuito articulado por organismos do *Camminus epistêmicos* que tece o caminho a ser percorrido, evidenciam-se problemas, hipóteses, cosmovivências indissociáveis do processo de aprendizagem, estudos e pesquisas entorno de pautas elencadas. No caminho a se percorrer, além de se considerar tudo isso, e de se ter visão univérsica acerca dos futuros passos, comprometidamente dar-se-á um passo de cada vez, com consciência sobre o *fazer proativo* individual e/ou coletivo, tanto em plataformas virtuais como em ambientes físicos de estudo.

Por questões de limitação de páginas não se disponibilizara aqui o detalhamento do caminho articulável prospectivo das dez Seções do Guia *Prospectus Academicus*, tão logo se publique o livro *Aprendizagem por Ecopautas* imprimir-se-á toda concepção acerca de sua estrutura como construtor e norteador de ativas práticas educativas.

Assim, portanto, na simples cosmovisão⁶ do pesquisador, vislumbra não haverá educação relevantemente de qualidade com apetecíveis indicadores em escala mundial se não se considerar metodologias educacionais ativas tecidas para este novo Mundo. E aqui não se diz trancafiar proatividades em vagões de locomotivas a vapor, lembra? “Vinho novo em odre velho”? Pois é, é tolher competências e habilidades (BNCC), múltiplas inteligências (Gardner), Pilares da educação XXI (Delores), saberes necessários à educação do futuro (Morim), enfim.

3 METODOLOGIA

Sua organização está estruturada a partir dos procedimentos metodológicos, tipos de pesquisa, método, técnica, população alvo e amostra, indicadores e instrumentos de coleta de dados. Explicita-se que o arcabouço metodológico em sua integralidade fora corpo metódico da pesquisa de tese de doutorado em Ciências da Educação pela UEP/PY.

⁶ Maneira subjetiva de ver o mundo, neste caso em específico, o mundo da educação no que se refere ao ensino tradicional.

Neste sentido, e a partir de embasamentos procedimentais, desenvolvera-se os trabalhos de pesquisa com muita segurança, otimismo e determinação, vez que o caminho sempre esteve iluminado por elementos que compõem o direcionamento para a arte de pesquisar.

3.1 Procedimentos metodológicos

A estrutura de procedimentos metodológicos fora definida com muito cuidado, de modo que se adequasse aos objetivos da pesquisa e buscasse apontar soluções para o problema apresentado, sobretudo, que permitisse organização, sistematização e análises de dados. Para corresponder ao estudo de fatores que corroboram com déficits de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental da escola pesquisada, adotara-se o estudo de casos múltiplos para o desenvolvimento da pesquisa.

Dentro do contexto educacional em nível de alfabetização que é por natureza multidimensional, buscou-se de forma experimental resultados que possibilitassem comparações, análises e comprovações qualiquantitativas fundamentadas nos autores Esteban (2010), Zanella (2013), Minayo e Sanches (1993).

Já no que diz respeito aos métodos, definiu-se para o desenvolvimento da pesquisa os métodos hermenêutico, empírico e comparativo. Para a técnica, a análise documental, análise de conteúdo, análise do discurso e como coleta de dados, observação, diário de campo, entrevista e questionário via *escala Likert*.

Por fim, como introdução aos procedimentos metodológicos e, não menos importante ao corpo do capítulo, a população alvo e amostra, indicadores e instrumentos de coleta de dados.

3.2 Tipo de pesquisa e metodologia

Os tipos de pesquisas: Quanto à abordagem fora definida como qualiquantitativa, quanto aos procedimentos: estudo de casos múltiplos e experimental.

Esteban (2010, p. 127) afirma que a pesquisa qualitativa “é uma tentativa sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de

decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimento”, e é, pois, a partir deste apontamento, que se realizou os estudos em pauta, conseqüentemente interpretou-se e dispôs-se para o bem de avanços educacionais.

A pesquisa quantitativa (ZANELLA, 2013, p. 35) “é aquela que se caracteriza pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta como no tratamento dos dados, e que tem como finalidade medir relações entre as variáveis”. A autora complementa que “o pesquisador parte de um plano preestabelecido com hipóteses e variáveis claramente definidas. Procura medir e quantificar os resultados da investigação, elaborando-os em dados estatísticos”.

Em se tratando do método de pesquisa qualiquantitativo, Minayo e Sanches (1993, p. 247) diz que há uma complementaridade entre elas de acordo com a particularidade do objeto, o que tornara-se imprescindível para esta pesquisa, aplicabilidades conjuntas:

[...] entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um *continuum*, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247).

No decurso da pesquisa qualiquantitativa, como parte do estudo de casos múltiplos, visitou-se, observou-se, registrou-se e formalizou-se pessoalmente a entrega e recebimento de questionários com questões abertas e fechadas, de modo que se pudesse obter informações objetivas acerca do processo de alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

3.3 Métodos

Os métodos que atendem ao objetivo deste artigo são o empírico e comparativo:

3.3.1 Método empírico

O termo **Empirismo** (do latim "*empiria*") significa **experiência**. Ele fora definido pela primeira vez de modo formal e conceitual pelo pensador inglês **John Locke** (1632-1704), em seu "**Ensaio Acerca do Entendimento Humano**" (1690). Explicita que a veracidade ou falsidade de um fato deve ser verificada por meio dos resultados de experiências e observações.

O empirismo como parte integrada desta pesquisa, além de resguardar a valorização das experiências e do saber científico, a adota como rigorosa metodologia científica, como assim é definida por **John Locke**, onde as hipóteses e teorias serão testadas experimentalmente. Assim, deve se observar, que um resultado empírico parte de uma experiência vivida, no caso específico desta pesquisa, por ocasiões participativas e experimentais dadas no decurso investigativo.

Explicita-se aqui que ao se utilizar a metodologia empirista no desenvolvimento de toda a pesquisa, observara-se cuidadosamente por distintos aspectos as falsas ideias que não podem ser averiguadas pelos sentidos, como estabelece cientificamente o método empírico, assim, portanto, o pesquisador, em sua ética profissional, desenvolvera seu trabalho com criticidade e sempre pautando-se nos princípios que orientam e definem teoricamente os caminhos da pesquisa científica.

3.3.2 Método Comparativo

Mais um método para corroborar com o que propusera a pesquisa, o estudo comparativo tem por finalidade relacionar e/ou demonstrar as semelhanças e diferenças entre elementos/objetos analisados. Neste sentido Lakatos e Markoni (2011, p. 92) tece acerca do assunto e deixa óbvio sua função ao dizer que:

[...] este método realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou diferentes estágios de desenvolvimento.

Na pesquisa, definira-se este método com a finalidade de comparar resultados entre ações didático pedagógicas multidisciplinares e transdisciplinares,

utilizando-se para tanto, no campo transdisciplinar a proposta experimental *Aprendizagem por Ecopautas e Guia Prospectus Academicus* como prática pedagógica ativa.

3.4 Técnicas de coleta e de análise de dados

Para a pesquisa de tese de doutorado, utilizara-se as técnicas de análise de conteúdo, análise do discurso e análise documental, especificamente ao que se trata ao objetivo elencado para este Artigo, trabalhara-se como técnica a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo como vertente qualitativa, constitui-se de metodologia própria, usada para descrever e interpretar conteúdos de distintas naturezas e níveis de complexidades. A análise passa pela apreciação exaustiva de documentos, textos e materiais discursivos coletados para serem hermeneuticamente interpretados e sistematizados por orientação da análise.

Em se tratando de informações alinhadas ao objeto da pesquisa, (BARDIN, 2004, p. 91) “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise”. Vê-se assim, que a autora expressa uma sutil orientação metodológica e a partir dela focou-se nos sentidos que podiam convergir com a aproximação, apropriação e interpretação das informações obtidas no curso da pesquisa.

3.5 População alvo e amostra

Segundo Vergara (2007, p.50), “o universo amostral define a população em um conjunto de elementos que possuem as características que serão objetos de estudo, ou seja, é uma parte do universo escolhida segundo algum critério de representatividade”. Neste sentido, a população alvo da pesquisa fora composta por gestores da escola pesquisada, supervisores de ensino da SEMED, professores e alunos.

Para a composição da população ficara estabelecida a seguinte organização: Na escola somara-se 02 (dois) gestores e SEMED somara-se 04 (quatro); nos anos iniciais em nível de alfabetização um total de 339 (trezentos e trinta e nove) alunos e 14 (quatorze) professores. Como amostra utilizara-se 04 (quatro) gestores, sendo 02

(dois) da SEMED e 02 (dois) da escola pesquisada; 10 (dez) professores e 22 (vinte e dois) alunos de uma turma de 3º ano.

Ao que se refere à amostragem de alunos, delimitara-se a quantidade para uma única turma. Esta delimitação relaciona-se com o modelo estrutural da educação tradicional que compartimentaliza os alunos em blocos separados, neste sentido, uma turma de 22 alunos, fora pontualmente essencial para os resultados obtidos, do contrário, necessitar-se-ia de tudo em dobro, o que aumentaria substancialmente, por exemplo, o tempo e despesas contraídas.

3.6 Indicadores

Durante a pesquisa foram usados indicadores alinhados com o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, observando suas relações com práticas e estratégias adotadas para diminuir o déficit de aprendizagem em nível de alfabetização, os quais, cita-se a seguir:

- a) Planejamento: Está relacionado com a preparação, organização e estruturação de objetivos, com base em referenciais da educação;
- b) Teoria/metodologia: Conjunto de princípios inerentes às metodologias no campo da educação; compreende o modo pelo qual se dá o processo de ensino e aprendizagem, como vertente educacional os educadores utilizam distintos métodos para mediar o ensino e aprendizagem em ambientes estudantis;
- c) Avaliação: Processo pelo qual se procura investigar, analisar e aferir conhecimentos, para tanto, os professores utilizam mais de um instrumento de avaliação no processo de ensino e aprendizagem;
- d) Aprendizagem por *Ecopautas*: Proposta pedagógica problematizadora que se dá em dez Seções, subdividas por *Proações*, que são momentos onde acontece os estudos, onde pela proposta os *alunos* são chamados de *prodígios*, os quais tem a oportunidade de protagonizar e avaliar todo o processo de aprendizagem;
- e) *Prospectus Academicus*: Estrutura concebida para sistematizar as *Ecopautas* em dez Seções e assim guiar o processo de aprendizagem;
- f) Rendimento: De acordo com a LDB 9.394/1996, é a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

3.7 Instrumentos de coleta e análise de dados

Os instrumentos de coleta e análise de dados da pesquisa foram assim constituídos:

A) Observação

O processo observacional se dera em duas etapas, a primeira *não participante* (ZANELLA, 2013, p. 122) onde “o pesquisador não faz parte do objeto de estudo, atua como espectador temporário que, com base nos objetivos da pesquisa, elabora um roteiro de observação e registra os fatos que interessam ao seu trabalho”, assim subsidiar outras etapas que se articulam no mesmo decurso cronológico da pesquisa.

De acordo com Tozoni-Reis (2019, p. 29) *observação participante* é a observação que conta com a participação do próprio pesquisador. A autora complementa: “É, por exemplo, quando um professor, na investigação do fenômeno educativo, coleta dados sobre o processo de ensino de que ele participa como professor”, exemplificação que coincide com o objetivo desta pesquisa.

B) Entrevista

No livro Metodologia de Pesquisa Zanella (2013, p. 116) discorre acerca da característica deste instrumento; das limitações do pesquisador, entre elas a formulação de questões que não estejam previstas anteriormente no planejamento. A autora diz que Lakatos e Marconi (2007) a nomina de entrevista padronizada, que tem como característica principal a utilização de um roteiro previamente organizado.

O entrevistador, neste sentido, não é livre para desenvolver “uma conversa” com o respondente, e sim deve seguir o roteiro sem desvios, sem alterar a ordem ou fazer perguntas que não estão incluídas no roteiro. Zanella (p. 116) exemplifica com as seguintes questões:

- a) Qual é seu nome e cargo na empresa?
- b) Quais foram as primeiras dificuldades que vocês enfrentaram no mercado?
- c) Quais são os fatores que o levaram a sair da incubadora de empresas?

Apesar de ser uma técnica bastante utilizada em pesquisas qualitativas Zanella (p.116) reporta-se a Minayo (1996) que diz que mediante essa técnica podem ser obtidos dados de natureza quantitativa [censos, estatísticas etc.] e qualitativa [opiniões, atitudes e significados].

Apresenta ainda (ZANELLA, p. 115) “como vantagem a possibilidade de ser realizada com todos os segmentos da população, incluindo-se os analfabetos; permite analisar atitudes, comportamentos, reações e gestos”. A autora reitera que “os dados podem ser analisados de forma quantitativa e qualitativa; e dá maior flexibilidade ao entrevistador”.

C) Diário de campo

A observação participante (GUERRA, 2014, p. 34) “com frequência, utiliza um instrumento para registro de informações: o diário de campo. Pode-se usar um caderninho para notas, uma planilha, ou um dispositivo eletrônico que permita estes registros”. A autora segue pontuando acerca das instruções: “Devem ser registradas as percepções diárias do pesquisador, seja de forma escrita, seja de forma gravada”.

Ainda em relação ao diário de campo a autora reitera (p.34) que “Devem-se registrar conversas informais, observações de comportamento, falas e impressões pessoais (que normalmente vão se modificando com o tempo) sobre as categorias ou pontos a serem investigados”.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 77) as anotações no diário de campo devem conter duas partes: uma descritiva e uma reflexiva:

a) Parte descritiva: é a parte das anotações onde deve haver preocupação em captar as características das pessoas, ações e conversas observadas de acordo com o local de estudo (BOGDAN & BIKLEN, 1994): a) Descrição dos sujeitos; b) Reconstrução dos diálogos; c) Descrição do espaço físico d) Relatos de acontecimentos particulares; e) Descrição da atividade; f) Comportamento, postura do observador.

b) Parte reflexiva: é a parte das anotações que apreende mais o ponto de vista do observador, suas ideias e preocupações. Essa fase de registro mais subjetivo, segundo Bogdan & Biklen (1994), comporta reflexões sobre os seguintes itens: a) a análise; b) o método; c) os conflitos e dilemas éticos; d) o ponto de vista do observador; e) pontos de clarificação.

A título de exemplificação, apresenta-se duas anotações do Diário de Campo, registros de momentos da pesquisa previstos no cronograma de execução para o ano de 2021, que por consequência da pandemia do coronavírus e isolamento social no Município, só fora possível a retomada presencial no ano de 2022, como se destaca a seguir:

a) Rorainópolis/RR, 05 de janeiro de 2022

Nesta data, dirigiu-se à SEMED as 11 (onze) horas e às 16 (dezesesseis) horas à Escola pesquisada, onde protocolou-se junto à Secretária de Educação e Gestão escolar a “Carta de Apresentação do Acadêmico Pesquisador para Realização de Pesquisa Científica”, por esta ocasião, ao tempo que se solicitou autorização apresentou-se os objetivos da pesquisa; tratou-se do caráter ético, sigilo das informações coletadas, preservação da identidade, privacidade da instituição e colaboradores, enfim, ainda, um retorno dos resultados da pesquisa.

b) Rorainópolis/RR, 19 de agosto a 21 de outubro de 2022

Na sexta-feira do dia 19 de agosto, turno vespertino, dialogou-se com a coordenação pedagógica e professor titular da turma do 3º ano “F” com finalidade de obter autorização para implementação experimental da proposta de Aprendizagem ativa por *Ecopautas* e guia *Prospectus Academicus*, a qual teve início dia 22 (vinte e dois) de agosto e término em 21(vinte e um) de outubro, subtraindo-se os dias que não houveram aulas, totalizaram-se 39 (trinta e nove) dias letivos.

3.8 Resultados e Discussão

Para se ter uma percepção acerca das distinções e relevâncias entre as concepções metodológicas educacionais multidisciplinar e transdisciplinar elaborara-se uma matriz analítica comparativa, a partir dela poder se demonstrar as concepções pedagógicas da Aprendizagem por *Ecopautas* ancorada na transdisciplinaridade e Aprendizagem Baseada em Aulas Expositivas ancoradas na multidisciplinaridade, como se apresenta a seguir:

Quadro 2: Matriz Analítica Comparativa ICD 06/22: Conceitos educacionais multidisciplinar e transdisciplinar

INDICADORES	MULTIDISCIPLINAR	TRANSDISCIPLINAR
	APRENDIZAGEM BASEADA EM AULAS EXPOSITIVAS	APRENDIZAGEM PROBLEMATIZADORA VIA APRENDIZAGEM POR ECOPAUTAS
Vertentes teóricas e metodológicas	“A multidisciplinaridade é a organização de conteúdos mais tradicional. Os conteúdos escolares apresentam-se por matérias independentes umas das outras. As cadeiras ou disciplinas são propostas simultaneamente sem que se manifestem explicitamente as relações que possam existir entre elas”. ZABALA (2002, p.33).	[...] a educação [...] problematizadora, [...] não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. (FREIRE, 2022, p. 94). Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 2022, p. 94-95). “O conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (FREIRE, 1983, p. 22).
Planejamento	▪ Componentes curriculares: ▪ As culturas escolares que acompanham essa abordagem de “tamanho único” para a escolaridade provaram ser resistentes à mudança; a maioria das escolas ainda funciona como se todos os alunos	▪ Camminus epistêmicos por Ecopautas e Guia Prospectus Academicus: ▪ Enquanto, na concepção “bancária” — permita-se-nos a repetição insistente —, o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os

	fossem iguais. Os alunos usam os mesmos livros didáticos, estudam o mesmo conteúdo e trabalham com o mesmo currículo no mesmo horário. Os professores costumam conversar com grupos inteiros de alunos, transmitindo informações ao mesmo tempo para todos. FULLAN (2009, p. 1). ▪ Aulas expositivas por disciplinas, onde “o papel do professor (...) é distribuir e interpretar informação para os estudantes por meio de exposições, apostilas, demonstrações e atividades selecionadas” e os alunos “Seu dever é aprender o que é oferecido e regurgitar quando solicitado em um estilo escolhido pelo professor.” LOPES e col. (2019, p. 20);	educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo. (FREIRE, 2022, p. 100). ▪ A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como <i>estão sendo</i> no mundo <i>com que</i> e <i>em que</i> se acham. (FREIRE, 2022, p. 100). ▪ Em lugar de esquemas prescritos, liderança e povo, identificados, criam juntos as pautas para a ação. (FREIRE, 2022, p. 249). ▪ A essência da aprendizagem personalizada para mim é que envolve a criação de experiências de aprendizagem de forma a envolver cada aluno em uma aprendizagem significativa que se conecte às suas necessidades específicas no contexto do que eles precisarão para serem cidadãos eficazes em um mundo diverso e desafiador. (...) A aprendizagem personalizada pode acontecer em parceria com outros alunos, por exemplo, alunos trabalhando juntos em um grupo para estudar um tópico específico. FULLAN (2009, p. 1).
Avaliações	▪ Avaliação de caráter formativa/somativa focada no cumprimento de conteúdos com planejamentos fechados e uniformizados. ▪ “Na concepção de avaliação classificatória, a qualidade se refere a padrões preestabelecidos, em bases comparativas: critérios de promoção (elitista, discriminatório), gabaritos de respostas às tarefas, padrões de comportamento ideal. Uma qualidade que se confunde com a quantidade, pelo sistema de médias, estatísticas, índices numéricos dessa qualidade (HOFFMANN, (2009, p. 31-32). ▪ Num teste com dez questões... o padrão de medida é o acerto, e a extensão máxima possível de acertos é dez... um aluno pode chegar ao limite máximo dos dez ou a quantidades menores. A medida de aprendizagem do educando corresponde à contagem das respostas corretas emitidas sobre determinado conteúdo de aprendizagem (LUCKESI,	▪ Avaliação de caráter formativa/processual focada na aprendizagem personalizada com planejamentos abertos, flexíveis e dinâmicos. ▪ A educação personalizada localiza-se na escola nova e ativa. Concebe o aluno como centro de seu processo de chegar a ser ele mesmo. Portanto, a criatividade é dinâmica, ativa, vai sendo cultivada, insere-se num processo, refere-se à mudança, diz relação ao que é distinto, diferente, desconhecido. Mas, por outro lado, é algo real, mesmo que nem sempre visível à primeira vista. Não é produto do acaso, nem resultado da casualidade. É fruto de um processo, de busca de expressão e realização no resultado final de um trabalho. Criatividade é vida, ação, movimento, dinamismo (ESCOBAR, 1996, p. 41). ▪ Educación personalizada es modo de obrar y vivir que, mediante la actuación de las posibilidades propias de cada ser humano, en la adquisición de conocimientos, desarrollo de aptitudes y promoción de valores, prepara intencionalmente a la persona para vivir cada vez con mas perfección, unificando sus operaciones y obras en un

	2001, p. 88).	proyecto personal de vida individual y social, realizado con seguridad, dignidad, conciencia y libertad, encontrando la alegría de vivir, en las operaciones y en las obras bien hechas, en la convivencia humana y cordial y en la participación solidaria y eficaz en el mejoramiento de la comunidad humana. HOZ, (1992, p. 12-13).
Rendimentos	▪ Fevereiro a agosto / 2022: - Abaixo da expectativa: déficit de aprendizagem marcante, já que haviam crianças que não conheciam todas as letras do alfabeto.	▪ 39 dias letivos entre agosto e outubro / 2022 - Superaram as expectativas: as afirmações foram feitas pela Coordenação Pedagógica e pelos professores da turma de alunos da Escola Pesquisa, professor titular e professora da Educação Especial, por meio de Pareceres Técnico Pedagógicos.
Aprendizagem por <i>Ecopautas</i> e Guia <i>Prospectus Academicus</i>	▪ Não se aplica à Aprendizagem por <i>Ecopautas</i>: - A organização curricular separada por disciplina; - Aulas isoladas por componentes curriculares; - Aulas expositivas; - Listagem de conteúdos a partir de Planos Anuais de Ensino; - Planos de aulas elaborados unilateralmente; - Alunos enfileirados para recepção de conteúdos.	▪ Na aprendizagem por <i>Ecopautas</i>: - As <i>Ecopautas</i> são estruturas temáticas definidas pelo colegiado da instituição de ensino, envolvendo especialmente: prodígios aprendizes e familiares, professores e corpo pedagógico; - Os temas problematizadores da realidade complexa podem ser observados, selecionados e definidos para estudo a partir da universalidade local, regional e global; - Os estudos se dão em 10 (dez) Seções, estruturadas pelo Guia <i>Prospectus Academicus</i> (estrutura que organiza e norteia o caminho a ser percorrido); - Valoriza as cosmovivências dos prodígios e professores; - De acordo com a temática e Pautas de Aprendizagem, a turma de prodígios pode se organizar em: um único grupo; equipes de três, cinco ou sete prodígios; duplas, individual ou ainda por definições colegiadas; - Usa-se técnica de observações e coletas de dados, as quais se adequam aos anos de ensino; - Usa-se recursos tecnológicos para produção de fotografias, áudio e vídeos; - Toda produção proveniente do estudo é compartilhada com o colegiado escolar, parceiros e sociedade em geral no evento Mostra Proativa na décima e última Seção do Guia <i>Prospectus Academicus</i>; - A Aprendizagem por <i>Ecopautas</i> dar-se-á também via Plataforma Moogole concomitantemente.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2022)

Quadro 3: Matriz Analítica Comparativa entre professor e aluno ICD 06/22

MULTIDISCIPLINAR	TRANSDISCIPLINAR
APRENDIZAGEM BASEADA EM EXPOSITIVOS	APRENDIZAGEM PROBLEMATIZADORA PAUTADA NA APRENDIZAGEM POR <i>ECOPAUTAS</i>
▪ O estudante é chamado de “aluno” e ocupa lugar como sujeito passivo ao receber conteúdos elaborados e repassados pelos professores.	▪ O estudante é chamado de “prodígio” “prodígio aprendiz” e ocupa lugar como sujeito ativo, reflexivo e problematizador, participante das definições das pautas de aprendizagem. ▪ Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. FREIRE, (2022, p. 98).
▪ Comportamento passivo do aluno. (MUNHOZ, (2019, p. 98);	▪ Aprendizagem ativa, reflexiva, crítica, colaborativa, parceirista e significativa; ▪ A educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexível, implica um constante desvelamento da realidade. FREIRE, (2022, p. 97).
▪ Professor é tido como o detentor universal do conhecimento. (MUNHOZ, (2019, p. 98);	▪ Professor como “professor pesquisador”, ativo, reflexivo, crítico, parceiro e problematizador; ▪ Educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. FREIRE, (2022, p. 97).
▪ <i>Professor como centro</i>; ▪ Ensino centrado no professor, apoiado apenas em seu conhecimento. MUNHOZ, (2019, p. 104). ▪ As aulas são expositivas sobre conteúdos que podem estar superados pela evolução tecnológica. MUNHOZ, (2019, p. 125).	▪ <i>Complexidade univérsica como centro</i>; ▪ O ensino e aprendizagem centra-se na complexidade univérsica do objeto de estudo e parte da proatividade epistêmica de prodígios e professores. ▪ (...) num plano de totalidades e não como algo petrificado. FREIRE, (2022, p. 98).
▪ Não há aprendizagem desenvolvida pela investigação e descoberta, os conhecimentos são entregues aos alunos de forma pronta e acabada; ▪ Há uma proposta de avaliação única para todos os alunos. MUNHOZ, (2019, p. 112).	▪ Aprendizagem baseada na problematização, em pesquisas e progresso avaliativo baseado em proficiências ativas coletivas e individuais.
▪ Os alunos não podem optar pela melhor forma de aprendizagem e que esteja de acordo com suas características particulares; ▪ Não é dada ao aluno a possibilidade de exploração do mundo real nem de utilizar suas experiências anteriores para o desenvolvimento de atividades. MUNHOZ, (2019, p. 112).	▪ Os prodígios aprendizes ao nível de seus conhecimentos contribuem com a definição das <i>Ecopautas</i>, das pautas de aprendizagem e problemas e serem pesquisados; ▪ Professores contribuem no processo de definição da <i>Ecopautas</i>, pautas de aprendizagem, problemas e equilíbrio da complexidade ao nível do ano de estudo dos prodígios; ▪ Prodígios colegiadamente caminham, criam, interagem, colaboram e protagonizam ora individual, ora coletivamente.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2022)

Nesta perspectiva, a Aprendizagem por *Ecopautas* e Guia *Prospectus Academicus* por ocasião experimental, transformara radicalmente a metodologia convencional em ativa, problematizadora, criativa, reflexiva e dinâmica, oportunizando a cada prodígio aprendiz o desenvolvimento construtivo de sua própria forma de aprendizagem, respeitando-se, para tanto, no caminho de parcerias colaborativas, o tempo de cada um.

Logo no primeiro dia desmanchou-se as fileiras de cadeiras e formou-se um grande círculo, apresentou-se a proposta e a partir de então testemunhou-se novos ânimos e muita curiosidade durante as 10 Seções do Guia *Prospectus Academicus a exemplo de: a)* Aprender de um jeito diferente; *b)* Definição de problemas e elaboração de hipóteses; *c)* Organização de materiais e pesquisas; *d)* Seleção de rótulos, embalagens e sucatas; *e)* Confeção de portfólios individuais a partir de papelão reutilizado; *f)* Confeção de cartazes, painéis, mapas mentais, fitas métricas, maquetes; *g)* Leitura de historinhas todos os dias antes de iniciar as atividades da Pauta de Aprendizagem; *h)* Pesquisa de campo (sítio): observações, anotações, coletas de materiais; *i)* Amostra de solo residencial; *j)* Confeção de herbário; *k)* Tempo de prosas; *l)* Prosas epistêmicas.

Enfim, entre outras ações práticas a *Mostra Proativa* na última Seção do Guia *Prospectus Academicus*, onde prodígios puderam compartilhar suas aprendizagens com o colegiado escolar, parceiros e seus familiares, sobretudo, apresentar diversos produtos frutos de muita dedicação ao longo do circuito prospectivo guiado pelo *Prospectus Academicus*.

Em se referindo ao processo avaliativo na perspectiva da Aprendizagem por *Ecopautas* que prodígios tem a oportunidade de avaliar todas as Seções por níveis de satisfação, por sua estrutura concepcional e para não minimizá-la em pequena síntese, ficara definido que a publicar-se-ia em um artigo específico, portanto, tão logo seja pelo autor organizada, publica-se.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitara compreender as implicações prevista no problema da pesquisa que tecera acerca das práticas educativas vigentes envolvendo estratégias, metodologias e avaliações nos anos iniciais do Ensino Fundamental, procurando relacioná-las com a proposta de aprendizagem ativa por *Ecopautas* e Guia *Prospectus Academicus*".

Com a realização dos estudos, elaboração e experimentação da proposta de ensino por uma nova abordagem de aprendizagem ativa, e pelo entusiasmo motivacional dos prodígios em participarem ativamente de todo o processo prospectivo do Guia *Prospectus Academicus*, ficara óbvio que o ensino das fileiras, do silêncio, das cópias e atividades pré-elaboradas desalenta e desencanta prodígios aprendizes, que apesar da animosidade já sabiam que suplicas não adiantaria e que ao término do experimento teriam que voltar àquela realidade parada no tempo.

Ficara explicito que o maior motivo de a Aprendizagem por *Ecopautas* ter superado as expectativas, tanto do pesquisador quanto dos professores da turma pesquisada, coordenadoras pedagógicas e gestão escolar, fora grandemente por sua epistêmica estrutura, a qual desenvolvida a partir dos organismos vinculados ao *Camminus epistêmicos*, do contrário, ou seja, se a prática pedagógica tivesse que se submeter à estrutura curricular tradicional, como muitas metodologias ativas, certamente, por suas privações, não ter-se-ia os mesmos resultados.

Fora pensando nesta estrutura curricular tradicional que o pesquisador com sua experiência como professor da rede pública de ensino desenvolvera a proposta pedagógica de Aprendizagem por *Ecopautas*. Percebera que o voo das metodologias ativas em detrimento da convencionalidade era maior e melhor, não obstante, era interrompido pela rigidez paradigmática de "grades curriculares", logo, não haviam quaisquer possibilidades de se trabalhar apenas com aulas investidas, problemas, projetos, porque há uma grade no meio do caminho.

Sim, há uma grade paradigmática no meio do caminho. Essa grade é centenária, assim como cargas e provas, a questão atual, é que há uma evolução sem precedentes na vida humana e que a escola multidisciplinar não forma para a complexidade contemporânea local mundial, por isso, necessita-se urgentemente de alternativas educativas para as exigências urgentíssimas deste tempo e do futuro.

Observara-se, portanto, que os resultados da pesquisa possibilitaram várias percepções acerca das evidências apontadas pelos estudos, as quais, abrem um leque de reflexões nas vertentes didático pedagógico, metodológico e avaliativa, inclusive, acerca da proposta pedagógica que para o colegiado escolar, a pedido do pesquisador, se manifestara por meio de Parecer Técnico Pedagógico e Relatos Descritivos com aprovação positiva sobre a aplicação do experimento Aprendizagem por *Ecopautas* e Guia *Prospectus Academicus*.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Notas de campo. In: BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução às teorias e aos métodos. Porto: Porto, 1994. p.150-75.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BUZAN, T. **Dominando a técnica dos mapas mentais**: guia complete de aprendizagem e o uso da mais poderosa ferramenta de desenvolvimento da mente humana. São Paulo: Cultrix, 2019.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: UNESCO Brasil: Cortez, 1998.

ESCOBAR, A.V. **Prática da educação personalizada**. São Paulo: Loyola, 1996.

ESTEBAN, M. P. **Pesquisa qualitativa em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 83.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FULLAN, M. **What is personalized learning?**: Michael Fullan response to MS 3 questions about personalized learning. Disponível em: https://michaelfullan.ca/wp-content/uploads/2016/06/Untitled_Document_16.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. 7.ed. São Paulo: Peirópolis, 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GUERRA, E. L. A. **Manual pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Educação a Distância, 2014.

GUTIÉRREZ, F. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

HOFMANN, J. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOZ, V. G. Publicacion del Seminario Angel Gonzalez Alvarez de la Fundacion Universitaria Española sobre los variados reflejos de la educación personalizada. **Cuadernos de Pensamiento**, Madrid, n. 8, 1992.

LOPES, M. R. et al. **Aprendizagem baseada em problemas: fundamentos para a aplicação no ensino médio e na formação de professores**. Rio de Janeiro: Publiki, 2019.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002.

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p.239-262, jul./set.1993.

MUNHOZ, A. S. **ABP, Aprendizagem Baseada em problemas**: ferramenta de apoio ao docente no processo de ensino e aprendizagem. São Paulo: Cengage Learning, 2019.

PETRAGLIA, I.; Edgar M. **A educação e a complexidade do ser e do saber**. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SMOLE, K. C. S. **Múltiplas inteligências na prática escolar**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 1999.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa**. 2.ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. 2.ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013.



METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM: UMA ABORDAGEM SOB A PERSPECTIVA DOS DOCENTES DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ACTIVE METHODOLOGIES OF LEARNING: AN APPROACH UNDER THE PERSPECTIVE OF TEACHERS OF ACCOUNTING SCIENCES

BERTOGLIO, Lauren Morlin ¹

BEHR, Ariel ²

Resumo: Metodologias Ativas de Aprendizagem vem a ser interessantes ferramentas para despertar o interesse dos alunos através da participação e interação em sala de aula. Esta pesquisa tem por objetivo analisar as Metodologias Ativas de Aprendizagem que os professores de Ciências Contábeis colocam em prática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para atingir o objetivo realizou-se uma pesquisa descritiva, com abordagem do problema qualitativo e em relação aos procedimentos técnicos de coleta de dados, um estudo de caso realizado por meio de análise dos Planos de Ensino, entrevistas com docentes e observação de aulas das disciplinas do curso. Os resultados apontam que os docentes empregam Metodologias Ativas em suas aulas, por vezes adaptadas a fim de atingir seus objetivos. As técnicas identificadas como mais utilizadas foram Ensino e Pesquisa, Seminário, Estudo Dirigido, Método de Caso, e Filmes. Algumas contribuições que essas técnicas podem oferecer, na visão dos docentes entrevistados, são incentivar o aluno na leitura e busca de informações, criar um senso de responsabilidade coletiva pelo aprendizado, aproximar o aluno da realidade, contextualizar e complementar assuntos de aula e viabilizar o aprendizado em grupo e individual.

¹ Graduanda em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: laurenmorlin@gmail.com.

² Doutor em Administração pela UFRGS. Professor na UFRGS. E-mail: ariel.behr@ufrgs.br

Palavras-chave: Metodologias Ativas de Aprendizagem. Ensino. Ciências Contábeis.

Abstract: Active Learning Methodologies come to be interesting tools to arouse the interest of students through participation and interaction in the classroom. The aim of this research is to analyze the Active Learning Methodologies that the Accounting Sciences professors put into practice at the Federal University of Rio Grande do Sul. In order to reach the objective, a descriptive research was conducted, with a qualitative problem approach and in relation to the procedures data collection technicians, a case study carried out by means of analysis of the Lesson Plans, interviews with teachers and observation of classes of the course subjects. The results show that teachers use Active Methodologies in their classes, sometimes adapted in order to achieve their objectives. The most used techniques were Teaching and Research, Seminar, Targeted Study, Case Method, and Movies. Some of the contributions that these techniques can offer, in the view of the teachers interviewed, are to encourage the student to read and search for information, to create a sense of collective responsibility for learning, to bring the student closer to reality, to contextualize and complement classroom issues and to make learning possible in group and individual.

Keywords: Active Learning Methodologies. Teaching. Accounting Sciences.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças socioeconômicas e avanços tecnológicos inserem cada vez mais o profissional contábil em um mercado de trabalho desafiador, exigindo novas responsabilidades e, ao mesmo tempo, criando oportunidades (GUTHRIE; PARKER, 2016). Após a alteração da Lei das Sociedades Anônimas e a convergência das normas de Contabilidade às *International Financial Reporting Standards* (IFRS), as necessidades do contador em aprimorar suas competências aumentaram, obrigando profissionais e entidades a manejar um número maior de informações para garantir respostas rápidas e fidedignas aos gestores, e, por consequência, essas necessidades acabam se refletindo na educação (ANTONELLI; COLAUTO; CUNHA, 2012).

Diante desse cenário, torna-se necessário que as instituições de ensino superior (IES) e docentes preparem profissionais competentes e aptos a essas mudanças, sendo essa formação de profissionais qualificados um foco importante na busca por melhorias no processo de ensino-aprendizagem, garantindo sua qualidade (OTT *et al.*, 2011). A fim de atender a essas demandas, a construção de estratégias de ensino, para a escolha das melhores técnicas e métodos utilizados pelos professores em sala de aula, exige planejamento e aprimoramento técnico, tornando o processo de docência mais complexo nos últimos anos (LEAL; BORGES, 2016). Assim, Metodologias Ativas

de Aprendizagem são ferramentas interessantes para o ensino em Ciências Contábeis, pois, de acordo com Leal, Miranda e Casa Nova (2017), são alternativas diferentes para um ensino mais ativo, favorecendo ao aluno a construção e apreensão real de conhecimento.

O propósito dessas técnicas é despertar o interesse dos discentes pelos assuntos de aula, contribuindo de maneira interativa e participativa, pois o aluno figura no processo de aprendizagem como personagem principal (MEDEIROS *et. al.*, 2016), sendo os Seminários, os Debates, os Estudos Dirigidos, as Visitas Técnicas, entre outros, algumas técnicas que podem ser empregadas (LEAL; MIRANDA; CASA NOVA, 2017). Nesse contexto, o presente artigo busca responder a seguinte problemática de pesquisa: Como os professores de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul colocam em prática Metodologias Ativas de Aprendizagem? A fim de respondê-la, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as Metodologias Ativas de Aprendizagem que os professores de Ciências Contábeis colocam em prática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para isso, buscou-se identificar as Metodologias Ativas utilizadas pelos professores no curso de graduação em Ciências Contábeis da UFRGS. Posteriormente, apresentou-se, na visão desses professores, como essas técnicas de ensino podem promover a melhoria do processo de ensino-aprendizagem no ambiente da sala de aula, por meio da forma de aplicação dessas técnicas de ensino pelos docentes.

A análise desse contexto torna-se necessária, uma vez que a construção de habilidades e competências do aluno se dá com o uso de estratégias de ensino-aprendizagem adequadas (MAZZIONI, 2003). Isso porque o emprego de técnicas de ensino adequadas garante motivação e fácil assimilação dos conteúdos pelos alunos, assim, questões relativas a estratégias de ensino merecem maior atenção por parte dos docentes de ensino superior em Contabilidade (LAFFIN, 2002). Diante disso, justifica-se este estudo pela importância do professor em conhecer Metodologias Ativas, uma vez que, conhecendo essas técnicas, o docente pode melhorar o aprendizado e o aproveitamento dos alunos no curso de Ciências Contábeis pelo emprego dessas técnicas em aula. Ainda, este estudo pode oferecer uma perspectiva para aprimorar a metodologia que está sendo adotada pelos professores do curso analisado. Diante disso, ressalta-se que a instituição de ensino UFRGS foi escolhida para a aplicação da pesquisa, pois, a partir de dados divulgados em março de 2017, é a universidade federal avaliada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) com o melhor Índice Geral de Cursos, consoante dados coletados em 2015.

Por fim, este estudo está estruturado em cinco seções. Após a introdução, na segunda seção, será apresentada a fundamentação teórica pertinente a esta pesquisa. Na seção três, são descritos os procedimentos metodológicos. Na quarta seção, constam os resultados coletados, a fim de atender o objetivo deste estudo. Por fim, apresentam-se as considerações finais da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente seção tem como propósito apresentar o embasamento teórico referente ao impacto do mercado atual no Ensino de Ciências Contábeis e às Metodologias Ativas de Aprendizagem, que podem surtir efeito na qualidade do processo de ensino-aprendizagem na graduação em Ciências Contábeis.

2.1 O impacto do mercado atual no ensino de Ciências Contábeis

No mundo corporativo, a Contabilidade deixou de ser apenas uma forma de controle burocrático das organizações, passando a ser uma importante ferramenta para o processo de tomada de decisões (BARON, 2016). Conforme Araújo, Lagioia e De Araújo (2017, p. 56), “a Contabilidade, como ciência, tem o objetivo de apoiar no processo decisório, fornecendo informações relevantes e fidedignas para que este processo ocorra da maneira mais acertada possível”. Padoveze (2010) complementa que, em decorrência dos impactos econômicos, ocasionados pela globalização, a Contabilidade tem se mostrado em uma evolução contínua frente às transformações e necessidades informacionais produzidas pelas organizações.

Para Gonçalves *et al.* (2014), a convergência da Contabilidade aos padrões internacionais de Contabilidade proporcionou aos países maior comparabilidade entre as informações contábeis, permitindo a produção de informações de maior fidedignidade e livres de erros. Tal fato provocou um impacto na profissão do contador, fazendo com que este passasse a manejar um maior número de informações, a fim de transmitir respostas rápidas e fidedignas às organizações, requerendo do profissional contábil diferentes competências para atuar em um cenário de constantes mudanças informacionais e de necessidades do mercado (PAVIONE; AVELINO; FRANCISCO, 2016). Diante desse cenário, o mercado de trabalho para o profissional contábil tem se modificado, impactando no processo de ensino de Ciências Contábeis, de forma que, constantemente, procura-se aprimorar o ensino contábil para formar contadores

competentes e aptos a atender as novas exigências profissionais e sociais (OTT *et al.*, 2011).

Nota-se, assim, uma necessidade de “renovação na forma de construção do conhecimento, ou seja, de uma reestruturação no ensino de modo a adaptá-lo à produção de novos saberes, competências e valores” (MARTINS; PAIVA, 2016, p. 54). Nesse sentido, Howieson (2003) ressalta a necessidade de desenvolver uma orientação mais interdisciplinar e analítica no ensino contábil, focada, principalmente, no mercado de trabalho e nas mudanças do ambiente de forma geral. Uma vez que surge a necessidade do estudante de Ciências Contábeis de acompanhar as mudanças exigidas pelo mercado profissional contemporâneo, por intermédio do desenvolvimento de competências requeridas por esse mercado, os professores tornam-se um dos principais responsáveis por repassar esses conhecimentos, executando propostas pedagógicas e estratégias de ensino que contemplem essas novas habilidades requeridas pelo cenário contábil atual (BEHR *et al.*, 2018).

Medeiros *et al.* (2016) destaca que a dinâmica de um mundo cada vez mais interligado impacta, diretamente, no modo como os conteúdos relacionados à Contabilidades são repassados aos estudantes atualmente, os quais já não possuem tanta simpatia pelos métodos tradicionais, voltando-se para interações ‘professor-aluno’ cada vez mais proativas e dinâmicas. Ocorre que os avanços no ensino de Ciências Contábeis não acompanharam, na mesma proporção, os avanços do setor profissional, provocando um vão entre o ensino e o exercício profissional, pois existe, ainda, um predomínio do uso de métodos tradicionais no ensino (REIS; TARIFA; NOGUEIRA, 2009). Nesse contexto, é de suma importância que docentes conheçam e estejam preparados para técnicas e métodos alternativos de ensino, que direcionem a forma de aprendizagem e de conhecimento de forma eficiente para a formação do futuro profissional contábil (LEAL; BORGES, 2016). Mazzioni (2013, p. 100) complementa que o professor atuante nessa área deve “estruturar sua didática, de modo a contemplar as diversas possibilidades que facilitem e elevem os resultados do processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, apresentam-se, na literatura contábil, alguns estudos que procuram compreender as diferentes estratégias de ensino disponíveis e seus impactos no processo de ensino-aprendizagem do estudante de Contabilidade, como as Metodologias Ativas, por exemplo. De modo geral, Behr *et al.* (2018) buscaram verificar como a construção de uma disciplina de Custos para o curso de Ciências Contábeis, baseada na metodologia da aprendizagem significativa, influencia no processo de aprendizagem dos discentes. Segundo os autores, os resultados dos alunos nas

avaliações realizadas ao longo do semestre permitem concluir que a disciplina, desenvolvida nesse modelo, desempenha um papel fundamental na construção do processo de aprendizagem significativa por parte dos alunos.

Especificamente, Cittadin *et. al.* (2015) buscaram compreender, na percepção dos docentes, os reflexos de Metodologias Ativas no processo de aprendizagem dos estudantes do ensino de Contabilidade de Custos, concluindo que as Metodologias Ativas influenciam positivamente no processo de ensino-aprendizagem, pois provocam um interesse maior pelo conhecimento por parte dos alunos. Por sua vez, Medeiros *et al.* (2016) relataram uma experiência de três discentes da disciplina de Metodologia do Ensino Superior, do Mestrado em Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que assumiram o papel de docente para realizar uma exposição teórica e uma aplicação prática de Aprendizagem Cooperativa e Aprendizagem Baseada em Projetos, duas Metodologias Ativas. Os autores também concluíram que Metodologias Ativas são bastante efetivas na construção do conhecimento e desenvolvimento de habilidades e competências pelos envolvidos no processo, entretanto, é necessário que os alunos estejam dispostos e motivados a participar das atividades.

2.2 Metodologias ativas de aprendizagem

Durante as aulas, cada docente faz uso de técnicas de ensino diferentes, sendo que algumas permitem melhor assimilação por parte dos alunos e outras nem tanto. Ocorre que não existem técnicas boas ou ruins para o processo de ensino, o que existe são estratégias adequadas e inadequadas para os objetivos que se pretende alcançar (MASSETO, 1997). Além disso, é fundamental que o docente tenha conhecimento e domínio de várias técnicas diferentes que possam ser utilizadas em alcance a um mesmo objetivo (MASSETO, 2003), pois, ao contrário, os objetivos podem não ser conduzidos para o bom aproveitamento do ensino.

Diante do exposto, o uso de técnicas de ensino torna-se relevante, uma vez podem ser capazes de elevar a qualidade do ensino em Ciências Contábeis, instigando o interesse dos discentes pelo aprendizado e, ainda, atendendo as necessidades do mercado profissional (OTT *et al.*, 2011). Petrucci e Batiston (2006) colocam que o termo 'estratégia' possui estreita ligação com o processo de ensino, uma vez que ensinar requer arte por parte do docente, que precisa envolver o aluno e fazer com ele se encante com o saber. Nesse sentido, Brighenti, De Souza e Biavatti (2015) destacam que uma estratégia de ensino é um tipo de abordagem utilizada pelo professor, sendo

este o responsável por transmitir os conteúdos aos alunos e por definir os recursos e métodos a serem empregados para executar o objetivo principal de ensino.

Dessa maneira, a busca dos docentes por materiais e novas estratégias de ensino é imediata quando surgem inquietações em relação à formação didático-pedagógica e à transmissão adequada dos conteúdos no processo de ensino-aprendizagem (LEAL; MIRANDA; CASA NOVA, 2017). Nessa linha, apresentam-se as Metodologias Ativas de Aprendizagem, caracterizadas por técnicas de ensino que podem ser valiosas no processo de ensino-aprendizagem e que podem existir em diferentes modalidades para superar o ensino livresco e a transmissão mecânica do conhecimento (LEAL; MIRANDA; CASA NOVA, 2017). Além disso, essas técnicas são alternativas diferenciadas no processo de ensino-aprendizagem, haja visto que os discentes figuram como personagens principais no processo de ensino, exigindo maior contribuição, interatividade e participação do discente, despertando, por consequência, seu interesse pelos assuntos de aula (MEDEIROS *et al.*, 2016).

Considerando a abordagem deste estudo, o Quadro 1 apresenta uma descrição das principais técnicas de Metodologias Ativas de Aprendizagem para o curso de graduação em Ciências Contábeis, apresentadas por Leal, Miranda e Casa Nova (2017).

Quadro 1 – Descrição das Técnicas de Metodologias Ativas de Aprendizagem

Estratégia de Ensino	Descrição
Aula Expositiva Dialogada em uma Perspectiva <i>Freireana</i>	Essa técnica constitui-se de cinco etapas: inspiração, problematização, reflexão, transpiração e síntese. Na inspiração o educador vai trazer assuntos que mobilizem o conhecimento dos alunos, depois vai relacionar esse tema à realidade através da problematização. Na reflexão irão refletir sobre o assunto e depois irão transpirar, buscando conhecer o assunto através da leitura ou discussões em grupos. Por fim, na síntese, vão compartilhar o conhecimento adquirido verbalmente com o restante da turma ou por escrito.
Visita Técnica	Os alunos, orientados pelo professor, são inseridos no mercado de trabalho para a observação de um ambiente real. Essa técnica permite visualizar um ambiente em pleno funcionamento, relacionando com aquilo que foi apresentado em aula.
Ensino e Pesquisa	Alunos e professores atuam em conjunto na construção do saber. O docente atuará como mediador e orientador e o estudante será responsável por pesquisar e analisar conteúdos, construir argumentações e apresentar os resultados coletados.
Grupo de Verbalização/ Grupo de Observação	A turma é dividida em dois grupos: um, forma um círculo central e ficará responsável por discutir e verbalizar um tema proposto pelo professor. E o outro, forma um círculo exterior para observar o grupo central, adotando um posicionamento e fazendo anotações, que posteriormente irão relatar para a turma.
Debate	É uma discussão formal, onde pelo menos duas opiniões se divergem sobre um mesmo assunto polêmico e procuram convencer um terceiro.

Seminário	O docente deverá sugerir temas, justificando sua relevância e recomendando bibliografias, e os alunos, individualmente ou em grupos, irão investigar e tomar conhecimento sobre o tema, coletar dados e apresentar os resultados verbalmente para os colegas e o professor.
Estudo Dirigido	Os alunos irão responder perguntas, previamente elaboradas pelo docente, relacionadas a um livro, capítulo, artigo ou semelhante.
Método de Caso/ Estudo de Caso	Os alunos farão uma leitura individual de uma simulação ou situação real descrita pelo professor e deverão buscar uma solução para o caso. Num segundo momento, os alunos se organizam em pequenos grupos para discutir suas decisões. Por fim, todos apresentam seus pontos de vista para a turma.
Aprendizagem Baseada em Problemas	Normalmente são problemas baseados na realidade empresarial ou visam desenvolver habilidades nos alunos. O professor expõe problemas e os alunos devem buscar a resolução, individualmente ou em grupos.
Filmes	Aproxima o aluno da realidade, proporcionando situá-lo diante de cenários que possam envolvê-lo na vida real. O professor deve situar os alunos antes de exibir o filme, durante sua exibição anotar cenas importantes e, após a exibição, chamar a atenção para aspectos relevantes.
Representação Teatral	A técnica oportuniza aos alunos o enfrentamento de problemas semelhantes a situações reais. O professor determina o roteiro, observa a atuação dos alunos e a reação da audiência, e os discentes fazem um aquecimento para organização do texto e atuam.
Jogo de Papéis/ <i>Role-play</i>	O uso de jogos e simulações, proporcionando ao aluno assumir um papel ativo no processo de ensino em busca de soluções para diversos problemas que se aproximam da realidade.
<i>Storytelling</i>	O professor irá apresentar o tema da aula e contar uma história aos alunos, depois ocorrerá um debate envolvendo as questões apresentadas na história.
Painel Integrado	É uma técnica de trabalho coletivo em que os alunos assumem o papel de liderança e são divididos para discussão e debate de assuntos, e o professor atua como coadjuvante.
Prática de Campo/ Trabalho de Campo/ Aula de Campo	Atividade desenvolvida fora do ambiente da sala de aula, propiciando o contato com a realidade das empresas. As atividades têm foco na resolução de problemas indicados pelo professor, através da prática.

Fonte: Adaptado de Leal, Miranda e Casa Nova (2017)

Segundo Leal, Miranda e Casa Nova (2017, p. 70), “a escolha das técnicas ou estratégias de ensino a serem utilizadas tem como importantes itens a serem analisados os diversos objetivos propostos para o tema/assunto e as características próprias de cada grupo de alunos”. Além disso, as técnicas não são imutáveis, de forma que podem ser modificadas, ajustadas e até mesmo combinadas pelo docente, quando este achar necessário (PETRUCCI; BATISTON, 2006). Dessa forma, é importante que o docente avalie a necessidade de estruturar sua técnica, de modo a facilitar e elevar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem na graduação em Ciências Contábeis.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, visto que se baseou na análise de dados coletados por meio de entrevista com os docentes do curso de Ciências Contábeis da UFRGS, de observação participante nas aulas do semestre de 2017/2 e 2018/1, e de análise dos Planos de Ensino de 2018/1, não levando em conta aspectos quantitativos para análise. Ainda, esta pesquisa tem caráter descritivo, uma vez que a análise realizada buscou apresentar como são empregadas as Metodologias Ativas de Aprendizagem pelos professores, por meio dos diferentes dados coletados. Por fim, a tipologia de pesquisa, quanto aos procedimentos, classifica-se em estudo de caso, tendo como campo de pesquisa para a realização deste estudo o curso de graduação em Ciências Contábeis da UFRGS.

Yin (2015) afirma que existem diversas formas para a coleta de dados em um estudo de caso, podendo combinar mais de um tipo de coleta no mesmo estudo, o que contribui para a amplitude e para a validade do constructo da pesquisa. Assim, para o estudo de caso desta pesquisa, foram coletados documentos (Planos de Ensino) e realizadas entrevistas (com docentes do curso de graduação em Ciências Contábeis) e observações (nas disciplinas do curso de graduação em Ciências Contábeis).

Em relação à primeira forma de coleta de dados, Yin (2015) destaca que a documentação é uma técnica de coleta que pode se apresentar de várias formas, sendo um tipo de informação que contribui e aumenta evidências de outras fontes. A amostra selecionada para coleta de dados documentais são os Planos de Ensino de 2018/1. A análise documental se deu em 35 Planos de Ensino, que correspondem às disciplinas do eixo de formação profissional do curso de Ciências Contábeis da UFRGS.

A segunda técnica de coleta para este estudo foi a entrevista semi-estruturada, aplicada de forma presencial aos professores no primeiro semestre de 2018. A entrevista é uma das fontes fundamentais em um estudo de caso, a qual acontece por meio de relatos verbais (YIN, 2015). A amostra selecionada para aplicação da entrevista é não probabilística, compreendendo os professores paraninfos e homenageados pelos formandos de Ciências Contábeis de 2014/1 até 2017/2 da UFRGS. A escolha dos professores para aplicação de entrevistas se deu da mesma forma que Miranda, Casa Nova e Cornacchione Júnior (2012). A amostra compreendeu dez professores, sendo que somente sete foram entrevistados, já que dois não puderam participar por motivos de afastamento e um não teve disponibilidade para a realização da entrevista.

A terceira técnica de coleta de dados foi a observação, que compreende uma modalidade na qual o observador não é meramente passivo, podendo assumir vários papéis e participar efetivamente das ações que estão em estudo (YIN, 2015). O campo observado foi o das disciplinas Auditoria I, Contabilidade Orçamentária, Contabilidade e Planejamento Tributário I, Controladoria, Laboratório Fiscal, Legislação de Seguros, Perícia Contábil, Planejamento Contábil I, Projeto de Pesquisa em Ciências Contábeis e Sistemas de Informações Gerenciais II, ministradas no segundo semestre de 2017 e no primeiro semestre de 2018, compondo uma amostra não probabilística de 10 disciplinas observadas.

Após a coleta dos dados, partiu-se para a análise desse material. A técnica de análise utilizada foi análise de conteúdo, que analisa as diferentes comunicações para obter “por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (BARDIN, 2016, p. 48). Dessa forma, as informações coletadas foram processadas para facilitar a interpretação e compreensão dos conteúdos abordados.

Aplicou-se critérios definidos *a priori* da coleta de dados para a definição das categorias iniciais utilizadas na análise de conteúdo. Assim, as categorias iniciais foram definidas a partir das próprias Metodologias Ativas em estudo (vide Quadro 1), apresentadas por Leal, Miranda e Casa Nova (2017) na literatura, as quais dão origem as subseções dos resultados exibidos em seguida. Já as categorias intermediárias e finais foram definidas de acordo com as perguntas do roteiro de entrevistas e a partir da interpretação dos dados da pesquisa, sendo elas: Utilização da metodologia em aula; Forma como a metodologia é empregada em aula; Adaptações ou não da metodologia em relação à teoria; e, Contribuição da metodologia para a aula.

4 RESULTADOS

Com o intuito de atender ao objetivo deste estudo, que é identificar como os professores de Ciências Contábeis da UFRGS colocam em prática Metodologias Ativas de Aprendizagem, esta seção destina-se a apresentar os resultados obtidos com base na análise dos dados coletados.

4.1 Análise documental dos planos de ensino

Buscou-se identificar nos Planos de Ensino o uso de Metodologias Ativas de Aprendizagem no Curso de Ciências Contábeis da UFRGS e como se daria seu emprego. Dentre as técnicas descritas no Quadro 1, as que se destacaram nos Planos de Ensino foram: Aula Expositiva Dialogada, Ensino e Pesquisa, Debate, Seminário, Estudo Dirigido, Método de Caso, Aprendizagem Baseada em Problemas e Filmes.

Dos Planos de Ensino analisados, quatro mencionam Aula Expositiva Dialogada. Dois Planos de Ensino deixam explícito o uso de “*Aulas Expositivas e Dialogadas, buscando interação com os alunos sobre conteúdos apresentados*”, sendo que um deles ainda se referiu ao uso de recursos multimídias como forma de apoio; entretanto, os Planos de Ensino não informam se a técnica é utilizada em uma perspectiva *freireana*, como exposto por Leal, Miranda e Casa Nova (2017). Os demais Planos de Ensino se referem às Aulas Expositivas de forma implícita.

A técnica de Ensino e Pesquisa foi apresentada em quatro Planos de Ensino. Em duas disciplinas, essa técnica foi utilizada sob a forma de elaboração de artigos. Em uma disciplina é proposto um trabalho prático, em grupo, desde o início do semestre, com atividades e entregas periódicas, sendo que, ao final do semestre, deve ser elaborado um artigo referente a esse trabalho. Já em outra disciplina, os alunos são divididos em grupos, para realizar pesquisas e elaborar um trabalho no formato de artigo acadêmico sobre os temas propostos pelo docente. De outra forma, a técnica é adotada em outras duas disciplinas através da elaboração de um projeto de pesquisa e da construção de um projeto de trabalho de conclusão de curso, que conforme o plano de ensino “*servirá de base para delinear suas ações construtivas (ações do aluno), na busca de um artigo de final de curso, que contemple suas mais significativas experiências vividas ao longo de seu curso de formação sistêmica*”.

O Debate e o Seminário foram mencionados da seguinte forma em 6 Planos de Ensino: três Planos de Ensino colocam apenas “*debates em sala de aula*”, um Plano de Ensino informou “*seminários sobre os conteúdos*” e dois Planos de Ensino abordaram como “*seminários, debates sobre textos e artigos previamente indicados*”, de forma que não foi possível identificar como as técnicas são empregadas nas disciplinas de forma mais específica.

Em relação ao Estudo Dirigido, seis Planos de Ensino mencionam seu uso: um deles se refere à técnica como Leitura Dirigida, com o objetivo de acompanhar os

desempenhos dos alunos em determinada atividade de Leitura direcionada pelo professor aos alunos; já os demais Planos de Ensino abordam à técnica como Pesquisa Dirigida, e mencionam como atividades gerais a serem realizadas pelos alunos, sem contato direto com o docente.

No que diz respeito a técnica de Metodologia Ativa chamada Estudo de Caso, foi mencionado em oito Planos de Ensino. Em uma disciplina é cobrado na forma de atividade autônoma; em outras três é cobrado como uma atividade prática; e nos demais Planos de Ensino não é informada como se dá o uso dessa técnica.

Nenhum Plano de Ensino informa explicitamente a Aprendizagem Baseada em Problemas. Não obstante, três deles abordam que serão propostas atividades para resoluções de situações problemas, a partir de questionamentos dos alunos e do professor. Apenas um deles informa que envolverão problemas do meio empresarial e que a atividade tem o objetivo *“contribuir no desenvolvimento da autonomia dos discentes”*.

Por fim, apenas dois Planos de Ensino informam o uso de Filmes com o objetivo de suportar as aulas expositivas de suas disciplinas. Diante da breve descrição da técnica, não foi possível identificar se esse recurso de aula é empregado de acordo com a técnica descrita por Leal, Miranda e Casa Nova (2017), apresentada no Quadro 1.

De modo geral, pela análise dos planos de ensino, constata-se que, em sua minoria, os Planos de Ensino destacam técnicas de Metodologias Ativas de Aprendizagem e como se dará seu uso nas aulas. Tais achados vão ao encontro da pesquisa de Reis, Tarifa e Nogueira (2009), revelando que, apesar da importância do uso de Metodologias Ativas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, poucos professores empregam essa técnica em sala de aula, sendo as Aulas Expositivas ainda muito utilizadas. A fim de identificar mais a fundo como essas técnicas podem ser empregadas no curso de Ciências Contábeis da UFRGS, foram realizadas entrevistas com alguns docentes.

4.2 Entrevista com os docentes

Para melhor explicação de cada uma das Metodologias Ativas, as técnicas foram descritas da forma como estão representadas no Quadro 1, para que os entrevistados pudessem ler antes dos questionamentos. Para cada uma das técnicas, foram realizadas as seguintes perguntas: “você utiliza ou já utilizou essa técnica?”, “como essa

técnica pode contribuir com a melhoria no ambiente da sala de aula?”, “você não utilizaria essa metodologia? por quê?”, e ainda, caso o professor utilizasse a técnica era questionado “como você emprega essa técnica em sua aula?” e “você utiliza a técnica da forma como está descrita ou faz alguma adaptação?”.

Com base nas entrevistas realizadas, realizou-se um levantamento das Metodologias Ativas de Aprendizagem mais utilizadas. O Quadro 2 apresenta as técnicas empregadas pelos professores entrevistados. Os docentes foram nomeados de P_1 até P_7, mantendo-se, assim, o anonimato dos entrevistados.

Quadro 2 - Levantamento das Metodologias Ativas mais utilizadas

Metodologia Ativa	P_1	P_2	P_3	P_4	P_5	P_6	P_7
Aula Expositiva Dialogada em uma Perspectiva <i>Freireana</i>							
Visita Técnica							X
Ensino e Pesquisa		X	X	X		X	
Grupo de Verbalização / Grupo de Observação			X				
Debate							
Seminário	X	X	X	X	X		X
Estudo Dirigido	X	X	X	X	X		X
Método de Caso	X	X	X		X	X	X
Aprendizagem Baseada em Problemas		X		X		X	
Filmes		X	X	X	X	X	X
Representação Teatral		X					X
Jogo de Papéis							
<i>Storytelling</i>	X						X
Painel Integrado	X						X
Prática de Campo							X

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Conforme observado no Quadro 2, constatou-se que há Metodologias Ativas empregadas pelos professores que não foram identificadas nos Planos de Ensino. Ainda, das quinze técnicas apresentadas, cinco se destacam por serem utilizadas pela maioria dos entrevistados: Ensino e Pesquisa, Seminário, Estudo Dirigido, Método de Caso e Filmes. As próximas subseções apresentam como essas principais técnicas ressaltadas são aplicadas nas aulas desses docentes.

4.2.1 Ensino e pesquisa

Durante as entrevistas, quatro docentes mencionaram que utilizam ou já utilizaram a técnica de Ensino e Pesquisa. Todos fazem uso da técnica com adaptações, uma vez que não a utilizam de forma estrita ao que está disposto na literatura de Leal, Miranda e Casa Nova (2017).

Em sua disciplina, o professor P_2 solicita pesquisas mais específicas, não tão aprofundadas como artigos científicos. O docente P_3 emprega a técnica dependendo de seus objetivos de aula, uma vez que *“determinadas disciplinas têm possibilidade de propor mais atividades de pesquisa, e outras não [...], mas eu acho importante que essa técnica esteja presente em algum momento do ensino”*. Na disciplina ministrada pelo professor P_4, existem alguns trabalhos que propiciam a busca por meio da pesquisa.

Na visão do docente P_3, o Ensino e Pesquisa *“é a essência da academia e do aprendizado, [...] porque instiga o aluno e incentiva a busca pelo conhecimento, avançando para além da sala de aula”*. Já o professor P_6 acredita que a técnica contribui para que os alunos busquem aprender, conhecer e estudar através da leitura de uma variedade de informações.

Por outro lado, um dos entrevistados, P_5, mencionou que apesar de achar a técnica interessante, não a utiliza, pois não se enquadra nos objetivos da disciplina que ministra. Já o professor P_1, apesar de solicitar tarefas que se aproximam da descrição da técnica, também não a emprega, porque as atividades não têm uma perspectiva de pesquisa.

4.2.2 Seminário

Seis docentes mencionaram, durante as entrevistas, que utilizam ou já utilizaram a técnica de Seminário em suas aulas, e que empregam a técnica sem fazer adaptações. O professor P_1 revelou que a técnica é muito positiva para gerar autonomia nos discentes e criar responsabilidade pelo aprendizado coletivo. Complementarmente, na visão do professor P_4, o Seminário é uma forma de fazer os alunos pesquisarem e se prepararem para defender um tema. O docente P_2 acha uma técnica muito interessante e mencionou em sua entrevista que se surpreende *“com os resultados dos alunos, embora seja visível que nem todos se empenhem como o desejado, muitos acabam se destacando e superado as expectativas”*. Nessa linha, o docente P_1 declarou que sempre privilegia os temas dos seminários àqueles que têm experiência no assunto, a fim de agregar mais conhecimento aos expectadores.

Apesar desses benefícios no emprego da técnica, alguns professores fazem ressalvas em relação ao uso dessa metodologia de ensino. Em sua entrevista, o professor P_3 revelou que o Seminário é uma técnica interessante, mas acha importante aplicar uma atividade para evitar que os alunos que assistem aos seminários

fiquem dispersos. O docente P_5 relatou que raramente utiliza Seminário porque percebe que o perfil dos discentes do curso de Ciências Contábeis é mais retraído, de forma que o aluno pode ter um vasto conhecimento a respeito de determinado assunto, mas tem dificuldade de repassar aos demais por meio de apresentação. Para o professor P_6, o Seminário é importante, mas vê dificuldades em aplicar a técnica, uma vez que suas turmas são muito grandes. Além disso, relatou que há vezes em que cada um se prepara apenas para apresentar a sua parte, não buscando o conhecimento geral da sua temática.

Apesar de considerarem uma técnica excelente, os docentes P_4 e P_7 revelam que não utilizam mais essa técnica, porque os alunos não mantinham a atenção nas apresentações dos colegas. O docente P_4 mencionou que, quando empregava a técnica, os alunos eram instigados a fazer perguntas àqueles que estavam apresentando o seminário. Após informar que não utiliza mais a técnica, justificou *“parei de utilizar em minhas disciplinas, pois percebia que os alunos não prestavam muita atenção na apresentação dos colegas, conversavam e se dispersavam [...], a partir do momento que passei a explicar o conteúdo, os conceitos melhoraram”*.

4.2.3 Estudo dirigido

Seis professores mencionaram durante a entrevista que utilizam ou já utilizaram Estudo Dirigido como técnica de ensino, e todos empregam a técnica da forma como está disposta na literatura, sem fazer uso de adaptações. Os professores P_2 e P_4 acreditam que o Estudo Dirigido é uma técnica interessante para verificar o entendimento do aluno em relação aos conteúdos. Já para o professor P_1, o estudo de dirigido é uma boa técnica para privilegiar um aprofundamento no aprendizado em um nível individual.

Os docentes P_3 e P_4 informaram, durante as entrevistas, que já solicitaram estudos dirigidos em aulas realizadas à distância. O segundo mencionou que a atividade se deu de forma individual, através da plataforma Moodle e com prazo determinado para a entrega. Em sua entrevista, o docente P_3 mencionou, *“às vezes acho o tempo em sala de aula muito restrito e por isso o uso dessa técnica pode ser muito interessante para que o aluno tenha um momento de reflexão e aprendizado extraclasse”*. Nessa linha, tanto o professor P_1 quanto o P_5 revelaram que solicitam o Estudo Dirigido em uma aula e, na aula seguinte, retomam e corrigem a atividade com os alunos. Ambos mencionaram que solicitam a atividade em forma de Estudo Dirigido

para que os alunos possam estudar para as provas. O docente P_1 relevou, ainda, que aproveita pontos específicos fazer ligações com outros conteúdos da disciplina, ressaltando que para o emprego efetivo da técnica *“é importante que todos tenham lido o material indicado para que saibam o assunto e contexto geral, e não somente pontos específicos”*.

Apesar de não empregar Estudo Dirigido em sua disciplina, o docente P_6 mencionou que vê na técnica uma forma de incentivar os discentes a ler e estudar. O professor P_7 revelou que deixou de utilizar a técnica quando viu muitas respostas repetidas nas atividades entregues pelos discentes. Apesar dessa experiência negativa com a técnica, o professor P_7 também considera o Estudo Dirigido apropriado para atividades a distância, e complementou que acredita ser *“difícil aplicar esse tipo de técnica em turmas grandes, mas voltaria a utilizar com turmas menores”*.

4.2.4 Método de caso

Dos entrevistados, seis disseram que utilizam ou já utilizaram Estudo de Caso. Ademais, todos mencionaram ter feito uso da técnica com adaptações, de forma que cada docente a emprega conforme seus objetivos. Em sua disciplina, o professor P_1 divide a turma em grupos e distribui artigos distintos em forma de estudos de casos, que giram em torno de uma mesma temática, com o intuito de enriquecer o contexto e fazer com que os alunos discutam diferentes assuntos. Em um segundo momento, os alunos leem, destacam pontos relevantes e discutem o assunto com aqueles que pegaram o mesmo caso. Por fim, apresentam seus casos para os colegas. Para o professor P_1, essa técnica estimula o sentido coletivo de aprendizado, uma vez que os alunos transmitem o conhecimento para os demais colegas, bem como acredita que a técnica deve ser testada e aprofundada pelo professor constantemente, buscando formas de aprimorar o aprendizado dos alunos.

Já o docente P_3 utiliza simulações e casos reais que são encontrados na mídia e faz questionamentos aos alunos para que discutam e busquem respostas. Nessa linha, o docente P_5 descreve um caso concreto ou simulação e os alunos propõem soluções de forma voluntária, ocorrendo discussões com toda a turma. Durante a entrevista, o professor P_2 mencionou que utiliza a técnica porque é uma forma de materializar a teoria e proporcionar uma melhor visualização do conteúdo aos alunos, trazendo a realidade para dentro da sala, entretanto, considera o tempo de aula limitado para aplicar a técnica com todos os passos.

Os professores P_3, P_5 e P_6 revelam que a técnica é positiva, porque podem ser apresentados casos reais para dentro da sala de aula: *“acho que facilita o processo de aprendizado, porque não traz apenas uma visão teórica do conteúdo”*, disse o professor P_6. Apesar de não utilizar a Método de Caso, o docente P_4 falou que poderia fazer uso, uma vez os casos reais oportunizam aos alunos exporem sua visão e, ainda, propiciam o desenvolvimento e compartilhamento de novas ideias.

4.2.5 Filmes

Dos entrevistados, seis mencionaram que utilizam ou já utilizaram Filmes em suas aulas. Todos empregam a técnica sem fazer adaptações, ou seja, os professores contextualizam o tema da aula, exibem o filme, vídeo ou documentário, pedem atenção dos discentes aos pontos relevantes e fazem comentários adicionais ligando a temática aos assuntos da disciplina (LEAL; MIRANDA; CASA NOVA, 2017).

O professor P_4 revelou que gosta muito de usar a técnica, mas ressalta que a mesma deve ser usada com parcimônia, havendo uma razão para aplicá-la. Ainda, mencionou que existem vários filmes de negócio e que o documentário da Enron sempre estava na programação de suas aulas, pois considera, em um dos principais casos de fraude nos EUA, um ótimo exemplo para a Contabilidade: *“eu usava todo o tempo dele para fazer inserções, até porque é uma realidade um pouco diferente da brasileira, então precisava contextualizar”* (P_4).

Durante a entrevista, o docente P_6 mencionou que já utilizou vídeos em sua disciplina e que foi uma experiência muito positiva, porque complementava o conteúdo passado em aula, mas enfatizou *“depende da disciplina, para disciplinas práticas, especialmente que trabalham com gestão da informação, com certeza é uma boa técnica [...], é uma forma de trazer a realidade, corroborando a tua ideia em sala de aula”*.

Na visão do professor P_2 a técnica contribui com o ambiente da sala de aula, pois facilita a contextualização do assunto para o entendimento dos alunos. Para o docente P_1, apesar de também achar a técnica interessante para dar noção de contexto, mencionou que há momentos do filme que podem não fazer parte do assunto da aula, fazendo com que os alunos percam o foco daquilo que é mais importante. O professor complementou que o uso de vídeos pode ser uma alternativa positiva nesses casos, pois são mais curtos.

4.2.6 Demais metodologias ativas

A Aula Expositiva Dialogada em uma Perspectiva *Freireana* não se apresentou como uma técnica utilizada pelos professores entrevistados. Os professores P_2, P_3, P_4, P_5 e P_7, mencionaram que utilizam aulas expositivas dialogadas; e os outros, P_1 e P_6, apenas aulas expositivas. O docente P_1 considera importante que as etapas da aula sejam bem definidas antes de iniciar a atividade, para que o aluno se prepare ao longo do exercício, a fim de contribuir com algum exemplo ou conhecimento, sem ser pego de surpresa. Apesar de não utilizarem a Aula Expositiva Dialogada em uma Perspectiva *Freireana*, os entrevistados acreditam que a mesma pode contribuir com o ambiente da sala de aula por diversos motivos. Para o docente P_1, é possível que a voz dos alunos apareça mais, sem ser de forma compulsória. Na visão do docente P_5, a técnica pode contribuir para que os alunos interajam e participem mais das aulas. Os demais entrevistados reconhecem que a técnica é interessante para a construção do conhecimento, uma vez que o aluno pode ser colocado como protagonista do próprio aprendizado para desenvolver competências.

Em relação à Visita Técnica e à Prática de Campo, apenas um dos professores entrevistados já utilizou essas técnicas em suas aulas. Apesar dos outros professores acharem as técnicas interessantes para o curso de Ciências Contábeis, de forma geral, relatam como principais dificuldades para empregá-las a grande quantidade de alunos por turmas e o fato do curso ser noturno, ocorrendo que, em muitas vezes, os discentes não têm disponibilidade durante o dia para realizar as atividades, pois trabalham. Ainda, na visão desses professores, as técnicas Visita Técnica e Prática de Campo oportunizam aos alunos verem na prática o conteúdo que é passado em sala de aula, o que pode propiciar uma melhor absorção dos conteúdos. Para o professor P_6, aquilo que aproxima o aluno da realidade é válido para o aprendizado.

Quanto ao Grupo de Verbalização/Grupo de Observação, o único professor, P_3, que já utilizou em sua disciplina achou interessante a técnica, porque surgiu uma contraposição de ideais que estimulou um espírito de competição entre os alunos, fazendo com que um grupo tentasse se destacar mais do que o outro. O professor P_7 disse que utilizaria a técnica apenas em turmas pequenas, para que todos se envolvessem na atividade, assim como considera que a turma precisa estar bem preparada para utilizá-la, pois os alunos precisam estar dispostos a participarem. Três entrevistados, P_1, P_5 e P_6, disseram não saber se posicionar em relação ao Grupo

de Verbalização/Grupo de Observação, porque nunca viram em funcionamento. O docente P_2 disse que achou a técnica interessante, mas gostaria de ver a técnica em prática antes de utilizar, e o P_4 não utilizaria, pois acredita que essa técnica não se enquadraria nos objetivos da disciplina que ministra.

Quanto ao Debate, percebeu-se que nenhum dos entrevistados utilizou a técnica, pois não houve discussões formais. O professor P_4 revelou que utilizou uma técnica semelhante, com o intuito de verificar o conhecimento e desenvolver posicionamento dos alunos sobre os assuntos da disciplina. O docente P_2 informou que em sua aula ocorrem debates naturalmente. Os demais professores, P_3 e P_5, disseram que solicitam debates em pequenos grupos, de maneira informal e sem um mediador. O professor P_1 disse que utilizaria Debate, mas acredita ser necessário escolher um bom tema para discussão. Já os professores P_6 e P_7 informaram que não utilizariam essa técnica; o primeiro porque considera suas turmas são muito grandes e os alunos poderiam ficar dispersos, e o segundo porque tem receio de perder o controle da técnica e não saber mediar. Em geral, os professores consideram a técnica interessante, porque rende boas questões, propiciando temas polêmicos e que demandam tomada de decisão para discussão e instigando os alunos a exporem suas opiniões.

Dos entrevistados, apenas os professores P_2, P_4 e P_6 relataram já ter utilizado a Aprendizagem Baseada em Problemas em suas aulas. O P_2 disse que faz adaptação na técnica, porque não cobra um relatório final dos alunos; já o P_4 disse que também faz adaptação, pois trabalha o problema de um estudo e os alunos precisam responder se está certo ou não; por último, o professor P_6 revelou que utiliza a técnica para aproximar os alunos da realidade das empresas. O professor P_5 não utiliza Aprendizagem Baseada em Problemas, mas acha interessante para discutir casos mais complexos. O professor P_1 também não utiliza, pois acredita que a técnica não se enquadra aos objetivos de sua disciplina, apesar de considera-la uma excelente ferramenta para contribuir com a aula, estimulando o aprendizado individual ou o trabalho em equipe.

Apenas um dos docentes, P_7, já aplicou a Representação Teatral da forma como está descrita na literatura. Outro professor, P_2, utiliza a técnica de forma voluntária em um trabalho na disciplina, que envolve criatividade na execução do trabalho por parte dos discentes, sendo aceita qualquer forma de apresentação, por consequência alguns grupos já realizaram Representações Teatrais para a apresentação desse trabalho. Em geral, os entrevistados não utilizam a técnica, porque

consideram que há alunos que não gostam de exposição. Além disso, o docente P_6 considera que isso dificulta demonstrar conhecimento, para algumas pessoas. Já o professor P_5, apesar de não utilizar a Representação Teatral, acredita que a técnica contribui para a autoestima do aluno e para vencer a inibição. O docente P_4 julga que a técnica envolve muito tempo e mencionou: “*fiz isso enquanto aluno e não achei produtivo*”. O professor P_1 declara que é desafiador para os alunos que estão representando trazer sentido aquilo que querem passar aos colegas e acredita que esse tipo de técnica envolve outros pontos que não são o foco da aula, como criatividade, por exemplo.

O Jogo de Papéis não se apresentou como uma técnica utilizada pelos entrevistados. O professor P_3 acredita que para o bom funcionamento da técnica é importante que os papéis sejam bem definidos antes de iniciar a atividade. Já o docente P_5 julga a técnica interessante e que pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, fazendo os alunos “*enxergarem com os olhos do papel que estariam assumindo*”. O professor P_1 mencionou que vê dificuldade em utilizar o Jogo de Papéis, uma vez que os alunos passariam a assumir outra postura que não a sua, e acabariam precisando desenvolver outros pontos que, às vezes, não são o foco da aula, como a criatividade, por exemplo. O docente P_6 disse que não vê como a técnica poderia funcionar em sua disciplina. Já os demais, P_2, P_4 e P_7, revelaram que utilizariam a técnica, mas antes gostariam de vivenciá-la para conhecê-la melhor.

Sobre *Storytelling*, apenas dois professores utilizaram a técnica, e ambos a empregaram com adaptações. O docente P_1 empregou em uma prova, onde narrava uma história aos alunos e solicitava que respondessem aspectos relacionados à matéria, no entanto, relatou ter dificuldades para corrigir as avaliações, porque precisava se colocar no lugar do aluno para entender suas respostas. Já o docente P_7 apresentou um caso aos alunos e questionava qual posição tomariam diante daquela situação. Para o professor P_1, o *Storytelling*, da forma como está disposto na literatura, é interessante para dar noção de contexto aos alunos, mas acha que não proporciona diferencial no aprendizado e que a técnica necessita ser testada e aprofundada pelo professor. Em geral, os demais entrevistados consideram que a técnica pode ser interessante e tinham interesse em conhecê-la. O docente P_4 acredita que a técnica pode propiciar ganho de conhecimento e o P_6 acha que é interessante para disciplinas gerenciais.

Apenas dois dos entrevistados, P_1 e P_7, empregam o Painel Integrado, outra Metodologia de Ativa de Aprendizagem. O primeiro faz adaptações, separando os alunos em grupos e distribuindo assuntos para que leiam, discutam e exponham seus

temas aos demais colegas. O segundo professor não faz adaptações, ou seja, distribui assuntos diferentes, pede aos alunos que leiam, discutam, proponham sugestões e, por fim, os grupos se reorganizam e relatam seus temas para os outros colegas. Em geral, os docentes julgam que o Painel Integrado é uma técnica interessante, todavia, os professores P_4 e P_6 não utilizam essa técnica, porque acham que ela não se enquadra aos objetivos de suas disciplinas. Já os docentes P_5 e P_6 não utilizam a técnica, pois consideram o tempo de aula muito limitado. O docente P_1 acredita que a técnica contribui com o ambiente da sala de aula, visto que exercita o aprendizado coletivo e viabiliza o trabalho em equipe.

Pela descrição dos professores entrevistados, nota-se que algumas das técnicas mencionadas nas entrevistas não são contempladas e expostas nos Planos de Ensino. Percebe-se, ainda, que há dificuldades e limitações para empregar algumas das Metodologias Ativas, convergindo ao estudo de Leal, Miranda e Casa Nova (2017), no qual é exposto que cada técnica trará possibilidades e limitações na sua condução em sala de aula e o mais importante é que o docente tenha clareza de seus objetivos ao escolhê-las. Constatou-se ainda que, na opinião dos professores, as Metodologias Ativas são capazes de contribuir de diversas formas na construção do saber, convergindo ao estudo de Leal, Miranda e Casa Nova (2017), com a afirmativa de que as técnicas são ricas, variadas e capazes de superar o ensino tradicional e a transmissão de conhecimento mecânica.

4.3 Observação participante

Por meio de observação participante, nos semestres 2017/2 e 2018/1, buscou-se identificar e descrever o emprego das Metodologias Ativas de Aprendizagem, descritas no Quadro 1, em 10 disciplinas do curso de graduação em Ciências Contábeis da UFRGS. Foram identificadas as seguintes metodologias, por meio da observação participante: Visita Técnica, Ensino e Pesquisa, Seminário, Estudo Dirigido, Método de Caso e Filmes.

Na disciplina de Planejamento Contábil foi realizada uma Visita Técnica, a fim de proporcionar o contato dos alunos com um ambiente real, em pleno funcionamento, e relacionar com os conteúdos ministrados em sala de aula. A técnica utilizada foi adaptada para a disciplina, uma vez que não foi solicitado um relatório referente à visita, bastando a realização da visita ao ambiente sugerido.

A técnica de Ensino e Pesquisa foi empregada em duas disciplinas. Com a finalidade de pesquisar mais a fundo o tema “Perito Contábil frente ao Caixa Dois e ao Crime de Lavagem de Dinheiro”, na disciplina de Perícia Contábil, foi solicitado um trabalho, em duplas, no formato de artigo. E na disciplina de Projeto de Pesquisa em Ciências Contábeis foi solicitada, individualmente, a construção de um projeto de trabalho de conclusão de curso, para ir preparando o aluno ao trabalho a ser desenvolvido no final do curso de graduação em Ciências Contábeis da UFRGS.

O emprego do Seminário se deu em diversas disciplinas, sempre em grupos. Com uso de cartazes elaborados pelos alunos, em Auditoria I, foram solicitadas apresentações referentes às Normas Técnicas de Auditoria. Em Contabilidade Orçamentária, ocorreram apresentações semanais de uma projeção financeira, construída para uma empresa. Na disciplina de Controladoria, ocorreram apresentações de estruturas de Controles Internos das organizações. Em Perícia Contábil e Sistemas de Informações Gerenciais II, a técnica foi empregada por meio de apresentações de trabalhos com diversos assuntos relacionados às disciplinas.

Já o Estudo Dirigido foi solicitado na disciplina de Sistema de Informações Gerenciais II, por meio de questionários direcionados à leitura de artigos individualmente. As atividades eram realizadas fora do ambiente da sala de aula e eram corrigidas com os alunos na aula seguinte. A técnica também era empregada em Controladoria, como atividades autônomas, com questionários relacionados a bibliografia básica da disciplina.

O Método de Caso foi solicitado em grupos, na disciplina de Controladoria. Nessa disciplina, a técnica foi adaptada, uma vez que o professor não descreveu uma situação real ou simulação. Os alunos elaboravam um resumo sobre como as decisões são tomadas e as informações são utilizadas nos ambientes de trabalho próprios dos discentes. Caso esse tipo de caso não existisse no ambiente de trabalho do aluno, o grupo deveria sugerir aquilo que acreditava ser útil para tomadas de decisões. Por fim, os grupos apresentavam suas conclusões aos demais colegas levando a uma discussão geral.

Na disciplina de Auditoria I, a técnica referente a Filmes foi adaptada. Fora de sala de aula, os alunos deveriam assistir ao filme “O Auditor na Corte” e apresentar um resumo relacionando as cenas do filme com o conteúdo aprendido em sala de aula. Já em Planejamento Contábil I, a técnica foi empregada através do filme “Waffle Street”, na

qual, ao final da exibição, o docente fez comentários pontuais do filme, relacionando-os com o conteúdo da disciplina.

As demais Metodologias Ativas descritas no Quadro 1 não foram observadas nas disciplinas observadas. De modo geral, observa-se que as técnicas empregadas nessas disciplinas foram identificadas nos Planos de Ensino, com exceção da Visita Técnica, e mencionadas durante as entrevistas. Constatou-se que muitas foram às vezes em que ocorreram adaptações das técnicas, em conformidade ao estudo de Petrucci e Batiston (2006), que mencionam que as técnicas de ensino podem ser modificadas, ajustadas e combinadas quando o docente achar necessário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como os professores de Ciências Contábeis da UFRGS colocam em prática Metodologias Ativas de Aprendizagem. Para atingir tal fim, foram analisados os Planos de Ensino de 2018/1, realizadas entrevistas com os docentes paraninfos e homenageados do período de 2014/1 a 2017/2 e observadas as aulas dos semestres 2017/2 e 2018/1, buscando identificar as Metodologias Ativas utilizadas pelos professores no curso de graduação em Ciências Contábeis da UFRGS, bem como apresentar, na visão desses professores entrevistados, como essas técnicas de ensino podem promover a melhoria do processo de ensino-aprendizagem no ambiente da sala de aula.

Os achados deste estudo revelam que os docentes do curso de Ciências Contábeis da UFRGS empregam Metodologias Ativas de Aprendizagem em suas aulas, por vezes adaptadas da teoria, visando atingir seus objetivos pretendidos com uso dessas técnicas em sala de aula. As técnicas destacadas como as mais utilizadas foram: Ensino e Pesquisa, Seminário, Estudo Dirigido, Método de Caso, e Filmes. De modo geral, o emprego da técnica de Ensino e Pesquisa se apresentou na elaboração de artigos, na construção de trabalhos em formato de projeto e em pesquisas menos aprofundadas. O Seminário é solicitado em grupos, exposições de cartazes, apresentações semanais e apresentações de assuntos relacionados às disciplinas. O Estudo Dirigido é aplicado extraclasse, individualmente, em atividades com prazo delimitado, direcionadas à leitura de artigos ou assuntos ligados a disciplina. Por sua vez, o Estudo de Caso é cobrado em atividades autônomas e práticas, com discussões em grupos menores ou com toda a turma. E a técnica de Filmes é aplicada dentro e fora de sala para relacionar aos assuntos da disciplina.

Na visão dos entrevistados, algumas contribuições que as metodologias podem oferecer no processo de ensino-aprendizagem para o curso de Ciências Contábeis são: instigar a busca por conhecimento; incentivar o estudo através da leitura de diversas informações; criar responsabilidade pelo aprendizado coletivo; incentivar a pesquisa e a preparação para defender um tema; estimular a leitura, o estudo, o aprendizado e a reflexão individual; auxiliar para a materialização e a contextualização da teoria, aproximando os alunos da realidade; e oportunizar a exposição e desenvolvimento de ideias. Tais resultados convergem com o estudo de Leal, Miranda e Casa Nova (2017), uma vez que Metodologias Ativas são alternativas diferenciadas para um ensino mais ativo, a fim de favorecer o aluno na própria construção e apreensão dos saberes.

Como limitação, este artigo, ao realizar um estudo de caso, onde um contexto específico foi analisado, não permite que os resultados evidenciados sejam generalizados. Para pesquisas futuras, recomenda-se analisar a importância de capacitar os docentes para empregar Metodologias Ativas de Aprendizagem em suas aulas, quando muitos deles utilizam estas técnicas de forma empírica ou intuitiva.

REFERÊNCIAS

- ANTONELLI, R. A.; COLAUTO, R. D.; CUNHA, J. V. A. Expectativa e satisfação dos alunos de Ciências Contábeis com relação às competências docentes. **Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 10, n. 1, p. 74-91, 2012.
- ARAÚJO, J.; LAGIOIA, U.; DE ARAÚJO, J. G. N. Arranjo produtivo local de confecções: análise do perfil das empresas e da tomada de decisão dos gestores. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v.11, n.1, p. 52-73, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARON, J. **Disruptive trends accelerating for the accounting profession**. Thomson Reuters, 2016. Disponível em: <<https://blogs.thomsonreuters.com/answerson/disruptive-trends-accounting-profession/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.
- BEHR, A. *et al.* Aprendizagem significativa no ensino de custo. **Custos e agronegócio online**, v. 14, n. 2, p. 161-188, 2018.
- BRIGHENTI, J.; DE SOUZA, T. R.; BIAVATTI, V. T. Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos. **Revista GUAL**, v. 8, n. 3, p. 281-304, 2015.
- CITTADIN, A. *et al.* O uso de metodologias ativas no ensino da contabilidade de custos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 22., 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: Associação Brasileira de Custos, 2015.

GONÇALVES, J. C. *et al.* Análise do impacto do processo de convergência às normas internacionais de contabilidade no Brasil: um estudo com base na relevância da informação contábil. **Revista Universo Contábil**, v. 10, n. 3, p. 25-43, 2014.

GUTHRIE, J.; PARKER, L. D. Whither the accounting profession, accountants and accounting researchers? Commentary and projections. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 29, n. 1, p. 02-10, 2016.

HOWIESON, B. Accounting practice in the new millennium: is accounting education ready to meet the challenge? **The British Accounting Review**, v.35, n. 2, p. 69-103, 2003.

LAFFIN, M. De contador a professor: a trajetória da docência no ensino superior de contabilidade. 2002. 191 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002.

LEAL, E. A.; BORGES, M. P. P. Estratégias de ensino aplicadas na área da contabilidade gerencial: um estudo com discentes do curso de ciências contábeis. **Revista Ambiente Contábil**, v. 8, n. 2, p. 01-18, 2016.

LEAL, E. A.; MIRANDA, G. J.; CASA NOVA, S. P. C. **Revolucionando a sala de aula:** como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, T. B. F. de O.; PAIVA, S. B. Uma evidenciação das técnicas de ensino aplicadas no curso de ciências contábeis de uma instituição pública de ensino superior. **Revista de Contabilidade da Universidade Federal da Bahia**, v. 10, n. 1, p. 53-71, 2016.

MASSETO, M. T. **Didática:** a aula como centro. São Paulo: FDT, 1997.

MASSETO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

MAZZIONI, S. As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo**, v. 2, n. 1, p. 93-109, 2013.

MEDEIROS, J. T. *et al.* Metodologias ativas na docência contábil: reflexões sobre a prática em sala de aula. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, 29., 2016, Natal. **Anais eletrônicos...** Ponta Grossa: ADMpg, 2016.

MIRANDA, G. J.; CASA NOVA, S. P. C.; CORNACCHIONE JR., E. B. Os saberes dos professores-referência no ensino de contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 23, n. 59, p. 142-153, 2012.

OTT, E. *et al.* Relevância dos conhecimentos, habilidades e métodos instrucionais na perspectiva de estudantes e profissionais da área contábil: estudo comparativo internacional. **Revista Contabilidade e Finanças**, v. 22, n. 57, p. 338-356, 2011.

PADOVEZE, C. L. **Contabilidade gerencial**: um enfoque em sistema de informação contábil. Conforme as Leis n. 11.638/07 e 11.941/09. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PAVIONE, C. S. S. N., AVELINO, B. C.; FRANCISCO, J. R. S. Fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem sob a perspectiva de estudantes do curso de Ciências Contábeis: Análise em uma instituição de ensino superior de Minas Gerais. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, v. 10, n. 2, p. 196-219, 2016.

PETRUCCI, V. B. C.; BATISTON, R. R. Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade. In: PELEIAS, I. R. (org.) **Didática do ensino da contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2006.

REIS, L. G. dos; TARIFA, M. R.; NOGUEIRA, D. R. O processo de ensino da contabilidade custos e gerencial: uma análise comparativa entre o ensino presencial e o ensino a distância. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 24., 2009, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: Associação Brasileira de Custos, 2018.

YIN, K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.



**PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DA INFORMAÇÃO TRANSMITIDA DO
PROFISSIONAL CONTÁBIL PARA OS SEUS CLIENTES: UMA PROPOSTA
PARA ELABORAÇÃO DE RELATÓRIO GERENCIAL**

**PERCEPTION OF THE QUALITY OF THE INFORMATION TRANSMITTED
FROM THE ACCOUNTING PROFESSIONAL TO THEIR CLIENTS: A PROPOSAL
FOR PREPARING A MANAGEMENT REPORT**

RIBASQUI, Patrícia da Silva ¹

SILVA, Filipe Martins da ²

Resumo: Durante muitos anos, se pensou que o contador tinha que ser apenas aquele profissional que estava ali para emitir guias e calcular impostos, embora seja de responsabilidade desse profissional a apuração destas informações assim como da folha de pagamento, livros fiscais e obrigações acessórias, ele não deve se atentar somente a isso, nos dias de hoje é necessário que o profissional contábil entenda as necessidades e particularidades de seus clientes, e se mantenha atualizado, muitos desafios surgem a cada dia, principalmente com a rapidez com que a tecnologia tende a evoluir, e os profissionais que anseiam se manter em atividade, devem acompanhar essa evolução, ultrapassando a barreira da burocracia e adaptando a informação técnica, para métodos e nomenclaturas que sejam mais compreensíveis pelos usuários finais, tornando a contabilidade acessível a todos. Com base no exposto, este estudo tem como objetivo analisar a percepção

¹ Bacharela em Ciências Contábeis, Centro Universitário Cesuca. E-mail: patty_ribasqui@hotmail.com

² Mestre em Controladoria e Contabilidade. Professor do Centro Universitário CESUCA. E-mail: filipemdasilva@gmail.com

dos profissionais e seus clientes quanto à qualidade da informação produzida nos relatórios contábeis padrões, e baseado nas respostas adquiridas, identificar as possíveis falhas neste processo de comunicação, e definir métodos auxiliares, que possam vir a reduzir tais falhas. Para atingir tal objetivo será utilizado uma metodologia de pesquisa descritiva com abordagem quantitativa, e amostras coletadas por conveniência, por intermédio de dois questionários aplicados a grupos que definem ambos os perfis, clientes e profissionais contábeis.

Palavras-chave: Profissional Contábil. Cliente. Relatórios Contábeis.

Abstract: For many years, it was thought that the accountant had to be just that professional who was there to issue guides and calculate taxes, although it is the responsibility of this professional to ascertain this information as well as the payroll, tax books and ancillary obligations, he did not attention should only be paid to this, nowadays it is necessary for the accounting professional to understand the needs and particularities of their clients, and to keep up to date, many challenges arise every day, especially with the speed with which technology tends to evolve, and professionals who wish to remain in activity must follow this evolution, overcoming the bureaucracy barrier and adapting technical information to methods and nomenclatures that are more understandable by end users, making accounting accessible to all. Based on the above, this study aims to analyze the perception of professionals and their clients regarding the quality of the information produced in the standard accounting reports, and based on the answers acquired, to identify possible flaws in this communication process, and to define auxiliary methods, which may reduce such failures. To achieve this objective, a descriptive research methodology with a quantitative approach will be used, and samples collected for convenience, through two questionnaires applied to groups that define both profiles, clients and accounting professionals.

Keywords: Accounting Professional. Client. Accounting Reports.

1 INTRODUÇÃO

A contabilidade é uma ciência aplicada, que tem como objeto de estudo o patrimônio das entidades, e suas variações, embora não exista unanimidade sobre sua natureza. Santos, Schimidt e Machado (2011 p. 18) classificam a contabilidade como uma disciplina de natureza científica, que se enquadra como uma ciência factual - social, considerando que o fator social é preponderante na atividade contábil, traduzindo a natureza social da contabilidade na preocupação com a compreensão da maneira com que os indivíduos ligados à área criam, modificam e interpretam os fenômenos contábeis sobre os quais informam seus usuários.

Os autores ainda acrescentam que a preocupação do contabilista não está apenas em apreender, quantificar, registrar e informar os fatos contábeis da

entidade, mas também em analisar e revisar esses fatos, demonstrando suas causas determinantes ou constitutivas.

Segundo Hendriksen e Breda (1999 p. 91), o primeiro enfoque à definição dos objetivos da contabilidade concentrou-se no cálculo e na apresentação do lucro líquido resultante de regras específicas de realização e vinculação num balanço que relacionasse o período corrente a períodos futuros. Desse modo, dava-se ênfase ao processo de coleta de dados e ao formato das demonstrações financeiras.

Contudo há uma dificuldade encontrada neste processo de contabilização e na estrutura convencional de divulgação, e em relação a certos termos contábeis, que não são familiares e frequentes para os usuários finais das demonstrações, embora tais termos sejam rotineiros no dia a dia dos contadores, para os clientes, essas informações tornam-se menos compreensíveis, pois muitos desses usuários atuam em áreas distantes da contabilidade, profissionais da área da saúde, advogados, decoradores, entre outros, tendo essas dificuldades em utilizar destas informações, nas tomadas de decisão, evidenciando que a estrutura atual da contabilidade, pode não estar atingindo seu objetivo básico.

Com base no exposto foi definido a seguinte questão problema: quais as dificuldades que os clientes percebem na interpretação das informações enviadas pela contabilidade?

A partir da questão problema foi definido o seguinte objetivo geral: analisar a percepção dos profissionais contábeis e clientes em relação à informação gerada pela contabilidade.

Para atender o objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Comparar a percepção que os profissionais e os clientes têm, em relação a periodicidade das informações encaminhadas;
- Mensurar a qualidade e utilidade da informação para os usuários finais;
- Propor um modelo de relatório que melhore a qualidade da informação recebida pelo cliente, baseado nas dificuldades mencionadas pelos respondentes.

A escolha do tema deu-se devido a relevância do mesmo, a contabilidade é utilizada todos os dias por usuários distintos, que possuem objetivos diversos e necessitam de informações apropriadas, e como explicam Hendriksen e Breda (1999 p. 94), se for adotada a ideia de produzir uma série de relatórios de finalidade

específica, será preciso selecionar a informação relevante para os vários modelos de predição e tomada de decisão dos usuários.

A estrutura deste estudo apresenta-se da seguinte forma: uma introdução que descreve os objetivos gerais deste trabalho, seguida de um referencial teórico que busca embasar o conteúdo abordado, logo apresenta-se a metodologia que foi aplicada para o desenvolvimento.

No que segue, serão apresentados os tópicos que descrevem e analisam os resultados obtidos através dos questionários, e por fim serão feitas as considerações que resultam da interpretação dos dados coletados e apresentados por este estudo, seguida da bibliografia completa utilizada como fonte de pesquisa e citações no desenvolvimento deste trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, será trabalhado o embasamento teórico através de uma bibliografia que exemplifique o tema abordado por este trabalho, evidenciando os conceitos de profissional contábil, cliente, e a comunicação entre eles.

2.1 Profissional contábil

Inicialmente de acordo com Capistrano (2001), o contador era designado como “guarda-livros”, por ser geralmente um homem de formação técnica que adquirira seu conhecimento principalmente através da prática a autora ainda acrescenta que:

No tempo do guarda-livros predominava a prática, sendo função deste realizar a contabilidade da firma, sua escrituração, a correspondência, os contratos, preenchimento dos cheques, realização de pagamentos e recebimentos, enfim, o contador tinha como principal função realizar registros por “detrás de uma mesa. (CAPISTRANO, 2001)

Souza (2013) complementa explicando que, a regulamentação da Profissão Contábil no Brasil ocorreu em 1946 por meio da publicação do Decreto-Lei 9.295, onde foram criados os Conselhos Federal e Regionais de Contabilidade, com a determinação de fiscalizar e reger a profissão contábil, definindo um perfil dos contabilistas onde: contadores eram os graduados em cursos universitários de

Ciências Contábeis; técnicos de contabilidade eram os de nível médio, das escolas comerciais; e guarda-livros não tinham escolaridade formal, exerciam atividades de escrituração mercantil.

Contudo esse perfil sofreu uma evolução, conforme explicam Reis e Silva (2008), antigamente, o mercado de trabalho não exigia dos profissionais da área de Contabilidade o ensino superior, por isso a figura do técnico de Contabilidade supria as necessidades deste mercado. Diante das expectativas em torno do crescimento do profissional contábil, podemos verificar que este vem buscando a evolução e amadurecimento para atender o mercado.

Souza (2013) também evidencia essa evolução, ao complementar que atualmente o contador deve possuir uma formação mais humanística, ampla e uma visão global para compreender o meio social, político, econômico e cultural, preparado para tomar decisões em mundo globalizado, diversificado e interdependente.

A Norma Brasileira de contabilidade PG 01 define:

São deveres do contador: (a) exercer a profissão com zelo, diligência, honestidade e capacidade técnica, observando as Normas Brasileiras de Contabilidade e a legislação vigente, resguardando o interesse público, os interesses de seus clientes ou empregadores, sem prejuízo da dignidade e independência profissional. (DIÁRIO OFICIAL, 2019, p. 84)

Por sua vez Kounrouzan (2017), destaca o profissional da área contábil deve exercer com ética as atribuições e prerrogativas que lhes são prescritas através do Código de Ética editado pelo CFC, assim como, desenvolver uma consciência voltada a atender as responsabilidades para com a sociedade enquanto indivíduo, a autora ainda acrescenta:

A Contabilidade tem papel de destaque nas empresas, uma vez que ao tratar os fatos patrimoniais, transformando-os em informações, exercita a sua principal função. Porém, o Contador não pode ficar limitado ao desempenho da função de informante. Deve, pelo contrário, estar preparado para a participação na tomada de decisões, visando identificar e corrigir as dificuldades e adversidades que surgem ao longo do caminho, através de ações proativas, baseadas nas informações geradas pela Contabilidade. (KOUNROUZAN, 2017)

Portanto, na visão da autora cabe ao profissional contábil, a responsabilidade na maximização da utilidade da informação contábil e todo o trabalho de procurar atender aos diferentes usuários desta informação.

2.2 Conceito de cliente

Benveniste (2020) define: o termo “cliente” – também conhecido como “comprador” – é, geralmente, utilizado para se referir a um efetivo ou potencial usuário de produtos, e/ou serviços oferecidos por um indivíduo ou por uma organização denominado de fornecedor ou vendedor.

Para Silva e Zambon (2015) é objetivo das organizações obterem êxito. O que por sua vez, pode depender de muitos fatores, mas um dos principais é simples: as organizações necessitam ter clientes.

O cliente é uma figura que existe, ou ao menos deveria existir, em toda e qualquer organização. Não há como imaginar a existência de qualquer organização, pública ou privada, com ou sem fins lucrativos, que não tenha clientes, os autores enfatizam que “saber identificar quem são os seus clientes é o primeiro passo para o sucesso de toda organização.” (SILVA; ZAMBON, 2015, p. 1)

Em suma, o significado da palavra cliente pode ser diferente para diferentes organizações, e entender isso é fundamental para quem busca um elevado grau de satisfação dos seus clientes, Sveiby acrescenta que:

Quando uma empresa é formada em grande parte por profissionais qualificados que utilizam sua criatividade para solucionar problemas complexos para seus clientes, essa empresa opera de uma forma especial que reflete as forças que influenciam e controlam a organização. (SVEIBY 1998, p. 63)

Todos os clientes têm necessidades, desejos ou expectativas que, de alguma forma, podem ser identificados e atendidos. Conforme Silva e Zambon (2015) entendê-los é um passo fundamental para quem deseja estabelecer relacionamentos duradouros com os clientes.

2.3 Comunicação empresarial

Para Kounrouzan (2017), o mundo atual vive na “Era da informação” e os profissionais que a possuem, ocupam um lugar de destaque, sendo o profissional contábil o detentor das informações em primeira mão das entidades, em vista disso, o mercado tem exigido deste uma adequação a novas necessidades, desenvolver

ações proativas, demais competências e habilidades para atender a essas demandas.

Por sua vez, Rego acrescenta:

Como técnica a comunicação direciona naturalmente seus estudos para a procura de mensagens adequadas, corretas oportunas, claras, concisas, precisas, que possam ser assimiladas sem ruídos pelos participantes organizacionais. Para atingir tal meta, a comunicação procurará ajustar o seu discurso, estudando as habilidades e disposições das fontes e receptores, a natureza técnica dos canais, a complexidade e/ ou simplicidade dos conteúdos, a oportunidade e regularidade dos fluxos, o tamanho dos grupos. (REGO, 1986, p. 16)

Segundo Filho (2000) em um processo de comunicação, o problema semântico diz respeito à distância existente entre o significado que um emissor pretende transmitir através de determinado código e a interpretação que o receptor atribui à mensagem recebida. Filho (2000) complementa que na área contábil a principal dificuldade se manifesta quando o significado que o contador pretende atribuir a termos e expressões veiculados nas demonstrações contábeis se distancia daquele que realmente lhes é atribuído pelos respectivos destinatários.

O autor argumenta que a identificação dos problemas de comunicação existentes na área contábil já significa um grande passo para se obter uma maior aproximação entre a contabilidade e seus usuários, o que é verdadeiro, mas crê que a concretização desse objetivo ainda está a depender do manuseio de ferramentas mais eficazes.

3 METODOLOGIA

O presente estudo se dará em forma de pesquisa descritiva, que segundo Gil (2017 p. 26), têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Matias (2016 p. 67) complementa que, esses estudos buscam examinar um fenômeno para descrevê-lo de forma integral ou diferenciá-lo de outro. O autor explica que este tipo de pesquisa faz uso de técnicas padronizadas para a coleta de dados, como questionários e observações sistemáticas assumindo em geral uma forma de levantamento.

A pesquisa de levantamento é um tipo de estudo que visa a coleta de dados investigando o objeto de estudo no seu meio, são adequadas para pesquisas descritivas, pois se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cuja opinião se deseja conhecer.

Portanto, as informações obtidas de um grupo significativo de pessoas sobre o problema em questão serão analisadas de forma quantitativa.

Embora, na maioria das pesquisas de levantamento, não são pesquisados todos os integrantes de uma determinada população, mediante procedimentos estatísticos, contendo uma quantidade significativa de amostras, os resultados obtidos baseados nas amostras podem ser projetados para a totalidade do universo, desde que seja levado em consideração a margem de erro, que é obtida mediante estes cálculos, e por isso esse método se adequa ao presente estudo.

Foi escolhido este método pois na pesquisa descritiva, cabe ao pesquisador fazer a análise, o registro e a interpretação dos fatos, sem manipular ou interferir, busca-se apenas descobrir a frequência com que os fatos ocorrem ou como se estruturam dentro de um determinado sistema, normalmente utilizando de técnicas padronizadas para a coleta de dados estando estas ligadas às características socioeconômicas de um grupo.

O método será misto utilizando tanto técnicas quantitativas como qualitativas para coleta dos dados, o delineamento será convergente, o propósito desse delineamento é aliar as vantagens dos métodos quantitativos (amostragem representativa, quantificação, generalização etc.) às vantagens dos métodos qualitativos (pequenas amostras, profundidade etc.) (GIL, 2019, p. 149)

As amostras serão coletadas por conveniência, que é definido por Lozada (2019, p.187) como o método onde o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que representam um universo, e a coleta dos dados será feita através de questionários, “o questionário consiste em um elenco de questões que são submetidas a certo número de pessoas com o intuito de coletar informações.” (FACHIN, 2017, p. 147)

Esta técnica é comumente utilizada, pois a partir de um pequeno número de questões aplicadas, já é possível extrair uma quantidade significativa de informações, em um espaço de tempo relativamente curto, questionários são ministrados facilmente, podendo abranger um público-alvo sem limitações geográficas, e, facilitando para que os pesquisados, se sintam mais confortáveis

para responder no momento que lhes for mais conveniente, e não os expõe a influência da presença do pesquisador.

O fato de o questionário ser preenchido pelo próprio pesquisado, sem a presença do pesquisador, garante o anonimato muitas vezes necessário. O anonimato contribui para que o pesquisado se sinta mais seguro e, conseqüentemente, favorece respostas mais verdadeiras. Nos questionários, as instruções aparecem, geralmente, por escrito, obedecendo a parâmetros metodológicos, o que significa que essas instruções são apresentadas da mesma maneira para toda a população pesquisada. (FACHIN, 2017, p. 151)

Serão elaborados dois questionários com questões abertas e fechadas, um deles será aplicado aos profissionais da área contábil, e o outro será aplicado aos empresários, gestores e administradores de diferentes empresas com diferentes portes e naturezas jurídicas, visando o comparativo destas respostas para uma análise dos pontos de convergência e divergência destas informações.

4 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo foi realizado por meio de questionários aplicados em dois grupos, um de profissionais da área contábil e o outro a pessoas que atuam dentro das empresas, em um período de 10 dias entre os dias 17 e 27 de abril de 2022, de forma digital e anônima, visando uma liberdade para os questionados apresentarem suas respostas.

O questionário elaborado com o objetivo de definir o perfil dos profissionais contábeis foi aplicado a um grupo de profissionais que já atuam na área contábil, e também a grupos de estudantes da área de negócios, estima-se o alcance em média de 65 questionados, sendo inviável estimar ao certo este número, devido a coleta ter sido realizada de forma online, enviada por e-mail ou redes sociais a escritórios e empresas com números diversos de colaboradores, tendo sido alcançado nesse um total de 31 respostas.

O questionário elaborado com o objetivo de definir o perfil do cliente, direcionado a administradores, gerentes, sócios, entre outros profissionais que atuam dentro das organizações, foi aplicado a um total de 77 empresas, e obteve um total de 48 respostas, apesar de ambos os grupos terem sido selecionados por conveniência, tomou-se o cuidado de direcionar os questionários para respondentes

sem correlação, mas não há como obter certeza desta ausência de contato entre os grupos, pois como citado anteriormente, as respostas foram coletadas anonimamente.

Os questionários foram elaborados com 8 perguntas cada, mistas entre respostas de múltipla escolha e dissertativas.

Para o questionário aplicado aos clientes buscou-se elaborar questões que identifiquem a percepção deste grupo quanto a compreensão dos relatórios contábeis que lhe são apresentados, a periodicidade e qualidade pelo qual os recebem, se atendem as necessidades que possuem, e características que destacam como importantes, para elaboração de outros relatórios acessórios que os auxiliem a fazer melhor uso das informações contábeis.

Para o questionário aplicado aos profissionais da área contábil, buscou-se elaborar questões que identifiquem a percepção deste grupo quanto a compreensão de seus clientes aos relatórios contábeis enviados, avaliar a qualidade e periodicidade que costumam trabalhar estas informações, e quais são as características consideradas por esse grupo ao elaborar os relatórios que apresentam aos seus clientes.

4.1 Caracterização dos respondentes

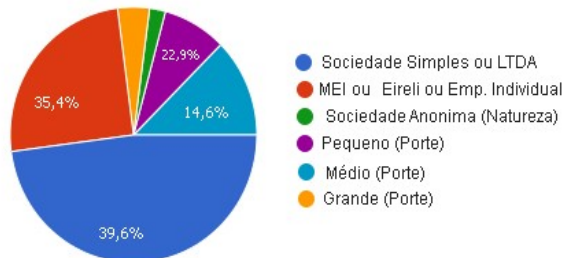
Como já citado, foram aplicados 2 questionários, um direcionado a profissionais atuantes na área contábil e o outro aplicado a pessoas que atuam dentro das organizações, definidos aqui como “clientes”, o objetivo destes, visa definir o perfil desses grupos, e ao transpor as respostas identificar as falhas que ocorrem na comunicação entre eles.

Nos gráficos 1 e 2 a seguir, serão apresentados o perfil dos questionados, baseado na área em que atuam, no porte e natureza jurídica das empresas ao qual fazem parte, no caso dos clientes, ou que estão mais habituados a prestar serviço para o caso dos profissionais contábeis.

Gráfico 1 – Clientes – Quanto ao porte e a natureza jurídica

Qual a natureza jurídica e porte da sua empresa?

48 respostas

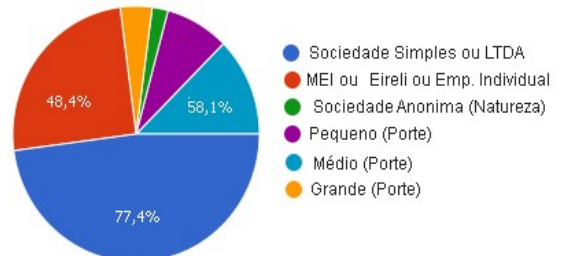


Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Gráfico 2 – Profissionais – Quanto ao natureza jurídica

Com quais portes de empresa e natureza jurídica, esta mais acostumado a trabalhar?

31 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Ao relacionar os gráficos 1 e 2 é possível observar que empresas com características de pequeno e médio porte, e com natureza jurídica Eireli, LTDA, de sociedade simples ou individual, representam as maiores porcentagens dentre os respondentes tanto clientes, quanto profissionais atuantes, convergindo com os dados apresentados no Mapa das Empresas 3º quadrimestre 2021, divulgado pelo governo federal, evidenciando que acima de 90% das empresas ativas no Brasil fazem parte deste grupo.

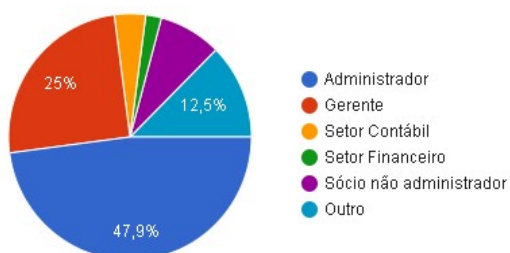
Embora não seja mais possível registrar empresas de natureza Eireli, desde a lei 14.195, as empresas assim registradas antes da publicação desta lei não sofrem alterações em seus atos constitutivos, por isso foram consideradas neste estudo.

Os gráficos 3 e 4, classificam estes respondentes, por área de atuação, e visam definir a relevância que os relatórios das demonstrações contábeis têm em suas rotinas.

Gráfico 3 – Clientes - atuação

Qual cargo você ocupa dentro desta organização?

48 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Gráfico 4 - Profissionais – atuação

Em qual área você atua?

31 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Ao analisar os gráficos 3 e 4 respectivamente, pode-se identificar que os respondentes que configuram o perfil dos clientes, são em sua maior parte administradores e gerentes, sendo assim é possível considerar que este grupo atua ativamente na tomada de decisões destas organizações.

Quanto aos respondentes que configuram o perfil dos profissionais contábeis, observa-se que em sua maioria atuam dentro de escritórios de contabilidade, sendo favorável ao objetivo de extrair desse grupo os métodos trabalhados para apresentação dos relatórios contábeis às empresas, alguns respondentes informaram que não se identificaram pessoalmente com a pergunta, pois apesar de trabalharem em escritório contábil, não atuam dentro do setor contábil, trabalham no societário, fiscal, departamento pessoal, ou outro, associa-se a esses então a parcela de 9,7% de respostas “não atuo na área contábil”.

4.2 Periodicidade e compreensão

Nos gráficos que seguem, serão apresentados a periodicidade em que são enviados os relatórios contábeis pelo grupo dos profissionais da área, assim como a periodicidade que o grupo de clientes costuma receber este mesmo tipo de relatório.

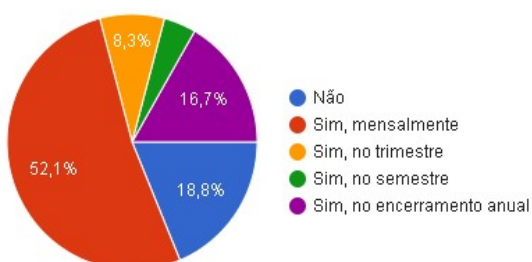
Serão apresentados também a percepção de cada grupo referente ao entendimento das informações contidas nestes relatórios.

O gráfico 5 representa a periodicidade que os clientes responderam que recebem os relatórios com as informações contábeis de suas empresas, por sua vez o gráfico 6 representa a periodicidade que o grupo de profissionais contábeis informou que costuma enviar relatórios aos seus clientes.

Gráfico 5 – Clientes – Periodicidade

Recebe relatórios contábeis periódicos?

48 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Gráfico 6 – Profissionais – Periodicidade

Costuma enviar relatórios contábeis periódicos ao(s) cliente(s)?

31 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

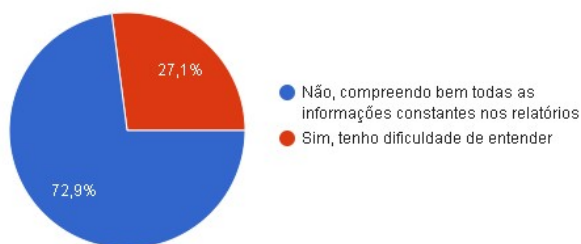
Nos gráficos 5 e 6 respectivamente, é possível verificar que a periodicidade que o grupo de clientes relatou que recebe os relatórios contábeis, se assemelha a periodicidade que o grupo de profissionais informou que costuma enviar relatórios deste tipo, ficando a média entre 60% e 65% destes relatórios sendo transmitidos entre mensal e trimestralmente, mas há um outro ponto significativo, evidenciado também nestes gráficos, podemos perceber que, em ambos os grupos uma média próxima a 20% não envia, ou não recebe relatórios contábeis com frequência, o que por sua vez já sinaliza uma falha dentro desta comunicação.

Nos gráficos 7 e 8 estão representados a percepção que estes grupos têm quanto a compreensão das informações contidas nestes relatórios.

Gráfico 7 – Clientes – Compreensão das informações

Existe algum termo ou nomenclatura nas demonstrações contábeis que você não compreende?

48 respostas

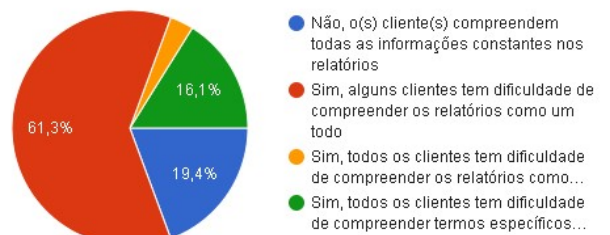


Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Gráfico 8 – Profissionais – Compreensão das informações

Você percebe dificuldades em seu(s) cliente(s) de compreender os relatórios enviados?

31 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Nos gráficos 7 e 8 apresentados, destaca-se uma divergência significativa entre a percepção dos grupos quanto a compreensão dos relatórios contábeis.

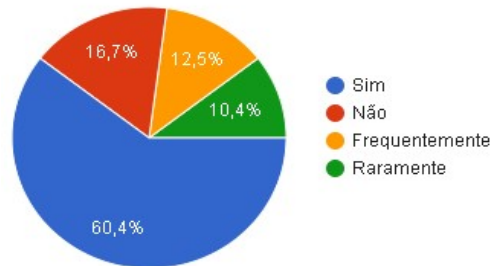
Analizando primeiramente os respondentes do grupo de clientes, neste grupo 72,9% relatam que compreende com facilidade as informações contidas nos relatórios contábeis, enquanto por sua vez o grupo dos profissionais informa uma percepção inteiramente oposta, onde em média 80,6% de seus clientes não compreendem partes, ou o relatório como um todo, e que apenas 19,4% conseguem compreender todas as informações contidas nos relatórios padrões.

Outro ponto a ser considerado sobre a compreensão dos relatórios contábeis, é a capacidade de se extrair as informações relevantes para as tomadas de decisão, as informações geradas pela contabilidade devem fornecer dados confiáveis para que os gestores tenham condições de mensurar corretamente o desempenho de suas organizações.

Gráfico 9 - Clientes– Extraindo informações dos relatórios

Você consegue extrair as informações necessárias, para as tomadas de decisão da empresa, a partir destes relatórios?

48 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

O gráfico 9 demonstra que embora a maioria dos clientes tenha informado que compreende as informações contidas nos relatórios, apenas 60 % destes conseguem afirmar que extraem informações relevantes destes relatórios, ou seja, uma parte significativa deste grupo não consegue fazer uso destas informações em suas rotinas, transformando os relatórios contábeis em uma ferramenta falha.

4.3 Avaliando a qualidade da informação

Os gráficos a seguir retratam as perguntas que foram elaboradas com o intuito de avaliar a satisfação dos clientes quanto a qualidade dos relatórios recebidos, e os critérios com que os profissionais da área utilizam para elaborar seus relatórios.

O gráfico 10 busca avaliar o contentamento dos clientes quanto aos recebimentos dos relatórios, aludindo a periodicidade e também a forma com que são expostas estas informações, por sua vez o gráfico 11 avalia se os profissionais contábeis priorizam algum grupo de clientes para apresentar as demonstrações, ou se as trabalham de forma equivalente para todos os clientes independente do porte, natureza jurídica ou tributação.

Gráfico 10- Clientes – Quanto ao recebimento

Gostaria de receber relatórios contábeis mais objetivos, e/ou com mais frequência?

48 respostas

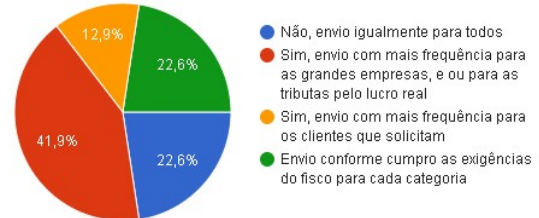


Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Gráfico 11- Profissionais – Quanto ao envio

Você diferencia a quantidade de informações, e/ou a periodicidade que as envia, conforme o tipo, porte ou regime tributário do(s) cliente(s)?

31 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Pela análise dos gráficos 10 e 11, podemos identificar que apenas 25% dos clientes estão satisfeitos com a frequência e o formato pelo qual são lhe apresentadas as informações contábeis, e que por sua vez 75% citam, que gostariam de receber com mais frequência e/ou, em formato mais simplificado estas informações.

Em contrapartida, pelas respostas adquiridas no questionário aplicado aos profissionais, identificamos que esse grupo, apresenta estes relatórios de forma diferenciada em grande parte, apenas para as empresas consideradas de grande porte, ou tributadas pelo lucro real, ou então somente conforme cumprem demais exigências do fisco, o que poderia caracterizar uma certa negligência por parte destes profissionais, em perceber as necessidades dos clientes.

O gráfico 12 a seguir evidencia mais uma falha nesta percepção dos profissionais quanto às necessidades dos clientes.

Gráfico 12 – Profissionais – Relatórios diferenciados ou padrões.

Você trabalha algum relatório diferenciado com seu(s) cliente(s), com informações mais evidenciadas do que os padrões de relatório contábil?

31 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Embora tenha sido observado anteriormente no gráfico 8, que os profissionais identificam dificuldades significativas por parte dos clientes em interpretar as informações apresentadas nos relatórios contábeis, o gráfico 12, por sua vez mostra que estes mesmos profissionais ainda em grande parte optam por apresentar estes relatórios somente no formato padrão de contabilização, e que somente uma pequena parte, 25,8% destes profissionais, preocupam-se em extrair dos clientes informações que consideram relevantes para elaborar relatórios e demonstrações adicionais mais simplificadas, que servem de apoio para tomadas de decisões.

4.4 Colaborando para o entendimento das informações

Os gráficos 13, 14 e 15 a seguir representam a importância que os grupos de respondentes dão às informações contidas nas demonstrações contábeis, assim como, quais informações classificam como necessárias para estar em destaque visando uma estrutura de relatório à parte dos padrões técnicos.

O gráfico 13 representa o número de profissionais atuantes na área contábil que acreditam que ao gerar relatórios adicionais, com informações mais direcionadas ao perfil dos clientes, auxiliam para que os mesmos compreendam melhor as informações recebidas.

Gráfico 13 - Profissionais - relatórios informais ajudariam

Você acredita que relatórios, com informações mais evidenciadas, fora dos termos técnicos contábeis, ajudariam o seu cliente a compreender melhor estas informações?

31 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Como é possível verificar pelo gráfico 13 embora mais de 80% dos profissionais respondentes, tenha informado que acredita na importância de criar relatórios mais personalizados ao perfil dos clientes e que inclusive 51,6% destes já aplicam essa técnica no seu dia a dia, ainda 32,3% apesar de acreditar na importância, não dominam uma forma de fazer esse tipo de relatório.

E ainda 16,1% dos respondentes acreditam que os termos técnicos padrões são a forma correta de apresentar os dados aos seus clientes, sendo isso contrário ao número de clientes que relataram interesse em receber relatórios mais personalizados.

Como identificado anteriormente no gráfico 10, mais de 65% dos clientes respondentes gostariam de receber relatórios mais simplificados, e apenas 25% dos clientes respondentes estão totalmente satisfeitos com o formato e a periodicidade dos relatórios que recebem, e mesmo estes ainda podem ser relacionados a parcela de profissionais que já praticam relatórios personalizados, sendo possível então que uma parte destes respondentes que se dizem satisfeitos, se encontram assim porque já recebam relatórios neste formato.

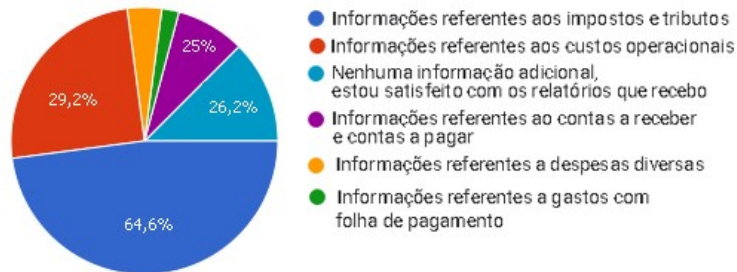
O gráfico 14 demonstra quais informações o grupo de clientes julgam necessárias, estarem em evidência nos relatórios, e das quais gostariam de receber instruções mais detalhadas para auxiliar nas tomadas de decisão.

Este gráfico servirá também como base para o exemplo de relatório simplificado que será proposto neste estudo.

Gráfico 14 - Clientes - Informações em evidência

Quais informações gostaria de ter mais evidenciadas em seus relatórios?

48 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Fica identificado então pelo gráfico 14 que informações referentes a tributos e impostos são as que os clientes mais sentem necessidades de entender, seguidas das informações referente a custos e também as contas a receber e a pagar.

Foi questionado também ao grupo de clientes, com resposta de forma opcional o porquê eles identificaram esses pontos como mais relevantes a serem evidenciados nos relatórios, no que segue são as respostas obtidas:

Quadro 1: Porque as tais informações evidenciadas são relevantes

- “Muitos tributos parecem, ou quase que estão direcionados ao mesmo fim.”	Respondente anônimo
- “A identificação real do que são custos e despesas.”	Respondente anônimo
- “Mantendo os mesmos valores de impostos a longo prazo, se conseguiria planejar a médio e curto prazo um diferencial na empresa.”	Respondente anônimo
- “Saber mais detalhadamente os gastos com impostos ajudaria a decidir sobre compras e investimentos.”	Respondente anônimo
- “Ter um controle mais enxuto sobre os custos fixos e operacionais e contaminar o mínimo possível o custo dos produtos.”	Respondente anônimo

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

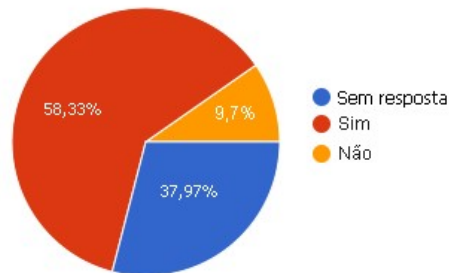
Embora não seja possível vincular estas respostas ao porte e a natureza jurídica dos respondentes, pois como citado anteriormente a pesquisa foi realizada de forma anônima, sendo essa uma pergunta de resposta opcional, mas independente destas informações é possível identificar que, no geral, os

responsáveis pelas tomadas de decisões dentro das empresas enxergam relevância nos relatórios contábeis, dando a devida importância de compreendê-los em sua totalidade.

E por fim o gráfico 15, demonstra o quanto os clientes acreditam que informações personalizadas influenciam nas suas tomadas de decisão.

Gráfico 15 - Clientes - Informações evidenciadas auxiliam

Você acha que estas informações mais evidenciadas, auxiliariam melhor nas tomadas de decisões?



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Avaliando o gráfico 15, percebe-se que a maioria dos clientes crê que as informações contábeis, sendo transmitidas num formato personalizado com dados mais evidentes e nomenclaturas menos técnicas, ajudariam na compreensão, e isso impacta diretamente em suas tomadas de decisão.

Foi questionado também a este grupo, em formato de resposta opcional, de que forma eles acreditam que isso impactaria em suas decisões, e estas são algumas das respostas obtidas.

Quadro 2: O quanto compreender totalmente a informação, ajudaria na tomada de decisão

- “Me ajudaria a entender melhor como funciona o meu negócio”.	Respondente anônimo
- “Sim, afinal, os números movem uma empresa, quanto mais claro forem as informações, maiores serão as decisões acertadas.”	Respondente anônimo
- “Sim, as informações mais claras e objetivas ajudam o administrador na tomada de decisões, sejam elas de investimento ou distribuição de recursos para cada setor na empresa”.	Respondente anônimo
- “Sim. Hoje não recebo informações contábeis, mas tenho alguns relatórios no próprio ERP. Isso ajuda muito nas decisões administrativas”.	Respondente anônimo
- “Planejamento a curto e médio prazo”.	Respondente anônimo

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A partir destes relatos, é possível identificar que a comunicação entre o profissional contábil e seus clientes pode ser simples, no momento em que o profissional identifica quais são as necessidades dos seus clientes, e se preocupa em simplificar a informação para termos que sejam mais usuais no dia a dia dos clientes, ambos os lados tendem a ganhar.

4.5 Proposta de relatórios que auxiliem o entendimento

Tendo como base o gráfico 14, e as respostas dos clientes sobre o porquê consideram tais informações importantes, pode-se montar um relatório complementar às demonstrações padrões, visando ajudar os clientes a compreender melhor tais demonstrações.

A Tabela 3, demonstra sugestões de relatórios complementares, que podem vir a serem anexados às demonstrações padrões já enviados nas rotinas, o que facilitaria o entendimento dos clientes quanto às informações que constam nestas demonstrações.

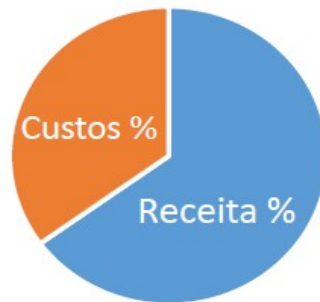
Quadro 3: Sugestão de relatórios complementares

<u>Demonstrações Padrões</u>	<u>Sugestão para anexos complementares</u>
DRE/ Balancete	Razão das contas que o cliente tem mais dificuldade de identificar
Balanço Patrimonial	Índices de Liquidez e Endividamento
DFC / DMPL	Fluxo de Caixa e Controles de Estoque

Fonte: Elaboração própria (2022)

Para evidenciar os custos é possível criar um gráfico que identifique a % que representam sobre a receita bruta, e também anexar ao DRE e/ou Balancete mensal, um livro razão detalhado da conta custos para que o cliente identifique, quais fatos estão incidindo sobre o custo dos produtos, tendo em vista que alguns clientes relataram que não sabem diferenciar custos de despesas, essa é uma informação importante a se esclarecer.

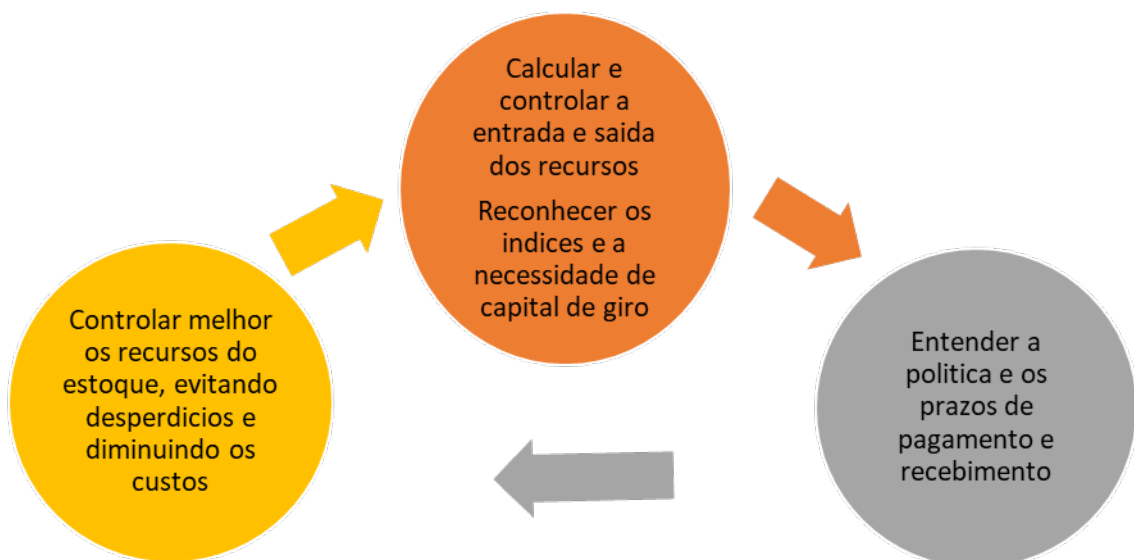
Gráfico 16 – Sugestão para melhor entendimento do Cliente



Fonte: Elaboração Própria (2022)

Para evidenciar Tributos e Impostos é importante esclarecer para o cliente, quais incidem sobre as operações e quais incidem sobre o lucro, em determinados períodos, simular quais seriam os resultados em outra forma de tributação, comparando o Simples Nacional com Lucro Presumido, ou o Presumido x Real, pode vir a ser uma boa opção para que o cliente entenda as opções disponíveis e faça a melhor opção visando o futuro da empresa.

Figura 1 – Os Benefícios de bons controles internos



Fonte: Elaboração própria (2022)

Entender as rotinas internas da empresa, também pode ser um detalhe importante, identificar os controles internos usados pelo cliente e auxiliar para que a informação já seja registrada corretamente na fonte, ajudar o cliente a preencher corretamente o seu fluxo de caixa, assim como o seu controle de estoque facilita a conciliação das informações e reduz os ajustes necessários para se enquadrar nas exigências do fisco, e das normas brasileiras de contabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo vem passando por uma série de transformações, trazendo novos desafios para diversas áreas, e na contabilidade isso não seria diferente.

É certo que desde muito tempo o profissional da área contábil não é visto com bons olhos, e carrega o fardo de ser o portador de más notícias, muitos clientes os veem apenas como o calculador de impostos, e isso se dá ao fato do Brasil ser um país com pouca “cultura contábil”, e ter um sistema tributário e social burocrático que contribui para que isto se mantenha.

Muito se houve sobre o fim da profissão contábil, e que a contabilidade digital irá tornar esse profissional obsoleto, é fato que a cada dia os processos ficam mais automatizados e os dados necessitam ser mais rapidamente processados, mas não será a tecnologia que findará com a profissão do contador, pois ela já faz parte há muitos anos da rotina do profissional contábil, e sempre dependerá de um ser humano qualificado por detrás, para avaliar e validar toda essa informação, e mesmo que o papel do contador, seja o mesmo há décadas, o profissional que procura se atualizar jamais ficará fora do mercado.

A comunicação é uma habilidade que o contador precisa desenvolver, no sentido de informar melhor ao seu cliente, muitos profissionais se queixam da desvalorização, e da dificuldade de fazer o cliente entender a importância dos serviços prestados pela contabilidade, mas muitos destes profissionais evitam sair da sua zona de conforto, não apresentam relatórios com informações mais evidentes, e não se atentam em anexar análises complementares que facilitarão o entendimento de seus clientes.

Esta pesquisa evidenciou que o profissional da contabilidade deve exercer suas funções de acordo com a ética contábil, mas não pode mais se ater apenas às obrigações fiscais, cálculo dos impostos e emissões de guias, o profissional deve estar sempre em atualização, e como cada cliente possui suas singularidades, faz-se necessário criar análises mais criteriosas destas informações trazendo uma apresentação mais individualizada conforme o perfil de cada cliente.

Ambos os grupos de respondentes evidenciaram que os relatórios padrões da contabilidade, não são acessíveis a todos os usuários da informação, e para que se possa obter plena utilização dos mesmos é necessário que os profissionais da área, compreendam as particularidades de seus clientes e anexem a estes, documentos

auxiliares que facilitem a compreensão, e tornem a contabilidade mais descomplicada.

Gerar este tipo de informação, pode não ser uma tarefa inicialmente fácil, mas ela certamente irá agregar mais valor ao serviço contábil, e somente é possível identificar o valor, quando se tem conhecimento sobre o que está sendo adquirido, para isso se faz necessário “educar” o cliente para que ele possa identificar a qualidade da informação que está recebendo.

Pequenas ações como, anexar relatórios complementares às demonstrações, que evidenciem os índices positivos e negativos das operações, apresentar a natureza das contas utilizadas, diluindo a complexidade dos termos técnicos e legais utilizados, para que o cliente entenda de quais documentos estão sendo extraídas as informações e o porquê desta utilização, são exemplos de atitudes que não implicam em grandes mudanças nas rotinas diárias do contador e facilitam a compreensão.

O cliente tendo um conhecimento claro do que é, e para que serve a contabilidade, faz com que ele tome as decisões mais assertivas para o seu negócio, fortalecendo o elo de confiança, e tornando o profissional contábil, uma extensão da empresa.

Deixa-se como sugestão para estudos futuros, a aplicabilidade de métodos complementares às demonstrações contábeis padrão, e a comparabilidade entre a assertividade nas tomadas de decisões a partir destes métodos, sendo considerado o acréscimo de afazeres exigidos dos profissionais, e a provável satisfação por parte dos clientes.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, David Leslie. **Cliente... o que é o que é?** Brasilturis, São Paulo, ano 2020, 10 jun. 2020. Turismo, Disponível em: <https://brasilturis.com.br/cliente-o-que-e-o-que-e/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

CAPISTRANO, Lucimara Maranhão. **O Papel do contador**. Orientador: Joisse Antonio Lorandi M. 2001. TCC (Graduação) - Curso de Ciências contábeis, Departamento de ciências contábeis, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/110207/CCN0460-M.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 mar. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE, **NBC PG 01** de 07 de fevereiro de 2019- Código de Ética Profissional do Contador. Diário Oficial da União. 14/02/2019. Edição:32. Seção: 1 p.84 Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/63361653/do1-2019-02-14-norma-brasileira-de-contabilidade-nbc-pg-01-de-7-de-fevereiro-de-2019-63361329. Acesso em: 21 mar. 2022

CORDEIRO, Rafaela Q. F.; COSTA, Marina; ARAÚJO, André C. da Silva D.; CAMPOS, Cláudia R. P D. **Teorias da comunicação**. Porto Alegre: Grupo A, 2017. 9788595022379. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595022379/>. Acesso em: 10 maio 2022.

DIAS FILHO, J. M. **A linguagem utilizada na evidenciação contábil**: uma análise de sua compreensibilidade à luz da teoria da comunicação. Caderno de Estudos, [S. l.], n. 24, p. 38-49, 2000. DOI: 10.1590/S1413-92512000000200003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cest/article/view/5660>. Acesso em: 21 mar. 2022.

DIAS FILHO, J. M.; NAKAGAWA, M. **Análise do processo da comunicação contábil**: uma contribuição para a solução de problemas semânticos, utilizando conceitos da teoria da comunicação. Revista Contabilidade & Finanças, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 42-57, 2001. DOI: 10.1590/S1519-70772001000200003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34055>. Acesso em: 28 mar. 2022.

E. EDITORIAL. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 10, n. 14, 2014. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1990>. Acesso em: 21 mar. 2022

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2017. 9788502636552. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502636552/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

GARRISON, Ray H.; NOREEN, Eric W.; BREWER, Peter C. **Contabilidade gerencial**. Porto Alegre: Grupo A, 2012. 9788580551624. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580551624/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Grupo GEN/Atlas, 2017. 9788597012934. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934/>. Acesso em: 29 maio 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Grupo GEN/Atlas, 2022. 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559771653/>. Acesso em: 29 mai. 2022.

GOMES, Luiz Flavio Autran M. **Princípios e métodos para tomada de decisão** enfoque multicritério. São Paulo: Grupo GEN/Atlas, 2019. 9788597021592. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597021592/>. Acesso em: 29 maio 2022.

HASTINGS, David F. **Contabilidade em contexto - uma novela contábil**. São Paulo: Saraiva, 2012. 9788502137813. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502137813/>. Acesso em: 19 maio 2022.

HENDRIKSEN, Eldon S.; BREDÁ, Michael F V. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1999. 9786559770250. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770250/>. Acesso em: 19 maio 2022.

KOUNROUZAN, Márcia Covaciuc. **O perfil do profissional contábil**: exigido pelo novo contexto econômico brasileiro, a partir da década de 80. Orientador: Antônio Benedito Silva Oliveira. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Controladoria e Contabilidade Estratégica., FECAP-Pós, Faculdades Oswaldo Cruz, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.oswaldocruz.br/download/artigos/social17.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

LOZADA, Gisele; NUNES, Karina da S. **Metodologia científica**. Porto Alegre: Grupo A, 2019. 9788595029576. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595029576/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

MARQUES, Cristina M. **O profissional do amanhã**. São Paulo: Saraiva, 2021. 9786587958309. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786587958309/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2016. 9788597008821. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597008821/>. Acesso em: 29 maio 2022.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Departamento Nacional de Registro Empresarial e Integração. **Boletim Mapa De Empresas 3º quadrimestre**. Secretaria de Governo Digital: Secretaria Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital, ano 2021, 9 fev. 2022.

PASSOS, Quismara Corrêa dos. **A importância da contabilidade no processo de tomada de decisão nas empresas**. 2010. TCC (Graduação) - Curso de Ciências contábeis, UFRGS, Porto Alegre/RS, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25741/000751647.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 mar. 2022.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA SECRETARIA-GERAL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei nº 14.195**, de 26 de agosto de 2021. Diário Oficial da União. seção 1, Brasília, p. 4-12, 27 ago. 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14195.htm. Acesso em: 20 maio 2022.

RAIFUR KOS, S.; DOS SANTOS BORTOLOCCI ESPEJO, M. M.; RAIFUR, L.; PREDIGER ANJOS, R. Compreensão e utilização da informação contábil pelos micros e pequenos empreendedores em seu processo de gestão. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 33, n. 3, p. 35-50, 19 dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Enfoque/article/view/21069>. Acesso em: 28 mar. 2022.

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Comunicação empresarial/ Comunicação institucional**: Conceitos, estratégias, sistemas, estrutura planejamento e técnicas. São Paulo: Summus Editorial, 1986. 179 p. ISBN: 9788532302403, 8532302408.

REIS, Aline de Jesus; SILVA, Selma Leal da. A história da contabilidade no Brasil. **Revistas Unifacs**, Salvador, Trabalho apresentado no Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, Bahia, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/234555017.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SANTOS, José Luiz dos; SCHIMIDT, Paulo; MACHADO, Nilson P. **Fundamentos da teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2011. v. 6. 9788522471256. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522471256/>. Acesso em: 19 maio 2022.

SILVA, Fábio Gomes da; ZAMBON, Marcelo S. **Gestão de relacionamento com o cliente**. 3.ed. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2015. 9788522119349. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522119349/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

SOUZA, Simarli Pereira de. O novo perfil do profissional de contabilidade na nova era. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, ano MMXII, Nº. 000017, 10/07/2013. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/o-novo-perfil-do-profissional-de-contabilidade-na-nova-era>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SVEIBY, Karl Erik. **A nova riqueza das organizações**: gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento. Rio de Janeiro: Campus LTDA, 1998. Título original: The, New Organizational Weolth. ISBN: 85-352-0277-3. Tradução: Luís Euclides Trindade Frozão Filho.



PLANEJAMENTO ESCOLAR: IMPORTÂNCIA DO PLANO DE AULA

SCHOOL PLANNING: IMPORTANCE OF THE LESSON'S PLAN

SCHMIDT, Paulo ¹

SANTOS, José Luiz dos ²

SCHMIDT, Ana Lucia Rauber ³

Resumo: as escolas brasileiras deverão organizar suas bases curriculares, garantindo que todos alunos tenham acesso a um conjunto de ações acadêmicas que garantam os parâmetros básicos determinados pelas normas brasileiras de educação. A sequência didática lógica do planejamento escolar desencadeia em um Plano de Aula que deverá nortear as atividades cotidianas dos docentes. Esse estudo objetiva apresentar um modelo de Plano de Aula para as disciplinas de Português, com foco da produção de texto e ortografia, e de Matemática, com tema no ensino da tabuada de 2 a 9, do 3º ano do Ensino Fundamental. Metodologicamente, esse estudo se classifica como bibliográfico, quantitativo e descritivo. Percebeu-se que, assim como o currículo representa um elemento primordial para que o ensino atinja seus objetivos, o Plano de Aula, como um produto do planejamento escolar, derivado das escolhas curriculares adotadas pelas escolas, dentro dos padrões normatizadores do ensino brasileiro, representa um elemento capaz de antecipar as ações e todos os parâmetros necessários para o pleno desempenho das ações escolares.

¹ Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo - USP. Professor da Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: pschmidt@ufrgs.br

² Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professor da Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: joseluiz@saofranciscocodeassis.edu.br

³ Pedagoga. Professora. Discente do curso de especialização em educação especial inclusiva. Email: analucia@unifin.com.br

Abstract: Brazilian schools must organize their curricular bases, guaranteeing that all students have access to a set of academic actions that guarantee the basic parameters determined by Brazilian education standards. The logical didactic sequence of school planning triggers a Lesson's Plan that should guide the teachers' daily activities. This study aims to present a model of Lesson's Plan for the subjects Portuguese, with a focus on the production of text and spelling, and Mathematics, with a theme on the teaching of multiplication tables from 2 to 9, in the 3rd year of Elementary School. Methodologically, this study is classified as bibliographic, quantitative and descriptive. It was noticed that, just as the curriculum represents a key element for teaching to achieve its goals, the Lesson's Plan, as a product of school planning, derived from the curricular choices adopted by schools, within the normative standards of Brazilian education, represents an element capable of anticipating actions and all the parameters necessary for the full performance of school actions.

1 INTRODUÇÃO

A estruturação do ensino fundamental brasileiro é regida pela Resolução nº 2, de 7 de abril de 1998, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Essa resolução instituiu as “[...] Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, a serem observadas na organização curricular das unidades escolares integrantes dos diversos sistemas de ensino.” (BRASIL, 1998).

Com base nessas Diretrizes Curriculares, as escolas brasileiras deverão organizar suas bases curriculares, garantindo que todos alunos tenham acesso a um conjunto de ações acadêmicas que garantam dois parâmetros básicos: uma vida inclusiva e cidadã para a população brasileira e a habilidade de dominar áreas do conhecimento, como: Língua Portuguesa, Arte, Matemática, História, Geografia, entre outras (BRASIL, 1998).

A construção curricular, segundo essa normatização, deverá proporcionar nas escolas do Ensino Fundamental, um ambiente capaz de formar cidadãos críticos e participativos na sua comunidade.

O currículo, portanto, representa um elemento primordial para que o Ensino Fundamental atinja, na plenitude, seus objetivos. O currículo deve ser visto, dessa forma, como “[...] uma construção social, logo, ele expressa as relações de poder, e portanto, o currículo é sobretudo um instrumento político das relações de poder existentes.” (ORNELAS; SILVA, 2019, p. 310).

Os responsáveis pelas propostas curriculares devem ter presente, segundo Young (2011, p. 614), que “[...] o conhecimento incluído no currículo deve basear-se no conhecimento especializado desenvolvido por comunidades de pesquisadores”. Além disso, Young (2011, p. 616), defende que os especialistas devem ter presente

que disciplinas “[...] são entidades históricas dinâmicas que mudam com o tempo, em parte por desenvolvimento interno graças aos especialistas, em parte por pressões políticas externas e outras pressões.”

Por isso que a construção didática deve ser planejada dentro de um contexto pensado de forma encadeada, em que todos elementos pertencentes ao processo de desenvolvimento de um currículo não devem ser pensados isoladamente, mas dentro de um amplo contexto holístico e sistêmicos para que o ensino atinja seus propósitos. Esse processo pode ser definido, segundo Araújo (2013, p. 323), como sequência didática, que pode ser definido como “[...] um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais.”

Para Peretti e Costa (2013, p. 3), “[...] o desafio dos professores é criar uma sequência didática que leve o aluno à aprendizagem de determinados conceitos [...]”.

A sequência didática vai desencadear um Plano de Aula que deverá nortear as atividades cotidianas dos docentes. Para Farias et al. (2011), o plano de aula deve ter a capacidade de antecipar as ações e condições, buscando a racionalização dos tempos e meios, para que a operacionalização das metas não recaia no improviso e na rotina, garantindo a unidade, a conformidade, a continuação e a lógica do trabalho acadêmico.

Libâneo (2006, p. 241), “o plano de aula é um detalhamento do plano do ensino. As unidades e subunidades (tópicos) que foram previstos em linhas gerais são agora especificadas e sistematizadas para uma situação didática real”. Libâneo (2006, p. 241), defende que o Plano de Aula deve gerar um elemento “[...] escrito que servirá não só para orientar as ações do professor como também para possibilitar constantes revisões e aprimoramentos de ano para ano.”

Os principais elementos que compõem um Plano de Aula, segundo Silva (2014) devem ser:

- Identificação: nome da instituição de ensino, disciplina, série, nível, turma, professor, data, turno;
- Tema: proposição, assunto que se quer desenvolver ou provar dentro da disciplina;
- Subtema: elementos componentes do tema;

- Justificativa: deve ser evidenciado a importância do estudo de determinado conteúdo para a formação do aluno;
- Objetivos: devem indicar o que se deseja que os alunos atinjam durante a aula, indicando a capacidade que se quer ver desenvolvida no aluno em relação ao conteúdo;
- Conteúdos envolvidos: representam, segundo Libâneo (2006, p. 128), "...o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente...";
- Estratégias – recursos (computador, software, quadro, projetor, etc.) e técnicas (aula expositiva e dialogada, resolução de exercícios, jogos e etc.);
- Procedimentos: problematização do tema, breve história do tema, operacionalização da aula com a descrição (em tópicos) do andamento da aula;
- Avaliação: objetivos (indicar o que os alunos devem saber no final da aula) e instrumentos (participação, atividades individuais ou em grupo, prova, etc.);
- Bibliografia: indicação da listagem das fontes de consulta utilizadas na pesquisa do tema determinado para a aula.

Além desses elementos indicados por Silva (2014), o tempo de duração de cada aula deverá ser explícito no Plano de Aula.

Os conteúdos presentes em um Plano de Aula, segundo Zaballa (1998) podem ser abordados sob quatro categorias principais: factual, conceitual, procedimental e atitudinal.

Um conteúdo factual é aquele que busca descrever o que se conhece de "...fatos, acontecimentos, situações, dados e fenômenos concretos e singulares: a idade de uma pessoa a conquista de um território, a localização ou altura de uma montanha, os nomes, os códigos, [...], etc. (ZABALLA, 1998, p. 41)."

O conteúdo conceitual se refere, segundo Zaballa (1998, p. 42), "[...] ao conjunto de fatos, objetos ou símbolos que têm características comuns, e os princípios se referem às mudanças que produzem num fato, objeto ou situação em relação a outros fatos, objetos ou situações [...]."

Para Zaballa (1998, p. 43), o conteúdo procedimental é aquele formado por "[...] um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a

realização de um objetivo. São conteúdos procedimentais: ler, desenhar, observar, calcular, classificar, traduzir, recortar, saltar, inferir, espetar, etc.”.

O conteúdo atitudinal, para Zaballa (1998, p. 48), caracteriza-se por “[...] conhecimento e uma reflexão sobre os possíveis modelos, [...] uma apropriação e elaboração do conteúdo, que implica a análise dos fatores positivos e negativos, uma tomada de posição [...]”.

Uma vez caracterizado o que compõem um Plano de Aula, como ficaria a construção de um plano para as disciplinas de Português e Matemática do 3º ano do Ensino Fundamental seguindo essas caracterizações.

Assim, objetiva-se nesse estudo apresentar um modelo de Plano de Aula para as disciplinas de Português e Matemática do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola brasileira.

Essa pesquisa é proeminente para a comunidade acadêmica, especialmente para os educandos focados no entendimento da importância do Plano de Aula para o atingimento das metas planejadas para as disciplinas de todos os níveis e de forma especial do Ensino Fundamental.

Para Guatura e Romão (2015, p.1), o Plano de Aula “[...] é de suma importância para desenvolver os conteúdos mínimos capazes de levar o aluno a compreensão.”

Portanto, entender sobre a importância do Plano de Aula é fundamental para o sucesso de qualquer planejamento escolar, pois, segundo Fusari (1990, p. 46), o plano deve ser entendido como uma ferramenta fundamental como “[...] orientador do trabalho docente, tendo-se a certeza e a clareza de que a competência pedagógico-política do educador escolar deve ser mais abrangente do que aquilo que está registrado no seu plano.”

2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

Toda pesquisa científica é operacionalizada a partir dos métodos científicos. É a partir da pesquisa científica que os pesquisadores geram conhecimento científico e propõem suas teorias. Portanto, pesquisa científica é a busca de conhecimento científico com a aplicação de procedimentos metodológicos desenvolvidos cientificamente.

Assim, quanto a forma que o pesquisador deverá abordar, metodologicamente, o problema de sua pesquisa, caracteriza-se como qualitativa.

A abordagem qualitativa de pesquisa científica, segundo Silva *et al.* (2018, p. 21) “[...] tem raízes no final do século XIX. Foi na área das Ciências Sociais que primeiro se questionou a adequação do modelo vigente de ciência aos propósitos de estudar o ser humano, sua cultura e vida social.”

As pesquisas qualitativas não estão focadas no uso de ferramentais estatísticos para a análise e tratamento dos dados pesquisados.

Quanto à elaboração de procedimentos de pesquisa, ou seja, quanto a forma de executar os procedimentos de pesquisas científicas, dentro do rigor dos métodos científicos, essa pesquisa classifica-se como bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica segue uma lógica muito próxima da pesquisa documental, sendo, em alguns casos, difícil para o pesquisador distinguir entre elas. A pesquisa bibliográfica, ao contrário da pesquisa documental, deve estar fundamentada em materiais já elaborados, portanto, que já receberam tratamento científico. Normalmente, a base desse tipo de pesquisa são livros, artigos científicos, dicionários, ensaios críticos, enciclopédias, anais de congressos, jornais, revistas, etc.

Para Cervo e Bervian (2007), a pesquisa bibliográfica busca explicar um problema de pesquisa a partir de referências teóricas publicadas em documentos.

Quanto aos objetivos, esse estudo se classifica como descritiva.

A pesquisa classificada quanto aos objetivos como descritiva, objetiva apresentar as características de um fenômeno de pesquisa, sem que o pesquisador manipule seus elementos formadores.

Para Gil (2008, p.47), a finalidade da pesquisa descritiva é a “[...] descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.”

O estudo está direcionado para a proposição do Plano de Aula para as disciplinas de Português e Matemática. As aulas de Português estão focadas na produção de texto e ortografia, sendo desenvolvido para a 3º ano do Ensino Fundamental, com duração de 3 módulos de 50 minutos cada. As aulas de História estão focadas nas operações básicas, sendo desenvolvido para a 3º ano do Ensino Fundamental, com duração de 3 módulos de 50 minutos cada.

3 PROPOSTA DE UM PLANO DE AULA PARA A DISCIPLINA DE PORTUGUÊS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o estudo da Língua Portuguesa se insere em um contexto mais amplo das atividades humanas, que se interpola com as práticas sociais vivenciadas a partir das diferentes formas de linguagens: “[...] verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital” (BRASIL, 2018, p. 63).

As linguagens, segundo a BNCC, compreendem os seguintes componentes curriculares no ensino fundamental: “[...] Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa.” (BRASIL, 2018, p. 63).

O estudo da língua portuguesa, especialmente no que tange à habilidade da leitura, “[...] observa-se que muitos alunos do ensino fundamental apresentam sérias dificuldades nessa habilidade.” (OLIVEIRA; BORUCHOVITCH; SANTOS, 2008, p. 532)

Apesar das dificuldade do aprendizado da língua portuguesa, identificadas em pesquisas como as de Capellini e Conrado (2009), Dias, Enumo e Azevedo Junior (2004), SOUSA, et al. (2021) e Nobile e Barrera (2009), a BNCC (BRASIL, 2018, p. 63) afirma que:

Aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p. 67), os componentes da Língua Portuguesa devem considerar todos documentos e normatizações curriculares que foram “[...] produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século [...]”

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 117), o aluno de 3º ano do Ensino Fundamental deve ter a capacidade de compreender a grafia do alfabeto e “[...] usar acento gráfico (agudo ou circunflexo) em monossílabos tônicos terminados em a, e, o e em palavras oxítonas terminadas em a, e, o, seguidas ou não de s”. Além disso, o aluno desse nível deve construir o sistema alfabético e “[...] identificar a sílaba tônica em palavras, classificando-as em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.” (BRASIL, 2018, p. 117). Assim, a análise linguística/semiótica (Ortografização),

objetiva que aluno tenha a capacidade de “[...] ler e escrever palavras com correspondências regulares contextuais entre grafemas e fonemas.” (BRASIL, 2018, p. 115).

Associado a essas habilidades, o aluno desse nível escolar deve praticar a linguagem através da produção de textos, tanto de forma compartilhada como autônoma. Para isso, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 113), determina que as escolas propiciem atividades com os seguintes objetivos:

Construção do sistema alfabético/Convenções da escrita.
 Construção do sistema alfabético/Estabelecimento de relações anafóricas na referência e construção da coesão.
 Planejamento de texto/Progressão temática e paragrafação.

Assim, o aluno do 3º ano do Ensino Fundamental deve, entre tantas habilidades definidas pela BNCC, compreender a grafia do alfabeto, identificar a sílaba tônica em palavras, classificando-as em oxítonas e praticar a linguagem através da produção de textos.

Portanto, será apresentado o Plano de Ensino da disciplina de Português com foco da produção de texto e ortografia. O módulo 1 está focado nas regras de acentuação das palavras oxítonas e nos módulos 2 e 3 na produção de texto de uma narração folclórica, onde os alunos poderão demonstrar as habilidades obtidas no módulo 1.

3.1 Plano de aula para a disciplina de português do 3º ano do ensino fundamental

Segundo as determinações de Silva (2014), a proposta de um Plano de Aula para a disciplina de Português deve ter os seguintes elementos: Identificação, tema, subtema, justificativa, objetivos, conteúdos envolvidos, duração, estratégias, procedimentos, avaliação e bibliografia.

3.1.1 Plano de Aula de Português: foco em ortografia com o trabalho sobre regras de acentuação das palavras oxítonas - 1ª aula

O quadro 1 apresenta uma proposta de um Plano de Aula de 50 minutos para a primeira aula da disciplina de Português do 3º ano do ensino fundamental, direcionada para o aprendizado do uso das regras de acentuação das palavras oxítonas.

Quadro 1: Plano de Aula de Português: trabalho sobre regras de acentuação das palavras oxítonas - aula 1

Identificação	Disciplina: Português Série: 3ª Nível: ensino fundamental Turma: única Professor: Data: Turno:
Tema	Ortografia
Subtema	Regras de acentuação das palavras oxítonas.
Justificativa	O estudo das regras de acentuação das palavras oxítonas faz parte de um contexto de estudo ortográfico, onde o professor procura trabalhar a forma correta de escrita das palavras. O estudo das oxítonas contribui para que o aluno entenda a necessidade de representar corretamente a sílaba tônica de uma palavra, sendo a última no caso das oxítonas. O aluno precisa entender quais oxítonas são acentuadas, para que possa expressar sua escrita de forma correta.
Objetivos	O objetivo dessa aula é de fazer com que o aluno use corretamente os acentos gráficos em oxítonas.
Conteúdos envolvidos	Determinação do que são palavras oxítonas. Regras de acentuação em palavras oxítonas acentuadas. Uso de acentos gráficos em palavras oxítonas acentuadas.
Duração	50 minutos
Estratégias	O professor deverá utilizar: Recursos: • Projetar ou quadro: utilizado para apresentar as atividades para que os alunos tenham um direcionamento correto do trabalho a ser realizado; • Livro ou apostila: indicar a página da apostila ou do livro em que o tema está inserido; Técnicas: • Aula expositiva e dialogada; • Resolução de atividades individuais e em grupo.
Procedimentos	O professor poderá iniciar as atividades trabalhando ou retomando o conceito de sílaba tônica, destacando para os alunos que todas as palavras possuem uma sílaba tônica, podendo ou não levar acento. A seguir o professor deve trabalhar com os alunos a posição das palavras em relação às possíveis posições da sílaba tônica nas palavras. O professor deverá destacar para os alunos que, para uma palavra ser classificada como oxítona, paroxítona ou proparoxítona, deverá ter mais de uma sílaba. Caso a palavra não tenha mais de uma sílaba, será classificada como monossílabo tônica. Apresente as regras de acentuação das palavras oxítonas, podendo ser no quadro para os alunos copiarem ou fazendo com que todos leiam essas regras no livro ou apostila de aula. O professor poderá explorar a leitura de um texto da apostila, do livro adotado em aula ou de um livro disponível na biblioteca que os alunos tenham acesso, para destacar esse tipo de acentuação e resolver eventuais dúvidas dos alunos pertinentes ao tema da aula. A seguir o professor poderá repetir as palavras destacadas no texto estudado em aula, para que os alunos possam fazer a separação das sílabas dessas palavras. Uma forma de fazer com que os alunos aprendam a matéria, é criar técnicas para destacar a sílaba tônica das palavras trabalhadas, como circular as palavras, destacar com canetas marca texto, sublinhar ou outra forma que o professor achar interessante. Essas técnicas podem auxiliar no aprendizado do tópico. O professor poderá acrescentar uma outra atividade individual ou em dupla, lendo a sílaba tônica de algumas palavras que ainda não foram trabalhadas e pedindo para que os alunos observem o final dessas palavras para

	organizá-las em uma figura ou tabela a ser criada no caderno e relacionando com as regras de acentuação já apresentadas. Essa atividade vai deixar clara a regra de acentuação das oxítonas. O professor pode dar outros exemplos, pedindo ajuda da turma, e escrevendo no quadro, sempre destacando a posição da sílaba tônica e a terminação das palavras. Passe algumas atividades para que os alunos solucionem sozinhos com base no que foi explicado. O professor pode orientar os alunos para que releiam as suas anotações, podendo aproveitar esse momento para esclarecer eventuais dúvidas, fazendo a correção das atividades oralmente. Para finalizar a aula, o professor poderá fazer um fechamento, repassando as regras de acentuação das oxítonas. Prepare uma atividade para ser feita em casa, para ser corrigida na próxima aula de Português.
Avaliação	Os alunos deverão ser avaliados se: • Se estão habilitados a identificar palavras oxítonas e usar acentos gráficos nessas palavras. • Se participaram individualmente e em grupo das atividades propostas em aula, identificando seus desempenhos, observando o nível de assimilação do tema trabalhado em aula, o entendimento e domínio dos conteúdos. • Para identificar se os conteúdos deverão ser retrabalhados, se deverá ser buscado novos caminhos para que os alunos estejam habilitados a usar acentos gráficos em palavras que sejam oxítonas, tendo como meta a promoção da evolução dos alunos no domínio do tema.
Bibliografia	CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; GRANDE, Paula Baracat de. Português: linguagens – versão atualizada de acordo com a BNCC – 3º ano. São Paulo: 2021. MARCHEZI, Vera; BERTIN, Terezinha; BORGATTO, Ana Trinconi. Língua portuguesa: 3º ano ensino fundamental – Coleção Brasileira. São Paulo: Ática, 2017. OLIVEIRA, Cícero de; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. Aprender juntos Português 3. Porto Alegre: Edições SM, 2021. PIMENTEL, Heloisa. Projeto Lumirá: língua portuguesa. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2016.

Fonte: próprios autores

3.1.2 Plano de Aula de Português: estudar a aplicação das regras de acentuação de oxítonas com a produção de texto de narração folclórica - 2ª aula

O quadro 2 apresenta uma proposta de Plano de Aula de 50 minutos para a segunda aula da disciplina de Português do 3º ano do ensino fundamental, direcionada para a aplicação das regras de acentuação de oxítonas com a discussão de um texto de narração folclórica, onde o professor deverá avaliar o nível de aprendizado dos alunos ao aplicarem as regras ensinadas na aula anterior.

Quadro 2: Plano de Aula de Português: produção de texto de narração folclórica com aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas

Identificação	Disciplina: Português Série: 3ª Nível: ensino fundamental Turma: única Professor: Data: Turno:
Tema	Produção de texto e acentuação de oxítonas.
Subtema	Produção de um texto de narração folclórica com aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas. Lendas e mitos como os de saci-pererê, boitatá, ahó ahó, guaraná, açai e rá podem servir de base para os alunos trabalharem o texto e acentuação das oxítonas.
Justificativa	Considerando que na aula anterior os alunos trabalharam sobre as regras de acentuação das palavras oxítonas, as duas próximas aulas estão direcionadas para a produção de um texto com características de uma narrativa folclórica para que os alunos, nessa fase inicial da trajetória escolar, associem os elementos que compõem esse conjunto de manifestações e tradições populares, produzidas de lendas, danças, costumes e mitos, passadas de geração para geração, com a produção textual e de forma especial com a aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas.
Objetivos	Trabalhar com os alunos o gênero textual lenda e a aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas.
Conteúdos envolvidos	Aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas. Gênero textual. Contação de narrativa folclórica. Apresentação de características de uma lenda.
Duração	50 minutos
Estratégias	O professor deverá utilizar: Recursos: • Projetar ou quadro: utilizado para apresentar as atividades para que os alunos tenham um direcionamento correto do trabalho a ser realizado; • Livro ou apostila: indicar a página da apostila ou do livro em que o tema está inserido; • Imagens e texto da lenda a ser trabalhada em aula. Técnicas: • Aula expositiva e dialogada; • Resolução de atividades individuais.
Procedimentos	Considerando que na aula anterior os alunos estudaram as regras de acentuação das palavras oxítonas, essa aula está direcionada para o início da produção textual através de uma contação de narrativa folclórica. O professor deverá iniciar a aula com a correção da atividade proposta no final da aula anterior, revisando as principais regras de acentuação das palavras oxítonas e solucionando as dúvidas que ainda existirem. O professor deverá preparar previamente o material que será utilizado em aula (imagens, textos, livros, etc.). Selecione uma lenda popular brasileira que os alunos, provavelmente já tenham ouvido falar. O professor deve apresentar as características de uma lenda, destacando para os alunos de que nas lendas há uma explicação fantasiosa ou sobrenatural sobre o surgimento de determinado acontecimento e personagem. Por exemplo, poderá trabalhar com a lenda do Saci-pererê. Essa lenda popular poderá ajudar o professor na consolidação do trabalho da acentuação das palavras oxítonas, considerando que o nome do personagem possui acento por ser uma palavra oxítona terminada em e. Apresente para os alunos a imagem do Saci-pererê e conte alguns detalhes principais dessa personagem. Peça para que os alunos

	descrevam o que estão vendo na imagem do personagem. Peça que comentem sobre o que já ouviram falar sobre essa lenda, destacando as regionalidades que as lendas possuem no Brasil, destacando que algumas lendas de uma região, podem não ser contadas em outra região do país, especialmente porque o Brasil é um país com grande território e muitas regiões com características bem distintas. O professor poderá comentar que a maioria das lendas são contadas de geração em geração, podendo, portanto, terem diferentes versões na mesma região em função de quem está contando. O professor poderá escolher alguns alunos para que leiam o material que ele trouxe sobre a lenda do Saci-pererê, devendo destacar com alguns detalhes da lenda que possam complementar as informações para os alunos. Nesse momento, o professor deverá destacar quais palavras oxítonas estão apresentadas no texto, lembrando as regras de acentuação das palavras oxítonas. O professor pode perguntar para os alunos quem sabe outras versões sobre a lenda do Saci-pererê. Caso algum saiba, cabe ao professor destacar novamente a importância das regionalidades das versões. Para completar as atividades da aula, o professor deve perguntar para os alunos se eles conhecem outras lendas e pedir que expliquem rapidamente as suas versões. Isso servirá de propósito para a atividade a ser feita em casa, que será uma pesquisa sobre lendas brasileiras, para a realização de um texto de narração folclórica na próxima aula, com destaque para a aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas. Portanto, os alunos já sabem de antemão qual atividade será desenvolvida na próxima aula, possibilitando que se preparem para o desenvolvimento dessa atividade.
Avaliação	Os alunos deverão ser avaliados se atingiram os seguintes objetivos: • Se demonstraram estar habilitados a usar acentos gráficos em palavras que sejam oxítonas. • Se perceberam as relações de causa e consequência nas ações dos personagens; • Se entenderam o que representa um texto construído pelo gênero textual lenda.
Bibliografia	CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; GRANDE, Paula Baracat de. Português: linguagens – versão atualizada de acordo com a BNCC – 3º ano. São Paulo: 2021. MARCHEZI, Vera; BERTIN, Terezinha; BORGATTO, Ana Trinconi. Língua portuguesa: 3º ano ensino fundamental – Coleção Brasileira. São Paulo: Ática, 2017. OLIVEIRA, Cícero de; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. Aprender juntos Português 3. Porto Alegre: Edições SM, 2021. PIMENTEL, Heloisa. Projeto Lumirá: língua portuguesa. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2016.

Fonte: próprios autores

3.1.3 Plano de Aula de Português: produção de texto de narração folclórica – 3ª aula

O quadro 3 apresenta uma proposta de Plano de Aula de 50 minutos para a terceira aula da disciplina de Português do 3º ano do ensino fundamental, direcionada para a produção de texto de narração folclórica, onde o professor deverá propor que os alunos apliquem as regras ensinadas nas duas aulas anteriores sobre uso das regras de acentuação das palavras oxítonas.

Quadro 3: Plano de Aula de Português: produção de texto de narração folclórica com aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas

Identificação	Disciplina: Português Série: 3ª Nível: ensino fundamental Turma: única Professor: Data: Turno:
Tema	Produção de texto e acentuação de oxítonas.
Subtema	Produção de um texto de narração folclórica com aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas.
Justificativa	Considerando que nas duas aulas anteriores os alunos trabalharam sobre as regras de acentuação das palavras oxítonas e a o início do gênero textual lenda, essa aula propõe a produção de um texto com características de uma narrativa folclórica, permitindo aos alunos, nessa fase inicial de suas trajetórias escolares, associarem os elementos que compõem esse conjunto de manifestações e tradições populares, produzidas de lendas, danças, costumes e mitos, passados de geração para geração, com a produção textual e de forma especial com a aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas.
Objetivos	Trabalhar com os alunos o gênero textual lenda e a aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas.
Conteúdos envolvidos	Aplicação das regras de acentuação das palavras oxítonas. Gênero textual. Contação de narrativa folclórica. Reapresentação de características de uma lenda. Planejamento de texto. Estímulo para os alunos usarem a imaginação. Importância do planejamento para a produção de um texto.
Duração	50 minutos
Estratégias	O professor deverá utilizar: Recursos: • Projetar ou quadro: utilizado para apresentar as atividades para que os alunos tenham um direcionamento correto do trabalho a ser realizado; • Livro ou apostila: indicar a página da apostila ou do livro em que o tema está inserido; • Cartolina. Técnicas: • Aula expositiva e dialogada; • Resolução de atividades individuais e em grupo; • Exposição individual na sala de aula dos trabalhos desenvolvidos sobre o tema.
Procedimentos	O professor deve retomar o assunto da aula anterior, pois solicitou uma atividade a ser feita em casa sobre uma pesquisa sobre lendas brasileiras. Com isso, o professor deve apresentar a proposta para que todos alunos façam um texto com as características de uma narrativa folclórica, encerrando o estudo desse tema. Assim, a proposta é que os alunos escrevam esse texto considerando o que estudaram até esse momento nesse módulo da disciplina. O professor pode retomar as características da lenda trabalhada na aula anterior, lembrando que nas lendas há uma explicação cheia de fantasias ou sobrenaturais sobre o surgimento de determinados acontecimentos e personagens. O professor deverá propor uma atividade para os alunos desenvolverem um texto com características de uma narrativa folclórica, apresentando uma lenda de algum personagem que eles próprios poderão criar ou apresentar um personagem já conhecido, porém descrito conforme a versão própria do aluno. Os alunos deverão planejar o desenvolvimento do texto, com todos seus elementos, com a ajuda do professor. O professor deve destacar as principais características de uma narrativa folclórica, lembrando a lenda do Saci-pererê trabalhada na aula anterior. O professor deve estimular os alunos a

	serem imaginativos e criativos, destacando a importância de aplicarem corretamente as regras de acentuação das palavras oxítonas apresentadas nesse módulo. Peça para os alunos, após concluída essa atividade, que troquem com um colega o trabalho, para que um leia o texto do outro e indique o que poderia ser melhorado e corrigido. Após efetuarem as correções necessárias, devem passar a limpo em uma cartolina para que os trabalhos sejam expostos na sala de aula.
Avaliação	Os alunos deverão ser avaliados se atingiram os seguintes objetivos: • Se conseguiram desenvolver um texto com características de uma narrativa folclórica. • Se escreveram corretamente as palavras do texto. • Se utilizaram acentos corretamente, especialmente os acentos nas palavras oxítonas trabalhadas nesse módulo. • Se criaram desenvolveram um texto com uma lógica completa, apresentando uma introdução sobre a lenda, um desenvolvimento e uma conclusão que sustentou o trabalho apresentado. • Se atingiram a meta de planejar corretamente o trabalho, sendo ajudados pelo professor, e se seguiram esse planejamento na elaboração do trabalho. • Se foi perceptível que os colegas de aula ajudaram na correção e melhoria do trabalho, na fase final de elaboração e se o aluno incorporou esses comentários do colega na versão final. • Se na produção do trabalho os alunos apresentaram domínio das regras de português já trabalhadas em aula, com destaque para as regras de acentuação das palavras oxítonas. • Se os trabalhos atingiram as expectativas, com a produção de um texto com capacidade imaginativa e criativa. • Se foi perceptível o esforço do aluno na produção do texto. • Uma vez identificadas as deficiências dos alunos na produção textual e de aplicação de regras ortográficas já trabalhadas em aula, o professor deverá planejar atividades para trabalhar essas deficiências dos alunos.
Bibliografia	CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; GRANDE, Paula Baracat de. Português: linguagens – versão atualizada de acordo com a BNCC – 3º ano. São Paulo: 2021. MARCHEZI, Vera; BERTIN, Terezinha; BORGATTO, Ana Trinconi. Língua portuguesa: 3º ano ensino fundamental – Coleção Brasileira. São Paulo: Ática, 2017. OLIVEIRA, Cícero de; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. Aprender juntos Português 3 . Porto Alegre: Edições SM, 2021. PIMENTEL, Heloisa. Projeto Lumirá: língua portuguesa . 2ª ed. São Paulo: Ática, 2016.

Fonte: próprios autores

4 PROPOSTA DE UM PLANO DE AULA PARA A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA

O ensino da Matemática tem gerado vários estudos ao longo da existência humana, considerando tratar-se de uma ferramenta fundamental para a evolução da sociedade, mas, ao mesmo tempo, um dos grandes obstáculos para essa evolução.

Para Magina (2005, p. 1):

Sob a ótica da formação do cidadão, faz-se necessário oferecer ao aluno uma boa formação matemática já nas séries iniciais, de tal forma que a passagem da Matemática menos formal que é tratada nessas séries, não implique em uma descontinuidade em relação a Matemática estudada nos últimos anos do Ensino Fundamental.

Estudos como a crise do ensino da Matemática são correntes no Brasil, tais como os de David e Lopes (1998), Maciel e Câmara (2007), Druck (2004), Imenes (1990). Mais recentemente, o foco das pesquisas sobre o ensino da matemática tem sido direcionado para os tempos pandêmicos que o Brasil e o mundo têm vivenciado, tais como os de Batista (2021), Tamayo e Silva (2020) e Santos, Silveira e Taschetto (2021).

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 268), nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que se espera de um aluno ao estudar matemática é que resolvam problemas com números naturais e racionais cuja representação “[...] decimal é finita, envolvendo diferentes significados das operações, argumentem e justifiquem os procedimentos utilizados para a resolução e avaliem a plausibilidade dos resultados encontrados.”

Com relação aos “[...] cálculos, espera-se que os alunos desenvolvam diferentes estratégias para a obtenção dos resultados, sobretudo por estimativa e cálculo mental, além de algoritmos e uso de calculadoras.” (BRASIL, 2018, p. 268).

O trabalho acadêmico com o ensino da Matemática, independente do nível em que está sendo estudado, requer um planejamento aprofundado para que a matéria não se torne um fardo na vida escolar, mas um aliado para o crescimento dos alunos. Santos e Silva (2019, p. 34) defendem que na matemática, “[...] o planejamento, num sentido de antecipar ações (re) surge como um aparato suficiente para transformar as aulas da educação bancária em momentos de construção do saber.”

Peretti e Costa (2021, p. 1) defendem que para o processo de “[...] construção de aprendizagem matemática na escola precisa envolver-se com atividades que a auxilie, onde ao manipulá-las seja construído o conhecimento de forma significativa”. Para Peretti e Costa (2021, p. 1), “[...] a apreensão da matemática se manifesta através de diferentes descobertas e das interferências criadas pelo homem, entre sociedade e natureza.”

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 287), o aluno de 3º ano do Ensino Fundamental deve “[...] construir e utilizar fatos básicos da adição e da multiplicação para o cálculo mental ou escrito. Além disso, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 287) determina que os alunos desse nível de ensino devem “[...] resolver e elaborar problemas de multiplicação (por 2, 3, 4, 5 e 10) com os significados de adição de parcelas iguais e elementos apresentados em disposição retangular, utilizando diferentes estratégias de cálculo e registros.”

Portanto, fica latente que o ensino da Matemática requer um processo de planejamento para o ensino que envolve vários elementos, dentre os quais se destaca o Plano de Aula. Assim, dentre desse contexto para a construção do conhecimento da Matemática de forma sistêmica, será apresentada uma proposta de um Plano de Ensino para essa disciplina para ser aplicado no 3º ano do ensino fundamental.

4.1 Plano de aula para a disciplina de matemática do 3º ano do ensino fundamental

Seguindo as determinações de Silva (2014), a proposta de um Plano de Aula para a disciplina de Matemática deve ter os seguintes elementos: Identificação, tema, subtema, justificativa, objetivos, conteúdos envolvidos, duração, estratégias, procedimentos, avaliação e bibliografia.

O Plano de Aula de Matemática terá como tema o ensino da tabuada de 2 a 9.

4.1.1 Plano de Aula de Matemática: aula 1 - foco nas operações básicas – tabuada de 2 e 3 – 1ª aula

O quadro 4 apresenta uma proposta de Plano de Aula de 50 minutos para a disciplina de Matemática do 3º ano do ensino fundamental, direcionada para o aprendizado da tabuada do 2 e 3.

Quadro 4: Plano de Aula de Matemática: Tabuada do 2 e 3

Identificação	Disciplina: Matemática Série: 3ª Nível: ensino fundamental Turma: única Professor: Data: Turno:
Tema	Multiplicação: uso da Tabuada
Subtema	Tabuada do 2 e 3
Justificativa	O estudo da tabuada é um dos fatores que poderá contribuir para que os estudantes possam se prevenir de futuras dificuldade com o aprendizado da matemática ao longo da vida escolar. É fundamental que os alunos, nessa fase, aprendam como se dá a elaboração das operações de multiplicação, adquirindo habilidades para que possam compreender e realizar cálculos ao longo de suas jornadas escolares e profissionais.
Objetivos	Trabalhar com os alunos as tabuadas do 2 e 3, para que desenvolvam a capacidade de entender operações de multiplicação com esses números, além de contribuir para o processo de internalização da linguagem matemática e de seu entendimento.
Conteúdos envolvidos	Operações de multiplicação Tabuada Linguagem matemática

Duração	50 minutos
Estratégias	O professor deverá utilizar: Recursos: • Projetar ou quadro: utilizado para apresentar as atividades para que os alunos tenham um direcionamento correto do trabalho a ser realizado; • Livro ou apostila: indicar a página da apostila ou do livro em que o tema está inserido; Técnicas: • Aula expositiva e dialogada; • Resolução de atividades individuais e em grupo.
Procedimentos	O professor iniciará a aula indicando onde está no livro ou apostila o material sobre a tabuada do 2 e 3 e sua funcionalidade. O professor poderá dividir os alunos em duplas para que troquem ideias na realização das atividades que serão propostas nessa aula. Como os alunos já devem ter realizado algumas atividades com tabuadas na escola, é importante que o professor retome os conceitos de dobro e triplo ao iniciar o trabalho com a tabuada do 2 e do 3. Apresente situações em que o uso desses termos é utilizado, como comer o dobro de sorvete de seu colega, pular o triplo da distância de seu amigo, etc. Incentive os alunos a darem outros exemplos do uso do dobro e do triplo. Construa a tabuada do 2 e do 3 no quadro com o auxílio dos alunos. Apresente exercícios para a fixação da matéria e oportunize para que os alunos façam cálculos de cabeça para aprenderem a multiplicar rapidamente, para que possam desenvolver essa habilidade, que poderá ser muito útil para a vida acadêmica e profissional no futuro. No final da aula o professor deverá solicitar que os alunos façam em casa a atividade do livro ou da apostila que corresponde a esse tópico, para ser corrigida na próxima aula.
Avaliação	Os alunos deverão ser avaliados se: • Se estão capacitados para utilizar diferentes procedimentos de cálculo mental e escrito para resolver problemas envolvendo multiplicação com os números de 2 e 3. • Se estão habilitados a resolver problemas envolvendo os termos dobro e triplo. • Se participaram das atividades individualmente e em grupo propostas em aula, identificando seus desempenhos, observando o nível de assimilação do tema trabalhado em aula, o entendimento e domínio dos conteúdos. • Para identificar se os conteúdos deverão ser retrabalhados e se deverá ser buscado novos caminhos para que os alunos estejam habilitados a resolver problemas envolvendo multiplicação com os números de 2 e 3.
Bibliografia	DANTE, Luiz Roberto. Projeto Ápis: matemática 3. São Paulo: Ática, 2020. PIMENTEL, Heloisa. Projeto Lumirá: matemática – ensino fundamental I. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2016. SMOLE, Katia Stocco; IGNEZ, Maria. Conjunto Faça: matemática – 3º ano. 2ª ed. São Paulo: FTD Educação, 2021.

Fonte: próprios autores

4.1.2 Plano de Aula de Matemática: aula 1 - foco nas operações básicas – tabuada de 4 a 6 – 2ª aula

O quadro 5 apresenta uma proposta de Plano de Aula de 50 minutos para a disciplina de Matemática do 3º ano do ensino fundamental, direcionada para o aprendizado da tabuada de 4 a 6.

Quadro 5: Plano de Aula de Matemática: Tabuada de 4 a 6

Identificação	Disciplina: Matemática Série: 3ª Nível: ensino fundamental Turma: única Professor: Data: Turno:
Tema	Multiplicação: uso da Tabuada
Subtema	Tabuada de 4 a 6
Justificativa	O estudo da tabuada é um dos fatores que poderá contribuir para que os estudantes possam se prevenir de futuras dificuldade com o aprendizado da matemática ao longo da vida escolar. É fundamental que os alunos, nessa fase, aprendam como se dá a elaboração das operações de multiplicação, adquirindo habilidades para que possam compreender e realizar cálculos ao longo de suas jornadas escolares e profissionais.
Objetivos	Trabalhar com os alunos as tabuadas de 4 a 6, para que desenvolvam a capacidade de entender operações de multiplicação com esses números, além de contribuir para o processo de internalização da linguagem matemática e de seu entendimento.
Conteúdos envolvidos	Operações de multiplicação Tabuada Linguagem matemática
Duração	50 minutos
Estratégias	O professor deverá utilizar: Recursos: • Projetar ou quadro: utilizado para apresentar as atividades para que os alunos tenham um direcionamento correto do trabalho a ser realizado; • Livro ou apostila: indicar a página da apostila ou do livro em que o tema está inserido; Técnicas: • Aula expositiva e dialogada; • Resolução de atividades individuais e em grupo.
Procedimentos	A aula iniciará com a correção das atividades propostas para serem realizadas em casa. O professor deverá identificar as dificuldades que os alunos apresentaram com a resolução das atividades e retomar os conceitos que não foram aprendidos. Após a correção dos exercício, sanada todas as dúvidas dos alunos e retomado os principais conceitos da aula anterior, o professor deve iniciar o trabalho com a tabuada do 4, demonstrando que ela representa o dobro dos resultados da tabuada do 2. O professor poderá, nesse momento da aula, explorar o conceito de metade. Complete no quadro, com a ajuda dos alunos, a tabuada do 4. Passe para a tabuada do 5, podendo apresentar uma multiplicação com reserva. Tente identificar, com alguns questionamentos, como está o nível de assimilação do tema e se as técnicas de ensino utilizadas até agora estão surtindo os objetivos pretendidos. O professor poderá apresentar aos alunos alguns exemplos que justificam a importância do estudo da tabuada. Por exemplo, o que os alunos acham mais fácil: multiplicar 5×8 ou a adição de $5 + 5 + 5 + 5 + 5 + 5 + 5 + 5$? É importante que o professor destaque que a multiplicação é uma forma mais simples de adicionar parcelas iguais. Passe para a tabuada do 6 e complete no quadro, com a ajuda dos alunos, toda tabuada. O professor deverá destacar para os alunos que percebam que ao completarem a tabuada do 6, atentem para a tabuada do 3, indicando a relação proporcional entre as tabuadas. Proponha alguns exercícios com a multiplicação dos números 4, 5 e 6, para consolidar o conhecimento e peça para os alunos que façam alguns cálculos de cabeça para desenvolver essa habilidade. No final da aula, o professor deverá solicitar que os alunos façam em casa a atividade do livro ou da apostila que corresponde a esse tópico, para ser corrigida na próxima aula.

Avaliação	Os alunos deverão ser avaliados se: • Se estão capacitados para utilizar diferentes procedimentos de cálculo mental e escrito para resolver problemas envolvendo multiplicação com os números de 4 a 6. • Se participaram das atividades individualmente e em grupo propostas em aula, identificando seus desempenhos, observando o nível de assimilação do tema trabalhado em aula, o entendimento e domínio dos conteúdos. • Para identificar se os conteúdos deverão ser retrabalhados e se deverá ser buscado novos caminhos para que os alunos estejam habilitados a resolver problemas envolvendo multiplicação com os números de 4 a 6.
Bibliografia	DANTE, Luiz Roberto. Projeto Ápis : matemática 3. São Paulo: Ática, 2020. PIMENTEL, Heloisa. Projeto Lumirá : matemática – ensino fundamental I. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2016. SMOLE, Katia Stocco; IGNEZ, Maria. Conjunto Faça : matemática – 3º ano. 2ª ed. São Paulo: FTD Educação, 2021.

Fonte: próprios autores

4.1.3 Plano de Aula de Matemática: aula 2 - foco nas operações básicas – tabuada de 7 a 9 – 3ª aula

O quadro 6 apresenta uma proposta de Plano de Aula de 50 minutos para a disciplina de Matemática do 3º ano do ensino fundamental, direcionada para o aprendizado da tabuada do 7 a 9.

Quadro 6: Plano de Aula de Matemática: Tabuada do 7 a 9

Identificação	Disciplina: Matemática Série: 3ª Nível: ensino fundamental Turma: única Professor: Data: Turno:
Tema	Multiplicação: uso da Tabuada
Subtema	Tabuada do 7 a 9
Justificativa	O estudo da tabuada é um dos fatores que irão contribuir para os estudantes possam se prevenir de futuras dificuldade com o aprendizado da matemática ao longo de suas vidas escolares. É fundamental que os alunos nessa fase aprendam como se dá a elaboração das operações de multiplicação, adquirindo habilidades para que possam compreender e realizar cálculos ao longo de suas jornadas escolares e profissionais.
Objetivos	Trabalhar com os alunos as tabuadas do 7 a 9, completando o aprendizado inicial do estudo da tabuada, para que desenvolvam a capacidade de entender operações de multiplicação com esses números, além de contribuir para o processo de internalização da linguagem matemática e de seu entendimento.
Conteúdos envolvidos	Operações de multiplicação Tabuada Linguagem matemática Proporcionalidade entre as tabuadas
Duração	50 minutos
Estratégias	O professor deverá utilizar: Recursos: • Projetar ou quadro: utilizado para apresentar as atividades para que os alunos tenham um direcionamento correto do trabalho a ser realizado;

	• Livro ou apostila: indicar a página da apostila ou do livro em que o tema está inserido; Técnicas: • Aula expositiva e dialogada; • Resolução de atividades individuais.
Procedimentos	A aula iniciará com a correção das atividades propostas para serem realizadas em casa. O professor deverá identificar as dificuldades que os alunos apresentaram com a resolução das atividades e retomar os conceitos que não foram aprendidos. Após a correção dos exercícios, sanada todas as dúvidas dos alunos e retomado os principais conceitos da aula anterior, o professor deve iniciar o trabalho com a tabuada do 7. Complete a tabuada do 7 no quadro com a ajuda dos alunos. Comente algumas características importantes para o entendimento da tabuada, como: todo número multiplicado por zero será sempre zero, todo número multiplicado por 1 será igual a ele mesmo, todo número multiplicado por 2 será o dobro e par, toda tabuada do número 5 terá como final o número 0 ou 5, etc. O professor deverá apresentar a relação de proporcionalidade entre as tabuadas, representando um recurso interessante para o estudo do cálculo da multiplicação. O professor poderá explorar essa relação em outras tabuadas, como a do 3 e 9 e do 4 e 8. Na sequência, o professor deverá pedir para que os alunos construam junto no quadro a tabuada do 8. Seria interessante que o professor novamente estimulasse os alunos para buscarem outras alternativas para completar a tabuada de modo que não seja necessário fazer todas as adições. O professor deverá incentivar, por exemplo, que os alunos usem e desenvolvam propriedades associativas, como uma alternativa para reduzir o trabalho com a construção da tabuada. O uso de cálculos utilizando associação, são muito importantes para o desenvolvimento do raciocínio matemático nos alunos. Em seguida complete com a ajuda dos alunos a tabuada do 9. Após completarem as tabuadas do 9, o professor deve destacar as proporcionalidades entre as tabuadas anteriores, do 2, 4 e 8, destacando os conceitos de dobro e quádruplo, e do 3 e 9, onde o professor deverá destacar a proporcionalidade de que os resultados da tabuada do 9 são o triplo dos resultados da tabuada do 3. Proponha alguns cálculos simples para consolidar o conhecimento sobre essa etapa da multiplicação e estimule que os alunos façam alguns cálculos de cabeça para estimular essa habilidade. Para terminar o estudo, pergunte se ainda persistem alguma dúvida sobre o tema e apresente as explicações necessárias para que os objetivos do módulo sejam atingidos. No final da aula, o professor deverá solicitar que os alunos façam em casa a atividade do livro ou da apostila que corresponde a esse tópico, para ser corrigida na próxima aula.
Avaliação	Os alunos deverão ser avaliados se: • Se estão capacitados para utilizar diferentes procedimentos de cálculo mental e escrito para resolver problemas envolvendo multiplicação com os números de 7 a 9. • Se participaram das atividades individualmente e em grupo propostas em aula, identificando seus desempenhos, observando o nível de assimilação do tema trabalhado em aula, o entendimento e domínio dos conteúdos. • Para identificar se os conteúdos deverão ser retrabalhados e se deverá ser buscado novos caminhos para que os alunos estejam habilitados a resolver problemas envolvendo multiplicação com os números de 7 a 9.
Bibliografia	DANTE, Luiz Roberto. Projeto Ápis: matemática 3. São Paulo: Ática, 2020. PIMENTEL, Heloisa. Projeto Lumirá: matemática – ensino fundamental I. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2016. SMOLE, Katia Stocco; IGNEZ, Maria. Conjunto Faça: matemática – 3º ano. 2ª ed. São Paulo: FTD Educação, 2021.

Fonte: próprios autores

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse estudo foi apresentar um modelo de Plano de Aula para as disciplinas de Português e Matemática do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola brasileira, tendo como base a BNCC, considerando que essa peça pode ser caracterizada como fundamental para que o planejamento escolar possa atingir com plenitude seus objetivos.

Assim como o currículo representa um elemento primordial para que o ensino atinja seus objetivos, o Plano de Aula, como um produto do planejamento escolar, derivado das escolhas curriculares adotadas pelas escolas, dentro dos padrões normatizadores do ensino brasileiro, deve ser capaz de antecipar as ações e todos os parâmetros necessários para o pleno desempenho das ações escolares.

Optou-se por desenvolver os Planos de Ensino de Português e Matemática, pois esses dois ramos do conhecimento representam a base inicial para o desenvolvimento escolar, especialmente nas séries iniciais. É por meio de uma língua que os seres humanos se comunicam e vivem em comunidade, por isso, dominar a língua materna torna-se imprescindível para o exercício de qualquer atividade. Um Plano de Aula corretamente desenvolvido, determina caminhos que facilitam o processo de ensino e aprendizagem para qualquer disciplina. Da mesma forma, a opção pelo desenvolvimento de um Plano de Ensino para a disciplina de Matemática do 3º ano do Ensino Fundamental, justifica-se considerando que as escolas devem buscar o desenvolvimento do pensamento lógico e matemático nos alunos desde o início da trajetória escolar. O domínio da matemática trará enormes benefícios para os alunos, não somente em suas atividades escolares, mas para o futuro profissional.

Portanto, percebe-se claramente que um Plano de Ensino deve ser um elemento presente no cotidiano escolar, devendo estar presente, não somente no Ensino Fundamental, mas em todos os níveis escolares.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática?. **Entrepalavras**, v. 3, n. 1, p. 322-334, 2013. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/148>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BATISTA, Josiel de Oliveira et al. Tecnologias digitais, tempos de pandemia e o ensino de matemática: educação tecnológica em perspectiva. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 9, n. 20, p. 01-20, 2021. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/424>. Acesso em: 21 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, DF: MEC/CNE, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02_98.pdf. Acesso em: 19 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/CNE, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-area-de-linguagens>. Acesso em: 18 jul. 2022.

CAPELLINI, Simone Aparecida; CONRADO, Talita Laura Braz Capano. Desempenho de escolares com e sem dificuldades de aprendizagem de ensino particular em habilidade fonológica, nomeação rápida, leitura e escrita. **Revista Cefac**, v. 11, p. 183-193, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/ScBfJfQYqj7MJb4Ft8dx4mP/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2022.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. Metodologia científica. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DAVID, Maria Manuela Martins Soares; LOPES, Maria da Penha. Professores que explicitam a utilização de formas de pensamento flexível podem estar contribuindo para o sucesso em matemática de alguns de seus alunos p. 31-58. **Zetetike**, v. 6, n. 1, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646806>. Acesso em: 21 jul. 2022.

DIAS, Tatiane Lebre; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; AZEVEDO JUNIOR, Romildo Rocha. Influências de um programa de criatividade no desempenho cognitivo e acadêmico de alunos com dificuldade de aprendizagem. **Psicologia em Estudo**, v.9, p. 429-437, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Jd6fsqp9FCwq3FWrmbtxhcC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

DRUCK, Suely. A crise no ensino de matemática no Brasil. **Revista do professor de matemática**, v. 53, n. 53, p. 1-5, 2004. Disponível em: <https://www.rpm.org.br/cdrpm/53/1.htm>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FARIAS, Isabel Maria Sabino et al. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília: Liber Livro, 2011.

FUSARI, José Cerchi. O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas. **Série Ideias**, v. 8, n. 1, p. 44-53, 1990. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

GUATURA, Domingos Sávio da Silva; ROMÃO, Estaner Claro. A importância do uso da tecnologia no ensino de geometria: planejamento e plano de aula. **Revista ESPACIOS**, v. 36, n.13, 2015. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a15v36n13/153613E1.html>. Acesso em: 20 jul. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IMENES, Luiz Márcio. Um estudo sobre o fracasso do ensino e da aprendizagem da Matemática. **Bolema-Boletim de Educação Matemática**, v. 3, n. 6, p. 21-27, 1990. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/10719>. Acesso em: 25 jul. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

MACIEL, Adegundes; CÂMARA, Marcelo. Analisando o rendimento de alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em atividades envolvendo frações e ideias associadas. **Boletim de Educação Matemática**, v. 20, n. 28, p.163-177, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2912/291221871009.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MAGINA, Sandra. A teoria dos campos conceituais: contribuições da Psicologia para a prática docente. **Encontro Regional de Professores de Matemática**, v. 18, 2005. Disponível em: https://www.ime.unicamp.br/erpm2005/anais/conf/conf_01.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

NOBILE, Gislaine Gasparin; BARRERA, Sylvia Domingos. Análise de erros ortográficos em alunos do ensino público fundamental que apresentam dificuldades na escrita. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 2, p. 36-55, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200004&script=sci_abstract. Acesso: 20 jul. 2022.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; BORUCHOVITCH, Evelyn; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Leitura e desempenho escolar em português e matemática no ensino fundamental. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 18, p. 531-540, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/ZhxcsQSCShhYVmt5wzBY5ng/abstract/?lang=pt>. Acesso 20 jul. 2022.

ORNELLAS, Janaína Farias de; SILVA, Luana Cristeinsen. O Ensino Fundamental da BNCC: proposta de um currículo na contramão do conhecimento. **Revista Espaço do Currículo (online)**. João Pessoa, v.12, n.2, p. 309-325, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/705a/3ce2522c60f7175c500daad50761bd160222.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022.

PERETTI, Lisiane; COSTA, Gisele Maria Tonin da. Sequência didática na matemática. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 8, n. 17, p. 1-14, 2013. Disponível em: https://www.caxias.ideau.com.br/wp-content/files_mf/8879e1ae8b4fdf5e694b9e6c23ec4d5d31_1.pdf. Acesso em: 19 jul. 2022.

SANTOS, F. V.; SILVA, Aline Kananda Matias. O planejamento pedagógico em matemática: uma análise da criação à execução. **Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade**, v. 1, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8152>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SANTOS, Luciane Mulazan dos; SILVEIRA, Maria Caroline; TASCHETTO, Maura Pauletto. A “experiência” e o “esperançar” na Educação Matemática durante a pandemia de COVID-19. **Revista BOEM**, v. 9, n. 18, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/boem/article/view/21227>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SILVA, Cintia Rosa. **Elementos e elaboração de um plano de aula**. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: http://www.cintiarosa.paginas.ufsc.br/files/2015/03/Elementos-e-Elaboração-de-um-Plano-de-Aula_Seminários-I_2014_10_17.pdf. Acesso em: 19 jul. 2022.

SILVA, Raimunda Magalhães *et al.* **Estudos qualitativos**: enfoques teóricos e técnicas de coleta de informações.(orgs). Sobral: UVA, 2018.

SOUSA, Luciana Ferreira Oliveira de et al. As dificuldades apresentadas à aprendizagem da língua portuguesa no ensino fundamental. **Projeção e docência**, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2021. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/1755>. Acesso em: 22 jul. 2021.

TAMAYO, Carolina; SILVA, Michela Tuchapesk da. Desafios e possibilidades para a Educação (Matemática) em tempos de “Covid-19” numa escola em crise. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática: Perspectivas Socioculturales de la Educación Matemática**, v. 13, n. 1, p. 29-48, 2020. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/25972/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

YOUNG, Michael FD. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, p. 609-623, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WRv76FZpdGXpkVYMNm5Bych/?format=pdf&lang=p>t. Acesso em: 19 jul. 2022.



SUA COMUNICAÇÃO FOI INTEGRADA: AS ESTRATÉGIAS DE MARKETING UTILIZADAS PELA BANDA FRESNO NO LANÇAMENTO DO SEU OITAVO DISCO

ITS COMMUNICATION WAS INTEGRATED: THE MARKETING STRATEGIES USED BY FRESNO BAND IN THE RELEASE OF ITS EIGHTH ALBUM

RODEGHIERO, Patrick ¹

FERNANDES, Andréia Castiglia ²

Resumo: O presente estudo tem como principal objetivo analisar como os fundamentos da Comunicação Integrada de Marketing foram utilizados para promover o lançamento do disco “Sua Alegria Foi Cancelada” da banda Fresno. A metodologia de pesquisa é de natureza aplicada, com objetivo descritivo, através de abordagem qualitativa fazendo o uso de pesquisa bibliográfica, documental e estudo de caso através da análise das publicações realizadas pela banda nas redes sociais, verificando como os aspectos teóricos estudados foram aplicados em cada caso. As conclusões deste estudo apontam que a campanha fez uso de diversas das estratégias que compõem a Comunicação Integrada de Marketing durante a sua execução, atingindo todos os seus objetivos.

Palavras-chave: Comunicação integrada de marketing. Marketing. Redes sociais.

Abstract: The main objective of this study is to analyze how the elements of Marketing Integrated Communication were used to promote “Sua Alegria Foi

¹ Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: patricknx@me.com

² Publicitária, Professora Universitária, Pós Doutora em Educação, Coordenadora do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: andreia@looz.com.br

Cancelada” album, released by Fresno. The research methodology is applied, with a descriptive objective, by a qualitative approach, using bibliographical, documental and case study research analysing posts made by Fresno on social media, verifying how the theoretical aspects studied were applied in each case. The conclusions of this study indicate that the campaign used several strategies that compose the Marketing Integrated Communication during execution, reaching all the objectives.

Keywords: Marketing integrated communication. Marketing. Social media.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação através dos meios digitais se faz cada dia mais presente e mais importante, seja para pessoas, empresas ou organizações, afinal de contas atualmente a maior parte das informações e notícias circulam através de canais digitais, sejam eles portais de notícias, redes sociais ou aplicativos.

O que há poucos anos era considerado algo dispensável ou deixado em segundo plano por alguns, hoje é item fundamental para quem deseja impactar pessoas na internet: ter presença digital.

A máxima de que “você só existe se estiver na internet” é verdadeira e se torna cada vez mais notável na nossa rotina: quando precisamos de algum produto ou serviço, prontamente recorremos à internet fazendo uma rápida pesquisa em um buscador que em milésimos de segundo consegue retornar dezenas de milhares de resultados. E, na grande maioria das vezes, você encontra o que procura.

Ter um site hospedado na internet ainda não é a realidade de muitos, embora estejam mais acessíveis atualmente. Mesmo que baixo, necessita de investimento tanto para o seu desenvolvimento quanto para a sua manutenção periódica, além de custos mensais com servidor de hospedagem e anuidade para um domínio - o que permite ter um endereço personalizado “.com.br”.

Por outro lado, criar um perfil para uma marca nas redes sociais é totalmente gratuito e não implica em custos adicionais, sendo possível ter sua página publicada e acessível sem a necessidade de gastar com acessos ou hospedagens para o conteúdo.

Mas isso nem sempre foi assim, já que o conhecimento acerca de estratégias e posicionamentos digitais de 20 anos atrás, quando a internet começou a se popularizar, ainda era muito distante da realidade dos usuários. De lá pra cá, inúmeras redes sociais surgiram e deixaram de existir, assim como serviços, portais, ferramentas e mensageiros instantâneos.

Quem é “frequentador” da internet há um pouco mais de tempo, deve se lembrar com certo saudosismo das “comunidades” - uma espécie de Fórum sobre determinados assuntos onde o usuário se tornava membro - no Orkut, que foi lançado em 2004, encerrado em 2014 e que, diga-se de passagem, foi um grande sucesso no Brasil, sendo recordista no número de usuários na plataforma.

Outra febre da internet nos anos 2000 foi o MySpace, rede social lançada em 2003 com foco em música e vídeo. A plataforma era muito utilizada por bandas e artistas independentes e foi responsável pelo lançamento de inúmeros fenômenos musicais em todo o mundo. Esta, não possuía tantos adeptos no Brasil quanto em outros países.

Muito antes de termos o Instagram para compartilharmos nossas fotos com os amigos, a rede social que fazia sucesso na internet era o Fotolog, que foi lançado em 2002. Semelhante à um Blog, o usuário publicava fotos, adicionava uma legenda, e recebia comentários de outros usuários em suas postagens. A grande diferença é que cada usuário só podia fazer uma única publicação por dia - muito diferente do Instagram, que permite que o usuário faça uma série de publicações em um mesmo dia.

Se hoje enviamos uma mensagem por meio de um mensageiro instantâneo como Facebook Messenger ou através de Mensagem Direta no Instagram e queremos ter a resposta em poucos segundos (ou minutos), nos tempos em que a conexão com a internet era feita de forma discada pela linha telefônica, esta resposta poderia levar dias ou até mesmo semanas para chegar.

Objeto de pesquisa deste trabalho, a Banda Fresno (Porto Alegre, 1999) sempre esteve presente na internet, e foi graças a ela que chegou onde está hoje. Com gravações feitas de forma totalmente amadora com apenas um violão e utilizando um microfone de baixa qualidade (que fazia parte do chamado “Kit Multimídia” que acompanhavam os computadores), a Fresno - que até então se chamava “Democratas” - publicou seus primeiros trabalhos na internet.

Naquele momento, a única “estratégia” de divulgação do trabalho da banda consistia em enviar os arquivos de música para o maior número de pessoas. E foi a partir daí que a história da banda e a vida dos integrantes começou a mudar. Para que possamos entender a aplicação e resultados da CIM na prática, propõe-se a seguinte questão: de que forma a Banda Fresno utilizou as estratégias de Marketing com base na Comunicação Integrada no lançamento do álbum Sua Alegria Foi Cancelada?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para elaboração do Referencial Teórico é necessário que seja feita a definição do conceito de Marketing além de definir também o conceito de Comunicação. Desta forma, é possível fazer a conexão entre Marketing e Comunicação, de maneira que seja possível entender os processos que compõem e envolvem as estratégias de Comunicação Integrada de Marketing.

2.1 Marketing

Segundo a AMA - American Marketing Association, o Marketing é definido como uma atividade, um conjunto de instituições e processos para criar, comunicar, entregar e trocar ofertas que tenham valor para os clientes, consumidores, parceiros, e também para a sociedade de modo geral.

Para Kotler e Armstrong (2003), o Marketing é o processo administrativo e social pelo qual os indivíduos e organizações obtêm o que necessitam e desejam por meio da criação e troca de valor com os outros. Em um contexto mais específico dos negócios, o Marketing envolve construir relacionamentos lucrativos e de valor com os seus clientes.

Marketing é uma função gerencial, que busca ajustar a oferta da organização às demandas específicas do seu mercado, utilizando como ferramentas um conjunto de princípios e técnicas. Pode ser visto, também, como um processo social pelo qual são reguladas a oferta e a demanda de bens e serviços para atender às necessidades da sociedade (ROCHA, 1999).

Na definição de Las Casas (2006), o Marketing é a área de conhecimento que engloba todas as atividades ligadas à relação de troca, visando a satisfação dos desejos e necessidades dos consumidores, a fim de alcançar determinados objetivos de empresas ou de indivíduos e considerando sempre o ambiente de atuação e o impacto que essas relações causam no bem-estar da sociedade.

2.1.1 Composto de Marketing: Os 4P's

Criado por Jerome McCarthy, professor de Marketing da Universidade Estadual de Michigan, nos Estados Unidos, o conceito dos 4P's - também chamado de Mix de Marketing - foi bastante difundido por Philip Kotler.

Para Kotler (1998), existem dois tipos de empresas no que diz respeito às estratégias de marketing: as que utilizam um composto de marketing adaptado e as que utilizam o composto padronizado. No adaptado, a empresa ou marca ajusta os elementos do seu composto de marketing de acordo com cada público-alvo. Por outro lado, as que adotam o composto padronizado o fazem devido ao custo menor, já que não serão feitas mudanças significativas.

Os 4P's representam os 4 pilares básicos que compõem toda e qualquer estratégia de marketing, que são: produto, preço, praça e promoção.

2.1.1.1 Produto

Um produto é qualquer coisa que se recebe em uma troca, podendo ela ser tangível (o próprio produto e a sua embalagem) ou intangível (como a garantia oferecida, por exemplo), incluindo também as suas utilidades e sua funcionalidade, segundo Pride e Ferrel (2001).

Para Kotler e Armstrong (2003), o produto é algo que pode ser oferecido a um mercado para apreciação, aquisição, uso ou consumo e para satisfazer uma necessidade ou um desejo.

2.1.1.2 Preço

O preço do produto faz parte da estratégia que define a proposta e o posicionamento do produto no mercado, além de possuir também um valor agregado de marca. Isto nos leva a entender por que produtos com a mesma finalidade e até mesmo similares podem possuir preços tão diferentes, como por exemplo uma camiseta que em um grande varejo possui um preço de até R\$ 39,00, enquanto em uma loja de grife um produto semelhante pode custar facilmente mais de R\$ 300,00 para o consumidor.

Na definição de Sandhusen (2000), o preço é o valor de troca de um produto a partir do ponto de vista tanto da parte do comprador quanto da parte do vendedor. Quanto mais o produto se diferenciar dos demais concorrentes mais valor agregado ele irá gerar, o que possibilitará trabalhar com maior margem de preço além de muito provavelmente serem escolhidos pelo cliente.

2.1.1.3 Praça

O pilar de Praça vai muito além do local físico onde a loja ou estabelecimento se encontra, pois ele representa a forma como o produto ou serviço chegará até o cliente, além de avaliar também a forma como ele será distribuído e a logística.

É necessário analisar o cenário e o mercado para entender se o público-alvo do produto ou serviço em questão está presente na praça onde ele será inserido.

Para Sandhusen (2000), planejar a distribuição dos produtos envolve analisar e tomar decisões relacionando o movimento de materiais e de bens finais dos produtores até os consumidores, e estas decisões envolvem a seleção e o controle destes canais, bem como os elementos envolvidos no processo de distribuição no caso de produtos físicos, que são a estocagem do produto, a gestão deste estoque, o seu transporte e por fim o atendimento aos pedidos.

2.1.1.4 Promoção

A Promoção pode muitas vezes ser leigamente confundida com as ações de merchandising que envolvem “promoção de produtos”, como descontos e condições especiais, mas este pilar é nada menos que a forma de divulgar o produto.

Para Kotler (1998), a promoção se refere a todas as formas de comunicação utilizadas pelas marcas para explicar, lembrar, informar, persuadir e influenciar os comportamentos e atitudes tanto dos clientes quanto de outras pessoas.

Desde o canal de comunicação até a linguagem utilizada nas campanhas, diversos fatores são fundamentais para fazer com que a marca se torne conhecida e atinja o seu público-alvo.

2.2 Comunicação

Para Chiavenato (2002), a comunicação é a troca de informações entre os indivíduos, tornando comum uma informação ou mensagem. Faz parte de um dos processos fundamentais no que diz respeito à experiência humana e a organização social dos indivíduos.

Tão importante quanto transmitir uma mensagem ou informação, a forma como ela será entendida e interpretada pelo receptor é parte fundamental da comunicação, gerando, assim, uma troca.

2.2.1 Comunicação Integrada de Marketing

A definição da Comunicação Integrada de Marketing foi idealizada por Don Edward Schultz (1993), que o define como um processo estratégico utilizado para planejar, desenvolver, executar, consolidar e avaliar programas de comunicação de marketing e o seu retorno para o consumidor e para a marca.

A Comunicação Integrada é um conceito de planejamento que combina estrategicamente diferentes áreas da comunicação para proporcionar clareza, consistência e o máximo de impacto nas comunicações.

Sintetizando a definição de Schultz (1993), a CIM é a união de estratégias e esforços com o objetivo de agregar valor à marca e trazer solidez para a sua imagem. Estas estratégias são classificadas como Assessoria de Imprensa, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Marketing e Comunicação Interna.

2.2.1.1 Assessoria de Imprensa

De acordo com Chinem (2006), a assessoria de imprensa trabalha as notícias que vem das empresas, ou seja, trata da comunicação empresarial, além de exercer diversas atividades e desempenharem papel estratégico dentro das organizações.

Neste sentido, a assessoria de imprensa é compreendida como a parte da comunicação que é responsável pela ligação entre as organizações e as marcas com a mídia, através da produção de matérias e conteúdos que estejam alinhados com o assunto que o jornalista está abordando e que tenham algum impacto para a sociedade, completa Chinem (2006).

Na definição de Lopes (1999), a assessoria de imprensa é responsável por administrar as informações jornalísticas das fontes para os meios de comunicação e vice-versa, tanto nas áreas privadas quanto nas públicas.

Estes conteúdos servem também para que a empresa construa o seu posicionamento no mercado e muitas vezes se torne uma referência naquele assunto ou setor, além de se tornar uma fonte de informação.

Para Reis (2009), o profissional que presta a assessoria de imprensa, além de ter uma boa redação, deve saber diferenciar o que se trata de uma informação e o que se refere à uma notícia, e ter consciência da urgência permanente do seu trabalho que ele desempenha e da responsabilidade que possui.

Mesmo com a queda expressiva e contínua das mídias impressas nos últimos, o trabalho da assessoria de imprensa continua sendo de suma importância, pois há bastante tempo já inclui os veículos e portais da internet, assim como as redes sociais, em seus contatos de mídia.

Para conseguir desempenhar o seu papel, a assessoria de imprensa faz uso de algumas ferramentas para levar a informação aos veículos de comunicação:

- Mailing: O Mailing é uma base de dados com o contato de pessoas relevantes para o assessorado, podendo ser dividido em diferentes categorias, como idade, sexo, cidade, interesses, dentre outros, de acordo com os públicos de interesse (REIS, 2009).
- Clipping ou clipagem: É um processo contínuo que envolve a análise, monitoramento e arquivamento das menções feitas pelas mídias sobre a empresa ou marca que é assessorada, podendo ser personalizado de acordo com as necessidades do cliente (AARÃO, 2009).
- Coletiva de imprensa: Evento organizado pela assessoria de imprensa reunindo diversos veículos com o intuito de trazer informações de grande relevância e/ou interesse público. É indicada para anunciar grandes operações como compra ou fusão de empresas, lançamentos de projetos ou tratar alguma situação de gestão de crise.
- Press Kit: É uma ferramenta de divulgação onde é montado um kit que reúne diversos materiais informativos sobre a marca, serviço ou também sobre um novo produto, podendo conter canetas, bloquinhos, canecas, garrafas, bonés ou até mesmo o próprio produto que virá a ser lançado. O Press Kit não se direciona apenas aos jornalistas, podendo também ser distribuído entre os colaboradores, parceiros ou até mesmo direcionado para ações com influenciadores. O seu objetivo é gerar mídia espontânea nos veículos.
- Release: Podendo se referir tanto a novidades, eventos, produtos ou serviços, o release é um texto escrito no formato de notícia. Também conhecido como Comunicado de Imprensa ou Boletim de Imprensa, o release tem como objetivo informar aos veículos de comunicação sobre os acontecimentos da empresa com dados específicos, e são distribuídos para facilitar o trabalho jornalístico (CARVALHO, 2009).

2.2.1.2 Relações Públicas

Se para conectar as empresas e marcas com a mídia podemos contar com a Assessoria de Imprensa, para promover a aproximação entre as organizações e o público, seja ele interno ou externo, temos o processo de Relações Públicas.

De acordo com a PRSA - Public Relations Society of America, as relações públicas são definidas como um processo de comunicação estratégica que constrói relações mutuamente benéficas entre as organizações e seus públicos.

Considerado o pai das relações públicas, Bernays (1923) a define como "uma atividade que tem como objetivo, por meio da persuasão, da informação e do ajustamento, edificar o apoio público para determinada atividade, movimento, causa ou instituição".

Toda empresa ou organização precisa ter uma boa imagem e, à medida em que ela cresce, terá cada vez mais destaque no mercado em que atua e são as Relações Públicas que irão fazer o gerenciamento desta imagem, levando ao público os valores da marca e criando narrativas que os fortaleçam.

Além de prezar pela manutenção de uma reputação sólida para a empresa, segundo Bernays (1923) as Relações Públicas também podem auxiliar a atrair novos clientes e aumentar as vendas, em decorrência das ações que promove e das estratégias traçadas através de planos de comunicação muito bem estudados e elaborados.

Os planos de comunicação contam com uma série de estratégias que têm como objetivo manter as boas relações entre a empresa e os seus públicos, podendo eles serem fornecedores, clientes, colaboradores, imprensa ou até mesmo outras empresas do mesmo setor de atuação ou não.

Na definição apresentada por Gurgel (1958), relações públicas foram apresentadas como a função da organização que é responsável por obter e manter a compreensão dos públicos em relação às organizações.

Cada vez mais valorizados pelas empresas, as Relações Públicas têm entre suas principais atribuições: cuidar da imagem e reputação da empresa, fazer gerenciamento de crise, ampliar a visibilidade da marca, elaborar planos de comunicação, realizar pesquisas, organizar eventos, fortalecer o relacionamento com o público e cuidar da comunicação interna, reforça Gurgel (1958).

2.2.1.3 Publicidade e Propaganda

A publicidade representa a divulgação de dados e informações sobre uma empresa, marca ou produto para o seu público-alvo e para a sociedade através da imprensa, de forma gratuita para a empresa. Este tipo de ação está ligado à assessoria de imprensa, abordada anteriormente no passo 5.2.1.1 e também ao relações públicas no passo 5.2.1.2.

Já a propaganda envolve tanto a comunicação de massa, como jornal, rádio ou televisão, quanto ações direcionadas a públicos específicos, como distribuição de amostras em eventos, degustação em supermercados ou panfletagem.

Para Kotler e Armstrong (2003), a propaganda é qualquer forma paga de apresentação e promoção não pessoal de ideias, bens ou serviços, por um patrocinador identificado.

De forma prática, entende-se que a publicidade é a “comunicação gratuita” que ocorre de forma espontânea, fazendo com que as pessoas falem da marca ou produto, enquanto a propaganda é a “comunicação paga” que ocorre através de anúncios, publicações e ações pagas pela empresa que está sendo citada.

2.2.1.4 Marketing

A presença do marketing em nossas vidas acaba por muitas vezes passando despercebida, dada a quantidade de ações com as quais somos impactados diariamente. Seja andando na rua, lendo o jornal ou navegando na internet, a todo momento iremos nos deparar com alguma ação de marketing.

Mas o Marketing vai muito além de apenas publicações nas redes sociais e anúncios patrocinados. Conforme definido por Kotler e Armstrong (2003), o Marketing “[...] é parte fundamental dentro de uma organização, tendo como objetivos principais agregar valor às marcas e produtos e atender às necessidades que os clientes possuem”.

Segundo Armstrong (2007), o Marketing tem, nos negócios, a função de lidar com os clientes, com o principal objetivo de atrair cada vez mais clientes para a empresa, com a promessa de oferecer mais valor que os concorrentes, e mantendo os atuais, deixando-os satisfeitos com seus produtos ou serviços.

Seu envolvimento está ligado com todos os setores e processos da empresa, como logística, canais de venda, consumidor final, comercial, distribuição, precificação, desenvolvimento, dentre outros. Desta forma podemos entender o marketing como um guarda-chuva, onde não estão envolvidas apenas a forma como a comunicação se dá, mas também todas as etapas por onde um produto passa.

2.2.1.5 Comunicação Interna

Atualmente, um dos maiores desafios enfrentados pelos gestores é conhecer o perfil dos seus colaboradores e disseminar entre eles e entre as diversas equipes a cultura da empresa.

A comunicação interna, ou endomarketing, surgiu da necessidade de integrar equipes. O termo foi criado na década de 1970 por Saul Bekin, que na época atuava como gerente de produtos da Johnson & Johnson, onde identificou uma grande dificuldade em conseguir integrar todos os membros de sua equipe traçando um objetivo comum a eles.

Para Bekin (1994), o endomarketing é definido como a capacidade da companhia em realizar ações de marketing direcionadas ao público interno da empresa, tendo como objetivo promover entre os colaboradores e setores os valores destinados a servir o cliente.

A implementação do endomarketing na empresa, segundo Las Casas (1998), deve ser iniciada com uma pesquisa com os colaboradores. Posteriormente, deverão ser estabelecidas descrições dos cargos e perfis para fomentar atrativos do emprego e então elaborar uma programação de treinamentos para todos os funcionários da empresa.

Em mercados cada vez mais competitivos, as empresas precisam fazer valer sua Missão, Visão e Valores, e aplicá-los de forma que estes norteadores contribuam para trazer mais qualidade aos produtos e ao atendimento, impactando positivamente na experiência dos seus clientes.

2.3 Planejamento

Segundo Chiavenato (2002), o planejamento consiste em tomar decisões antecipadamente sobre o que deve ser feito, antes mesmo da ação se tornar

necessária - em outras palavras, planejar significa simular o futuro e conseguir definir de forma antecipada as ações necessárias e os caminhos adequados para que se consiga atingir estes objetivos.

São muitos os casos em que a peça principal para que uma ação ou campanha realizada por uma empresa seja bem-sucedida é o Planejamento. Para isto, é preciso que se tenha definido o seu objetivo com esta comunicação e suas metas em curto, médio e longo prazo. Com estas informações definidas, a estratégia será direcionada para que o objetivo seja alcançado. "Planejamento é o processo de tomar decisões sobre o futuro. As decisões que procuram, de alguma forma, influenciar o futuro, ou que serão colocadas em prática no futuro, são decisões de planejamento." (MAXIMIANO, 2004).

Apesar do planejamento ser feito antes de dar início à execução da ação ou projeto, ele ainda estará sendo avaliado e adaptado constantemente conforme as necessidades do cliente ou imprevistos que surgirem durante todo o seu processo de desenvolvimento, até o momento da sua execução - e muitas vezes isto também ocorre enquanto a ação está sendo executada, complementa Chiavenato (2002).

2.3.1 Plano de Marketing

O Plano de Marketing é o documento onde serão detalhadas as estratégias a serem adotadas para a divulgação da marca, do produto ou do serviço da empresa. Nele, estão presentes todas as ações que serão executadas para alcançar os objetivos definidos pela empresa.

Além do plano de marketing prever todos os passos a serem seguidos para cumprir as metas estabelecidas, ele também precisará fazer com que os custos destas ações estejam dentro do orçamento financeiro destinado para a tarefa. Para Marcos Bedento (2012), professor de Marketing Estratégico da ESPM, o planejamento de marketing auxilia no controle de gastos da empresa e no registro de ações para aumentar o número de vendas.

Um plano de marketing eficiente e que cumpre com os seus objetivos não precisa necessariamente ser longo e com todo o tipo de informação que, muitas vezes são desnecessárias e não agregam ao projeto, mas sim com dados fundamentais, registrando principalmente quais daquelas ações executadas tiveram resultados positivos e negativos.

Algumas etapas são fundamentais dentro do documento para que um plano de marketing seja bem elaborado e tenha resultados satisfatórios, conforme descreve Clam (2012) junto de demais especialistas da área, considerando os seguintes passos: ambiente, clientes, concorrentes, estratégias e cronograma.

2.3.1.1 Ambiente

De acordo com Bedento (2012), primeiramente, é preciso avaliar quais são os fatores internos e externos que podem influenciar na empresa, além de fazer uma análise do segmento onde o produto ou a marca estão inseridos, identificando quais são as potencialidades do negócio para então dar início à elaboração do plano de marketing.

Nesta etapa, a elaboração de uma Matriz SWOT para identificar as fraquezas, forças, oportunidades e ameaças do negócio será muito importante, pois também trará informações úteis para outros passos do processo de estruturação do plano de negócios.

Este também é o momento de definir qual será a verba destinada para as ações de marketing, explica Bedento (2012), já que a execução do projeto deverá se sustentar durante todo o processo, levando em consideração também a possibilidade de que o projeto possa sofrer alterações e adaptações em seu decorrer.

2.3.1.2 Clientes

O plano de marketing precisa ser voltado para o seu público-alvo, mesmo que muitas vezes este público-alvo não seja o consumidor. Um exemplo disso são os produtos para bebês, como fraldas e roupas infantis: o público-alvo destes produtos são os pais e mães que têm filhos recém-nascidos, enquanto o consumidor do seu produto na verdade é o bebê.

Analisar o mercado também é uma parte muito importante, prestando atenção nas demandas, no potencial, na taxa de crescimento e de participação, além de entender como, porque e quando os consumidores utilizam o seu produto ou serviço, complementa Clam (2012).

2.3.1.3 Concorrentes

De acordo com Timothy Altaffer (2012), professor de marketing do Instituto de Pesquisa e Ensino, é preciso avaliar de forma detalhada quem são e quais são os objetivos das principais empresas que atuam no seu segmento. É preciso ter este olhar para as outras empresas do setor para que se consiga entregar algo próximo do que o consumidor espera para aquele produto.

2.3.1.4 Estratégias

Após ter a definição do objetivo do plano de comunicação, é fundamental entender o caminho que levará a este objetivo e, na maioria das vezes, o objetivo da empresa é aumentar o número de vendas. Neste caso, ela precisará entender de onde vem as suas vendas e analisar se, por exemplo, o que levará ao aumento no número de vendas será fazer com que os clientes comprem mais vezes, aumentando a sua frequência, ou se a ação que dará mais retorno será tentar atingir novos públicos e consumidores, explica Altaffer (2012).

A partir disso, será o momento de fazer uma avaliação de quais serão as ações adotadas. O mais comum são conteúdos para as redes sociais e os já conhecidos e-mails com descontos especiais e exclusivos para aquela mensagem, opções de pagamento diferenciadas, dentre outras ações.

2.3.1.5 Cronograma

Durante toda a execução do plano de comunicação devem ser monitorados diversos indicadores como os resultados alcançados, o tempo para realização, bem como os recursos que foram necessários, conforme define Altaffer (2012). Quando a empresa não registra este tipo de informações, ela não conseguirá ter parâmetros para avaliar seus impactos e definir se aquela foi uma ação que deu certo ou que deu errado.

Segundo Altaffer (2012), um plano de comunicação não terá um fim, pois durante a sua execução é altamente recomendado que sejam feitas revisões e atualizações nas informações, como o número de vendas realizadas, o valor que foi faturado, a rentabilidade da ação, dentre outros indicadores.

3 MARCO METODOLÓGICO

O propósito do presente estudo é elaborar uma pesquisa de natureza aplicada, com objetivo descritivo, através da abordagem qualitativa fazendo o uso de pesquisa bibliográfica, documental apoiado na técnica de estudo de caso.

A pesquisa aplicada tem como objetivo gerar conhecimento para uma aplicação prática, direcionada à resolução de problemas que possuam objetivos definidos anteriormente, conforme a definição proposta por Gil (2010), que também afirma que estes objetivos podem ser de médio ou curto prazo e relacionam-se também com a pesquisa básica, pelo fato de determinar um uso prático para as descobertas feitas e envolvem conhecimentos disponíveis de diversas fontes.

Para Malhotra (2001), o principal objetivo da pesquisa descritiva, na maioria das vezes, é descrever características ou funções do mercado. Segundo Gil (2010), a pesquisa descritiva busca descrever as características de uma determinada população ou fenômeno, ou fazer o estabelecimento de relações entre dados variáveis.

Um estudo qualitativo apresenta seus resultados através de análise de percepções, tendo como base a interpretação e atribuição de significados aos fenômenos que foram observados dentro seus contextos, afirma Triviños (1987), que complementa: “a abordagem qualitativa procura não captar apenas a aparência do fenômeno, como também a sua essência, procurando explicar a sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências”. De acordo com Minayo (1995), uma pesquisa qualitativa responde a questões que são muito particulares.

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995).

No desenvolvimento do capítulo referente ao Marco Teórico deste estudo, foi aplicada a pesquisa bibliográfica e documental. Para a pesquisa bibliográfica, incluiu-se material impresso, revistas, jornais, teses e dissertações, conforme define Gil (2010). Além destas fontes, o autor também fez uso de meios eletrônicos como blogs, vídeos e artigos online para elaboração deste estudo.

Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, e complementa: “qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, buscando referências teóricas publicadas com o objetivo de coletar informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002)

Muito semelhante à pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, na definição de Gil (2010), possui uma diferença importante entre elas, que é a natureza das fontes utilizadas: enquanto a bibliográfica se utiliza principalmente das contribuições de diversos autores, a documental se baseia em materiais que não receberam um tratamento analítico, podendo ser elaboradas de acordo com cada projeto de pesquisa.

A pesquisa documental é bastante utilizada em pesquisas puramente teóricas e naquelas em que o delineamento principal é o estudo de caso, pois aquelas com esse tipo de delineamento exigem, na maioria dos casos, a coleta de documentos para análise. (MARCONI; LAKATOS, 2001).

A respeito do estudo de caso, Yin (2001) define como: “uma investigação empírica, que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” e afirma que “[...] possui uma vantagem específica quando se faz uma questão do tipo ‘porque’ ou ‘como’ sobre os acontecimentos no qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle”. Para Triviños (1987), o estudo de caso é definido como uma categoria de pesquisa onde o objetivo é uma unidade que se analisa profundamente. “O estudo de caso tem como objetivo esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, analisando o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados obtidos.” (YIN, 2001).

Segundo Gil (2010), um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma instituição, uma entidade bem definida, um sistema educativo, um programa social, uma unidade social ou até mesmo uma pessoa, visando analisar em profundidade o “como” e o “porquê” de determinada situação, a fim de descobrir o que há nela de essencial e de mais característico.

Quanto ao gênero, Demo (2000) define a pesquisa prática como uma pesquisa ligada à prática histórica do conhecimento científico, para fins explícitos de intervenção na realidade, mas sem perder o rigor metodológico; e complementa que alguns métodos qualitativos fazem uso deste gênero, como pesquisa-ação e pesquisa participante, onde espera-se que o pesquisador faça a devolução destes dados em forma de análise para que sejam feitas possíveis intervenções.

As pesquisas são classificadas, conforme explica Gil (2010), de acordo com os seus objetivos, podendo ser pesquisas explicativas, pesquisas exploratórias ou pesquisas descritivas e de acordo com os procedimentos técnicos de pesquisa adotados, como pesquisa experimental, pesquisa bibliográfica, estudo de caso, pesquisa documental, pesquisa ex-post-facto, dentre outros procedimentos.

Referente às técnicas de análise de dados, este estudo adotará a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), é um conjunto de técnicas para análise de comunicações, com o objetivo de enriquecer a leitura, superando as incertezas e extraíndo todo o conteúdo que está por trás das mensagens que estão sendo analisadas.

Para Triviños (1987), a análise de conteúdo trata-se de “[...] um método de investigação que pode ser utilizado tanto para uma investigação de abordagem quantitativa quanto para uma pesquisa qualitativa.”

A análise de conteúdo possui em sua essência duas funções: a primeira é a função de administração da prova, onde através da análise busca-se provas para que haja a afirmação de determinada hipótese; a segunda é a função heurística, que traz enriquecimento às tentativas exploratórias, pois aumenta a prospecção à descoberta. (BARDIN, 1977).

Por fim, Bardin (1977) explica que a análise de conteúdo tem como objetivo trazer à tona as informações que não estão explícitas, e sim em segundo plano, nas mensagens estudadas, buscando trazer outros significados contidos na mensagem.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente estudo tem como objetivo geral analisar como a Banda Fresno utilizou as ferramentas de Marketing e os fundamentos da Comunicação Integrada de Marketing para promover o lançamento do seu oitavo disco de estúdio, intitulado “Sua Alegria Foi Cancelada”.

Uma das, senão a primeira banda a ganhar notoriedade através da internet no Brasil, a Fresno se mantém presente e bastante ativa nas redes sociais, uma forma de estar próxima do público, interagindo e reunindo centenas de milhares de fãs em suas páginas.

Para o lançamento do seu novo disco não poderia ser diferente, e todos os esforços foram direcionados para as redes sociais envolvendo as principais plataformas no momento: Facebook, Twitter e Instagram, sendo a última a que recebia os conteúdos direcionados através das demais redes.

O Marketing é, de acordo com Kotler e Armstrong (2003), o processo social pelo qual os indivíduos e as organizações - neste caso os fãs e a banda - obtêm o que necessitam por meio de uma troca de valores. De forma específica e de encontro com o que veremos a seguir, o Marketing envolve construir relacionamentos de valor com os seus clientes.

A campanha começou no dia 27 de maio de 2019, quando o perfil oficial da banda no Facebook criou um grupo, uma forma de unir e aproximar-se ainda mais dos fãs. Com o nome de “#F8”, fazia referência ao que veio a ser o oitavo disco da banda que, até então, não tinha informações divulgadas.

Esta ação funcionou como um *Mailing*, muito utilizado na Assessoria de Imprensa: trata-se de um grande banco de dados altamente qualificado e com uma audiência relevante. Neste caso, o grupo tem a capacidade de impactar diretamente o público-alvo já que, ao entrarem ali, demonstraram ter interesse nos assuntos relacionados à banda.

Quando ocorreu o lançamento do disco, o grupo já contava com mais de 6.000 participantes. Em setembro de 2021, pouco mais de 2 anos após o lançamento, o grupo permanece ativo e já passou a incrível marca de 17.000 integrantes, com grande volume de publicações, tanto a respeito da banda quanto a notícias do mundo da música de forma geral.

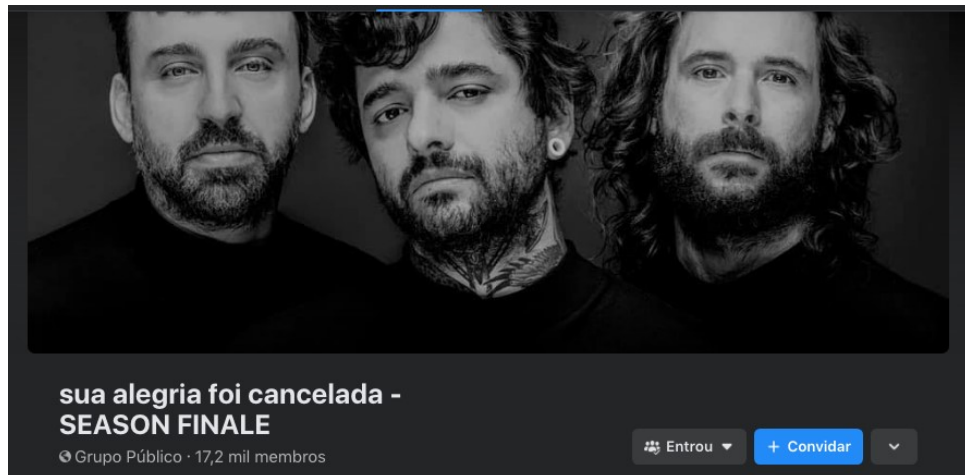


Imagem 1: Grupo criado pela banda no Facebook

Conhecido pela sua instantaneidade, o Twitter tem usuários fiéis, e é muito utilizado por aqueles que deixaram de lado o Facebook. Para a Fresno, o Twitter foi parte fundamental da sua estratégia para o pré-lançamento do disco, e funcionou também como um canal de *relações públicas* - parte primordial da Comunicação Integrada que promove a aproximação entre as organizações e o público, fortalecendo suas relações.

Tanto o perfil da banda quanto dos integrantes recebeu grande atenção e tinham atualizações frequentes, além, é claro, de muita interação em tempo real com os fãs. Como definido por Bernays (1923), as atividades de relações públicas têm como objetivo ganhar apoio público para determinada atividade, movimento ou causa por meio da informação e da persuasão. E foi, através deste canal, que a banda anunciou, como algo misterioso, a criação do grupo #F8 no Facebook, que foi citado anteriormente.

Precursor no uso de Hashtags, o Twitter elenca os assuntos mais falados do momento pelos usuários da plataforma. De acordo com Tácia Viero (2019), do site Agência Advertência, em apenas uma hora a hashtag #SuaAlegriaFoiCancelada foi publicada e retuitada 500 vezes, por 373 usuários com média de 1.585 seguidores cada um, o que gerou mais de 690.000 impressões, uma quantidade expressiva de mídia espontânea em apenas uma hora.



Imagem 2: Imagens dos integrantes da banda utilizadas nas redes sociais.

De todas as plataformas utilizadas, o Instagram foi o que gerou um resultado mais impactante através da narrativa poética utilizada e que, notavelmente, demandou mais trabalho e dedicação em toda a campanha, tanto antes do lançamento, quanto após, para que fosse mantida a mesma narrativa.

Se a primeira ação da banda no Facebook para o pré-lançamento foi a criação de um grupo misterioso, no Instagram também foi preciso chamar a atenção, e para isso as mais de 1.000 publicações da banda feitas até então foram arquivadas e o perfil ficou completamente “em branco”, sem nenhuma postagem.

De encontro com o conceito de Planejamento proposto por Chiavenato (2002), onde significa projetar o futuro para que se defina de forma antecipada as ações necessárias, podemos relacioná-lo com as publicações que foram feitas de forma que, quando vistas de forma geral, formassem as imagens completas.



Imagem 3: Publicações no perfil no Instagram

O arquivamento de todas as publicações no Instagram simbolizou um recomeço e, para marcar esta “nova fase” da banda, foi lançada uma nova identidade visual: a clássica árvore que antes era utilizada foi redesenhada e deu lugar a uma nova, trazendo a ideia de estar em chamas - simbolizando um novo posicionamento da banda.

Junto do redesenho, veio a cor #CCFF00 (código hexadecimal referente à cor amarelo fluorescente) que está presente em todas as peças publicadas. A cor foi divulgada exatamente desta forma, até mesmo como hashtag, para que todos pudessem utilizá-la, e em pouco tempo tomou conta dos perfis dos fãs. Esta ação funcionou como mais uma fonte de publicidade, conhecida como a “comunicação gratuita”, onde ocorre de forma espontânea através do público: os próprios fãs criaram e divulgaram inúmeras artes fazendo uso da cor e da nova identidade.

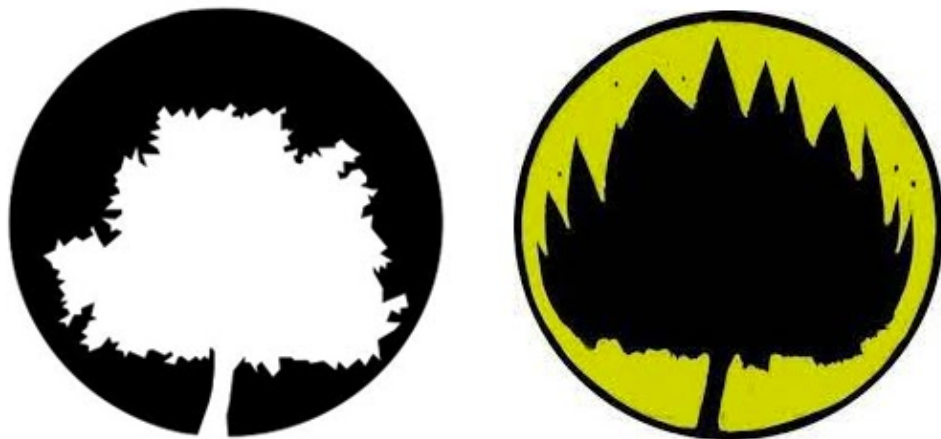


Imagem 4: identidade visual antiga (esquerda) e identidade nova (direita)

Entre os dias 14 de junho de 2019 e 27 de dezembro de 2019 a Fresno fez, em seu perfil no Instagram, um total de 77 posts, entre fotos e vídeos - tanto no formato de *Reels* (vídeos até 30 segundos) quanto *IGTV* (vídeos acima de 60 segundos).

De acordo com Pride e Ferrel (2001), um produto é qualquer coisa que se recebe em uma troca, podendo ele ser tangível ou intangível, o que é o caso de um disco lançado de forma digital.

Desta forma, por se tratar de um produto até então intangível, antes do lançamento oficial do disco, as publicações trouxeram aos fãs e seguidores uma verdadeira experimentação sensorial do álbum: algumas delas contavam com trechos instrumentais das novas músicas, outras apenas com os vocais, e outras

com versos das canções. Desta forma, provocavam o imaginário e aumentavam cada vez mais a curiosidade do que estava por vir, aumentando, assim, o desejo pelo produto.

O preço deste produto, segundo Sandhusen (2000), é o seu valor de troca, e compõe a estratégia da proposta e do seu posicionamento de mercado. No caso da estratégia adotada pela banda, o produto não possui valor monetário, pois pode ser ouvido gratuitamente. Porém, no decorrer da campanha é possível observar que, na verdade, a moeda de troca eram as interações do público com as publicações - algo de suma importância para aumentar o engajamento nas plataformas de forma totalmente orgânica.

No dia 17 de junho, a banda propôs revelar o nome do disco, até então desconhecido, em troca de 1.000 comentários na publicação, e no dia seguinte foi então divulgado. Já no dia 27 de junho, o desafio foi maior: em troca de 10.000 "pré-saves" - que significa adicionar o álbum à lista de músicas favoritas antes do seu lançamento - seria revelado o *setlist* com o nome das músicas. Em poucas horas, o desafio estava cumprido e no dia seguinte foi divulgado.

Desta forma é possível observar que, durante a execução da campanha, o cronograma precisou se adaptar aos acontecimentos, como define Altaffer (2012) ao citar que "um plano de comunicação não terá fim, pois durante a sua execução é recomendado que se façam revisões e atualizações [...] devem ser analisados indicadores como resultados alcançados."

Outro caso de adaptação do cronograma observada foi a publicação de comemoração à marca de 1 Milhão de reproduções, que ocorreu apenas quatro dias após o lançamento do disco: não se sabia em que data e se iria ocorrer, mas era preciso tê-la planejada para ser encaixada no cronograma.

A seguir, o Quadro 1 nos mostra as principais publicações feitas, com o número da ordem em que foi publicada, a data em que foi feita e qual o seu assunto e/ou objetivo proposto, respectivamente.

Quadro 1: Principais publicações

#	DATA	ASSUNTO
1	14/06/2019	Áudio instrumental de uma das músicas
4	17/06/2019	Divulgação do título ao atingir 1.000 comentários
5	17/06/2019	Divulgado o título do disco
13	21/06/2019	Explicação do conceito artístico

17	24/6/2019	Divulgada a capa do disco
22	27/06/2019	Divulgação da lista de músicas ao atingir 10.000 pré-saves
23	28/06/2019	Divulgada a lista de músicas
31	05/07/2019	Vídeos com as letras das músicas
42	09/07/2019	Comemoração de 1 milhão de reproduções
46	27/08/2019	Datas da turnê de lançamento do disco
55	02/09/2019	Vídeos com os bastidores
67	25/12/2019	Lançamento do clipe de "Cada Acidente"

Fonte: elaborado pelos autores (2021)

A cada nova postagem, que seguia um ritmo médio de 10 publicações por semana, os comentários eram tomados por muitos palpites dos fãs sobre quais seriam as influências do novo álbum, se haveriam regravações, se teriam convidados, se contariam com participações especiais, e muitos outros - novamente, gerando engajamento.

Quanto ao grande número de publicações, Lucas, vocalista da banda, em entrevista à Revista Quem, avalia que “[...] hoje em dia as pessoas são bombardeadas com muita coisa ao mesmo tempo na internet. É importante que o lançamento seja consistente, que dure muito tempo, que fique martelando na cabeça das pessoas até que todas ouçam [...].”

Sendo assim, para identificarmos os processos da comunicação integrada na execução campanha, o Quadro 2 nos mostra de que forma a banda utilizou a Comunicação Integrada de Marketing (CMI) e as estratégias de Marketing em cada uma das etapas da sua realização.

Quadro 2: Etapas da campanha

ETAPA DA CAMPANHA	ESTRATÉGIA DE MARKETING E CMI
Construção do relacionamento com o público	Marketing
Criação do Grupo no Facebook	Assessoria de Imprensa Mailing Relações Públicas
Interação dos integrantes com o público nas redes sociais da banda	Relações Públicas

Publicações realizadas ao longo da campanha	Promoção Plano de Marketing Cronograma
Informações em troca de interações	Preço
Escolha das plataformas para publicações e divulgação	Praça Ambiente
Criação do conceito visual e posicionamento	Produto Propaganda
Construção da narrativa	Produto Promoção Marketing
Programação das postagens comemorativas	Plano de Marketing Cronograma

Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Em números, os vídeos e fotos publicados no Instagram atingiram uma média de 17.410 reproduções, 5.000 curtidas e 289 comentários cada - dados expressivos considerando que os conteúdos foram exibidos de forma totalmente orgânica para os seguidores, ou seja, sem o uso de patrocínio segmentado para os usuários que não seguem o perfil da banda nas redes sociais.

Além disso, segundo o site SocialBlade, que disponibiliza métricas para análise de performance de perfis nas redes sociais, a banda ganhou mais de 7.600 novos seguidores no período que compreende o pré e o pós lançamento do disco. Em setembro de 2021 o perfil já soma mais de 148 mil seguidores.



Imagem 5: evolução no número de seguidores no Instagram.

Tão importante quanto as interações do público com as postagens, no caso de uma banda, a quantidade de reproduções das músicas é de absoluta importância para avaliar a repercussão e a identificação do público com o novo trabalho. Neste caso, no dia 09 de julho, apenas 4 dias após o lançamento do disco, a banda atingiu a marca de 1 milhão de reproduções nas plataformas de streaming - novamente um número expressivo para um trabalho feito de forma totalmente independente, ou seja, sem uma gravadora dando suporte.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral do presente estudo era analisar como a Banda Fresno utilizou os fundamentos da Comunicação Integrada de Marketing para promover o lançamento do seu oitavo disco de estúdio, intitulado "Sua Alegria Foi Cancelada".

Para o primeiro objetivo específico, que tratava de analisar como a Banda Fresno utilizou a Comunicação Integrada de Marketing no lançamento do seu disco, identificou-se que cada etapa executada na campanha estava conectada com pelo menos uma ou mais estratégias e/ou ferramentas que compõem os fundamentos do Marketing e da CIM, como Assessoria de Imprensa, Relações Públicas e Plano de Marketing, por exemplo.

No segundo objetivo específico, que consistia em entender a importância da CIM no lançamento do disco, se observou através dos resultados da campanha o quão efetiva ela foi, tanto através do aumento significativo no número de seguidores nas redes sociais da banda quanto, principalmente, na quantidade de visualizações e interações que as publicações atingiram, alcançando a marca de mais de 1 milhão de reproduções em apenas quatro dias.

Por fim, no terceiro objetivo específico, que tratava de descrever como a Banda Fresno se comunica com o público, foi possível entender que a construção de um bom relacionamento com os clientes ou, neste caso, com o público, é primordial para o sucesso do seu produto, serviço, ideia ou projeto. Através de canais diretos de comunicação, que aqui trata-se das redes sociais, a banda conseguiu não só reunir os fãs mais antigos como também conquistar novos públicos e ganhar espaço na mídia, tudo isso através das interações durante toda a campanha.

Foi uma campanha grandiosa e muito bem executada em todas as suas etapas, onde foi possível identificar ferramentas de Marketing e processos da Comunicação Integrada de Marketing de forma objetiva: combinar estrategicamente as diferentes áreas da comunicação para se obter clareza, consistência e causar impacto na comunicação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Camila de F. **Comunicação integrada de marketing**: um estudo de caso da linha Make B. da marca O Boticário. Brasília, 2013.

BADIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 1977.

BEKIN, Saul F. **Endomarketing**: como praticá-lo com sucesso. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

BERNAYS, Edward. **Crystallizing public opinion**. 1923.

CARVALHO, C; REIS, L. M. **Manual prático de assessoria de imprensa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. Rio De Janeiro: Campus, 2002

CHINEM, R. **Comunicação empresarial**: teoria e o dia a dia das assessorias de comunicação. São Paulo: Horizonte, 2006.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DOYLLE, Daniela. **O que é a Comunicação Integrada**. Siteware, 2019. Disponível em: <https://siteware.com.br/blog/comunicacao/o-que-e-comunicacao-integrada>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia de pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GURGEL, J. B. **Cronologia e evolução histórica das relações públicas**. Brasília: Linha Gráfica e Editora, 1985.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. São Paulo: Atlas, 1998.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.

LAM, Camila. **Cinco passos para elaborar um bom plano de marketing**. Disponível em: <https://exame.com/pme/5-passos-para-elaborar-um-bom-plano-de-marketing>. Acesso em: 12 maio 2021.

LAS CASAS, Alexandre L. **Administração de vendas**. São Paulo: Atlas, 1998.

LOPES, B. **O que é assessoria de imprensa**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

- MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.
- MATIAS, Lisandra. **O que faz um profissional de Relações Públicas**. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/o-que-faz-um-profissional-de-relacoes-publicas>. Acesso em: 12 maio 2021.
- MAXIMIANO, A. C. **Introdução à administração**. São Paulo: Atlas, 2004.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1995.
- OGDEN, James R. **Comunicação integrada de marketing**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- PRIDE, William M.; FERRELL, O. C. **Marketing: conceitos e estratégias**. Rio de Janeiro: LTC, 2001.
- REZ, Rafael. **Comunicação Integrada**. Nova Escola de Marketing, 2017. Disponível em: <https://novaescolademarketing.com.br/comunicacao-integrada>. Acesso em: 12 maio 2021.
- REZ, Rafael. **Marketing de conteúdo: a moeda do Século XXI**. São Paulo: DVS, 2016.
- ROCHA, A. **Marketing: teoria e práticas no Brasil**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANDHUSSEN, Richard L. **Marketing básico**. São Paulo: Saraiva, 2000.
- SCHULTZ, Don E. **Comunicação integrada de marketing**. 1993.
- SILVA, Alice C. **Plano de comunicação integrada de Marketing: uma estratégia de comunicação da marca banda "x"**. São José, 2010.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIEIRA, Tácia. **Uma aula de Marketing Digital e Branding com a Banda Fresno**. Disponível em: <http://www.agenciaadvertencia.com.br/blog/2019/07/uma-aula-de-marketing-digital-e-branding-com-banda-fresno>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.